



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

MARIANA BENTZEN AGUIAR

“MARCAS (IN)VISÍVEIS”: a dinâmica rememorativo-imaginativa na
(re) construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão

Recife
2019

MARIANA BENTZEN AGUIAR

“MARCAS (IN)VISÍVEIS”: a dinâmica rememorativo-imaginativa na
(re) construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Maria Conceição Diniz Pereira Lyra

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Valdicea Alves Silva, CRB4-1260

A282m Aguiar, Mariana Bentzen.
 “Marcas (In)Visíveis”: a dinâmica rememorativa-imaginativa na
(re)construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão
/ Mariana Bentzen Aguiar – 2019.
 212 f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Diniz Pereira Lira.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2019.
 Inclui referências e apêndice.

 1. Psicologia Cognitiva. 2. Significado do eu. 3. Simiose que não é
repetido. 4. Processos cognitivos básicos. 5. Própria história 6.
Adolescentes com aspectos negativos. I. Lira, Maria da Conceição Diniz
Pereira (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-074)

MARIANA BENTZEN AGUIAR

“MARCAS (IN) VISÍVEIS”: a dinâmica rememorativo-imaginativa na
(re) construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 22/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Diniz Pereira Lyra(Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^oDr.^o João Salgado (Examinador Externo)

Departamento de Ciências sociais e Comportamentais/ISMAI-Portugal

Prof.^aDr.^a Maria Claudia Santos Lopes de oliveira (ExaminadoraExterna)

Universidade de Brasília

Prof.^aDr.^a Marina Assis Pinheiro (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Aos meus participantes, por abraçarem com bravura a proposta de falarem sobre si, revirando suas possíveis feridas e enfrentando “seus demônios”.

Aos meus pais, por impulsionarem tanto na minha educação – tanto a formal como a pessoal – e, além disso, e o mais importante, me apoiarem incondicionalmente. Por estarem presentes – e marcarem de forma tão peculiar a sua presença – em todos os momentos – nas quedas e nas conquistas – não importa o quão notáveis ou singelos eles fossem.

À Maninha, por me acolher de uma forma tão aberta, pela sensibilidade de permitir que eu utilizasse minha intuição de pesquisadora para estudar o que realmente desejasse e pela paciência de educar a minha intuição a partir de trocas sempre tão amigas, divertidas e informais. É somente nesse cenário – a meu ver – que realmente conseguimos fazer da ciência uma arte, nos possibilitando criar.

A Gustavo, por ser o exemplo vivo do companheirismo. Por optar pelo desafio de ajustar a sua passada à minha – seja correndo, parando ou caminhando. Pela maturidade de abrir mão das coisas que se poderia atingir sozinho em prol do que podemos obter juntos. Por não só me apoiar, como também cuidar – desde contemplando meus caprichos (fazer tortas pela madrugada para ter algum doce para comer enquanto escrevo a dissertação) às “puxadas de orelha” tão bem expressadas em um simples olhar.

À Jani e a César, pela parceria incrível que criamos nesse percurso acadêmico árduo – e que se transformou em tão leve graças a vocês. Pelo cuidado e carinho, seja numa faceta doce e branda – de Jani – ou pelas provocações e cutucadas – de César – que levam ao mesmo tempo – e, portanto, paradoxalmente – a um rebuliço e uma calma. Estar com vocês é sempre um encontro com o inesperado e com o familiar, e eu amo isso.

Às LACRAS. E sim, sem dizer o nome completo, opto pela forma íntima. Ainda, sem especificar o nome de cada uma, porque pelo que me sinto grata, é o que o nome desse “grupo” representa. Eu amo intensamente e surpreendentemente cada uma de vocês. Contudo, meu agradecimento é às LACRAS. Por isso ter se tornado algo tão surpreendente em minha vida. Obrigada por todo o apoio em todos os momentos em que “Lili não está cantando” – com bem diria Tamara –, por abraçarem minha singularidade e fazer eu me sentir tão bem com isso – mesmo quando eu não gosto de abraços.

A Nam e a Flecha, por – cada um de seu modo tão único – me fazer relaxar e sorrir sempre que eu precisava. Ainda, por me possibilitar ver a sutilezas e vicissitudes do amor.

A pele que habito...
Desta pele que habito
sinto gosto amargo
cheiro de sangue podre
loucura, obsessão e crime...

Desta pele que habito
O coração confuso difunde a alma e o
corpo numa desvirtuosa sinuosidade
no sentido do amor e do ódio...

Desta pele que habito
o esgoto é cheiro de rosa
desejo invertido convertido da dor...

Desta pele que habito
tenho dor nos olhos
o sangue que corre nas veias
não é meu e me fere...

Matar ou morrer não faz a diferença
nesse desejo funério, nessa obsessão distorcida
despida de qualquer traço de sanidade...

Quando tuas mãos transformam um corpo
não é possível separá-lo da mente, mas
a mente pode brincar de felicidade mesmo quando
a dor é tão aguda que lhe tira a humanidade...

Nessa relação contraditória, paradoxal,
voraz e bestial um traço de amor confuso, um desejo
profundo e doentio de recuperar a todo custo
aquilo que se perdeu...

Aquele que me reflete nos teus olhos parece comigo,
eu o construo e o desfaço aos poucos,
quando respiras me transforma e também me modifica...

Quem sou eu nessa pele que habito?
Quem?
Por ora, apenas construção (BORGES, 2011, p.1)

RESUMO

A presente dissertação utilizou os pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural de Dinâmica Semiótica para investigar o processo de construção de significados de si (Self Dialógico – SD) referentes ao início e fim do uso da autolesão em adolescentes, destacando nesse processo, o papel da rememoração e da imaginação atreladas ao SD na construção da trajetória de vida desses sujeitos. Estudou-se o processo de mudança psicológica do SD através da perspectiva dialógica e das funções psicológicas superiores (imaginação-rememoração) que o assessoram e possibilitam a continuidade, ou descontinuidade, das posições do eu. Ademais, compreendemos os participantes como construtores de signos que se constituem em uma separação inclusiva com a cultura. Afim de captar tais processos, combinaram-se métodos qualitativos de base ideográfica para a construção dos dados: entrevistas longitudinais semiestruturadas, apresentação de vídeo e um experimento de apagar frases. Todos os dados foram utilizados para (1) a construção da trajetória de vida de cada participante inspirada na abordagem de equifinalidade de trajetórias (*Trajectory Equifinality Approach*) e nas Avenidas de Significações Dirigidas (ADMs); (2) o exame das posições do eu (através do mapeamento do agente, objeto, audiências, domínio relacional e posição do eu) atreladas aos pontos de inícios e fim da autolesão destacados na trajetória – explorou-se também as esferas de experiências nela encontradas; (3) a investigação da dinâmica de transformação das posições do eu levantadas através do estudo dos processos imaginativos e rememorativos e da negociação entre a cultura pessoal e cultura coletiva, e, portanto, ancorados na unidade quadrática proposta por Valsiner. Ademais, destacaram-se as rupturas e transições, bem como os reguladores semióticos catalizadores, inibidores e promotores. Participaram do estudo 2 adolescentes (12 a 18 anos) que estavam em atendimento psicoterápico e tinham tido experiências de autolesão, mas que essas já houvessem cessado. Através da análise dos dados construídos percebemos que, com a hierarquização estereotipada das posições do eu – ou a exacerbação do falso self, numa linguagem Winnicottiana –, o movimento do SD em direção ao que chamamos de sua realização estética fica comprometido. Sem conseguir construir novos sentidos para si, articular diálogos entre as posições do eu (devido a hierarquias fixas e o silenciamento de outras vozes pela posição do eu dominante) o mal-estar psíquico parece advir. Esse acaba sendo demarcado no corpo através do ato autolesivo. Como a cristalização dos sentidos de si se dá na negociação do sujeito com a sociedade, assim, a autolesão surge como um signo ofertado pelo sujeito a esse outro: uma mensagem ou demanda de aceitação do seu eu por completo (multifacetado, com uma hierarquização flexível e com múltiplas vozes em diálogo).

O fim do padecimento psíquico e dos atos autolesivos ocorreu através da destruição dos sentidos anteriores (dicotômicos) em uma síntese resultante da experiência do sublime – dos sentidos de si e dos sentidos conferido à autolesão. Essa síntese, por sua vez, só se torna possível a partir da emergência de novas ADMs – seja através do auxílio de reguladores semióticos catalíticos identificados ou não. Assim, a relação sujeito<>objeto(*gegenstand*)/outros sociais se modifica no decorrer do tempo ontológico.

Palavras - Chave: Self Dialógico. Psicologia cultural de dinâmica semiótica. Imaginação-Rememoração. Trajetória de vida. Adolescentes autolesivos.

ABSTRACT

This dissertation used the theoretical-methodological assumptions of Cultural Psychology of Semiotic Dynamics to investigate the meaning making process of oneself (Dialogic Self - SD) referring to the beginning and end of the use of self-harm in adolescents, highlighting in this process the role of remembering and imagination linked to SD in life trajectory's construction of these subjects. We seek to study the process of psychological change – SD – In light of dialogic perspective and highlighting the psychological functions (imagination and remembering) that auxiliates the SD, enabling its continuity or discontinuity of self positioning. Moreover, we understand these adolescents as sign builders and constituted in a relationship of inclusive separation with culture. The present dissertation combined qualitative methods with an ideographic basis for data construction: semi-structured longitudinal interviews, a video presentation and an erasing phrases experiment. All data were used to (1) construct each participant's life trajectory inspired by the Trajectory Equifinality Approach and by the Avenues of Directive Meaning (ADMs); (2) examine the self I-positions (through mapping of the agent, object, audience, relational domain and self I-positions), linked to the beginning and end of self-harming moments highlighted in the trajectory - we also explored the spheres of experience found on it ; (3) the investigation of the dynamics' transformation of the self I-positioning raised through the study of the imaginative and remembering processes and the negotiation between personal culture and collective culture, and therefore, anchored in the quadratic unity proposed by Valsiner. In addition, we highlighted the ruptures and transitions, as well as the semiotic catalysts, inhibitors and promoters regulators. The adolescents (12 to 18 years old) that participated in the study were in psychotherapeutic care and had experienced self-harming before– but they had already ceased it before this study. From the constructed data's analysis we perceive that, with the I-positions organized in a stereotyped hierarchy – or the false self's exacerbation, in a Winnicottian language – the SD's movement towards what we call its aesthetic realization is compromised. Unable to construct new senses for himself, to articulate dialogues between the I-positions (due the fixed hierarchy and, therefore, the dominant I-position silencing the others) psychological distress seems to emerge. This process ends up being demarcated in the body through the self-harming acts. As the crystallization self's senses occurs in the negotiation between the subject and society, thus, self-harm appears as a sign offered by the subject to the social other: a message or demand of acceptance his SD's wholeness (multifaceted, with a flexible hierarchy and with multiple voices in dialogue). The end of

psychic suffering and self-harming acts occurred through the destruction of the earlier (dichotomic) senses in a synthesis resulted from the sublime's experience – in the SD's meanings and also in the self-harming meanings. This synthesis, successively, is only possible from the emergence of new ADMs – either through identified semiotic catalytic regulators' aid or not. Thus, the relation subject/object(*gegenstand*)/social other changes in the course of the ontological time.

Keywords: Dialogical Self. Cultural Psychology of Semiotic Dynamics. Imagination-Remembering. Life trajectory. Adolescent self-harm.

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Dança” entre o agente, objeto e outro	55
Figura 2 – Unidade quadrática de Valsiner (2014a)	61
Figura 3 – O ciclo metodológico de Branco e Valsiner (2012)	85
Figura 4 – Exemplificação da Trajetória Final dos participantes	99
Figura 5 – Diálogos internos de Alice inferidos pela pesquisadora	105
Figura 6 – Linha do tempo da história de Alice	108
Figura 7 – Linha do tempo construída por Alice	108
Figura 8 – Esquema de como o afeto (apaixonar-se por uma garota) opera na decisão de Alice	110
Figura 9 – Trajetória Final de Alice	112
Figura 10 – A construção de significados e os níveis do <i>ver como</i> do <i>gegenstand</i> (amor homossexual) na posição “mente fechada” de Alice	116
Figura 11 – A forma de resistência do <i>gegenstand</i> amor homossexual e sua direcionalidade	118
Figura 12 – Relações dialógicas das posições do self dialógico de Alice	119
Figura 13 – A dinâmica A<>Não-A na significação: movimentação entre amor homossexual e amor heterossexual	123
Figura 14 – Hierarquia sógnica da emergência do signo generalizado inibidor bloqueando o significado	124
Figura 15 – Hierarquia sógnica quando um signo inibidor (IN) emerge e bloqueia o significado (S)	125
Figura 16 – Coordenação dos quatro infinitos na construção de sentidos sobre o <i>Gegenstand</i>	126
Figura 17 – Novas avenidas de significação através do signo catalizador (avó de Alice)	127
Figura 18 – A construção de significados e os níveis do <i>ver como</i> do <i>gegenstand</i> (amor) na posição “alma livre” de Alice	128
Figura 19 – Emergência de novas significações do <i>Gegenstand</i> na tensão A<>Não-A	129
Figura 20 – Da oposição linear (Amor certo<>Amor proibido) à emergência da síntese sublime (Amor)	130
Figura 21 – Ilustração da emergência do signo regulador dominante (destruidor) “o amor é livre e sempre bom”	130
Figura 22 – Dialogo interno de Alice em relação aos outros	133
Figura 23 – Construção de significados de Alice’s do sublime através da síntese dos opostos (dor/prazer)	135
Figura 24 – Influência das ADMs na construção de significados de Alice	137
Figura 25 – Diálogos internos de Cristiana inferidos pela pesquisadora	141
Figura 26 – Linha do tempo da história de Cris/Cristiana(o)	143
Figura 27 – Trajetória Final de Cris/Cristiana(o)	149
Figura 28 – Resistência do <i>gegenstand</i>	153
Figura 29 – A construção de significados e os níveis do <i>ver como</i> do <i>gegenstand</i> (corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina) na posição eu como não realizada de Cristiana	155

Figura 30 – Demolição da hierárquica sígnica de Cristiana pelo demolidor " <i>eu não devo pensar sobre isso agora</i> "	157
Figura 31 – Como o afeto opera na generalização dos signos	160
Figura 32 – Como o afeto opera na generalização dos signos na negociação entre a cultura coletiva e a cultura pessoal	161
Figura 33 – Diferentes estratégias semióticas de bloqueio construídas por Cristiana na posição um: " <i>eu como não realizada</i> "	163
Figura 34 – Esquema das contra-ações em face ao <i>gegenstand</i> considerando o tempo irreversível	163
Figura 35 – Esquema das contratações consecutivas e repetitivas no tempo irreversível	165
Figura 36 – Ilustração das três estratégias semióticas repetitivas de bloqueio e da emergência da contratação de contorno no tempo irreversível	167
Figura 37 – Ilustração da emergência do signo regulador dominante (destruidor) " <i>eu posso ser homem</i> "	168
Figura 38 – A construção de significados e os níveis do ver como do <i>gegenstand</i> (corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina) na posição "eu como homem para mim" de Cris	169
Figura 39 – Hierarquia sígnica quando o um signo inibidor (IN - Ser transexual é anormal) emerge e bloqueia o signo S (identifico-me como homem) e as ADMs resultantes	175
Figura 40 – Novas avenidas de significação através do regulador semiótico promotor (realização estética do self)	177
Figura 41 – Bloodviolin (violino sangrento)	192

LISTRA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das etapas e subetapas de análise	93
Tabela 2 – Modelo para análise dos pontos da trajetória das adolescentes	101
Tabela 3 – Os blocos analíticos da dissertação e seus objetivos	102
Tabela 4 – Análise das posições “mente fechada” e “alma livre” na trajetória de Alice	115
Tabela 5 – Coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao <i>gegenstand</i> amor homossexual	126
Tabela 6 – Retomando a coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao <i>gegenstand</i> amor homossexual	132
Tabela 7 – Análise dos pontos “ <i>não realizada</i> ” e “ <i>socialmente reconhecido</i> ” na trajetória de Cris	152
Tabela 8 – Coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao <i>gegenstand</i> “corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina” durante a posição <i>eu como não realizada / eu como Cristiana</i>	162
Tabela 9 – Retomando a coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao <i>gegenstand</i> “corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina” durante a posição “eu como homem para mim”	170
Tabela 10 – Síntese dos resultados da revisão de literatura sobre estudos de autolesão no brasil	206

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Avenidas de Significado Dirigido
AEE	Modelo Eu-Aqui-Agora
BFP	Ponto de Bifurcação
DS	Direção social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EFP	Ponto de Equifinalidade
EFP 1	Primeiro ponto de equifinalidade: início da autolesão
EFP 2	Segundo ponto de equifinalidade: fim da autolesão
EFP-P	Ponto de Equifinalidade Polarizado
HSI	Convite historicamente estruturado
IPP	Ponto de Passagem imaginado
OPP	Ponto de passagem obrigatória
OS	Orientação Social
PCDS	Psicologia Cultural da Dinâmica Semiótica
SD	Self Dialógico
SPO	Orientação Pessoal Sintetizada
TSD	Teoria do Self Dialógico
TEA	Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias
TEM	Modelo de Equifinalidade de Trajetórias
TLMG	Modelo da Gênese de Três Camadas
Z-Of	Zona de Equifinalidade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EMERGÊNCIA DO EU	23
2.1	COMPREENDENDO A EMERGÊNCIA DO EU (SELF DIALÓGICO) À LUZ DA TSD	23
2.2	O DESENVOLVIMENTO HUMANO À LUZ DA PCDS	29
2.3	A PCDS E A EMERGÊNCIA DO SD	36
3	O SELF DIALÓGICO SITUADO NO TEMPO E NO ESPAÇO	40
3.1	O SELF NA DIMENSÃO TEMPORAL: A REMEMORAÇÃO E A IMAGINAÇÃO EM DIÁLOGO	40
3.1.1	Da memória à rememoração	40
3.1.2	Rememorando sobre si: a memória autobiográfica e o Self Dialógico	43
3.1.3	Os processos imaginativos	48
3.1.4	“Quem eu serei?”: os processos imaginativos atrelados aos sentidos de si (self dialógico) e suas negociações com a cultura coletiva	55
3.1.5	A prolepse na memória autobiográfica e a reconstrução imaginativa	58
3.1.6	Os processos psicológicos e a unidade quadrática	60
3.2	O SELF DIALÓGICO NO ESPAÇO E A IDIOSSINCRASIA DA TRAJETÓRIA DE VIDA HUMANA: A ABORDAGEM DE EQUIFINALIDADE DE TRAJETÓRIAS (TEA) E AS AVENIDAS DE SIGNIFICADO DIRIGIDO (ADM)	61
3.2.1	O Modelo de Equifinalidade de Trajetória (TEM)	63
3.2.2	O Convite Historicamente Estruturado	64
3.2.3	Retomando o TEM	65
3.2.4	Um complemento ao TEM: o modelo da gênese de três camadas (TLMG)	67
3.2.5	Estudos sobre o self a partir da Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias (TEA)	68
3.2.6	O nosso olhar sob as trajetórias: as avenidas de significados dirigidos (ADM) em diálogo com o TEA	69
4	ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM?	71
4.1	OS PROCESSOS COGNITIVOS (REMEMORAÇÃO E IMAGINAÇÃO) MUDAM NA ADOLESCÊNCIA?	74
4.2	A AUTOLESIÃO: O QUE É E PARA QUE?	76
4.3	ADOLESCENTES BRASILEIROS QUE SE AUTOLESIONAM	79
4.4	PESSOAS QUE OPTAM POR SE AUTOLESIONAR	83
5	OPÇÃO METODOLÓGICA E OBJETIVOS	85
5.1	OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	86

5.2	INSTRUMENTOS, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS	89
5.3	ANÁLISE DOS DADOS	93
6	DISCUSSÃO DOS ESTUDOS DE CASO	103
6.1	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	103
6.2	DE “MENTE FECHADA” A “ALMA LIVRE”: O CASO DE ALICE	103
6.2.1	Situando as posições do self dialógico: a trajetória de Alice	107
6.2.2	A dinâmica das transformações das duas posições de Alice	113
6.2.3	Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico e a autolesão de Alice	132
6.3	DE CRISTIANA A CRIS, PROSPECTANDO SER CRISTIANO: UMA REALIZAÇÃO IMAGINADA	138
6.3.1	Situando as posições do self dialógico: a trajetória de Cris/Cristiana(o)	143
6.3.2	A dinâmica das transformações das três posições de Cris/Cristiana(o)	150
6.3.3	Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico e a autolesão de Cris/Cristiana(o)	172
7	EM BUSCA DE SÍNTESES	179
8	À GUIA DE CONCLUSÃO	190
	REFERÊNCIAS	193
	APÊNDICE – PRÓLOGO	203
	APÊNDICE B – QUADRO DE SÍNTESE DOS RESULTADOS DA REVISÃO DE LITERATURA AUTORAL SOBRE OS ESTUDOS DE AUTOLEÇÃO NO BRASIL NOS PERIÓDICO CAPES, BVS MS E GOOGLE ACADÊMICO	206
	APÊNDICE C – PRIMEIRA ENTREVISTA	208
	APÊNDICE D – SEGUNDA ENTREVISTA “QUEM SOU”	210
	APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SOBRE O VÍDEO	212

1 INTRODUÇÃO

“O presente é metade passado, metade para acontecer” (Pierce, 1892/1923, p. 219).

O prólogo dessa dissertação explicita como a produção dela foi orientada tanto pelas experiências passadas da autora, bem como no que ela prospecta para si no futuro. Assim, já sabemos a inspiração desse trabalho, agora iremos, então, conferir ao leitor um panorama geral das compreensões teóricas que assumimos aqui, dos objetivos elencados e de como a presente dissertação foi dividida para a execução de suas metas.

Nessa dissertação nós compreendemos o ser humano “(...) como um agregado de relações sociais internalizadas (BAKHTIN, 1963/1984; VYGOTSKY, 1988), cuja natureza se define pela relação com o outro, sempre mediada pela experiência subjetiva, no cerne da qual se produzem significados” (OLIVEIRA, 2016, p. 203). Essa concepção ontológica se alinha com os axiomas da Psicologia Cultural da Dinâmica Semiótica (PCDS) (VALSINER, 2019) que também serão utilizados aqui.

Na PCDS, a cultura e a linguagem são ferramentas semióticas dinâmicas do sistema inter e intrapsicológico. Ou seja, mediam a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros. A cultura e a linguagem, como processos semióticos, são compreendidas como inerentes às funções psicológicas e ao significado, portanto, são orientadoras e constitutivas de todos os processos cognitivos e afetivos (VALSINER, 2012). Isso ocorre porque são os signos que organizam as emoções, as cognições e as ações decorrentes, em suma: as funções psicológicas.

Para a PCDS os signos são ambíguos, hierarquicamente organizados, dinamicamente transformáveis e transformadores (tais como, signos catalizadores, promotores e inibidores)¹. Por isso os seres humanos criam e usam, a todo tempo, signos intra e intermentalmente. Entretanto, cada uso é um novo ato de semiose que jamais é repetido, sendo sempre reelaborado de modo único. É da (re)combinação dos signos que advém os processos de significação, conferindo significado ao mundo, ao outro e a nós mesmos (Ibidem).

¹ As experiências humanas são possíveis apenas através do uso de mediadores semióticos, como os catalizadores – que produz condições necessárias para a regulação semiótica, conferindo o “(...) aroma direcional que apoia, mas não age diretamente, na habilitação ou incapacidade dos processos psicológicos em curso” (CABEL, 2010, p.27). Há, não obstante, os signos que promovem ou destroem significações construídas pelos sujeitos, sendo, respectivamente, os signos promotores e destruidores (ver VALSINER, 2014). Isto se dá tendo em vista que os signos possuem a habilidade de regular outros, bem como a si mesmos (autorregulatórios). Visitaremos esses conceitos no capítulo 1 dessa dissertação.

Assim sendo, os significados de si e do mundo estão em constante reconstrução, renegociações e reorganização em relação uns aos outros, bem como ao meio sociocultural. Às compreensões de si – ou melhor, as construções de significados de si –, serão atribuídas aqui à dinâmica do Self Dialógico (SD) e intituladas de “Posições do Eu”. Tais noções alicerçam-se na Teoria do Self Dialógico (TSD) (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002), em que Posições do Eu estão em constante movimento, coexistência e tensão; ou seja, fluidas. Utilizamo-nos, então, desta abstração teórica que é o SD para capturar a multiplicidade (diversas Posições do Eu) da unidade do sujeito.

Busca-se, então, estudar o sujeito concebido como SD. Essa tarefa só pode ser realizada através de dois processos cognitivos básicos: a rememoração e a prospecção, posto que é por meio da dinâmica rememorativa-imaginativa que os seres humanos constroem e orientam a construção de significados (de si e do mundo) em sua trajetória de vida (VALSINER, 2012; 2014a). Para a PCDS, o homem vive a partir da orientação por metas, propectando-as; ao mesmo tempo, essas metas só podem ser alcançadas se ele se situa em sua própria história (voltando-se aos seus esquemas²), rememorando-a (ibidem). Dessa forma, todas as significações do SD (re)construídas são possibilitadas pelos processos cognitivos superiores aqui elencados (rememoração e imaginação).

O estudo da dinâmica imaginativa e/ou rememorativa atrelado ao SD é visto na literatura – porém dificilmente com ambos os processos cognitivos em conjunto (HUBERT; HERMANS; THORSTEN, 2012). Além disso, posto que a PCDS considera a psique humana como social em sua ontogenia e construtiva em sua microgênese (VALSINER, 2000; 2012; 2014a), acreditamos que não é suficiente unicamente destacar a dimensão temporal, como devemos, também, contemplar o contexto histórico e cultural para o estudo do SD. Destarte, nos propomos a observar a emergência do nosso fenômeno na dinâmica de transformação do sujeito em seu desenvolvimento.

Para isso, optamos pelo uso da trajetória de vida. Isso foi possibilitado por uma adaptação autoral da Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias (TEA) (SATO et al, 2014). Optamos por essa metodologia porque a TEA oferta a construção da trajetória de vida dentro do tempo irreversível, não só cruzando uma linha desde o passado até o futuro, como contemplando os eventos reais e imaginados, realizados e abandonados no curso de vida de uma pessoa. Assim sendo, nos possibilita – com essa organização metodológica da trajetória –

² Ver página 41 para definição.

analisar o SD em seu processo de mudança no decorrer de trajetória (ex: decisões que culminem em mudanças de posições do eu) pela dinâmica imaginativa-rememorativa.

Propomos-nos, ainda, a complementar o traçado dessa trajetória de vida com o TEA (SATO et al, 2014) ao acrescentar o conceito de Avenidas de Significado Dirigido³ (ADM)(LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) para explicitarmos as negociações do sujeito com o contexto sociocultural no processo rememorativo-imaginativo da (re)construção de significados. Sendo por isso – dentre outros aspectos que serão desenvolvidos no capítulo 2 da parte II – que optamos por adaptar a TEA, para termos outras ferramentas para destacar as negociações entre a cultura pessoal e a cultura coletiva dentro do tempo irreversível e, portanto, na unidade quadrática – de negociação entre o interno<>externo, passado<>futuro – que Valsiner (2014a) propõe e será devidamente explicada no decorrer dessa dissertação.

Por hora, cabe pensarmos que, até então, viemos elencando como vamos ver o sujeito e como nos propomos a capturar a dinâmica processual (seja a temporal – contemplada pelos processos cognitivos e o TEA – ou a contextual – pelas ADMs, compondo como unidade de análise a unidade quadrática (VALSINER, 2014a) do fenômeno). Mas qual é exatamente o fenômeno que pretendemos perquirir?

Compreendendo que cada decisão na trajetória de vida como resultante de processos dinâmicos e dialógicos entre as Posições do Eu – tanto temporais (Posições do Eu rememoradas – “eu era assim” – e Posições do Eu imaginadas – “eu serei assim”) quanto socialmente negociadas (diferentes Posições do Eu<>cultura coletiva)–, nascem as seguintes questões: se nossas ações são dotadas de intencionalidade, de significações direcionadas a um outro, e situadas na interação social, por que os adolescentes recorrem aos cortes enquanto ferramenta semiótica? Como essa opção, possibilitada pelos processos dialógicos, está situada na trajetória de vida do adolescente – em relação ao passado reconstruído e ao futuro prospectado (posições do eu passadas e futuras)? Será que se atrela a alguma posição do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002)? Será que podemos encontrar a participação ou ausência de signos (calatalizadores, promotores e inibidores) atrelados a esta escolha? Ainda, esses cortes à pele operaram mudanças nas compreensões de si (advento de outras Posições do Eu)? E/ou a opção pelos cortes no corpo do adolescente modifica essa corporeidade (ex: assumir o estatuto de uma alteridade)?

³ ADM “(...) compreende uma construção simultaneamente pessoal e social de cursos de vida socialmente dirigidos” (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018, p.1). Esse assunto será explicado no capítulo 2 da Parte II dessa dissertação intitulado *O nosso olhar sob as trajetórias: as avenidas de significados dirigidos (ADM) em diálogo com o TEA*.

Assim, impulsionados por tais questões, a presente dissertação é uma tentativa de se aproximar do fenômeno autolesivo⁴, porém com foco em investigar a (re)construção dos significados de si em sua dimensão dinâmica e temporal – portanto possibilitados pela imaginação e rememoração – atrelados a decisão por iniciar de se cortar e parar de se cortar. Elenca-se, portanto, enquanto objetivo geral: investigar o processo de construção de significados de si referentes ao início e ao fim do uso da autolesão em adolescentes, destacando nesse processo, o papel da rememoração e da imaginação na construção da trajetória de vida desses sujeitos.

Mas por que a autolesão?

Na produção científica, existem poucos estudos nessa temática. Bernardes (2005) encontrou 33 artigos, entre 2009-2015, na busca realizada (com os descritores automutilação e adolescente/ *self mutilationeadolescent*) na base de dados BIREME, PUBMED e LILACS. Contudo, os artigos eram, majoritariamente, da área médica, o que evidencia a importância do olhar sobre o funcionamento psíquico em questão.

Dentro da Psicologia, a maior parte dos estudos encontra-se na psicanálise, seguido de propostas interventivas clínicas. Em outros países, destacam-se pesquisas utilizando abordagens nomotéticas que investigam as respostas de amostras de indivíduos, como, por exemplo, com o uso de questionários – *The Self-HarmInformationForm* (CROYLE e WALTZ, 2007 apud CROYLE, 2007), *Self-HarmBehaviorSurvey* (FAVAZZA e CONTERIO, 1989 apud CROYLE, 2007) e *The Self-InjurySurvey* (ZLOTNICK et al., 1996 apud CROYLE, 2007).

No Brasil, encontramos tentativas de resgate do sujeito, evidenciando-se o contexto histórico, e suas facetas, a partir de uma leitura foucaultiana do processo de autolesão (ARCOVERDE; AMAZONAS; DE LIMA, 2016). No exterior temos o trabalho de Rosenbaum (2016), que fala do corpo do autolesivo como uma tela interpretativa, veículo de comunicação simbólica. Trabalhos como esses procuram resgatar reflexões acerca do fenômeno a partir de uma ótica idiográfica, ou seja, investigações aprofundadas de casos na sua unicidade. Neste panorama, é imprescindível contribuições da psicologia frente a este problema de saúde pública dado o aumento da incidência de casos de autolesão, bem como sua popularidade (BRASIL, 2010).

⁴ Em linhas gerais, autolesão é compreendida aqui como o ato voluntário de se infligir lesões superficiais a moderadas sem caráter suicida (APA, 2014). No capítulo 3 (Parte I) iremos visitar diferentes definições e compreensões do campo.

Ainda, não podemos negligenciar a maior incidência entre adolescentes. Esse período desenvolvimental nos remete a uma etapa de transição e transformação biopsicossocial em que o adolescente precisa reestruturar o seu corpo – agora sexuado –, sua identidade psíquica e o seu meio para lidar com essas descontinuidades no seu desenvolvimento de uma maneira singular (OZELLA et al., 2003). Esse processo é desafiador, podendo ser marcado pela recorrência de comportamentos agressivos, impulsivos ou até mesmo suicidas, bem como o sofrimento psíquico (BORGES; WERLANG, 2006; STHENEUR, 2006). Todos esses comportamentos intitulados de desajustados (COLEMAN, 1980 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) procuram denunciar as dificuldades do adolescente em se inserir na sociedade.

Assim, essas tensões advindas das contradições individuais e sociais são denunciadas por experiências como as de autolesão, que podem demarcar na pele um conflito, fruto da necessidade de ter que responder às demandas sociais e pessoais de forma autoral (separação eu-outro) e repleta de expectativas. Esse embate tem sido banalizado em sua qualidade, mas retorna à tona, marcando a pele e a subjetividade desses adolescentes.

Lidamos, então, com um corpo que está embebido de significados. Uma subjetividade que recorre ao corte enquanto fala, como signo⁵. E, para escutá-la e estudá-la, nos propomos a utilizar os axiomas da PCDS.

Afim de contemplar o objetivo propostos por essa dissertação, ela foi dividida em oito capítulos. Os capítulos 2, 3 e 4 foram dedicados aos olhares teóricos que inspiram e orientam nossa aproximação com o fenômeno psicológico. O primeiro deles (o segundo capítulo) tem como nome *O desenvolvimento humano e a emergência do eu*. Nela destacamos como entendemos o sujeito – enquanto Self Dialógico – e, portanto, exploramos as compreensões da TSD sobre o SD (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002). Articulamos uma rápida visão a conceitos fundamentais do arcabouço teórico da PCDS para explicar como vislumbraremos o SD à luz dessa teoria e fechamos destacando nosso entendimento particular de que o SD se move tendo como orientação sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo).

O terceiro capítulo, por sua vez, é nomeado como *O self dialógico no tempo e no espaço* e divide em dois capítulos, dado que se trata da mesma temática (SD) a partir de duas ênfases (primeiro a temporal, segundo a espacial/contextual). A primeira subparte (3.1) – o

⁵ Nomenclatura inicialmente utilizada por Pierce (1984) para se referir aos objetos criados pela mente, imagens mentais, que possibilita ligarmos com os objetos do ambiente. O signo é aquilo que substitui o objeto ‘real’, sempre se referindo a uma base e a um interpretante.

self na dimensão temporal: a rememoração e a imaginação em diálogo – que se dedica a revisar a literatura científica acerca dos processos cognitivos estudados (imaginação e rememoração). Ainda se explicita a relação desses processos com o self dialógico e entre si.

A segunda subparte parte (3.2) – *O self dialógico no espaço e a idiosincrasia da trajetória de vida humana: a abordagem de equifinalidade de trajetórias (TEA) e as Avenidas de Significado Dirigido (ADM)* – traz um apanhado geral da compreensão de trajetória de vida. Assim, ele explora a Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias (TEA) e, como, inspirado nesse modelo, articulamos o estudo da trajetória complementando-o com o conceito de Avenidas de Significação Dirigida (ADM) proposto por Lyra, Valério e Wagoner (2018). Portanto, articula, em linhas gerais, como essas teorias podem dialogar para o estudo da trajetória de vida.

O quarto capítulo, última parte teórica, tem como título uma questão: *Adolescentes que se autolesionam?* O formato de pergunta é intencional para que possamos questionar quem são esses adolescentes que praticaram autolesão e optaram por cessar essa atividade. Para isso operamos uma revisão sobre o que é a adolescência, acerca de como, nesse período do desenvolvimento, os processos cognitivos estudados possuem peculiaridades. Exploramos, conseqüentemente, o que é a autolesão para, por fim, refletirmos sobre quem são os sujeitos da pesquisa realizada nessa dissertação.

Finalizada a parte teórica (comporta pelos capítulos 2 a 4), adentramos o capítulo 5 – intitulado *Opção metodológica e objetivos* – seção reservada para explicitar a abordagem metodológica desse estudo. Ela se inicia trazendo considerações gerais sobre como compreendemos a produção científica, em seguida explicitamos os objetivos gerais e específicos dessa dissertação. Definido o que buscamos, seguimos destacando como essa pesquisa foi executada: descrevemos os participantes do estudo, os instrumentos, os métodos e procedimentos adotados, além de como se deu a análise dos dados construídos. Nesse último tópico – a saber, dos dados construídos – já deixamos claro para o leitor como os estudos de caso serão apresentados. A eles foi atribuída uma estrutura: apresentação dos dados a partir de blocos analíticos. Destacamos que, em cada caso, haverá três blocos analíticos e explicamos os objetivos de cada um deles, bem a relação que visamos produzir entre eles.

O capítulo 6 segue apresentando algumas considerações gerais sobre os resultados a serem apresentados e analisados, para, então, apresentamos os estudos de caso: caso Alice e o caso Cris.

Já o capítulo 7, *Em busca de sínteses*, apresenta uma discussão sobre os casos, para isso, produzimos uma revisão dos achados dessa dissertação e então o dialogamos com a literatura nos diversos campos explorados – SD, processos imaginativos, processos rememorativos, os processos rememorativos-imaginativos (posto que o estudo deles juntos se configura um outro cenário), trajetória de vida e autolesão – bem como destacamos o papel de alguns conceitos utilizados (esfera de experiência, ruptura, transição, reguladores semióticos, sublime, realização estética do self).

Por fim, no capítulo 8, apontamos as limitações da dissertação e possíveis questões frutíferas de serem investigadas em futuros estudos. A dissertação, então, finaliza trazendo as referências bibliográficas utilizadas para a construção desse trabalho, seguido dos anexos necessários para o seu entendimento.

2 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EMERGÊNCIA DO EU

Desenvolve-se acerca da compreensão ontológica desse trabalho e o que é o self dialógico.

2.1 COMPREENDENDO A EMERGÊNCIA DO EU (SELF DIALÓGICO) À LUZ DA TSD

Hermans, Kempen e Van Loon (1992) destacam que na década de 80 o conceito de self ganhou importância, tornando-se popular. Contudo, a concepção dominante advinha de uma ótica racionalista e individualista. Essa perspectiva entendia o self como uma individualidade autônoma e independente ou, ainda, como a consciência de si (ibidem). No artigo intitulado *The dialogical self*, os autores (HERMANS; KEMPEN; VAN LOON, 1992) alegam que procuram contribuir com as discussões desse campo, porém à luz da compreensão de que todo processo psicológico se dá em uma cultura e em um contexto histórico. Propõem, então, uma perspectiva construtivista, considerando o self enquanto dialógico e, portanto, “transcendendo os limites do individualismo e racionalismo” (ibidem, p. 23). A essa nova perspectiva conferem o nome de Teoria do Self Dialógico (*The dialogical self Theory*) (TSD).

A TSD (HERMANS; KEMPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) então, orchestra conceitos de self de James (1890/2007) e de dialogicidade, bem como a metáfora da novela polifônica de Bakhtin (1963/1984), junto a compreensões sobre narrativa (HERMANS; KEMPEN; VAN LOON, 1992). Assim, em geral, a TSD alimenta-se de duas diferentes disciplinas (psicologia e literatura) e de tradições teóricas díspares (pragmatismo e dialogismo). Encontrando-se, portanto, na interseção dessas tradições. Vejamos, então, cada uma delas.

Para William James (1842-1910) (1890/2007), o self, no geral, compreende todos os conhecimentos do sujeito sobre si mesmo. É, portanto, um conceito flutuante e que engloba tudo que alguém pode intitular de seu. O eu, por sua vez, embora seja uma das partes do self, difere dele por ter três características primordiais: continuidade (caracterizada por um senso de identidade pessoal, de ser o mesmo no decorrer do tempo), distinção (sensação de distinguir-se do outros ou individualmente – dentro do próprio fluxo subjetivo) e volição (apropriação ou rejeição contínua de pensamentos advindos do processamento das experiências). O eu (intitulado por James de *self-as-knower*), então, é como um princípio unificador que é responsável por organizar os diferentes aspectos do self, como um fluxo contínuo de consciência.

Para o autor o self é definido como: “(...) tudo o que a pessoa pode chamar de seu, não apenas seu corpo e seus poderes psíquicos, mas suas roupas e sua casa, sua esposa e filhos, seus ancestrais e amigos, sua reputação e obras, suas terras e cavalos e iate e conta bancária” (JAMES, 1890/2007, p. 291, tradução nossa). Assim, é composto pelas pessoas (sejam elas queridas ou piores pelos inimigos), pelas suas posses (desde seu corpo a objetos), estendendo-se ao ambiente, aos outros sociais, etc.

Essa perspectiva jamesiana (1890/2007) do self faz um presságio da perspectiva bahtianiana. James alega que os personagens que podem vir a participar do eu (todos aqueles que alguém pode chamar de seu: seus filhos, amigos, inimigos, dentre outros) e esses personagens serão mais explicitamente elaborados a partir da metáfora bakhtiniana do romance polifônico. Isso possibilita uma nova perspectiva para se examinar o self: a dialógica. Começaremos examinando como Bakhtin contribuiu para a área, para então integrarmos o conceito de self proposto por James (1890/2007) ao do filósofo russo (BAKHTIN, 1963/1984) para culminar na visão do SD que utilizamos na presente dissertação.

A essa pluralidade de consciências e mundos internalizados a partir do contato com o outro social, Bakhtin (1963/1984) passa a chamar de vozes. É do uso desse termo que advém o conceito de novela polifônica: uma narrativa composta por diversas vozes – porém todas únicas. Uma construção polifônica compreende, dessa maneira, uma multiplicidade de perspectivas advindas de diferentes personagens ou até mesmo de um mesmo personagem. Implicaria, ademais, a constante existência de vozes em posições espaciais diferentes que acompanham, ou opõem, umas outras em relações dialógicas. Mas o que fazem essas vozes?

Ao intitulá-las de vozes, Bakhtin (1963/1984) deixa pistas para a ideia de que o que se produz da relação entre as vozes são diálogos. Uma vez que as vozes podem ser tanto de personagens diferentes, quanto de um mesmo personagem. Pode haver, portanto, tanto um diálogo interpessoal (do sujeito com os outros sociais), como intrapessoal (do sujeito consigo mesmo). Ainda, esses diálogos podem se relacionar tanto divergindo, quanto em continuidade, integrando um ao outro, dentre outras inúmeras possibilidades.

É pela existência dos diálogos que, para o pensador russo (BAKHTIN, 1963/1984), emerge a diferenciação entre o mundo interior e os relacionamentos interpessoais. Ele propõe que a transformação de um pensamento "interno" de um determinado personagem em um enunciado permite que ocorram relações dialógicas entre esse enunciado e outros (sejam eles imaginados ou não). Bakhtin (1963/1984) ainda destaca que cada pensamento é estruturado pelo espaço e pelo tempo, sendo, cada um, relativamente independente.

Nesse sentido, podemos concluir que o dialogismo procura conferir uma ótica complementar ao significado das relações lógicas⁶. A perspectiva dialógica do autor (*ibidem*) junto a sua noção de construção polifônica fá-lo propor que não existem significados fixos, imutáveis ou contínuos. Todos os significados devem ser pensados no campo das relações dialógicas advindo das diversas vozes (efetivas e/ou imaginadas).

Inspirado nas noções jamesianas do self e na metáfora polifônica bahktiniana, Hermans, Kempen e Van Loon (1992) propõem as bases da TSD. Essa teoria procura dialogar com ambas as perspectivas, visto que, apesar de possuírem diferentes ênfases, de suas particularidades, elas podem advir uma síntese complementar. Assim, a TSD conceitua o self como uma multiplicidade dinâmica de posições do eu (*I-positions*) (HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) relativamente autônomas. Mas como assim?

A TSD (HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) alega que o eu tem a possibilidade de se mover de uma posição espacial para outra de acordo com o tempo e situação na qual se passa essa mudança de posição. Assim, o eu pode flutuar entre posições díspares, opostas, bem como também posições imaginadas. Ainda, é pela capacidade imaginativa que o eu consegue dotar as posições do eu com vozes, permitindo-as estabelecer relações dialógicas. Essas vozes interagem da mesma forma que propõe Bakhtin (1963/1984) – como personagens de uma história interativa em um processo de pergunta<>resposta, concordância<>discordância.

Embora diversas posições do eu componham o SD, cada posição é única, advinda de experiências singulares de sua própria posição. Assim, as posições trocam informações, resultando em um self complexo e narrativamente estruturado. Nesse cenário, o self dialógico tem como característica a continuidade e descontinuidade (HERMANS, 2001a). Combina-se, portanto, a continuidade proposta por James (1890/2007) (experiências contínuas de tudo que pode chamar de seu), junto à descontinuidade bakhtiniana (diferentes vozes no espaço do self).

⁶Bakhtin recorre à diferenciação entre as relações dialógicas das relações lógicas. O filósofo russo propõe pensarmos, hipoteticamente, em duas frases idênticas, conferindo como exemplo a sentença *a vida é boa*. Examinando-as, diz que, para a lógica de uma perspectiva aristotélica, uma frase seria uma identificação a outra, assim se relacionariam por ter identidade semelhante. Contudo, o mesmo caso, à luz do dialogismo, compreender-se-ia cada sentença como separadas e, ainda, sequenciadas – portanto, cada uma em seu tempo específico. Então, poderia se entender cada frase sendo dita por uma pessoa diferente em uma comunicação. Nesse sentido, as frases se relacionariam por concordância: enquanto a primeira é uma afirmação, a segunda conferiria ênfase à primeira, concordando com ela. Bakhtin (1963/1984) ainda se adianta e diz que, mesmo que a segunda frase fosse “a vida não é boa” – nesse caso na lógica aristotélica a relação seria de negação – a relação proposta pelo dialogismo para essas frases (a vida é boa e a vida não é boa) seria de discordância.

Nesse sentido, se defende um self que é contínuo, mas que, ao mesmo tempo, contempla a existência da multiplicidade e descontinuidade, em sua unicidade (ibidem).

Mas o SD não é, em todo, descentralizado. O funcionamento do SD vislumbra a unidade, buscando-a em suas relações dialógicas entre as posições, embora nunca a adquirindo de forma duradoura. Assim sendo, existem momentos transitórios de unidade. Sendo, portanto, a transitoriedade a regra e a unidade a exceção (HERMANS, 2001a).

Assim sendo, o SD assume sempre um posicionamento particular no espaço e tempo. Ademais, a TSD também compreende que o SD é corporificado. James (1890/2007) já dizia que o corpo (que podemos chamar de meu) também constitui parte do self. A TSD vai além disso, propondo que o corpo não só é uma parte do self, mas o ser humano só pode existir – e construir sentidos sobre si – por meio de suas experiências corporificadas. É esse ser corporificado que vem a assumir múltiplas posições do eu descentralizadas em um repertório do self com incontáveis outras posições, embora cada uma seja peculiar (localizadas no seu tempo e espaço próprio).

Não obstante, a TSD também compreende o SD ainda como social, posto que os outros sociais também compõem o SD multivariado. Herman (2001a) diz:

(...) devido ao poder da imaginação, a pessoa pode agir como se fosse o outro e o outro fosse ele próprio. Isso não é o mesmo que "assumir o papel do outro", como Mead (1934) quis dizer com essa expressão, de que o eu está assumindo a perspectiva real do outro. Em vez disso, sou capaz de interpretar outra pessoa ou ser como uma posição que posso ocupar e, como uma posição, criar uma perspectiva alternativa sobre o mundo e sobre mim mesmo. A perspectiva construída pode ou não ser congruente com a perspectiva que é definida como a perspectiva do outro "real" (que pode ser verificado entrando em conversação com o outro). Deve-se enfatizar, no entanto, que o outro pode ser parcialmente o produto da minha imaginação, intimamente entrelaçado com o outro "real", e pode ser até mesmo completamente imaginário (p.250, tradução nossa).

Assim, o SD é social, corporificado e situado no espaço e tempo a partir de seus posicionamentos do eu diversos. Isso se torna possível a partir do seu movimento nos espaços imaginais – os quais, para Hermans (2001a) está intimamente entrelaçado com o espaço físico e a dimensão temporal. Ao mover-se de um para outro, criam-se campos dinâmicos de autonegociações, autocontradições e auto-integrações que resultam numa variedade de construções de significados (JOSEPHS, 2000 apud HERMAN, 2001a).

Há, portanto, uma ênfase na capacidade imaginativa do SD, pois é a partir da imaginação que as diferentes narrativas para cada posição do eu (que circulam o self) se tornam possíveis, se formam. Isso fica evidente na definição do SD por Hermans, Kempen e Van Lonn (1992) como “uma multiplicidade dinâmica de posições do ‘eu’ relativamente autônomas em uma paisagem imaginária” (p. 28). É pela atividade dos processos

imaginativos que, nessa paisagem imaginária, as posições do eu “circulam”, entrando em contradição, negociação e integração (HERMANS; KEMPEN, 1998).

Mas como assim circulam? Para a TSD, como propusera Bahktin (1963/1984), o SD assume tanto posições internas quanto posições externas. As primeiras são compreendidas como as diferentes facetas de um indivíduo ou ainda “aquilo que faz parte do indivíduo” (HERMANS, 2001a, p.252) (ex: eu como mãe, eu como uma pessoa determinada no trabalho), as segundas, por sua vez, referem-se ao ambiente (ex: filhos, colegas, vizinhos, etc.).

Com a divisão das facetas do SD, não se pretende, contudo, fazer uma separação entre o sujeito, outros e ambiente. Pelo contrário, pra TSD, as posições externas relacionam-se com o ambiente e se tornam relevantes a partir de sua relação com as posições internas (ex: seu eu sou determinada no trabalho, meus colegas de trabalho serão importantes para mim). Ainda, as posições internas também têm sua importância conferida por uma ou mais posições externas (ex: eu me sinto mãe já que decidi ter filhos). Assim, é das transações mútuas – situadas no espaço e tempo – que os significados emergem, sejam eles resultantes de posições internas e/ou externas. É nesse campo que se situam as negociações, desacordos e integrações das Posições do Eu.

A TSD propõe o funcionamento do SD como uma sociedade da mente, Hermans (2002) diz que “(...) não há diferença entre as posições que uma pessoa assume no self e as posições que os indivíduos assumem como parte de uma sociedade heterogênea (...), self e sociedade funcionam como uma polifonia de vozes consonantes e dissonantes” (p.147-148). Portanto, ao se aproximar das narrativas individuais, compreende-se não só a história individual, como também nos aproximamos da cultura. Para bem destacar a relação entre o sujeito e a cultura, Hermans (2002) deixa isso claro já na definição do SD que “(...) pode ser descrito como uma multiplicidade dinâmica de posições-do-eu na paisagem da mente, entrelaçadas como essa mente está com as mentes de outras pessoas” (p. 147).

Como a sociedade, o SD possui oposições, concordâncias, desentendimentos, contradições, negociações e integrações (HERMANS, 2002). Nesse sentido, ambos funcionam como uma polifonia de vozes consoantes de dissonantes. Ainda, indivíduo e sociedade, para Hermans (2002), compartilham duas características: (1) o intercâmbio intersubjetivo – como já explicamos, a uma troca intersubjetiva nas posições do eu, bem como intrasubjetiva; (2) as relações são caracterizadas pela dominância ou poder social – existem posições do eu que são mais facilmente ouvidas, com mais “poder” sobre outras. Assim, o

intercâmbio e a dominação dialógica são características intrínsecas do self dialógico (HERMANS; KEMPEN, 1993 apud HERMANS, 2002; HERMANS; KEMPEN 1998).

Ademais, para Hermans (2001a) o SD é como um personagem, podendo estabelecer diferentes narrativas sobre si, em um diálogo incessante e multifacetado. Assim, ele é narrativamente estruturado e descentralizado, ainda que busque a unicidade. Ainda para o autor, toda posição implica em relações com outras posições (internas ou externas) e com o meio. É no “entre” posições – geralmente da combinação entre as antigas – que novas posições do eu podem advir. Mas como novas posições podem ser formadas?

O repertório do SD pode se re-organizar em três ocasiões: pela inovação do self, pela construção de um espaço dialógico e pelo estabelecimento/fortalecimento de uma metaposição (HERMANS, 2001a).

A inovação do self pode depender: (1) da introdução de uma nova posição; (2) da mudança de acessibilidade a posições através da transformação das hierarquias internas; (3) das coalizões (*clusters*) entre posições, que reforçam uma a outra e levam à inovação (HERMANS, 2001a; 2001b).

A construção de um espaço dialógico, por sua vez, envolve o estabelecimento de uma relação que favoreça a reflexão mútua, em um grau de simetria entre as duas partes. A título de exemplificação poderíamos falar da relação entre psicoterapeuta e paciente, ou até mesmo da pesquisadora e participante – se o primeiro construir uma relação sem hierárquica e livre de julgamentos (HERMANS, 2001a; 2001b).

A metaposição tem como características o distanciamento do resto do repertório, possibilitando-a estar na posição de "autor" e se ver entre as diversas posições do eu existentes no SD. O desenvolvimento de uma metaposição ocorre por meio de treino, psicoterapia ou outras formas de autoreflexão diária. Todas essas experiências podem possibilitar a reorganização do repertório de posições do eu conferindo a ele maior flexibilidade e movimentação (HERMANS, 2001b).

Com isso, então, fechamos nosso percurso pela TSD, após explicar como é visto o SD – como uma multiplicidade dinâmica de posições do eu (HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002). Daremos, agora, um passo à frente: abordaremos como a presente dissertação pretende vislumbra a TSD e o SD, bem como as posições do eu. Para isso, faremos um panorama geral dos axiomas teóricos metodológicos da Psicologia Cultural da Dinâmica Semiótica (PCDS) (VALSINER, 2012;

2014a; 2019), afim de situar qual a nossa compreensão de homem, do desenvolvimento humano, para, então, explanarmos como se dá a emergência do SD nesse cenário ampliado.

2.2 O DESENVOLVIMENTO HUMANO À LUZ DA PCDS

No *Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*, Valsiner e Rosa (2007) discutem que a psicologia sociocultural foi fruto, na década de 1980, da síntese de diversas outras áreas: antropologia, psicologia, sociologia e história. Inspirados nas contribuições de Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) e pelo advento da *Volkerpsychologie* ou *Folk Psychology* (VALSINER, 2012), propõe-se um novo conceito de cultura, compreendendo-a como inerente às funções psicológicas.

Valsiner (2019) propõe que o nascimento dessas várias versões de psicologias culturais ao longo dos anos 90 evidencia um esforço coletivo para construir um novo tipo de psicologia: uma que “não negaria a centralidade da psique humana e permitiria a construção de sistemas teóricos que explicariam a unidade das altas e baixas funções psicológicas” (p.2). A nossa dissertação filia-se a esse campo. Mais especificamente ao estudo da semiose dinâmica atrelada à cultura. A essa perspectiva é conferido o nome de Psicologia Cultural Semiótica (*Semiotic Cultural Psychology*) (VALSINER, 2012; 2014a) ou, ainda, Psicologia Cultural da Dinâmica Semiótica (*Cultural Psychology of Semiotic Dynamics*) (PCDS) (VALSINER, 2019).

Na PCDS, o mundo dos seres humano não é o que é percebido, mas sim como é interpretado. A cultura – para a PCDS – é corporificada a partir da relação com a (re)construção do ambiente. É a partir dos meios culturais – signos – que nós modificamos nossas primeiras interpretações dos arredores (VALSINER, 2014b).

Nesse sentido, a cultura e a linguagem são concebidas como ferramentas semióticas dinâmicas do sistema inter e intrapsicológico. Ainda, tanto a cultura quanto a linguagem são conjecturadas como inerente às funções psicológicas e ao significado, portanto, orientam todos os processos cognitivos e afetivos (VALSINER, 2012). Assim sendo, a cultura é uma ferramenta primária para o viver e os seres humanos são vislumbrados como um sistema que funciona culturalmente. Mas o que seria a semiótica e como a cultura e linguagem se relacionam com isso?

Peirce (1935 apud VALSINER, 2014b) define-os como:

Um signo, ou *Representamen*, é o primeiro que está numa relação triádica tão genuína com um segundo – chamado seu Objeto –, sendo capaz de determinar um

terceiro – chamado seu Interpretativo –, para assumir a mesma relação triádica com seu objeto no qual ele se posiciona ele mesmo para o mesmo objeto. A relação triádica é genuína, isto é, seus três membros estão unidos de um modo que não consiste em nenhum complexo de relação diádica (p. 94, tradução nossa).

Depreendemos desta descrição que o signo é uma parte de uma estrutura triádica (signo<>objeto<>interpretante). Ele representará o *objeto* para seu *interpretante* e apresentará o *signo* com uma forma de significação que emerge nesse processo triangular a partir do processo de interpretação⁷. Um objeto interpretado é visto como um novo objeto, mesmo que não haja nenhuma mudança física efetiva nele. Nas palavras de Valsiner (2014b):

O Interpretante torna a relação Signo<> Objeto aberta para transformação em uma nova forma – o objeto pode mudar como resultado da relação triádica (enquanto a relação diádica Signo<> Objeto só pode reproduzir dinamicamente sua dualidade). Esse aspecto é importante para a versão da psicologia cultural neste livro [Invitation to Cultural Psychology] – a da dinâmica semiótica – na qual os signos podem ser construídos, mantidos ou abandonados, ou reconstruídos na ação de construção de significado dentro de um tempo irreversível⁸ (p. 95, tradução nossa).

Ainda falando sobre os signos, Peirce (1935 apud VALSINER, 2014b) os classificou – no que diz respeito ao nível representacional⁹ – em ícone, índice e símbolo. Ícone é compreendido como um signo se relaciona com o seu objeto em ter algum caráter em si. O índice se relaciona em ter alguma relação existente com o objeto e, por fim, o símbolo é ter alguma relação ao interpretante. Os signos, então, não ocorrem isoladamente, eles são feitos para apresentar seu objeto em complexo de signos que podem incluir uma combinação de qualquer um dos tipos descritos acima (VALSINER, 2014b).

Para a PCDS, são os signos – em suas combinações e recombinações – que organizam as emoções, as cognições, enfim, todas as funções psicológicas. Isso é possível dado que os signos são ambíguos, organizados hierarquicamente transformadores e transformáveis. Assim sendo, os seres humanos criam, recriam e usam os signos intra e intermentalmente a todo tempo.

Entretanto, cada uso é um ato de semiose que jamais é repetido, porque a “(...) a característica mais universal da construção de significado humano é a sua dependência contextual das condições locais específicas” (2014c, p. 122). Ou seja, nenhum signo existe

⁷Aqui concebida não como um ato subjetivo, mas como uma relação abstrata entre as partes do sistema triangular.

⁸Valsiner (2012; 2014a) defende que o mundo está em constante mudança, e, para lidarmos com elas, os seres humanos criaram ferramentas culturais para gravar e demarcar o tempo. Assim, para ele, a experiência é necessariamente temporal e, pelo tempo não voltar, também é impreterivelmente única. Para nomear esse tempo que não volta, Valsiner (apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009) se inspira na filosofia de Bergson (1999 apud apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009) e, portanto, intitula-o de tempo irreversível.

⁹Deixa-se de lado a apresentação e a interpretação posto que somente o nível representacional é recorrentemente presente quando se discute sobre o sistema de signos de Peirce (1935 apud VALSINER, 2014b) na contemporaneidade (p.96).

sem um contexto. E, ainda, cada contexto será determinado por um tempo irreversível que jamais ocorrerá novamente. Portanto, todo ato semiótico é singular porque onde o significado é construído, um contexto único surge junto com ele.

De cada (re)combinação dos signos, nós temos como fruto os processos de significação. A significação é o que nos possibilita conferir significado ao mundo, ao outro social (a alteridade) e a nós mesmos. À medida que vivem, os seres humanos estão, a todo tempo, construindo e reconstruindo seus significados através de atos de semiose (Ibidem).

Devemos ainda conferir destaque a outra peculiaridade dos signos. Falamos que eles possibilitam os seres humanos viverem sempre orientados por metas (sempre se voltando ao passado e vislumbrando o futuro). Não obstante, eles também conferem a capacidade e propensão de criar e utilizar recursos semióticos que possibilita os seres humanos a transcenderem o contexto imediato (aqui e agora) e o tempo (gerando a capacidade de prospectar e rememorar) (Ibidem). O signo ao mesmo tempo em que está no contexto também o transcende, podendo ser autor e reflexivo simultaneamente.

Assim sendo, os signos possibilitam ver a vida humana – e a constante interpretação (construção de significados) inerente a ela – como uma atividade essencialmente dinâmica, situada no tempo (necessariamente irreversível) e em diálogo com o ambiente (contexto e os outros sociais). Valsiner (2014b) demarca:

a característica crucial da mediação do signo da psique humana não é meramente a apresentação do mundo através de signos (que representam outra coisa) – que é a visão estática predominante presente na semiótica - mas no movimento dinâmico de uma estrutura de signos para outra. Tensões afetivas emergem - e encontram sua resolução – em tal movimento. Algumas dessas transformações de signos são rápidas e direcionadas para a tomada completa da psique da pessoa (p.131, tradução nossa)

Mas como essa significação se produz? Ou melhor, como as pessoas produzem signos?

Para responder essa pergunta, iniciaremos destacando que são os signos que proporcionam a construção de significados das experiências individuais. Assim, os seres humanos se movem a partir do contínuo processo de construção e reconstrução dos signos e da interpretação que faz deles. Assim, os signos possuem um papel regulador da experiência e, a partir delas, criam um sistema hierarquizado por diferentes níveis de simbolização (VALSINER, 2012; 2014a).

Valsiner (2012; 2014a) propõe um modelo teórico da Regulação Semiótica da Experiência Humana. Nele, Valsiner (ibidem) alega que a regulação afetiva humana possui níveis hierarquicamente organizados interdependentes e interligados. Ainda, esses níveis

dizem do quanto os signos são permeáveis (ou impermeáveis) à mudança. Vejamos cada um deles.

No nível zero, Valsiner (2012; 2014a) diz que encontramos os signos de alta permeabilidade, reduzindo-se a reações fisiológicas indiferenciadas da consciência. O nível um, por sua vez, constitui-se dos sentimentos imediatos, pré-verbais e sem mediação semiótica. Já no nível dois nós encontramos a mediação semiótica, no qual as emoções são nomeadas e experimentadas. No nível três deparamo-nos com uma descrição geral das emoções pelo sistema cognitivo. Por fim, no último nível, estão os signos hipergeneralizados, os valores que orientam a conduta e interação humana, não-verbalizados porque, quando o são, retornamos para o nível antecessor (ibidem).

Valsiner (2012; 2014a) é claro e enfático acerca da utilidade dessa hierarquização: “(...) a criação de ordens hierárquicas é uma forma natural de garantir a sobrevivência dos organismos” (VALSINER, 2014c, p. 117). Assim, compreendemos que a semiose humana tem como base um complexo de signos – sendo, a maioria deles não-verbais (icônicos, indexicais) – e suas funções: ou seja, o ato de movimentar-se em direção a generalização e, eventualmente, à hipergeneralização.

Nesse sentido, o processo de semiogênese (gênese dos signos) somente pode ser pensado dentro desse sistema hierarquicamente organizado. Ainda, é um excelente exemplo dos processos de criação, manutenção e extinção de sistemas de controle hierárquico. Isso porque os signos possuem outra característica extremamente relevante: o potencial de autorregulação. A emergência de um signo pode levar ao surgimento de outro, vislumbrando guiar os significados criados por outros signos (regulando a si próprio e aos outros). Ou seja, há uma constante e múltipla interação sêmica.

Nesse ponto, precisamos adentrar sobre como pessoas criam os signos. Inspirada fortemente na perspectiva sócio histórica de Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), a PCDS (VALSINER, 2012; 2014a) propõe – assim como o psicólogo (VYGOTSKY, 1988) – que a gênese do psiquismo humano como uma construção social, resultante da apropriação pessoal das produções culturais através da mediação dos sistemas dos signos, ou melhor, da mediação semiótica. Ou seja, para PCDS, a subjetividade nasce através da mediação semiótica que ocorre na relação dialógica entre outros<>meio<>sujeito. Ainda, a mediação semiótica é subdividida em dois outros processos: de internalização e de externalização.

Para Valsiner e Lawrance (1997 apud ZITTOUN e GILLESPIE, 2015), a internalização é o processo pelo qual nós desenvolvemos nossa cultura pessoal, nossas

significações e sentidos de si, contudo esse processo não corresponde a uma mera introdução das imagens mentais e das coisas do mundo para a nossa mente, mas uma produção ativa do sujeito de internalizar aspectos da cultura coletiva. A externalização, por sua vez, é o processo pelo qual a cultura pessoal se expressa e toma posturas, modificando, por sua vez, a cultura coletiva. Nesse sentido, a relação entre o indivíduo e a cultura é dinâmica e de separação inclusiva (VALSINER, 2012; 2014a), posto que, ao mesmo tempo em que essa constitui o sujeito, ele também modifica a cultura. Assim sendo, há uma transferência dinâmica e bidirecional. Esse aspecto é fundamental tanto para garantir a falta de isomorfismo entre a cultura pessoal e a cultura coletiva, quanto para enfatizar a autonomia do sujeito perante o ambiente. Para que isso ocorra se faz necessária a emergência de um mecanismo que regule essa interação: a mediação semiótica.

A regulação semiótica da experiência humana (ibidem) é um processo profundamente internalizado e que opera como uma orientação pessoal baseada em valores: são sentimentos que canalizam as ações futuras. Assim, a hierarquização sógnica é como um leque de significados possíveis que sobredeterminam a conduta humana, orientando-a sempre em direção ao futuro. Não devemos, contudo, entender que o sujeito é passivo a isso. Pelo contrário, o sujeito da PCDS é ativo, com a liberdade de escolha para qual nível de simbolização adotar dentro das fronteiras do campo de significação de um período histórico e sua cultura. Enfrentando a delimitação da sobredeterminação dos signos – ou seja, esses signos hierarquizados que promovem e inibem ações não impedem de o homem ser orientado por metas¹⁰, fazer escolhas intencionais e traçar trajetórias em seu percurso de vida em tempo irreversível (Ibidem).

Valsiner (2012) destaca: “a ontogenia humana envolve a construção e o uso de signos para regular os fenômenos psicológicos emergentes, tanto os interpessoais como os intrapessoais” (p. 55). Já explicitamos os processos intrapessoais, bem como destacamos como a emergência do sujeito se dá em um contexto interpessoal (da mediação semiótica e de relação de separação inclusiva com a cultura). Exploraremos mais um pouco, agora, essa relação entre o sujeito e os outros sociais.

¹⁰Uma das funções do signo é sua orientação para o futuro. Valsiner (2014a) diz “os sinais são orientados para o futuro por causa da inevitabilidade de viver – no tempo irreversível” (p.126). Assim, a construção de significados orienta-se sempre no futuro (distante ou próximo). Isso é possível quando se acessa os signos do passado ao mover-se em direção ao futuro. Valsiner (ibidem) destaca: “‘olhar para trás’ no momento dado [construção de significados] é, na verdade, ‘olhar para frente’ (...) Dentro de um tempo irreversível, não se pode referir ‘o que era’ sem fazê-lo estar a serviço de ‘o que pode acontecer’” (p. 126)

Os seres humanos estão a todo tempo sujeitos às mensagens embutidas nas combinações sógnicas. Até a ausência de signos em alguns momentos – quando esses poderiam estar presentes, porém não estão – pode se tornar um signo. Por isso o ser humano está inserido no que Valsiner (2014a) intitula de semiosfera. A semiosfera compreende esse espaço de existência e funcionamento de linguagens.

A sociedade, então, pode ser pensada enquanto promotora de modos de sentir e pensar. Os significados são codificados pelas diferentes instituições de contextos dramatizados de atividade (sugestões de como pensar, agir de acordo com o que é socialmente esperado). Destarte, lidamos com um sistema dinâmico que reorganiza constantemente a si mesmo – dado que os sujeitos são um fenômeno aberto (do ponto de vista biológico, psicológico e social), ou seja, está em constantes trocas com o ambiente; se utilizando dos recursos simbólicos que o contexto possa oferecer. Nas palavras de Valsiner (2014b):

O universo social criado pelos signos é coletivo – a internalização das pessoas alimenta-se externalização, e formas significativas externalizadas de sentir o mundo se tornam insumos nos processos de internalização de outras pessoas. Além de produzir versões individualmente únicas de culturas pessoais, esse intercâmbio também pode produzir similaridades socialmente coordenadas de visões de mundo e se tornar a base para a validação consensual de ideias potencialmente ilusórias. (p. 114/115, tradução nossa).

Assim, o constante processo interpretativo (construção de significados), resultante do encontro sujeito<>ambiente, é guiado a partir da dinâmica entre a cultura pessoal e coletiva. Ao mesmo tempo em que estamos interpretando o mundo com base em nossas experiências pessoais (através da memória autobiográfica que veremos no capítulo um da primeira parte dessa dissertação), estamos, concomitantemente, também interpretando a partir das expectativas sociais dos outros sociais. Nesse sentido, ao caminhar em sua trajetória de vida orientado por metas (sendo essa uma característica dos signos enunciada na nota de rodapé número 10), estamos constantemente coordenando tanto as negociações consigo mesmo (na cultura pessoal), como também os seres humanos (pessoas, instituições sociais, dentre outros agentes) regulam uns aos outros, vivenciando sua vida e mundo de maneiras direcionadas, mas limitadamente indeterminadas (VALSINER 1987, 1997 apud VALSINER, 2014a).

Assim, a construção de significados se dá nas múltiplas significações ofertadas no ambiente em negociação com a cultura pessoal. Isso se torna possível devido uma característica imprescindível dos signos: seu caráter ambíguo. Além dos múltiplos significados que os signos podem possuir, eles ainda podem diferir em nível hierárquico (do nível 00 a04). Assim, ao mesmo tempo em que os signos criam estabilidade, também criam

flexibilidade, estabelecendo bordas e, concomitantemente a vontade de transgredi-las. É, então, por causa da ambiguidade dos signos que somos suscetíveis à ambivalência do viver.

É à luz dessa ótica – e, portanto, buscando contemplar essa dinâmica – que procuramos nos aproximar do SD. Assim sendo, abordaremos a seguir como contemplaremos esse conceito nessa dissertação.

2.3 A PCDS E A EMERGÊNCIA DO SD

Santos e Gomes (2010) destacam que a semiótica trouxe dois pontos centrais críticos para o entendimento do SD: o primeiro se refere a distinguir o self da noção de identidade, o segundo foi possibilitar falarmos das mudanças de posições do eu a partir da mediação e hierarquia sígnica.

A PCDS destaca que é pelo processo de internalização que desenvolvemos nossa cultura pessoal. Essa última, nessa elaboração apresentada, é sinônima do SD. Assim sendo, o SD é compreendido como um “sistema integrado de mediadores semióticos em vários níveis” (VALSINER, 2012, p. 32). Esses níveis advêm das experiências do passado e, ainda, referenciam como construímos sentido para o presente e futuro por meio da construção pessoal semiótica. Assim, é como um autorregulador dos processos de ação em curso, sendo modificado pela orientação dos signos – posto que sua orientação semiótica se alicerça nas generalizações dos signos hipergeneralizados.

Ainda, o SD é um constructo teórico que somente existe por meio das relações dialógicas (VALSINER, 2012; 2014a). Sendo dialógica, baseia-se, então, no pressuposto de que a vida humana é fundamentalmente uma existência dirigida ao outro (princípio da alteridade), ou seja, relacional e comunicacional, sempre inscrita em um determinado contexto sociocultural e dirigida a outrem. Assim sendo, existir é coexistir (SALGADO; FERREIRA; FRACCASCIA, 2006).

Nesse sentido, dentro dessa concepção, cada posição que o SD (Posições do Eu) self que se ocupa, é sempre um ato de endereçamento aos outros. Salgado, Ferreira e Fraccascia (2006) são felizes ao destacar que o próprio termo posicionamento, já evidencia que esse eu é sempre um processo localizado dentro de um relacionamento com os outros sociais. Nesse sentido, a individualidade é compreendida como um processo simultaneamente social e pessoal.

A fim de destacar essa relação eu<>outro na dialogicidade, Markova (2003 apud SALGADO; FERREIRA; FRACCASCIA, 2006) propõe a subjetividade numa tríade: sujeito,

outro e o objeto. Diz-se que todo *agente* humano está sempre em relação e respondendo a uma *alteridade* (seja público, virtual e/ou material), sobre um determinado *objeto* através de meios semióticos.

O exame dessa *alteridade*, contudo, pode ser aprofundado. Alguns autores (ver SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013) vão adiante e acrescentam outro termo: audiência interna. Revisemos, então, a definição de cada termo aqui elencado, para podermos diferenciá-los.

O eu (ou o *agente*) é o centro da experiência que depende fundamentalmente do meio – ou seja, do mundo da alteridade. A *alteridade* (ou ainda *o outro no self*) é o espaço dentro do self para o outro social. Embora esse espaço seja relacionado com o “*outro real*”¹¹ – aquele que está diante de nós – ele se refere a um espaço constitutivo do sujeito. “Em suma, para se ter um eu, um centro, isso implica em contraste, diferença. Em uma palavra, alteridade. E o reino do self (o reino da nossa subjetividade) é um espaço de ipseidade (semelhança) e alteridade (diferença)” (SALGADO; FERREIRA; FRACCASCIA, 2006, p. 14).

As *audiências internas*, por sua vez, estão atreladas ao que se forma da relação da história relacional (sujeito<>outros sociais): padrões de relacionamento, ou ainda, “dinâmicas relacionais historicamente assimiladas de relações anteriores Eu-Outros (outros sociais)” (ibidem, p.16).

Assim, a relação entre o agente e as audiências internas molda a relação com o *outro no self*. Ainda, todo posicionamento do self assim o é dentro de um background cultural, e, portanto, em relação a um objeto, acerca de um domínio relacional¹², moldado pelas audiências e em relação a um outro a quem nos endereçamos (seja ele imaginado ou real) (SALGADO; FERREIRA; FRACCASCIA, 2006; BENTO; CUNHA; SALGADO, 2012).

Nesse sentido, rejeita-se, portanto, a ideia de um self nuclear e se acredita, assim como a TSD, que o SD compreende uma dinâmica de posições do eu. São as trocas de informações entre as posições que resultam em um SD complexo, narrativamente estruturado e com posições hierárquicas distintas (que podem ser verticais – de hierárquicas distintas – ou

¹¹ O *outro real* pode ser definido como aquele com quem o eu estabelece um contraste, uma diferença, para a negociação do objeto. Salgado, Ferreira e Fraccascia (2006) propõem que são as diferenças entre o *outro real* e o *outro no self* que criam um espaço interpessoal de alteridade, que funda a possibilidade de construir significados.

¹² Salgado, Cunha e Bento (2013) utilizam o conceito Domínios relacionais para poder examinar a relação específica a que cada unidade de análise se refere. Os autores utilizam como exemplo a frase “eu me apaixonei por ela”. Nela, o relacionamento seria o domínio relacional. Eles ainda explicitam que pode, em uma unidade de análise, haver mais de um domínio relacional. Eles destacam “(...) a unidade pode se referir a um relacionamento com uma pessoa, com um grupo ou instituição, grupos sociais, personagens fictícios ou até mesmo relacionamentos fictícios com outras pessoas. Se esse for o caso, o domínio relacional deve ser codificado de acordo” (p.345).

horizontais – mesmo nível hierárquico). Nas palavras de Valsiner (2012): “cada posição do eu cria uma voz que se relaciona com outras vozes, em uma relação dinâmica de dialogicidade” (p. 128).

Valsiner (2002) alega que o SD organiza – no transcorrer do tempo irreversível – constantemente o fluxo sempre novo da experiência pessoal. Assim, o SD é um sistema autocatalítico: seus componentes (posições do eu) produzem a si mesmo (processo de produção de sentido) enquanto tentam lidar com o fluxo de novidade das experiências, culminando na expansão (ou não) do repertório do SD. Assim, a produção de sentidos advém da combinação entre elementos que podem vir a culminar na síntese de novas posições. Ratifica, entretanto, que a dinâmica estável é o usual do SD, então adverte que o processo de síntese não é predominante no SD. Pelo contrário, o que ele visa é manter as vozes levemente organizadas. Assim, Valsiner compara o SD a um “solucionador de problemas preguiçoso” (p.261).

Valsiner (2002) ainda destaca diferentes modos de relações dialógicas no self (ver VALSINER, 2002, p.257). Destaca, nomeia e explica diversas interações possíveis entre as posições: desde as que culminam em novas, às que mantêm a dinâmica estável. Nessas últimas podemos destacar as relações de dominação (em que uma posição se subordina a outra) e de expropriação (quando a posição dominada é extinta). Mas como poderíamos vislumbrar essa relação entre posições?

Tentando examinar o SD – dentro dessas compreensões aqui destacadas nesse apanhado teórico – e seu ato semiótico constante, Valsiner (2002) propõe um modelo intitulado de Eu-Aqui-Agora (AEE). Valsiner (2002) se inspira no sistema *hier-jezt-ich-system* de Bühler (1965/1990 apud VALSINER, 2002, p. 252) e propõe um modelo que contempla os aspectos temporais (agora), espaciais (aqui) e agenciais (eu). Essa unidade é imprescindível posto que, para Valsiner (2002), “nenhuma relação dialógica é possível sem essa construção reflexiva semiótica básica” (p. 252).

Não pretendemos, aqui, utilizar o AAE. Elencamos essa estrutura para evidenciar a importância de optarmos por uma unidade de análise que – assim como o modelo EAA (VALSINER 2002) – contemplasse os aspectos temporais, espaciais e agenciais. Explicitaremos sobre ela na parte seguinte, no capítulo um. Por hora mencionamos isso para demarcar como essas dimensões são essenciais aqui para o estudo do SD.

Compreendemos que o SD é produzido por ligações dinâmicas de múltiplas Posições do Eu na dimensão temporal: em um cenário rememorado ou imaginário (HERMANS;

KEMPEN, 1998; 1992) – sendo algumas posições fruto de ações e interações com o passado, outras emergindo como projeção do futuro (HERMANS e KEMPEN, 1993 apud ZITTOUN, 2013). Logo, o constante diálogo entre passado-presente-futuro transforma as Posições do Eu, bem como gera novas posições.

Ademais, há a influência constitutiva do outro no SD, dado que o ser humano aqui é compreendido “(...) como um agregado de relações sociais internalizadas (BAKHTIN, 1963/1984; PINO, 2005; VYGOTSKY, 1988), cuja natureza se define pela relação com o outro, sempre mediada pela experiência subjetiva, no cerne da qual se produzem significados” (OLIVEIRA, 2016, p. 203).

Ainda, fazemos um adendo para destacar que, acreditamos que essa busca por novos estados realizada ativamente pelo sujeito, se configura por uma busca infindável de tornar-se mais completo. Essa proposição é inspirada nos argumentos de Lightfoot (2005) e Ferreira e colaboradores (no prelo). Lightfoot (2005) alega que a teoria de Bakhtin (1981 apud LIGHTFOOT, 2005) nos apresenta que o desenvolvimento do self se orienta por uma atividade inerente: o projeto de se tornar uma pessoa. Lightfoot utiliza uma citação de Emerson (1997 apud LIGHTFOOT, 2005) para destacar essa compreensão em Bakhtin (1981):

É precisamente por conta que o inacabamento (*unfinalizability*) e a maleabilidade são inerentes às personalidades vivas, nos eventos cotidianos e nos parâmetros tempo-espço que a realização (não o reconhecimento, não a descoberta, mas precisamente a realização) de um todo é tão indispensável - e assim carregada de obrigação. O todo de algo só pode ser visto de uma posição que está fora dele no espaço e depois no tempo. Mas como um todo pode ser realizado de um número infinito de ângulos (e cada uma dessas realizações será plenamente reconhecida como tal apenas pelo seu próprio "finalizador"), um sentido de totalidade é sempre "concedido", não apenas decretado ou revelado (p. 220-221, tradução nossa).

Em consonância com essas proposições de Bakhtin (1981 apud EMERSON, 1997) e a releitura de Lightfoot (2005), Ferreira e colaboradores (no prelo) também discorrem sobre essa tendência à completude. Os autores assumem que o sentimento estético – “*theaesthetic feeling*” (p.7) – guia cada pessoa para se tornar um autor de sua própria vida. Em suas palavras:

Assumimos que os seres humanos dispõem de uma paixão, anseiam por se tornarem finalizados. Mas, uma vez que apenas seriam finalizados a partir da perspectiva de um estranho, ou do ponto de vista da alteridade, eles [os seres humanos] estão permanentemente inacabados e em um desenvolvimento contínuo como empreendimento inacabado. (...) É apenas a busca perene para obter a nossa totalidade que estamos assumindo como a principal tarefa dos selfs dialógicos (p.7, tradução nossa).

Assim, a essa tendência, conferem o nome de sentimento estético ou, ainda, realização estética. A realização é como um movimento, um “(...) impulso por um eu estético que

reclama por sua completude ocorre em uma contingência concreta de tempo e espaço em tempo real que oferecem algumas possibilidades e não outras para construir significado para que sua tarefa seja realizada” (p.8).

Nesse sentido, compreendemos aqui que a construção de significados do SD se destaca nessa movimentação de sua realização estética. Processo esse que implica em combinações de signos (construção, uso e destruição), construção dos valores hierarquizados e negociações das Posições do Eu que orientarão os sujeitos a uma síntese única em suas perspectivas futuras por meio da autorregulação afetivo-dialógica-semiótica (BRANCO; VALSINER, 2012 apud MATTOS, 2016).

3 O SELF DIALÓGICO SITUADO NO TEMPO E NO ESPAÇO

Aborda-se a dinamicidade temporal do SD (ao destacar os processos imaginativos e rememorativos) e sua relação com a cultura (contexto).

3.1 O SELF NA DIMENSÃO TEMPORAL: A REMEMORAÇÃO E A IMAGINAÇÃO EM DIÁLOGO

Explica-se o que é o processo rememorativo e imaginativo a partir da ótica da PCDS, bem como sua relação com o SD.

3.1.1 Da memória à rememoração

Hermann Ebbinghaus (1885/1913 apud WAGONER, 2011) foi quem inaugurou os estudos de memória dentro do campo psicológico. Esse grande passo foi alicerçado na metáfora de inscrição implícita na conceituação de Platão e teve como fruto o livro *Memory: A contribution to experimental psychology*. Seus experimentos foram com sílabas sem sentido, sempre em uma sequência obrigatória – consoante, vogal e consoante (ex: BAC, FEG, etc.) – para que fosse um conteúdo isolado dos outros materiais e, então, pudesse ser analisado pelo número de unidades (cada trio de letras) lembradas em face a diferentes condições – ordem, quantidade de exposição, tempo, dentre outras variáveis.

Ainda dentro do campo psicológico, o próximo passo importante do estudo da memória se deu com a primeira revolução cognitiva (WAGONER, 2011). Desse período em diante a metáfora da mente mais utilizada foi a do computador. Para as Teorias do Processamento da Informação (apud WAGONER, 2011) a mente é compreendida como um mecanismo processador de informação tal qual o computador. Ainda, aqui a memória também é dividida em etapas, sendo agora intituladas de *codificação*, *armazenamento* e *recuperação*.

Essa perspectiva acerca da memória ganhará, no decorrer do tempo, uma nova roupagem: a biológica. Randall (2007 apud WAGONER, 2011) sugere que a metáfora do computador foi substituída por uma composição de atividades orgânicas interligadas pelo hipocampo. Nesse cenário, o hipocampo é responsável por processos bioquímicos (análogos a codificar, armazenar e recuperar) que regulam uma rede neuronal associativa – construída com base nas experiências anteriores, sugestões sociais e criações imaginativas. Portanto, a aquisição e evocação da memória são reguladas pelos estados afetivos e emocionais. Não obstante, com base nos mecanismos fisiológicos, ela é dividida em diversos tipos (ver STERNBERG, 2010; IZQUIERDO, 2004).

Poderíamos adentrar com mais detalhes nas explicações fisiológicas e neurocientíficas atuais, dado que é a visão científica mais difundida da memória (WAGONER, 2011). Contudo, isso, aqui, não se faz necessário, tendo em vista que a ciência psicológica, ao se aproximar da segunda revolução cognitiva, distanciou-se do foco nos processamentos de informação para enfatizar os atos de significação (BRUNER, 1990).

Assim sendo, a psicologia passou a necessitar de novas metáforas e novas formas de vislumbrar esse processo cognitivo. As abordagens citadas, até então, propunham a memória a partir de uma leitura unidirecional. Com essa mudança de paradigma, alguns autores (BRUNER, 1990; VYGOSTSKY, 1988; VALSINER, 2000; 2012; 2014a; 2019), passaram a enfatizar a dinâmica da mente e dos processos cognitivos, lançando mão de modelos bidirecionais. Ainda, buscaram considerar o papel ativo do sujeito na (re)construção de suas memórias, bem como examinar a relação entre o sujeito e o ambiente ao conceituar a memória como um processo construtivo que visa adaptar o indivíduo ao meio e, portanto, está em constante reconstrução. Deste modo, esse novo paradigma faz uso do termo *rememoração* em detrimento ao termo memória para demarcar uma distância das compreensões anteriores (que fazem uso de uma leitura unidirecional) sobre esse processo cognitivo.

Faremos, então, um percurso por esses novos estudos. Destacaremos – em linhas gerais – os trabalhos inaugurais de Bartlett (1932), Luria (1968/1999) e Vygotsky (1988). Em seguida, após essa revisão, apontaremos a concepção de memória assumida nesse trabalho, por fim, elencar algumas pesquisas e construções teóricas atuais no campo e destacar aqueles que fazem interseção com o estudo do sujeito e sua história – a saber, a memória autobiográfica.

Frederic Charles Bartlett (1932), em seu livro *Remembering: a study in experimental and social psychology*, conduziu uma série de experimentos que analisavam a percepção, imaginação e memória conjuntamente, posto que estava interessado em entender como esses processos se inter-relacionavam.

Assim, dos estudos Bartlett (1932) descobrimos que nossas ferramentas sociais de rememoração são esquemáticas e operam de forma automática (sem consciência) em um esforço de conferir significação. Conquanto, depreende-se que os esquemas podem ser reformulados e atualizados pelos processos perceptuais e imaginativos em ação a partir de situações inesperadas no presente, possibilitando uma reformulação no aqui e agora, ressignificando o presente. Portanto, os três processos básicos propostos por Bartlett (1932)

são resultados da ação de se voltar aos esquemas, em uma ação de autorreflexão, a partir de expectativas do presente ou futuras.

Alexander Romanovich Luria (1902-1977), por sua vez, foi um famoso psicólogo soviético que investigou a capacidade de usar signos internalizados como mediadores da memória. Em sua obra *A mente e a memória* (1968/1999), o psicólogo soviético examinou a vida do Senhor S. – Solomon Veniaminovich Shereshevsky, um jornalista russo que tinha supermemória –, para averiguar seus mecanismos mnemônicos. Dessa experiência depreendeu que ele lançava mão de recursos semióticos (desde imagens gráficas a associações que servissem de signos mediadores no processo mnemônico) para se recordar do que lhe era solicitado.

Por fim, Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) realizou experimentos de memória com crianças e adultos (VYGOTSKY, 1988) para observar a operação dos sujeitos através dos signos. Com esses estudos concluiu que, com o desenvolvimento, o ser humano se torna hábil em utilizar ferramentas externas como signos mediadores internalizados, o que amplia as possibilidades de estratégias de uso do recurso semiótico no processo de rememoração. Assim, os significados construídos por meio dos signos também eram utilizados como mediadores de memória.

Desta forma, para Vygotsky (1988), a mente é vista metaforicamente como uma criadora e usuária de ferramentas. Ainda, para ele, a rememoração é entendida como um processo de mediação em que nossas ações são intercedidas por signos. Os signos, por sua vez, são ferramentas auxiliaadoras da rememoração (ex: o uso de dar um nó num cordão) e integram o primeiro componente do processo de rememoração. Vygotsky (1988) ainda propõe mais dois: o componente imaginativo – que diz da habilidade de criar novas estruturas narrativas para rememorar; e o componente perceptivo – capacidade de selecionar e direcionar a gama de imagens emergentes no mundo.

Depreendemos de tudo isso que, assim como os outros processos cognitivos superiores, a memória, para Vygotsky (1988) desenvolve-se de fora para dentro. Ou seja, rememorar só é possível a partir das sugestões sociais, dos outros internalizados. Nesse sentido, a memória encontra-se no “entre”, na borda sensível de interação entre externo<>interno. Logo, rememorar não é simplesmente um processo interno, outrossim, depende da mediação da cultura – que participa e constitui o processo de rememoração

Embebida por esse vasto panorama teórico, a presente dissertação compreende a memória como um processo construtivo (uma re-criação ou elaboração) que se dá no tempo

irreversível (cada rememoração é única) e que opera em sistemas dinâmicos (psicológicas, sociais, biológicas, antropológicas, neurológicas) com o objetivo de adaptar o indivíduo ao meio, preparando-o para um futuro imaginado. Ou ainda, em outras palavras, como “(...) uma reconstrução ou construção imaginativa, construída a partir da relação de uma gama de reações ou experiências organizadas do passado, e com um pouco de detalhes notáveis que comumente aparecem em imagem ou na forma de linguagem” (WAGONER, 2013, p. 562, tradução nossa).

Essa compreensão é a que assumimos dado que se alinha com os axiomas teóricos explicitados no primeiro capítulo – mais especificamente as compreensões de sujeito, linguagem, semiótica e cultura aqui apresentadas. Utilizamos, então, o termo rememoração para aludir a esse processo mediatizado por signos que nunca se repetem e que somente é possível a partir da mediação cultural. Desta maneira, como já mencionado, esse processo cognitivo superior se desenvolve de “dentro para fora” (VYGOTSKY, 1988) e influencia como construímos sentido sobre o passado, presente e o futuro, sobre nós mesmo e o mundo, por meio da construção semiótica pessoal em negociação com a cultura coletiva.

Por fim, cabe acrescentarmos a esse panorama teórico geral alguns autores mais atuais cujos estudos são interessantes tendo em vista os objetivos desta dissertação: temos o trabalho de Wagoner e Gillespie (2013; 2014a) que destacam a influência da rememoração no discurso; De Saint-Laurent e Zittoun(2017) que relaciona a rememoração com a trajetória pessoal, dentre outros. Em seguida abordaremos seus estudos, posto eles acrescentam importantes informações que aproximam os processos de rememoração do self dialógico.

3.1.2 Rememorando sobre si: a memória autobiográfica e o Self Dialógico

Wagoner e Gillespie (2013; 2014) propõem que, para os seres humanos, os esquemas (BARTLETT, 1932) dizem de como as pessoas fazem uso dos modelos narrativos de origem social e os adaptam a cada contexto, tornando familiar o encontro com o novo por meio do processo de significação. Desta forma, os esquemas são sempre ressignificados, atualizados, pelos processos perceptuais e imaginativos no confronto com situações inesperadas no presente (ibidem).

Esse processo de tornar o novo familiar, característico dos esquemas (BARTLETT, 1932) também ocorre para a (re)construção dos sentidos de si. Destarte, a rememoração é um processo imprescindível para o self dialógico em dois aspectos: (1) em referência a manutenção e transformação da noção de “quem sou eu” no decorrer do tempo e dos espaços

sociais (quem eu sou para os outros); (2) suas ações possuem o self dialógico enquanto uma bússola – posto que toda reconstrução é autoral e, portanto, orientada para os interesses passados, presentes ou futuros do sujeito (WAGONER; GILLESPIE, 2014).

Estamos, então, falando de uma rememoração específica – dos sentidos de si e de como esses sentidos guiam novas rememorações. Assim sendo, falamos do papel da memória autobiográfica. No entanto, o conceito de memória autobiográfica não possui uma única definição. Aqui, utilizamos a compreensão adotada por de Saint-Laurent e Zittoun (2017), que a entende como “memórias pessoais dos acontecimentos de nossas vidas” (NELSON, 2007 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017, p.2). A fim de complementar essa definição, as autoras alegam que essas memórias pessoais são distribuídas ao longo de quatro aspectos principais:

- (1) A memória autobiográfica abarca conteúdos que nos lembramos do próprio passado. Esse ponto, à primeira vista, pode parecer simples, porém o que se destaca aqui são as memórias do passado que afetam o self.
- (2) As lembranças da memória autobiográfica são mais que uma mera acumulação de eventos, eles sofrem uma integração semiótica, semântica ou narrativa. O grau desse processo depende do quão geral ou não são as memórias (ex: desde memórias de eventos isolados a memórias pessoais de princípios gerais de eu, valores ou crenças).
- (3) As integrações supracitadas são apoiadas por um vasto leque de ferramentas culturais (a saber: estruturas narrativas, formas convencionais de contar a vida, modelos normativos leigos de desenvolvimento, e assim por diante, até a linguagem) que moldam como falamos sobre nosso passado, como o vinculamos ao presente e como conferimos sentido a ele (FIVUSH, 2011 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).
- (4) Até mesmo as memórias autobiográficas são fruto de uma atividade social e, portanto, envolvem múltiplas perspectivas. Destarte, os ambientes sociais não apenas moldam como articulamos nossa narrativa sobre nosso passado, como também são uma fonte de demandas autobiográficas (FIVUSH, 2011 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).

Sumarizamos isso tudo, então, ao alegar que a memória autobiográfica muda ao longo da vida, depende das experiências e da capacidade de reflexão pessoal, das ferramentas culturais que domina e das interações com os outros sociais.

Ainda, gostaríamos de acrescentar a esse cenário descritivo a contribuição feita por Buck e colaboradores (2005 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Esses autores destacam que a memória autobiográfica tem três principais funções: (1) construção do self; (2) relacionar-se com os outros sociais; e (3) direcionar nossas ações para o futuro (BLUCK et al, 2005 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Devido à importância dessas funções para a presente dissertação, exploraremos um pouco mais, então, cada uma delas.

Começaremos pelo papel da memória autobiográfica na construção do SD. Retomaremos então, o argumento de que são essas memórias – bem como o processo de rememoração delas – que garantem a solidez, histórica e temporal, ilusória como aoSD (ERIKSON, 1959 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).

Alegamos isso, pois a memória de si (autobiográfica) é fruto de contínuas articulações de narrativas do self dialógico e, portanto, está sendo (re)examinada, (re)transformada e (re)afirmada a todo tempo em uma dinâmica de dois infinitos: o temporal (passado<>presente) e “relacional” (self<>outros) (VALSINER, 2014a). Assim sendo, nós utilizamos continuamente a memória autobiográfica para definir e redefinir quem somos no decorrer de nossas vidas. Isso, dentro de uma visão ampliada da trajetória de vida de um indivíduo, é um processo contínuo e atividade fundamental se então almejamos examinar a atividade do self dialógico pela ótica desenvolvimental.

Vemos, então, essas renegociações de si como uma atividade contínua em face ao viver repleto de mudanças. Acerca disso, Zittoun (2006; 2007; 2009) destaca que, na trajetória de vida, podem advir rupturas ou transições. Para a mesma autora (2007), as rupturas “(...) são a interrupção do fluxo normal de eventos” (p.4) e “(...) ocorrem quando os padrões rotineiros de pensamento e ação se quebram, quando a pessoa experimenta uma falha de expectativa, de tal forma que o que foi tomado como certo se torna questionável” (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p.10). As transições, por sua vez, se referem ao processo de ajustamento, reequilibrando-se frente a uma ruptura experienciada (ZITTOUN, 2006), retomando a um novo padrão rotineiro de pensamento e ação (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Esses eventos (rupturas e/ou transições) promovem diferentes processos individuais – como fazer uso das relações interpessoais, dos recursos simbólicos ou habilidades pessoais (reflexivas) – para lidar com os mesmos (ZITTOUN, 2009). Além disso, podem culminar em três diferentes linhas de mudanças que possuem dependência mútua: (1) processos de identidade; (2) processo de aprendizado; e (3) processos de produção de significado.

Na presente dissertação, estamos fortemente interessados nessa primeira linha de mudança. Zittoun e Gillespie (2016) destacam que, nas mudanças dos processos de identidade – advindas de rupturas e/ou transições – as pessoas lançam mão de seus diferentes papéis ou, ainda, de seus posicionamentos do self para conferir sentido a si e às mudanças, transformando o novo em familiar.

Essa novidade emergente possui um contexto cultural e histórico específico. E isso é um aspecto fundamental, tendo em vista que o contexto e historicidade moldam – conferindo maior ou menor importância – às reminiscências, bem como o que se espera de uma explicação autobiográfica (HABERMAS, 2011). Assim, a memória autobiográfica sofre influência dos outros sociais e do seu contexto de emergência (FIVUSH, 2011 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 201), no seu processo de (re)construção de significados produzido pelas rupturas e/ou transições, de modo que o mapeamento desses espaços se faz imperioso.

Ademais, do ponto de vista dos estudos do curso de vida, os momentos de crises, bifurcações ou transições são fundamentais dado que são os que mais questionam nosso senso de integridade e autocontinuidade da mesma medida em que geralmente invocam nossas memórias e a reconstrução delas (ERIKSON, 1959 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; SATO, YASUDA, KANZAKI; VALSINER, 2013 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; ZITTOUN et al., 2013 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Assim sendo, uma vez que buscamos examinar o self dialógico, a compreensão e o mapeamento das rupturas, transições e esferas de experiência¹³ nas trajetórias de vida dos participantes são imprescindíveis.

Por fim, ainda sobre a relação entre a memória autobiográfica e o self, cabe destacarmos que ambos possuem uma relação bidirecional (CONWAY, 2005 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Com isso queremos dizer que não só as memórias mudam em relação ao conjunto de ideias que uma pessoa tem sobre si (HABERMAS, 2012 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017), como também “as pessoas moldam suas identidades para se encaixarem em suas memórias e memórias que se encaixam em suas identidades” (CAMERON; WILSON; ROSS, 2004 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017, p.5). Esse processo bidirecional adquire esforços mais conscientes em períodos de transições e mudanças a fim de reconstruir uma narrativa significativa e coerente para si (BLUCK; ALEA, 2008 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).

¹³ Ver a página seguinte (página 47) para tradução.

Integrando todos os aspectos da memória autobiográfica visitados até então, poderíamos conceitua-la como “aquela forma singularmente humana de memória que vai além da lembrança de eventos experimentados para integrar perspectivas, interpretação e avaliação através do eu, do outro e do tempo para criar uma história pessoal” (FIVUSH, 2011 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017, p.3).

Assim, o recorte em estudar a memória autobiográfica se faz imperioso posto que, como já enunciado, uma de suas três principais funções é a construção do self. Propomo-nos, então, aproximar do estudo do self dialógico a partir de um modelo dinâmico e pragmático de memória autobiográfica como um ato sociocultural que se desdobra no tempo. Assim, podemos refazer o dinamismo da memória autobiográfica na trajetória de vida e acompanhar a sua função. Para isso, lançamos mão do conceito de esfera de experiência de Zittoun e Gillespie (2016).

Para as autoras as esferas de experiência são compreendidas como:

(...) uma configuração de experiências, atividades, representações e sentimentos que recorrentemente ocorrem em um determinado tipo de cenário social (material e simbólico) – é um dos vários padrões regulares e estabilizados de experiência em que uma pessoa provavelmente se envolverá regularmente (ibidem, p. 8, tradução nossa).

Logo, cada esfera de experiência é específica para uma pessoa que se engaja em uma determinada conduta em um ambiente social existente específico. Cabe destacar que as esferas de experiências podem estar atreladas a experiências proximais (onde o corpo das pessoas faz um deslocamento espaço-temporal. Ex: ir à casa de um parente) ou distais (situações em que se exploram eventos independentes da sua localização corporal. Ex: imaginar-se na casa de um parente). Tanto as experiências proximais quanto distais ambas evocam experiências, representações, sentimentos e audiências específicas (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Assim, cada esfera de experiência suscitará diferentes posicionamentos do self – posto que, como já elucidamos, para Hermans (2002), o SD é fruto de um conjunto de múltiplas identidades ou, ainda, posições de identidade que interagem entre si e se modificam ou transformam-se no tempo. Há, então, uma pluralidade de vozes ou posicionamentos do self.

Contudo, não pretendemos analisar somente esse processo cognitivo. A presente dissertação, ao tentar situar o self dialógico na dimensão temporal, compreende que o sujeito lança mão não só de suas memórias autobiográficas e do processo de rememoração, como também dos processos imaginativos para – a partir do que foi experienciado – lidar com o futuro real ou prospectado. Veremos, então, qual a conceituação de imaginação que

assumimos, para então destacarmos como pretendemos aproximar ambos processos cognitivos (imaginação e rememoração).

3.1.3 Os processos imaginativos

Antes de adentrarmos o campo psicológico para uma revisão deste conceito, faremos uma breve incursão na filosofia, tendo em vista que a psicologia sempre embebe suas construções teóricas dessa área. Veremos, então, as diferentes conceituações da imaginação para explorarmos suas implicações na ciência psicológica.

Descartes (1596-1650) (1641 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) propunha uma imaginação como a partir de uma visão reducionista que a via como inferior à razão – visto que a primeira se reduziria a evocação, ou melhor, replicação das sensações advindas dos sentidos. Essa ideia tem sua continuidade nas reflexões de David Hume (1711-1776) (apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) que propusera que a mente e a memória são alimentadas pelas imagens advindas da imaginação através das sensações passadas. Zittoun e Gillespie (2016) alegam que essa corrente de pensamento culmina tanto nas abordagens associacionistas na psicologia, quanto se tornam evidentes no trabalho de Wundt e Bartlett.

Em contrapartida, Giambattista Vico (1686-1744) (apud CORNEJO, 2017) propõe que toda construção cultural é fecunda dos processos imaginativos. Esse pensador (apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) alega que a imaginação é a forma pela qual as pessoas conferem significação aos fenômenos sentidos e experienciados por seus corpos, que, caso contrário, estaria além de seus alcances. Assim, ele confere à imaginação o papel de preencher as lacunas criadas pela incompletude do conhecimento e racionalidade nos seres humanos, bem como aplacar as ansiedades que tais lacunas criariam.

Immanuel Kant (1724-1804) (apud CORNEJO, 2017), por sua vez, confere à imaginação um papel harmônico igualitário à racionalidade, sendo, para ele, a racionalidade o elemento chave para tornar a imaginação possível. Já Jean-Paul Sartre (1905-1980) (1936/1989 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016), conceitua a imaginação como uma propriedade da consciência humana e aspecto primordial para as pessoas se libertarem das situações em que está envolvido. É pela imaginação que os sujeitos apreendem o que está faltando e podem buscar ou até mesmo criar. Desse modo, a imaginação é um requisito para que o ser humano se liberte da contingência das coisas e se possibilite ir para além das lembranças das experiências sensoriais.

Na literatura contemporânea da psicologia, Zittoun e Gillespie (2016) alegam que a imaginação tende a ser compreendida a partir de duas perspectivas fundamentais: (1) a primeira é intitulada pelos autores de “abordagem deficitária” (ibidem, p.18, tradução nossa) e compreende a imaginação como algo remanescente das formas primitivas do pensamento. Dentro dessa posição encontramos autores como Piaget (1922 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e seus seguidores (ver ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p.19); (2) a segunda perspectiva foi promovida por Vygotsky (1988), e toma a imaginação como “(...) uma característica específica, produtiva e única da mente humana, que permite que as pessoas se distanciem de sua própria experiência e, com base nisso, proponham novas sínteses que abrem novos pensamentos e ações” (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p.19). Como o entendimento dos processos imaginativos nessa dissertação advém dessa segunda perspectiva, examiná-los-emos com mais detalhes.

Vygotsky (1931; 2009; 2011) produziu alguns trabalhos acerca da imaginação. Ele defendia que a imaginação – assim como o pensamento racional – pode ser mais ou menos intencional. Isso porque, ao imaginarmos, a consciência, em sua atividade autônoma, se afastaria da realidade. Assim, a imaginação trata sempre de uma experiência mediada ou uma experiência distal, que nos dá graus de liberdade das restrições das situações imediatas.

Mesmo sem depender da situação imediata ou da realidade, isso não quer dizer que Vygotsky (ibidem) conceitue a imaginação como não real. Pelo contrário, a imaginação pode expandir, enganar ou até mesmo bloquear a realidade a partir da criação de mundos alternativos ou realidades contrafactuais. A imaginação é compreendida como parte do fluxo de consciência que se orienta no “*e se/o que seria*” mais do que no “*isso é/o que é*” (VYGOTSKY, 1993/2004 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2013).

Ainda, o autor russo alega que a imaginação é sempre criativa – nunca reprodutiva – e que está atrelada a capacidade de mover-se para frente e para trás no tempo, apresentando-a como uma expansão temporal do mundo experiencial do indivíduo. As criações imaginativas têm como bases a experiência pessoal e emocional individual e seu domínio dos sistemas culturais. Essas criações únicas podem ser tanto transformadoras para o indivíduo, como também para a sociedade. Sendo, a imaginação, portanto, um processo central tanto para a mudança individual, quanto para mudanças sociais (VYGOTSKY, 1993/2004 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2013).

Em referência ao domínio dos sistemas culturais, Vygotsky (2011a apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2013) adverte que a imaginação se desenvolve de acordo com a maestria da

língua e de outros sistemas culturais e sociais complexos. Nesse sentido, ao contrário do que se pensa no senso comum, a imaginação não se opõe à educação, à socialização ou à cultura. Pelo contrário, a imaginação é cultivada pela linguagem, convenções e tradições. Sendo, ademais, o domínio do sistema semiótico é o que possibilita o distanciamento do aqui e agora, bem como a integração e diferenciação hierárquica do pensamento.

Mas, para que serviria a imaginação? Vygotsky (1988) propõe que esse processo cognitivo superior teria um papel fundamental tanto na adaptação das pessoas ao curso da vida, quanto para a criação do novo (desde no cotidiano, até nas artes). Mas por que a imaginação auxilia na adaptação do viver? Ainda, como algo que advém das experiências passadas é possível de relacionar-se com a emergência do novo?

A faculdade de prospectar é uma das características dos processos imaginativos (ZITTOUN et al, 2013), e é fazendo uso dessa capacidade que a imaginação nos possibilita lidar com o que está por acontecer, guiando nossos movimentos na trajetória de vida (ibidem). Destarte, o processo imaginativo possibilita, através da prospecção, adiantarmo-nos e agirmos conforme aquilo que antecipamos dos objetos ou outros sociais. Nesse sentido, é um processo adaptativo e pré-adaptativo para sobrevivência do organismo (ibidem).

Ainda, se pensarmos essa questão em um cenário evolutivo, a faculdade de prospectar o futuro demarca uma realização como membros das civilizações humanas. É essa capacidade que nos possibilita correr entre os tempos (presente<>passado<>futuro), explorando os limites entre realidade presente e distante (realidade imaginada) e entre o que é real e o que é ficcional (Ibidem). Esse fluxo é fundamental para a sobrevivência – discernir quais perigos são reais ou não, e os possíveis riscos antes de ocorrerem. Ademais, é também imperioso no aspecto individual do ser humano: ajudar a preservar a própria visão pessoal de si – SD (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) e a manutenção das memórias autobiográficas (DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) – e da vida (como quero ser ao longo da minha trajetória) (ZITTOUN, 2008).

Ainda, para ZITTOUN e colaboradores (2013) a imaginação possibilita a expansão da experiência e dos conhecimentos dos seres humanos. Isso advém da decomposição, transformação e reinvenção das representações compartilhadas no ambiente social e cultural – que oferecem catalizadores ou técnicas para expandir a imaginação. Assim, nas palavras de Sepper (2013): “A imaginação é, portanto, o poder que os seres humanos têm de situar e

retrabalhar as aparências das coisas contra, ou, entre diferentes contextos, primeiros planos, quadros e campos” (p.8, tradução nossa).

Portanto, desde os estudos de Vygotsky (1988), a imaginação se afasta da faculdade meramente reprodutiva do objeto perceptual, bem como assume uma nova ênfase: o processo imaginativo ao invés da mera análise do seu produto (ZITTOUN; GILLESPIE, 2018). Assim sendo, para a PCDS, a imaginação é um processo cognitivo possibilitado pelos processos semióticos. Mas como os autores da PCDS nos propõe acessar os processos imaginativos?

Para os autores que procuraram estudar a dinâmica do processo de imaginação em sua emergência, a única alternativa é acessá-lo a partir da externalização das pessoas. Nesse campo podemos destacar diversos trabalhos:

(...) estudos de futuros coletivos (SAINT-LAURENT, OBRADOVIĆ, CARRIERE, 2018) ou futuros (im)possíveis (VALÉRIO, BASTOS, TATEO, em preparação), no desenvolvimento humano (ZITTOUN, GILLESPIE, 2016), como processo cultural e social (ZITTOUN, GLĂVEANU, 2017), ou ainda explorando os processos imaginativos metodologicamente (BROWN, TATEO, in press), além de inúmeros artigos (apud VALÉRIO, 2019, p. 32).

Dentre todas essas contribuições da área e suas diferentes perspectivas, exploraremos o modelo que foi elencado como referência para a presente dissertação: processos imaginativos através da teoria do *Gegenstand*, resistência e direcionalidade (TATEO, 2015, 2017). Assim começaremos explorando as contribuições de Valsiner (2014d; 2014e) para, então, acrescentarmos as de Luca Tateo (2015; 2017).

Valsiner (2012;2014a) inspirado na Teoria dos objetos (*gegenstandstheorie*) desenvolvida por Alexius Meinong (1853-1920), propõe a do *Gegenstand*. Para Valsiner (2014d), a teoria do *Gegenstand* compreende que qualquer coisa pode se tornar objeto – inclusive outros seres humanos – e que os objetos não apenas passam a existir, como, em sua existência –quando são criados – resistem à ação do seu “criador”. Com essa afirmação ela não quer dizer que os objetos inanimados possuem intencionalidade, mas que, no processo de transformação de coisas em objetos, o agente passa a atribuir a eles alguma espécie de agência. Nesse sentido, os objetos deixam de ser completamente passivos, eles resistem (ibidem).

Para falar desse objeto que (1) é criado pelo homem e (2) resiste ao próprio agente que o criou, confere-se o nome de *gegenstand*. A nomenclatura já deixa as pistas enunciadas, temos as palavras alemãs *gegen* que significa contra e *stand*, infinitivo de *stehen*, ficar. Assim, temos como síntese *gegen* (contra) + *stand* (ficar) = *gegenstand* (ficar/estar contra o agente). Agora que compreendemos como melhor nomear esses objetos – que, daqui para frente somente serão chamados de *gegenstand* – nos perguntamos: mas como assim resistir? Resistir

a quê? Como essas resistências emergem? Para compreendermos esse conceito (de resistência), vamos recorrer a uma exemplificação utilizada por Valsiner (2007): ele diz que a pedra é uma coisa, mas que quando tentamos transcender seus limites, transformando-a em uma ferramenta manual, essa coisa agora se torna um *gegenstand*.

Disto depreendemos que: (1) ao atribuírmos significados a uma coisa (ex: uma pedra), nós passamos a valorá-la (ex: essa pedra é possível de virar uma arma) e, então, transformamo-las em um *gegenstand*; (2) ao se tornar um *gegenstand*, esse objeto impõe resistências a seu “criador” (ex: dificuldades de tornar-se uma arma devido suas propriedades físicas). Porém, a esse duplo processo, devemos adicionar ainda um terceiro: o agente que sofre a resistência do *gegenstand* pode lançar mão de contra-ações (*counteractions*) (VALSINER, 2014d, p. 160) – estratégias semióticas utilizadas para que emergjam ações com orientação ao futuro – para lidar com as barreiras erguidas pelo *gegenstand* (ex: já que a pedra é dura, vou usar algo mais duro ainda para conseguir transformá-la em uma arma, dentre outras possibilidades).

Ainda, é interessante que todo esse processo – (1) de quais valores se confere a uma coisa para transformá-la em *gegenstand*; (2) de quais resistências do *gegenstand* são vivenciadas ou previstas pelo agente; (3) de quais contra-ações o agente lança mão para transpor (ou não) as resistências previstas/vivenciadas pelo agente – é semiótico. Portanto, observarmos a construção de significados nesse processo é um aspecto chave se quisermos examinar a relação do sujeito com os objetos (*gegenstands*) no meio sociocultural em determinado contexto e tempo.

Compreendendo a mente como um processo de semiose infinita, Tateo (2015; 2017) procura se aproximar da compreensão dos processos de construção de significado a partir da imaginação. Para ele a imaginação é uma função mental superior que tem papel central nos processos de construção de significados. Em suas palavras: “a imaginação não está em oposição ao pensamento racional e à realidade, é antes uma forma específica de adaptação e pré-adaptação ao meio ambiente, que possibilita uma auto-regulação, e essa se dá por meio de um processo de produção de significado” (TATEO, 2015, p. 1). Ainda, para falar desse processo de significação, o autor recorre a Ludwig J. J. Wittgenstein (1889-1951). Wittgenstein (1958 apud TATEO, 2017) utilizava o termo *ver como* para diferenciar esse ato do ato perceptual de enxergar. Mas o que o *ver como* teria de diferente?

O *ver como* não é apenas avistar, mas implica em valorar a coisa que se vê, transformando-a em um *gegenstand*. Assim sendo, o *ver como* implica em um processo de

construção de significado. Ademais, dessa (re)criação de significados, haverá a transformação não só do objeto (*gegenstand*), como também do próprio agente e da relação entre eles. Retomando – a título de esclarecimento – o exemplo da pedra, ao passar a utilizá-la como instrumento, os homens podem passar a se verem de outra forma (ex: mais poderosos, etc.) e a relação entre o agente-*gegenstand* pode mudar (ex: antes, quando era uma coisa, não se precisava tanto de pedras, agora, ao ver como um instrumento, pedras são valiosas). Essa modificação das compreensões de si (SD) (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) e significações conferidas ao objeto podem ser tanto passageiras quanto duradouras (TATEO, 2017).

Para deixar mais claro como o processo do *ver como* ocorre, Tateo (2017) lança mão de um modelo de três níveis do *ver como*. Ele afirma que o primeiro nível é reservado para a questão meramente perceptiva da coisa – enxergá-la com mais ou menos nebulosa. No segundo nível, por sua vez, é quando se inicia o processo de significação – o que transforma a coisa em *gegenstand*. Esse processo não se trata mais de uma questão de percepção, mas do agente estabelecer uma relação de sentido, direcional e afetiva com o objeto que, agora, se torna um *gegenstand*. Isso ocorre a partir de um processo de ênfase – por parte do agente – em algum aspecto desse *gegenstand*, em detrimento de outros. O que é selecionado, ou não, dentre os diferentes significados afetivos, culturais e contextuais são fruto da negociação entre a cultura pessoal e a cultura coletiva. No terceiro e último nível, através da manutenção dos sentidos construídos anteriormente em face ao *gegenstand* o agente produz uma ação.

Assim, os *gegenstands*, para Tateo (2017), compõem uma parte do processo de construção hierárquica de significados. E, ainda, essa construção será sempre orientada ao futuro. X, por exemplo, ao prever as resistências de Y, também passou a prospectar possíveis contra-ações para as resistências previstas (ex: afastar-se, ir saudar, etc.). Tateo (2017) destaca o *ver como* enquanto uma: “(...) uma seleção de características que envolve uma direção intencional para a ação futura e com o objeto [*gegenstand*] (por exemplo, para ver uma pessoa como um fim em si mesma ou como um meio)” (p.236). Porém, ele também adverte que *ver como* não tem uma relação de causalidade direta com a ação produzida pelo agente. Pois, como já mencionamos, as ações são fruto de negociações entre o agente e o objeto, considerando o ambiente (cultura coletiva) e o tempo irreversível.

Assim, é da dualidade de significados em oposição que se abre espaço para a emergência da construção de novos sentidos. A ambiguidade, ademais, ganha um grande

espaço no ato semiótico porque os signos que o agente produz (na construção de significados), de níveis diversos não são mutuamente exclusivos. Assim, pode haver significados em diferentes níveis hierárquicos – seja promovendo ou inibindo ações (VALSINER, 2014e).

Além das negociações entre os diversos níveis hierárquicos do próprio sujeito, há a negociação da cultura pessoal com a cultura coletiva no processo do *ver como*. Esse processo é cultural, orientado por valores e sugestões sociais que podem vir a contribuir tanto para a construção de determinadas ações bem como promover a inibição de outras possibilidades (ibidem). Mas como podemos vislumbrar essas ações?

Já sabemos que os vetores de ação são frutos do processo de significação, porém devemos acrescentar que a natureza deles também depende do tipo de estratégia semiótica (nomenclatura que Tateo (2017) utiliza para aludir às contra-ações) que o agente lançou mão ao deparar-se com o *gegenstand*. Os tipos de estratégias semióticas ou contra-ações (VALSINER, 2014d; TATEO, 2017) são infinitos. Tateo (2017) elenca quatro tipos em seu artigo *Seeingimagination as resistanceandresistance as imagination*. (ver TATEO, 2017) e adverte que, por serem incontáveis, elas devem ser nomeadas e classificadas de acordo com o objetivo dos estudos dos pesquisadores. Aqui somente exploraremos duas delas, visto que foram as que encontramos em evidência na análise dos nossos dados. Trabalharemos, então, com o contorno (*circumvention*) (TATEO, 2017, p.241) e o bloqueio (*blocking*) (TATEO, 2017, p.241).

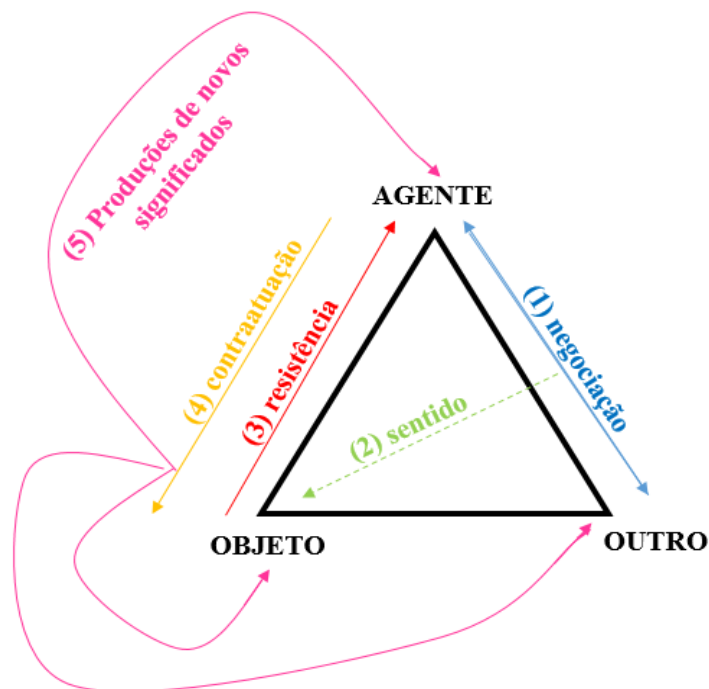
O contorno é aqui definido como uma contra-ação que desviadas resistências do *gegenstand*, construindo significações que transpõem as resistências do objeto, seja através de alternativas “positivas” ou “negativas”. O bloqueio, por sua vez, é um recuo frente a essas resistências, não possibilitando desconstruir as resistências do objeto para operacionalizar o *ver como*. Assim, constroem-se sentidos consoantes às resistências do *gegenstand*.

Assim, na estratégia semiótica de contorno todos os sentidos construídos em cada direcionalidade apresentada pelos vetores de ação, procuram aniquilar a(s) resistência(s) do *gegenstand*. Por sua vez, na estratégia semiótica de bloqueio, todos os vetores possuem valores e sentidos que procuram ignorar a resistência do *gegenstand* – e, portanto, a mantem.

Por fim, cabe destacarmos que optamos por vislumbrar os processos imaginativos a partir dessa concepção de *gegenstand* porque compreendemos que todos os fenômenos psicológicos emergem no encontro com os objetos (TATEO, 2017). Na teoria do *Gegenstand* (TATEO, 2017; VALSINER, 2014a), nós, seres humanos, experienciamos a todo tempo sermos capturados por objetos (ex: o amor de uma mãe, dinheiro, uma divindade, etc.).

Através da atividade perceptiva, nós interrogamos o mundo e o valoramos, *vendo-o como* e, dessa forma criamos *gegenstands* no mundo. O mundo de *gegenstand*, por sua vez, nos interroga em retorno, demandando contra-ações dos sujeitos. Sujeitos esses cujas ações são fruto de produções de significados em negociação consigo mesmo (Posições do Eu) (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002), com o mundo cultural mais amplo e com os outros próximos a nós. Logo, temos uma dança – sujeito<>outros<>objetos (Figura 1) – auxiliada pelos processos imaginativos e rememorativos cujos produtos nós procuramos situar em seu contexto temporal e espacial, analisando-os na trajetória de vida dos indivíduos.

Figura 1 - “Dança” entre o agente, objeto e outro



Fonte: a autora, 2019

Legenda: A figura acima procura ilustrar a relação dinâmica entre o agente<>outro<>objeto. Inicialmente há uma negociação de significados entre a cultura individual e a cultura coletiva, desta tensão temos como produto o segundo vetor, a produção de significados-sentidos sobre um determinado objeto. Ao significar e valorar um objeto, esse se torna um *gegenstand*, atuando, portanto, em resistência ao sujeito (vetor 3 em vermelho). Em face a resistência, o agente irá propor contra-ações, estratégias de ação diversas prospectadas para lidar com a resistência do *gegenstand* (vetor 4 em amarelo). Essa contra-ação pode vir a culminar em novo processo de ressignificação de si (self), do objeto ou do outro (vetor 5 em rosa). A partir disso, o sujeito negocia novamente com a cultura coletiva esses novos significados, retomando o esquema cíclico e contínuo na trajetória de vida dos seres humanos.

3.1.4 “Quem eu serei?”: os processos imaginativos atrelados aos sentidos de si (self dialógico) e suas negociações com a cultura coletiva.

Nós descrevemos os mecanismos pelos quais podemos tentar nos aproximar do estudo da imaginação, mas ainda resta uma questão: se na imaginação nos voltamos às memórias de nossas experiências pessoais, a imaginação é algo individual ou será ela coletiva? Como essa negociação perpassa sobre o que um indivíduo prospecta sobre si e para si?

A imaginação, à primeira vista, é compreendida como algo individual, privada e peculiar, portanto, que embebe das experiências pessoais e na cultura individual do sujeito (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). Todavia, A imaginação, como todo processo semiótico, também é possibilitada pela cultura. É a cultura que fornece ao indivíduo os recursos culturais para sonhar, fantasiar e explorar possíveis futuros. Isso se torna claro se pensarmos que a imaginação sempre ocorre em um espaço específico e um tempo histórico, e que esse ambiente histórico-cultural conferirá barreiras – horizontes imaginativos – ao que pode ou não ser imaginado. Nesse sentido,

(...) a imaginação é um processo socialmente compartilhado, permitindo-nos, através da orientação de construções semióticas complexas, conectar o social e o pessoal, o passado e o futuro, ao presente. A imaginação é, portanto, um processo pelo qual o social e o pessoal estão conectados; é uma excursão que abre um campo de possibilidades limitadas (ibidem, p. 58, tradução nossa).

Assim, a imaginação pode ser como um “halo” (p.58) invisível que delineia a porção da realidade sociocultural que é relevante e que, assim, pode fornecer orientação semiótica para possíveis pensamentos e ações das pessoas. Fixando, assim, o que ZittouneGillespie (2016) intitulam de horizontes imaginativos (p.58).

Os recursos mais utilizados pelos atos imaginativos são os artefatos humanos (ibidem). Os artefatos são elementos culturais que suportam experiências imaginárias. Podemos elencar, a título de exemplificação, as narrativas de outras épocas ou lugares, imagens, esculturas, dentre outros recursos projetados para alimentar e guiar a imaginação dos seres humanos.

Além dos artefatos, “outras pessoas podem fornecer acesso, dar significado valorativo e participar na construção e reconstrução de recursos culturais e, assim, na imaginação” (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p.66). Os outros significativos – familiares, amigos, etc. – são “vias de acesso” para vastos elementos culturais e, portanto, recursos imaginativos. Ademais, os outros sociais são importantes para orientar o uso de recursos no ato da imaginação, através da legitimação ou deslegitimação do uso de determinados recursos culturais. Ou outros sociais ainda podem interferir nos processos imaginativos de alguém através do incentivo ou desincentivo de perseguir determinados futuros e evitar alguns outros.

Isso pode ocorrer numa esfera mais íntima (ex: nos pais influenciando sobre o qual a profissão futura de seus filhos), ou no nível macro (e: como a imaginação coletiva alimenta o desejo de, por exemplo, ser o primeiro humano a andar na lua) (ibidem).

O papel dos terceiros (outros) nos processos imaginativos é bastante claro se pensarmos que também é inerente ao uso dos signos. Os signos aludem a uma unidade triádica eu-signo-mundo que emerge a relação entre self-outros sociais-mundo (ZITOUN et al 2007). Assim, outras pessoas estão sempre implicadas no ato de representação, sejam elas pessoas internalizadas ou um terceiro a quem nos endereçamos. Zittoun e Gillespie (2016) advertem:

As linhas entre o self e o outro, o ego e o alter, dentro da imaginação são borradas e sobrepostas: até o inimigo de alguém, quando se imagina um resultado negativo para ele, é também parte desse alguém. Assim, no nível do self dialógico ou da imaginação dialógica, o desenredamento das vozes é complexo (p. 68, tradução nossa).

As barreiras entre o self e o outro estão longe de ser claras, assim, um possível desenredamentodelesseria árduo – ou até mesmo fictício. O que devemos depreender dessa característica é que o diálogo entre diferentes vozes é fundamental para a dinâmica imaginativa (ZITOUN; GILLESPIE, 2016). Seja a voz do próprio sujeito ou da alteridade, ou da alteridade no sujeito, tudo isso são conteúdos permanentes da imaginação. Portanto, a imaginação é um fenômeno complexo e fundamentalmente dialógico, habitado por múltiplas vozes (GILLESPIE; CORNISH, 2010).

Utilizando-se dos pensamentos de Marková (2003; 2006; 2013 apud ZITOUN; GILLESPIE, 2016), Lévinas (1991/1998 apud ZITOUN; GILLESPIE, 2016) e Mead (1934 apud ZITOUN; GILLESPIE, 2016), Zittoun e Gillespie (2016) concluem que a nossa capacidade de imaginar a perspectiva de outros “(...) é central para nossa compreensão de nós mesmos, nossa independência dos outros e também nosso ser ético” (p.68). Logo, é a imaginação que possibilita os seres humanos verem uns aos outros e, a partir disso, adotar a perspectiva desse outro, consigo ou em si (advindo novas posições do eu). Uma vez que esse outro social é internalizado, novas posições do eu emergem. Por isso Barresi (2012), defende que, para ele, a imaginação diz de um movimento entre posições do eu. Ele é enfático ao alegar: “(...) de fato, é a imaginação que possibilita a reflexão sobre posições do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) distintas e relativamente estáveis em diferentes épocas e novas formas de meta posições temporalmente estendidas e eventualmente meta-posições narrativas a partir delas” (p.50).

Uma vez exposto aqui como a imaginação se relaciona nesse entremeio de negociação entre a cultura individual e a cultura coletiva (VALSINER, 2014a), adentramos na relação entre a imaginação e rememoração.

3.1.5 A prolepsa memória autobiográfica e a reconstrução imaginativa

Como exploramos nos capítulos anteriores, a memória autobiográfica (DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) envolve memórias do passado e uma de suas funções é a diretiva – de prospectar o futuro. Destarte, não lidamos somente com uma reconstrução, mas com uma reconstrução imaginativa de si (self dialógico) ao longo da trajetória de vida – em face da continuidade e descontinuidade do self dialógico (eu era<>eu sou<>eu serei) (Ibidem) no tempo irreversível. Assim sendo, os processos imaginativos estão em uma constante atividade, em um processo contínuo e primordial. Mas como conseguimos prospectar algo novo partindo das rememorações?

O elo de conexão entre a memória autobiográfica e a imaginação já foi aqui explicitada: a terceira função da memória autobiográfica é a diretiva. Mais especificamente, a memória autobiográfica possui o papel de orientar, planejar ou motivar ações futuras com base no passado (PILLEMER, 2003 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).

Muitos autores (DUDAI; CARRUTHERS, 2005 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; SCHACTER; ADDIS, 2007 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; FIVUSH, 2011 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) defendem que a função diretora é a mais importante da memória autobiográfica, por nos conferir um sentido de si (self) e por alimentar o futuro através de sua função proléptica (COLE, 2007 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; VALSINER, 2014a).

Ainda que os autores supracitados considerem a função diretora como a mais importante, De Saint-Laurent e Zittoun (2017), citam um estudo de Buck e colaboradores (2005 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) para alegar que poucas pesquisas exploram a função diretiva da memória e, “(...) quando perguntado por que eles se lembram, as pessoas se referem ao eu e às funções sociais com muito mais frequência do que se referem ao futuro” (p.8).

Todos os achados acima podem ser compreendidos a partir de um simples aspecto: tanto a imaginação quanto a rememoração dependem dos roteiros culturais para se afastarem do presente – seja para prospectar ou rememorar, respectivamente (BERNTSEN; BOHN, 2010 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017; D'ARGEMBEAU, 2012 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Desta maneira, ambos os processos cognitivos se

articulam um ao outro e ambos advêm da relação de separação inclusiva do homem com a cultura (VYGOYSKY, 1988; VALSINER, 2012; 2014a). De Saint-Laurent e Zittoun (2017) destacam:

(...) a dependência mútua de pensar o passado e pensar sobre o futuro, memória e imaginação faz parte do mesmo movimento de pensar, tipicamente em transições, quando o futuro tem que ser definido com base no passado. Por outro lado, examinar como as pessoas imaginam o futuro revela muito sobre como elas imaginam o passado. As coisas estão tão intimamente relacionadas que, às vezes, a lembrança pode aparecer como uma maneira de imaginar o passado. Por outro lado, a imaginação do futuro torna-se uma forma de lembrar quando se está envolvido regularmente, particularmente durante a adolescência (p.10, tradução nossa).

Assim, de acordo com as autoras (ibidem), esses processos estão entrelaçados de uma forma que podemos intitular de prolepsia da memória autobiográfica ou, ainda, de uma reconstrução imaginativa. Uma vez chegando a essa conclusão, levantamos, então, uma importante questão: se esses processos possuem uma relação fundamental, por que eles não têm sido estudados em articulação?

De Saint-Laurent e Zittoun (2017) apontam como hipótese o fato de que, para a compreensão geral, a memória diz sobre o passado (eventos reais) ao passo que a imaginação alude a coisas fictícias ou elocubradas (“não-reais”). Assim, os processos seriam, nessa perspectiva, vistos como paradoxais. Contudo, a partir da revisão operada aqui nessa elaboração, sabemos que essa perspectiva é errônea, dado que os processos imaginativos não se embasam na ficção, mas nas experiências passadas (VYGOTSKY, 1988; ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Assim sendo, tentar pensar esses dois processos juntos, em uma estrutura unificada, possibilitaria superar os limites da literatura de cada um dos processos comumente estudados isoladamente (DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Para esse tipo de estudo, de Saint-Laurent e Zittoun (2017) alegam que observar as transições poderia ser um ponto sensível e fecundo para o estudo da função diretiva da memória. Isso porque, para as autoras, essa função da memória autobiográfica é primordialmente acionada durante os momentos de transição. Ademais, indicam estudos em que se explore tanto a reexaminação do passado à luz do futuro e da definição de possíveis futuros à luz do passado por meio do tempo presente (ZITTOUN; GILLESPIE, 2015). Propõem, ademais, que o que falta nesse campo é um modelo que integre a imaginação e a rememoração, embora elenquem alguns trabalhos com esse objetivo. Em suas palavras:

Embora algumas propostas tenham sido apresentadas, como a ideia de viagem mental no tempo de Tulving (2002), poucas tentativas foram feitas para vincular a

erudição à memória e à imaginação (para algumas exceções notáveis, ver Bartlett (1995) ou Mullally & Maguire (2014) (p.9, tradução nossa).

Acrescemos a essa lista das autoras a proposta de Valsiner (2014a) de estudar os processos psicológicos a partir do que intitula de unidade quadrática. A unidade quadrática teve inspiração tanto nas ideias de Willian Stern (1871-1938), como nas de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Vejamos então no tópico seguinte a conceituação e inspirações da unidade quadrática, posto que nessa dissertação a utilizaremos.

3.1.6 Os processos psicológicos e a unidade quadrática

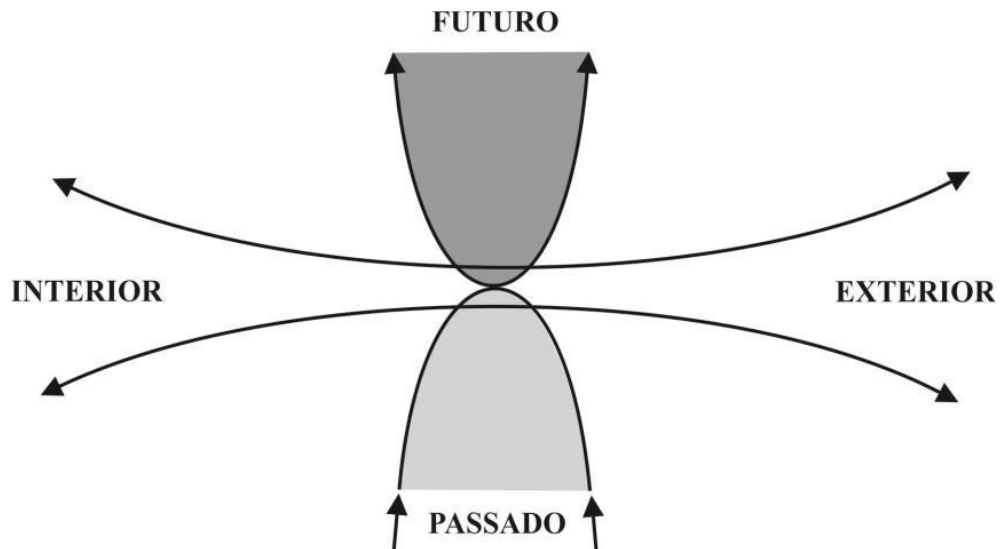
Stern (1938 apud VALSINER, 2014a) propunha que a psique está, a todo instante, sendo negociada por uma dualidade de esforços: o infinito interior (sentimento da pessoa sobre si mesmo) e o infinito exterior (conhecimento ou imaginação sobre o mundo). O autor articula uma representação imagética desse “lugar” da psique.

Assim, para Stern (1938 apud VALSINER, 2014a) cada pessoa tem seu “mundo pessoal” (p. 71, tradução nossa), uma vez que advém da construção pessoal em negociação com o infinito exterior.

Peirce (1935 apud VALSINER, 1998), por sua vez, propõe que a pessoa atua no entremeio (*in-between*) através da insistência das ideias passadas e em direção à relevância do futuro a partir do momento presente. Valsiner (2014a), então, articula uma junção desses pensamentos: tanto o passado e futuro (PIERCE, 1935 apud VALSINER, 1998) quanto o infinito interior e exterior (STERN, 1938 apud VALSINER, 2014a) em um único esquema: a unidade quadrática. Assim, a unidade quadrática se embasa em uma visão dialógica do homem, percebendo-o na interseção de duas dualidades e coordenando continuamente esses quatro infinitos (interno, externo, passado e futuro) no processo semiótico – construção, uso ou destruição de signos. Assim, é nessa interseção das quatro áreas que os fenômenos emergem, bem como também podemos situar a construção de significados.

Assim sendo, o ser humano, em todas suas ações, está constantemente retomando o passado (imaginado e rememorado) – com suas imagens e representações compartilhadas no ambiente social e cultural (que oferecem catalizadores ou técnicas para expandir a imaginação e a rememoração) em diálogo com seus sentidos pessoais (cultura pessoal e memória autobiográfica) – para orientar-se (prospectando) em relação ao futuro.

Figura 2 - Unidade quadrática de Valsiner (2014a)



Fonte: retirado de Valsiner (2014a, p. 72)

Acreditamos, então, que a unidade quadrática proposta por Valsiner (2014a) não só é um modelo possível para nos aproximarmos da relação intrínseca entre os processos rememorativos e imaginativos (através do passado<>futuro), bem como possibilita, ademais, examinar as trocas entre o sujeito e o meio (através do infinito interior<>exterior). Assim sendo, lançamos mão dessa unidade quadrática para entendermos o papel da memória e imaginação atrelada ao self dialógico em dois pontos (posições do eu) específicos da trajetória de vida dos nossos participantes.

Entretanto, uma vez que nos orientamos pelos princípios da PCDS, não poderíamos entender o papel dos processos cognitivos superiores no fenômeno que desejamos observar, sem nos atentarmos para o contexto em que se dá a negociação entre a cultura individual<>coletiva (infinito interior<>exterior). Seguiremos, então, para o complemento da dinâmica do self no tempo irreversível: o dinamismo do self dialógico em seu contexto.

3.2 O SELF DIALÓGICO NO ESPAÇO E A IDIOSSINCRASIA DA TRAJETÓRIA DE VIDA HUMANA: A ABORDAGEM DE EQUIFINALIDADE DE TRAJETÓRIAS (TEA) E AS AVENIDAS DE SIGNIFICADO DIRIGIDO (ADM)

A Psicologia Cultural da Dinâmica Semiótica considera a psique humana como social em sua ontogenia e construtiva em sua microgênese (VALSINER, 2000; 2012; 2014a). Destarte, essa visão psicológica é necessariamente histórica, e, a ela, acresce-se uma visão de cultura nos moldes da *Völkerpsychologie* (DIRIWÄCHTER, 2004 apud VALSINER; SATO,

2006). Assim, compreende-se que o desenvolvimento se dá não só em um momento histórico e temporal específico, como em negociação com os outros sociais e do próprio sujeito com suas posições do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) – ocupadas no passado, que assume no presente e/ou que prospecta para seu futuro.

Deste modo, para bem examinar a questão aqui proposta e contemplar os pressupostos teórico-metodológicos (VALSINER, 2000; 2012; 2014a) que orientam essa dissertação, buscaremos situar essas eclosões – do início e fim da autolesão – no curso de vida do participante, para que possamos analisá-los a partir dessa figura geral: da trajetória de vida do participante. Mas o que é o curso de vida?

Entende-se o curso de vida enquanto algo que é “(...) graduado por meio de instituições e estruturas sociais, e está embutido em relacionamentos que restringem e apoiam o comportamento – tanto o curso de vida individual quanto a trajetória de desenvolvimento de uma pessoa estão interconectados com a vida e o desenvolvimento dos outros”. (ELDER, 1998 apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009, p. 219, tradução nossa). Assim, os estudos que se dedicam a examinar o curso de vida buscam aproximar-se da trajetória de desenvolvimento dos indivíduos.

Cabe destacar, todavia, que não é qualquer tipo de trajetória. Os estudos de trajetória devem considerar: (1) o desenvolvimento humano e envelhecimento como processos ao longo da vida; (2) a agência humana; (3) o tempo e lugar histórico; (4) os momentos dos eventos em uma vida; (5) e que as vidas são vinculadas a outras e aos outros sociais (ELDER, 1985 apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009; DAALEMAN; ELDER, 2007 apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009).

Dentre todos esses aspectos acima contemplados, iremos evidenciar dois deles: a dimensão temporal e o contexto histórico. Começaremos falando acerca da questão temporal. Esse adendo acerca do tempo é fundamentado na advertência de Valsiner e Sato (2006; SATO; VALSINER, 2010), bem como de Sato, Hidako e Fukuda (2009) de que a noção temporal não é usualmente levada a sério, sendo costumeiramente desprezada pelos estudos psicológicos. O aspecto temporal não deveria ser colocado em segundo plano (ou até mesmo esquecido), pois, como defende Valsiner (2000; 2012; 2014a), a irreversibilidade do tempo é um dado absoluto para o estudo de todos os fenômenos vivos.

O do segundo aspecto – da historicidade – por sua vez, retoma elementos já destacados. Valsiner e Sato (2006) são bem claros quando dizem que, caso seja negligenciado

o contexto, estamos frente à construção de um caminho e não uma trajetória. Logo, as trajetórias somente podem ser traçadas se evidenciarmos o contexto em que ela se configurou (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010).

A fim de auxiliar estudos do curso de vida dentro da ciência psicológica que contemplem tais pressupostos teóricos, Valsiner, Sato e Yasuda(2014) criaram desde 2004 uma nova metodologia, teoria e epistemologia: a abordagem de equifinalidade de trajetórias (*TrajectoryEquifinality Approach* – TEA) (ibidem). Essa metodologia possibilitou avanços como:

- (a) unir o psicologicamente real e o imaginário através da construção de um modelo de trajetórias de vida dentro do tempo irreversível;
- (b) a criação de unidades de análise molares (Gestalt - “análise em todo funcional mínimo” - nas palavras de Lev Vygotsky) em vez de passar para as “análises em elementos” reducionistas;
- (c) criar a arena para desenvolver formas de analisar oposições (tensões) que cruzam a linha do passado e do futuro (p. 97, tradução nossa).

Para isso, o TEA se subdivide em três subcomponentes: (1) o Modelo de Equifinalidade de Trajetórias (*TrajectoryEquifinalitymodel* – TEM); (2) a metodologia de Amostragem Estruturada Historicamente (*HistoricallyStructuredInvitation* – HSI); (3) o modelo da gênese de três camadas (*The threelayermodelof Genesis* – TLMG). O TEM é a referência para o TEA, conjecturando uma metodologia para descrever trajetórias – por meio de diferentes tipos de pontos – no tempo; o HSI, por sua vez, é uma metodologia de amostragem para pesquisa qualitativa; e o TLMG, por fim, busca entender como os signos emergem num tempo e espaço particular da trajetória (usualmente nos pontos de bifurcação – os quais conceituaremos e explicaremos mais à frente). Explicaremos cada uma das subpartes do TEA a seguir.

3.2.1 O Modelo de Equifinalidade de Trajetória (TEM)

O Modelo de Equifinalidade de Trajetória (*TrajectoryEquifinalityModel*- TEM) (VALSINER; SATO, 2006; SATO et al, 2007) é uma ferramenta metodológica que visa descrever a diversidade de trajetórias – reais ou imaginadas – considerando as transformações ocorridas “no tempo irreversível e com cronogênese¹⁴” (SATO; VALSINER, 2010, p. 90, tradução nossa). Destarte, é uma nova proposta para descrever a trajetória do desenvolvimento humano sob a ótica da abordagem histórico-cultural (SATO et al, 2007).

¹⁴Termo que os autores utilizam para se referir a invenção cultural do tempo em todas suas formas – seja ela repetitiva, indicativa, existência ou como abstração formal (ver SATO; VALSINER, 2010). Destacam que o tempo é irreversível tanto em seu papel, como nos processos de emergência e na construção pessoal-cultural do mesmo.

Isso porque se compreende que “(...) toda a experiência vivida está inserida em tempo e lugar específicos, ou seja, cultura. A personalidade não é uma ‘variável dependente’ para a experiência vivida, mas um fenômeno de sistema aberto” (SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009, p. 228).

Como bem frisa Valsiner (2018a), o TEM se difere de outros modelos inclusivos no tempo porque inclui o que poderia emergir – ainda não real ou não real, portanto, o hipotético – em contraste ao que já surgiu (passado e o momento presente). Esse complemento se faz imprescindível para que possamos entender esse processo no âmbito do desenvolvimento.

3.2.2 O Convite Historicamente Estruturado (HSI)

Os participantes do TEM são selecionados a partir do Convite Historicamente estruturado (*Historically Structured Invitation* – HSI)(SATO, 2016). O HSI é um método de amostragem de casos individuais que tem como pressuposto selecionar os participantes com base em suas histórias de curso anteriores conhecidas (SATO et al., 2007). Opta-se, então, por participantes que chegaram a um estado psicológico e/ou passaram por alguma experiência através de diferentes trajetórias de curso de vida – o que aqui será chamado de equifinalidade. Logo, é o pesquisador que decide qual aspecto de um sistema historicamente organizado será o objetivo de sua investigação (e que constituirá seu ponto de equifinalidade) (SATO et al., 2007). Uma vez que é o pesquisador que faz um convite aos participantes a partir dos seus objetivos, Sato (2016) propôs uma mudança ao nome desse método de amostragem – antes nomeado de Amostra Estruturada Historicamente (*Historically Structured Sample* – HSS)(VALSINER, SATO, 2006; Sato et al., 2014) – para HSI.

A noção de equifinalidade do TEM advém da de Ludwig Von Bertalanffy (1968 apud VALSINER; SATO, 2006) na Teoria Geral dos Sistemas (*General Systems Theory* – GST). Bertalanffy (1968 apud VALSINER; SATO, 2006) retira da filosofia geral vitalista de Driesch sua perspectiva organísmica de modelo multilinear para direções similares (equifinalidade). Ele acreditava que os indivíduos e organizações eram sistemas abertos, ou seja, que dependem do ambiente para contínuo intercâmbio de matéria/energia/informação. Ainda, propõe que os sistemas abertos têm como princípio fundamental a equifinalidade (BERTANFFY, 1968 apud VALSINER; SATO, 2006) que propõe que:

(...) em qualquer sistema fechado, o estado final é inequivocamente determinado pela condição inicial (...) Isso não acontece em sistemas abertos. Aqui, o mesmo estado final pode ser alcançado a partir das condições iniciais e de maneiras diferentes. Isso é o que é chamado de equifinalidade, e tem um significado

significativo para os fenômenos da regulação biológica (VON BERTALANFFY, 1968 apud VALSINER, SATO, 2006, p. 9, tradução nossa).

No TEM, o ponto de equifinalidade (*EquifinalityPoint*- EFP), portanto, pode ser vislumbrado enquanto um lugar de similitude nos cursos de vida dos sistemas (ou seja, dos participantes). O TEM baseia-se na suposição de que “todos fenômenos históricos se movem no tempo e em suas trajetórias únicas que às vezes convergem para Pontos de Equifinalidade” (VALSINER; SATO, 2006, p.10, tradução nossa). Assim, o EFP é o critério central da seleção amostral pelo HSI. O HSI é uma técnica de amostragem que considera a relação sujeito<>ambiente, posto que lida com sistemas abertos, que recebem informações e interagem dinamicamente ou trocam com seu ambiente (VALSINER; SATO, 2006; SATO et al., 2007; SATO; VALSINER, 2010).

3.2.3 Retomando o TEM

O TEM é uma ferramenta que possibilita o estudo dessas relações ao compreender o indivíduo que percorre sua trajetória possui, em uma analogia à biologia, bordas condicionalmente permeáveis por esse fluxo entre o individual e o cultural. É nessa relação que se situa a semiose enquanto “(...) uma solução para lidar com a tensão da vida reflexiva dentro do mundo inerentemente instável” (VALSINER, 2008, p.60). O TEM por si só não inclui a semiose, porém possibilita mapear o plano de fundo para que possamos localizar onde os atos de construção de significado estão ocorrendo e suas funções na organização do fluxo psicológico. Mas como isso ocorre?

Para entender a diversidade em que as trajetórias podem se desenvolver Valsiner e Sato (2006) preconizam examinar todos os pontos que conduzem ao EFP. Ao conjunto de todos os pontos que podem existir em uma trajetória conferem o nome de Pontos de Passagem (VALSINER; SATO, 2006). Esses pontos de passagem podem ter naturezas diversas e são elencados a partir da narrativa do participante. Elencar-se-á abaixo os diferentes tipos de ponto de passagem, bem como alguns elementos extras que compõem o TEM.

Ponto de equifinalidade polarizado (*Polarized-Equifinality Point* – EFP-P): Proposto por Valsiner e Sato (2006) para balancear ou “neutralizar o sistema de valor implícito do pesquisador” (SATO et al, 2007, p.98). No nosso caso, os pontos foram não-cortar-se (para o P-EFP 1) e cortar-se (para o P-EFP 2) em contraposição ao EFP 1 de se cortar e ao EFP 2 de não se cortar.

Pontos de passagem obrigatória (*Obligatory Passage Point* – OPP): No decorrer histórico e no tempo irreversível pode haver alguns pontos de passagem obrigatória na trajetória dos participantes.

Ponto de Bifurcação (*Bifurcation Point* – BFP): Refere-se quando há diferentes alternativas de trajetória para o sujeito escolher (ex: casar-se<>não-se-casar).

Ponto de multifinalidade (*Multifinality Point* – MP) ou Zona de equifinalidade (*Equifinality Zone* – ZoF): A multifinalidade refere-se à multiplicidade de finalidades que pode haver após o EFP ou do P-EFP. Mesmo o pesquisador enfocando o EFP ou P-EFP, cada pessoa tem sua própria vida e nela suas metas e objetivos. Utiliza-se, então, MP para quando há uma finalidade clara depois do EFP. Caso não, utiliza-se ZoF. Ao contrário do MP que é do participante, a ZoF advém da visão do pesquisador sobre os objetivos ou melhor, zona de objetivos, do participante.

Direção Social (*Social Direction* – DS): A DS alude ao poder cultural social dirigido. A cultura – pelas tradições, normas sociais e pressão social – pode dirigir a algumas trajetórias em detrimento de outras. É definido como poder de inibição para ir para o EFP.

Orientação Social (*Social Guidance* – OS): A OS, por sua vez, se remete ao poder de defesa contra a DS. Esse movimento se torna possível dado que a OS compreende energia fornecida por pessoas íntimas (familiares, amigos, professores, etc.) para ir contra a DS. É definido como poder de promoção para ir para o EFP.

Orientação pessoal sintetizada (*Synthesized Personal Orientation* – SPO): refere-se à orientação própria da pessoa em sua trajetória que se desenvolve ao longo da vida. Ou seja, uma pessoa prossegue com sua orientação como um sistema aberto (o que significa que a orientação não é derivada internamente) e luta para perceber sua própria orientação contra as direções sociais (DS), através do apoio da orientação social (OS) fornecida pelas relações sociais íntimas (SATO; VALSINER, 2010; SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009)

Trajетória sombra: esse conceito advém dos estudos de De Souza Bastos (2017). A autora percebeu que existe um movimento de “(...) construção de significados sobre trajetórias de desenvolvimento não realizadas ou interrompidas no passado – metaforicamente denominadas (...) como ‘trajетórias de sombra’, emprestando as estratégias narrativas sombreadas por Bernstein (principalmente ressonância e sombreamento)” (p.413). Ou seja, nos fala de como algumas trajetórias abandonadas podem vir a retomar enquanto trajetórias sombra a partir de novos significados construídos pelos sujeitos.

Todos os elementos supracitados servem de base para a construção da trajetória. Valsiner e Sato (2006), bem como Sato e colaboradores (2007) propõem os mesmos passos para usar o TEM:

- A) localizar o ponto de equivalência relevante (EFP) - bem como todos os OPPs relevantes - no mapa genérico das trajetórias, necessariamente presente para o sistema genérico dos processos sob investigação (atividade teoricamente baseada),
- B) mapeamento empírico de todos os casos particulares – sistemas abertos ao estudo que passam por esses pontos, e
- C) comparação de diferentes trajetórias reais à medida que se aproximam do ponto de equifinalidade sobrepondo em cada trajetória um padrão de “medida de alcance” teoricamente significativo – derivado de (A) – que especifica se a trajetória dada se encaixa no reino dos casos selecionáveis. (p.12, tradução nossa).

3.2.4 Um complemento ao TEM: o modelo da gênese de três camadas (TLMG)

O TLMG aparece em cena como um acréscimo ao TEM. Entretanto, Sato (2016) alega que o TLMG é o “(...) núcleo do TEA” (p.x) visto que:

(...) nos fornece o mecanismo hipotético de transformação da psique individual através dos signos em tempo irreversível. O TLMG é uma estrutura para entender a natureza transacional dos signos, pois eles são organizados em um sistema dialógico do self nos níveis de microgênese, mesogênese e ontogênese¹⁵. Aqui está implícito de que o self não é uma entidade homogênea, mas um processo complexo de vozes diferentes. O TLMG torna possível entender como os sinais emergem em um determinado momento e lugar (ex: na bifurcação) em uma trajetória de vida (p.x, tradução nossa).

Assim, o TLMG propõe o mapeamento dos reguladores semióticos promotores e/ou inibidores, do self, bem como o destaque dos diferentes níveis de generalização. Portanto, esse modelo nos possibilita destacar os níveis de generalização da experiência afetiva criada no tempo e socialmente regulada (VALSINER, 2012).

Ainda, é importante sublinhar que não há isomorfismo nesses três níveis de organização da vida humana (Eventos microgenéticos podem ser impactados por eventos mesogenéticos e ontogenético – ex: a experiência microgenética da morte de um ente querido pode ser apoiada e guiada por formas mesogenéticas [rituais coletivo-culturais no funeral e no luto, dentre outros], de modo a amortecer seu potencial impacto sobre o nível ontogenético de organização).

¹⁵No nível microgenético temos os eventos próximos e inéditos nos quais os sujeitos criam dispositivos semióticos para conferirem estabilidade a esse encontro a partir dos significados construídos ao longo da ontogênese (ao longo do curso da história humana). No nível mesogenético alude-se às molduras para a ação humana relativamente repetitivas, aos contextos culturais de ser. Por fim, no nível ontogenético, há um aspecto mais duradouro, é onde “certas experiências selecionadas – algumas diretamente do domínio microgenético, mediante eventos mesogenéticos recorrentes – são transformadas em estruturas de significado relativamente estáveis, que orientam a pessoa dentro do curso de vida” (VALSINER, 2012, p. 252).

3.2.5 Estudos sobre o self a partir da Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias (TEA)

Após esse apanhado geral sobre o TEA, esse subtópico procura articular um pequeno parêntese para explorarmos estudos dessas abordagens metodológicas (TEM, HSS e TLMG) atrelados a temas afins dessa dissertação: self dialógico e adolescentes que se autolesionam.

Acerca do primeiro conteúdo elencado – o estudo do self dialógico –, no livro *Making of Future: the trajectory equifinality approach in Cultural Psychology* editado por Sato, Mori e Valsiner (2016) há uma parte reservada à temática do TEM e o Self dialógico (Parte III) com três capítulos (HERMANS, 2016; KONOPKA; BEERS, 2016; CORTÉS, 2016). No primeiro deles Hermans (2016) alega que há uma “comunidade entre o TEM e a Teoria Self Dialógico” (p. 107), explicando que “são bem próximos ao mostrar que mudanças situacionais podem conduzir as pessoas para diferentes ou novas posições que implicam em diferentes ou novas trajetórias” (p. 109). Ilustra suas premissas em alguns recortes no seu estudo com um casal recém-divorciado, procurando compreender como se deu esse processo.

Em seguida, Konopka e Beers (2016) adicionam que o TEM possibilita compreender o desenvolvimento do self no contexto do tempo irreversível. Os autores compreendem o self a partir da TSD, então, pelas suas diferentes posições (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010) e exploram duas diferentes dimensões do self – verbal/flexível e não-verbal/sensória – em *Compositionworks*¹⁶(KONOPKA; HERMANS, 2006)

Sato, Hidako e Fukuda (2009) destacam que Cortés (apud SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009) foi um dos primeiros a tentar integrar o estudo do self dialógico a partir da metodologia do TEM. Interessado em estudar a desistência durante cursos superiores, o autor selecionou “Eu como educador (educação superior)” como EFP e “Eu como uma pessoa sem educação superior” para EFP-P de sua pesquisa. Aponta que uma das contribuições de estudar o self dialógico foi possibilitar não valorar a desistência como algo bom ou ruim *per si*. Ponto positivo esse que também vislumbramos nesse trabalho – porém a respeito da autolesão.

Findamos, então, essa pequena revisão de estudos do TEA. Apesar de não haver muitos estudos na área, essa revisão possibilitou uma aproximação com o fenômeno ao qual aqui nos debruçamos. Entretanto, cabe destacarmos, desde já, que a presente dissertação tem

¹⁶*Compositionwork* é um método de arte terapia e coaching que visa aprofundar a consciência da emoção e o mundo interior como um guia para o crescimento e a mudança, permitindo, através da arte, a experimentação criativa e expressão simbólica para além das palavras. O método baseia-se na teoria internacionalmente conhecida do Self Dialógico (HERMANS, 2000) e na tradição estético-contemplativa dos jardins Zen japoneses. O método foi originado por Konopka e Hermans (2006).

como proposta lançar mão de uma metodologia inspirada no TEA, porém com algumas adaptações. Isso porque, como viemos discorrendo, alguns outros conceitos se fazem imprescindíveis de serem mapeados na trajetória – a saber: posições do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002), rupturas (ZITTOUN, 2007), transições (ZITTOUN, 2009), esferas de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e reguladores semióticos inibidores, promotores e catalíticos (CABEL, 2010).

O acréscimo de tudo isso no mapeamento da trajetória nos distancia do uso comum do TEA – o que articularemos com maiores explicações na opção metodológica (Parte IV dessa dissertação) – e, portanto, acreditamos que irá proporcionar uma nova mirada nos estudos do self dialógico e proporcionar outros achados na matemática de adolescentes autolesivos. Contudo, há ainda um outro e último, acréscimo teórico a nossa mirada de como analisar as trajetórias de vida: acreditamos que as trajetórias humanas são traçadas através da interação com o ambiente sociocultural. Essa concepção consta nos princípios teóricos do TEA, mas como explicitar isso uma vez que o TEA somente nos possibilitará organizar os dados? Para acentuarmos o papel do ambiente em constante negociação com o indivíduo – sendo esse um dos eixos da unidade quadrática (VALSINER, 2014a) – lançamos mão do conceito de Avenidas de Significado Dirigido (ADM) proposto por Lyra, Valério e Wagoner (2018). Examinaremos o que esse conceito abarca e quais as ampliações que ele proporciona ao ser acrescentado ao TEA.

3.2.6 O nosso olhar sob as trajetórias: as avenidas de significados dirigidos (ADM) em diálogo com o TEA

Lyra, Valério e Wagoner (2018) propõem que toda construção de significados se dá em diálogo com as avenidas de significados dirigidos (ADMs) disponíveis na sociedade. Em suas palavras: “a ADM compreende uma construção simultaneamente pessoal e social de cursos de vida socialmente dirigidos” (p.1).

O uso do termo avenida deriva de uma metáfora conceitual de *Life as a Journey* (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e do poema de Robert Frost, *The road not taken*, sendo escolhido pois alude a possibilidade e/ou restrições espaciais e temporais. Por espacial, os autores se referem a “(...) seguir uma rota já organizada por significados societários presentes em diversas mensagens sociais, normas sociais e condutas individuais” (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018, p.3).

Destarte, as ADMs buscam exhibir as dimensões analógicas especiais e temporais em diálogo com as trajetórias dos sujeitos em seus cursos de vida. Assim, o uso desse conceito destaca como os significados disponíveis no ambiente sociocultural guiam e modulam – pelas avenidas de significados dirigidos – a construção de significados dos indivíduos ao se moverem em sua trajetória.

Os autores alegam que a abordagem da ADM pode ser vista como algo complementar a Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias (TEA) (Sato et al., 2014) – mais especificamente ao TEM – posto que possibilita “um exame mais detalhado dos significados societários-coletivos disponíveis em contextos específicos e em momentos específicos, bem como as várias restrições sociais encontradas” (p.3). Para a utilização da ADM os autores advertem que é necessário acompanhar um período do desenvolvimento para se explorar-se isso, devido ao caráter reconstrutivo da memória.

A opção, então, por acrescentar o conceito de ADM ao TEA possibilita não só que construamos a trajetória de vida do participante em sua dimensão temporal de eventos consecutivos, como articularmos dimensões analógicas especiais. A junção entre o temporal e espacial é imprescindível nessa dissertação, assim sendo, todos esses arcabouços teóricos visitado nos possibilita nos aproximarmos do papel dos processos cognitivos na mudança de posição do eu dialógico dos nossos participantes. Mas quem são esses sujeitos? Quais são suas particularidades? Procuraremos responder esses questionamentos no capítulo a seguir.

4 ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM?

Nós utilizamos um recorte para os sujeitos da nossa pesquisa: serem adolescentes que praticaram autolesão e terem parado de se autolesionar. Mas o que é exatamente “ser adolescente”?

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência compreende um período que se estende de 12 aos 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Embora haja na literatura (PALÁCIO; OLIVA, 2004) diferentes intervalos de idade atrelados ao “ser adolescente”, optamos pelo ECA como parâmetro dado que esse estatuto tem sido utilizado no Brasil como referência para criação de leis e programas referentes aos direitos desta população desde 1990. Assim sendo, nos pareceu uma representação sensata – dentro desse cenário arbitrário – para situarmos esse período desenvolvimento em um quantitativo de anos de vida.

Independentemente de quando começa ou de quando termina, a adolescência compreende um período em que a pessoa não é mais criança, porém ainda não adquiriu o status de adulto (ibidem). Essa “situação” típica do desenvolvimento é nomeada por Erikson (1968 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) como moratória social – caracterizada como uma espera oferecida pela sociedade para os jovens que virão a exercer o papel de adulto.

Além de ser transiente entre o período adulto e o infantil, a literatura (PALÁCIO; OLIVA, 2004) destaca que a adolescência possui algumas características marcantes: esses sujeitos estão inseridos em contextos de aprendizagem (escolar ou outro) ou na busca por emprego estável; há possivelmente uma dependência dos pais (financeira e/ou emocional); estão em transição de um sistema de apego familiar para centrar-se em grupos iguais (ou ainda em um único alguém); são membros de uma cultura de idade com próprios hábitos, modas, preocupações e inquietações específicas.

Assim, a representação social¹⁷ de “ser adolescente” é representada como rebelde, agressivo, instável, dependente, com grande necessidade de autoafirmação, com tendência grupal e identidade em formação (COVAL, 2006). Ainda, os meios de comunicação indicam concepções diversas, mas sempre com acento em aspectos negativos: assinalam características como o consumismo, o individualismo, o conservadorismo, o senso de rebeldia, etc. Em

¹⁷ Compreendida como o senso comum, imagens, concepções e visão de mundo que os atores sociais, ou seja, as pessoas possuem sobre a realidade. Elas são fruto da convivência do dia a dia entre diferentes indivíduos bem como de seus conteúdos psíquicos individuais que interpretam as figuras e expressões socializadas segundo seu próprio potencial (MINAYO, 1999).

contrapartida, nas pesquisas acadêmicas há uma imagem mais favorável, menos estereotipada e sem o mesmo tom de acusação moral (SCHMIDT, 2001). Todos os traços supracitados, que correspondem ao que compreendemos na cultura coletiva por adolescência, foram produto do século XX no ocidente (PALÁCIO; OLIVA, 2004).

Uma vez mencionando a questão temporal, uma das características mais marcantes da adolescência é a puberdade. A puberdade é um fenômeno universal para todos os membros da espécie humana. Ela é compreendida como “(...) o conjunto de mudanças físicas que ao longo da segunda década de vida transformam o corpo infantil em um corpo adulto capacitado para a reprodução” (ibidem, p. 311). Essa transformação do corpo sofrerá claras diferenciações em relação aos sexos (masculino ou feminino) – tanto em referência às características sexuais primárias (órgãos reprodutores) quanto secundárias (mudanças no corpo como pelo fácil, mudança na voz, etc.).

Essas mudanças hormonais ocorrem devido à atividade do hipotálamo – que envia sinais para a hipófise ou glândula pituitária para que libere as gonadotrofinas, que estimularão as gônadas sexuais (os ovários ou testículos) (ibidem). Frente situações estressoras esse “gatilho” biológico da puberdade pode se antecipar ou atrasar em relação ao calendário cronológico previsto. Mas qual é o tempo previsto?

A emergência da puberdade se dá durante o período desenvolvimental que intitulamos de adolescência. A adolescência, por sua vez, é “(...) um período psicossociológico que se prolonga por vários anos mais e se caracteriza pela transição entre a infância e a idade adulta” (ibidem, 2004, p. 311). Assim sendo, a adolescência é um fato psicossociológico – com variação histórica, cultural.

Ainda, embora adolescência seja um conceito chave e bastante difundido, ela tardou para ser objeto de estudo com concepção unitária e homogênea acerca de seu sentido e significado psicológico (ibidem, 2004). Alguns autores destacam-na enquanto uma etapa de instabilidade e de dificuldades emocionais, enquanto outros alegam o extremo oposto: que é um período tranquilo e feliz.

A imagem da adolescência enquanto período turbulento e atormentado, na literatura, apareceu com Shakspeare e Milton, consolidada com Schiller (*Tempestate e ímpeto*) e Goethe (*Os sofrimentos do jovem Werther*). No terreno psicológico temos a obra *Adolescence* de Stanley Hall, em 1904. Nesta obra Hall (1904 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) defende que a adolescência “representava um momento crítico do desenvolvimento humano por corresponder ao momento da evolução da espécie humana que supunha a passagem da

selvageria para o mundo civilizado” (p. 311), sendo um período de tensões e sofrimentos psicológicos devido aos conflitos entre os impulsos e as demandas da sociedade.

Dentro da área da psicologia do desenvolvimento, temos com destaque o livro *Identidade, juventude e Crise* de Erik Erikson (1976). Erikson (1976) considera a adolescência como um período fundamental a constituição da identidade, ou seja, de como o sujeito vê a si mesmo. Procurando contemplar o papel dos fatores sociais e culturais, o autor alega que são as mudanças físicas, psíquicas e sociais conduzem o adolescente a uma crise de identidade, cuja resolução culmina na consolidação da personalidade adulta.

Na sociologia podemos destacar as contribuições de Robert Havighust (1972 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) que propõe a adolescência como um período marcado pela convergência entre as necessidades do jovem e as demandas sociais. Desse choque, o autor afirma que há oito tarefas evolutivas que devem ser enfrentadas: a aceitação do próprio corpo, consolidação do papel de gênero, o estabelecimento de relações mais maduras, independência emocional dos pais, preparação para a carreira profissional e a vida de casal e família, aquisição de uma série de valores como guia para seus comportamentos.

Todos os autores que visitamos, até então, de forma direta ou indireta – ao destacar a resolução de conflitos ou tarefas durante a adolescência – contribuiu para que esse período fosse visto como de turbulência e instabilidade. Dessa ideia emerge uma corrente de estudos que a vislumbram como uma fase de tempestade e estresse (NEWCOMBE, 1999) e vê os adolescentes como conflituosos e conturbados (TOMMASI, 1999). Essas compreensões até hoje perpassam pelo senso comum, embora não sejam as únicas.

Buscando acentuar a adolescência enquanto um período tranquilo, temos a antropóloga Margaret Mead (1928 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) que observou adolescentes em Samoa, na Oceania, e concluiu que esse era um período agradável e feliz. Piaget (apud PALÁCIO; OLIVA, 2004), por sua vez, afirma que a adolescência é um período de desenvolvimento intelectual. Isso porque, para ele, o estágio final da sequência do desenvolvimento cognitivo é por volta dos 14 ou 15 anos. Ao adentrar nesse estágio, o adolescente encontra novas formas de enfrentar cognitivamente – agora com maior capacidade de pensar de maneira abstrata – as diversas tarefas e conteúdos que lhe são propostos.

Ainda defendendo essa outra “ótica” da adolescência, Coleman (1980 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) – ao entrevistar adolescentes (11 a 17 anos) – conclui que ainda que os adolescentes tenham que enfrentar novos papéis, compromissos e conflitos, as dificuldades

não se apresentam de forma simultânea, elas ocorrem ao passo que eles respondem a novas demandas e assumem novos papéis. Portanto, defende que essa não é uma época de estresse, e que a imagem negativa da adolescência se dá em função da repercussão que os comportamentos desajustados (abuso de drogas, delinquência, vandalismo, etc) têm nos adultos.

Offer e Boxer (1991 apud PALÁCIO; OLIVA, 2004) destacam que a porcentagem de desajuste dos adolescentes chega a 20% – coincidindo com a porcentagem de crianças que apresentam problemas na infância. Assim sendo, o quantitativo de desajuste de crianças e adolescentes seria semelhante. O que há, contudo, é uma mudança qualitativa nas manifestações comportamentais desses desajustes: na adolescência esses são traduzidos em condutas como suicídio, abuso de drogas, anorexia, dentre outras que geram preocupação social. Esse aspecto – de gerar alarde social – não é encontrado na infância, sendo algo particular do adolescente. Mas por que esses desajustes têm sido tão vistos atualmente? E quais as consequências disso?

Há dois principais aspectos e ambos dialogam com o presente estudo. A primeira consideração é que, sem findar as tarefas peculiares da etapa desenvolvimental que é a adolescência, as compreensões do sujeito sobre si mesmo ficam nebulosas. Isso não só dificulta a relação da própria pessoa consigo mesma (o diálogo entre suas posições do eu), bem como na relação com os outros sociais.

O segundo aspecto já foi dito: os desajustes têm aumentado de ocorrência, bem como suas múltiplas facetas. Poderíamos então acrescentar a autolesão às manifestações comportamentais de desajuste? Mas o que seria autolesionar-se?

Antes de adentrarmos na conceituação do que compreende os atos autolesivos, iremos fazer um pequeno adendo para falar das particularidades dos processos cognitivos em questão: rememoração e imaginação durante a adolescência.

4.1 OS PROCESSOS COGNITIVOS (REMEMORAÇÃO E IMAGINAÇÃO) MUDAM NA ADOLESCÊNCIA?

Já havíamos destacado que os processos imaginativos se tornam mais evidentes frente às rupturas/transições. A partir da revisão acerca da adolescência, percebe-se que puberdade, bem como também a adolescência, é uma descontinuidade em relação à infância experienciada pelo sujeito em crescimento (PALÁCIO; OLIVA, 2004). Assim, certamente a

imaginação é um processo imperioso no adolescer (ZITTOUN et al, 2013), mas em qual aspecto?

Esse é um período em que, para o adolescente, tudo parece ser possível, sem caminhos claros, demarcados, sem uma predição por parte de pais e cuidadores que temem o que seus descendentes irão enfrentar (ZITTOUN et al, 2013). Neste cenário, os adolescentes precisam lidar com incertezas, ambiguidades e criar opções, traçando caminhos. É aqui que entra o papel do processo imaginativo, como a faculdade de visualizar opções nesse campo ambíguo, ou seja, de fazer novos projetos (prospectar) com base no passado individual (rememoração) de cada sujeito (ibidem).

Essa capacidade – a de conectar o passado com o presente, vislumbrando o futuro – também é uma aquisição do desenvolvimento. As pessoas só iniciam a contar suas histórias de vida de maneira completa durante a adolescência. Anteriormente isso não é possível posto que as habilidades cognitivas necessárias para tal não estão plenamente desenvolvidas (ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2017).

Assim sendo, a adolescência é um período em que o desenvolvimento da memória autobiográfica adentra outro patamar. Mas por que o processo de contar sua história de vida seria importante para os adolescentes?

Contar quem você é – através da externalização de sua história de vida para outrem – se torna quase como um “requisito específico de idade [adolescência]” (HABERMAS; BLUCK, 2000 apud ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2017, p.4), posto que, como já destacamos, nesse período a definição da sua identidade pessoal (seja para si mesmo como para os outros sociais) é fundamental. É revisitando sua história de vida que o adolescente pode rememorar eventos (ou recriá-los) em uma narrativa que é central para o seu self (RATHBONE et al., apud ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2017).

Ademais, as memórias das experiências vividas no período da adolescência tendem a ser as mais recordadas – isso porque que desempenham um papel principal em nossa identidade (RATHBONE; MOULIN; CONWAY, 2008 apud ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2017) – ou mais colocadas em evidência durante as exteriorizações das histórias de vida (FITZGERALD; BROADBRIDGE, 2012 apud ZITTOUN; DE SAINT-LAURENT, 2017).

Como a presente dissertação lança mão do recurso de pedir ao adolescente para falar sobre si, convidamos, implicitamente, o adolescente a articular todas as habilidades da memória autobiográfica necessárias para narrar sua história e evidenciar os aspectos dela que

foram centrais para a emergência de seus diferentes posicionamentos do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) em sua trajetória. Esse processo não acontece sem o auxílio da imaginação, visto que o ser humano é sempre orientado por metas (VALSINER, 2014a). Ao recordar de mim no passado, recordo através do hoje e vislumbrando as prospecções para o amanhã. Assim, não só as experiências passadas influem nos sentidos futuros que o self dialógico pode vir a assumir na trajetória de vida, como também as prospecções do self dialógico no agora, pode modificar as rememorações das experiências passadas. Tudo isso é articulado também considerando o eixo relacional: ou seja, o participante e o pesquisador. Isso porque esse adolescente conta sua história não para qualquer pessoa, mas para alguém específico e, nesse encontro, negocia seus sentidos pessoais (cultura pessoal) em face aos sociais (cultura coletiva).

Evidenciamos, então, como esses processos cognitivos entram em cena na adolescência, bem como também – embora muito brevemente – como pensamos em vislumbrá-los nessa dissertação. Nós situamos a adolescência enquanto um período de mudanças – e que não são necessariamente conturbadas. Agora queremos compreender como nesse processo de reconstruir seus sentidos de si (seja pela reconstrução imaginativa ou pela imaginação proléptica) a opção pelo início e pelo fim da autolesão aparece na trajetória dos nossos participantes.

Assim sendo, partimos então para explorarmos o que o campo teórico nos diz acerca do fenômeno autolesivo.

4.2 A AUTOLESÃO: O QUE É E PARA QUE?

Os comportamentos autoagressivos perpassam toda a história humana (ALMEIDA; HORTA, 2010). Apesar de imputarem dano próprio, a autoagressão não é considerada patológica devido ao seu componente simbólico compartilhado, conectando o sujeito e o ambiente sociocultural por meio de rituais e/ou tradições culturais, podendo estar, ou não, atrelados a religiões (CORDEIRO; VENÂNCO, 2004). Elenca-se, a título de exemplificação, a deformação de pescoços e lábios de tribos africanas, o uso da autoflagelação por religiosos, bem como prática de colocar *piercings* e tatuagens, tão comum no ocidente (ALMEIDA; HORTA, 2010).

Ao contrário dos comportamentos autoagressivos, a autolesão pode ser classificada enquanto patológica. Isso ocorre dado que as atividades autolesivas possuem maior prevalência entre pacientes psiquiátricos (GRATZ, 2001 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012), bem como naqueles com personalidade *borderline*, transtornos alimentares, transtorno de estresse pós-traumático, depressão, transtornos de ansiedade e com um histórico de abuso ou trauma (WITHLOCK et al., 2006 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012).

Entretanto, Klonsky e colaboradores (2003 apud GARRETO, 2015) bem destacam, a autolesão é uma manifestação independente e não apenas sintoma de transtornos psiquiátricos, uma vez que também incide em populações não-clínicas. Defendendo a autolesão como fenômeno único, Caldas e colaboradores (2009) alegam que a complexidade do comportamento autolesivo é “muito mais abrangente do que um comportamento simplesmente patológico” (p. 579).

Acerca de sua compreensão patológica, a autolesão foi inicialmente intitulada de “síndrome de cortar os punhos” e definida como uma estratégia primitiva, pouco elaborada, de enfrentar sensações de irrealidade e vazio (MENNINGER, 1938 apud GARRETO, 2015). Recentemente incluída no DSM-V, ela passa a ser concebida como “transtorno de autolesão não suicida”, que compreende “(...) o comportamento repetido do próprio indivíduo de infligir lesões superficiais, embora dolorosas, à superfície do seu corpo. Em geral, o propósito é reduzir emoções negativas, como tensão, ansiedade e autocensura, e/ou resolver uma dificuldade interpessoal” (APA, 2014, p.804). Assim sendo, não vislumbram a morte, mas manter o equilíbrio psíquico frente a condições adversas em que – com a impossibilidade de recorrer a quaisquer outras adaptações psicológicas – a violência contra si se torna a única resposta possível para esse sujeito (NOCK, 2009).

Frente à variedade de nomenclaturas sobre o fenômeno adotar-se-á nessa dissertação o nome autolesão para aludir a comportamentos autoagressivos mais brandos como a escarificação ou *cutting* (corte a pele) e outros atos lesivos (bater-se, queimar-se, etc.). A autolesão difere da autoagressão, posto que a primeira, possui a peculiaridade de ser renegada à marginalidade, compreendida como uma prática culturalmente reprovável, ao passo que autoagressão é partilhada em seu meio sociocultural (ALMEIDA; HORTA, 2010). Por sua vez, a autolesão se distancia da automutilação, pois a última se refere à castração ou amputação de partes do corpo (ex: enucleação – retirada dos próprios olhos) (FAVAZZA, 1987). Essa diferenciação é imprescindível para avanços nos estudos da área, dado que há alguns autores que, assim como no senso comum, utilizam o termo automutilação quando, na

verdade, estão se referindo à autolesão (RICHARDSON; ZALESKI, 1986 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012).

No tocante às peculiaridades da autolesão, o corte na pele é a forma mais comum de violência autodirigida, sendo utilizado por 70% dos sujeitos – seguido de ações como bater, arranhar, queimar, dentre outras (NOCK, 2009). Acerca da prevalência, não há diferenças de gênero, etnia ou nível socioeconômico (Ibidem). Somente encontramos disparidades na autolesão referentes aos métodos utilizados: sujeitos do sexo masculino tendem a se queimarem, ao passo que as mulheres geralmente se cortam (BARBEDO; MATOS, 2009 apud BORGES, 2012). Por fim, em relação à fase do desenvolvimento humano, este tipo de comportamento tende a se iniciar na adolescência (NOCK, 2009). De acordo com o DSM-V (APA, 2014), a autolesão tende a aparecer no início da adolescência, com seu pico entre 20-29 anos – com taxa de prevalência próxima nos dois sexos – podendo, ou não, sumir na idade adulta.

No tocante às motivações ou causas de ações autolesivas, encontramos diferentes motivos na literatura. Podemos elencar: (1) raiva de si mesmo ou de outros, alívio de tensão, desvio do foco de atenção da dor emocional para a dor física e desejo inconsciente de morrer (KAPLAN et al., 1997/2005 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012); (2) forma de enfrentamento que fornece alívio temporário para sentimentos intensos e intoleráveis (GRATZ, 2003 apud GARRETO, 2015); (3) meio de punição ou proporcionar controle interno (NOCK, 2009; KERR; MUEHLENKAMP, 2010 apud GARRETO, 2015; KLONSKY et al., 2003 apud GARRETO, 2015); (4) estratégia de enfrentamento de estresse frente comprometimentos nas capacidade de resolução de problemas, no controle dos impulsos e tomada de decisão (WITHLOCK et al, 2006 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012); (5) problemas interpessoais (indivíduo-coletividade) ou estreitamentos na dimensão da alteridade (PIERCE, 1984; FORTES; KOTHER, 2017; CALDAS et al, 2009; ROSEMBAUM, 2016).

Essas hipóteses advêm de estudos de outros países. Seriam, então, transponíveis para o cenário brasileiro? Falamos, nessa dissertação, não só de uma faixa etária específica (de adolescentes) como de um contexto específico (no Brasil). Devemos, então, fazer um pequeno adendo para explorar os estudos que encontramos nessa área que interessem ao nosso estudo das posições do self dialógico desses participantes atrelados a opção pelo início e pelo fim da autolesão.

4.3 ADOLESCENTES BRASILEIROS QUE SE AUTOLESIONAM

Em uma revisão da literatura brasileira acerca da autolesão nos Periódicos Capes, PubMed Central, BVS MS e Google acadêmico com os termos *autolesão*, *autoagressão* e *automutilação*, nós encontramos 52 trabalhos. Cabe destacar que, apesar de termos incluídos os termos *autoagressão* e *automutilação*, somente foram selecionados os trabalhos que verdadeiramente versavam sobre autolesão. Os outros conceitos (*autoagressão* e *automutilação*) somente foram considerados tendo em vista que a confusão de termos comum na literatura (RICHARDSON; ZALESKI, 1986 apud ARCOVERDE; SOARES, 2012).

Dessa revisão podemos perceber como a literatura brasileira acerca da autolesão ainda é lacunar e escassa. A maioria dos estudos sobre autolesão (ver apêndice A) focam em compreender esse fenômeno de forma geral, como se articulassem uma primeira aproximação com a temática – ainda que ela já seja antiga (os primeiros trabalhos internacionais sobre autolesão são de 1983) (AGUIAR; OLIVEIRA; SOUZA, 2018).

Assim, poucas produções possuem recortes específicos sobre faixas etárias. Das 56 encontradas, somente 11 falam sobre autolesão na adolescência. Como são poucas, apresentaremos essas pesquisas e seus resultados. Explicitamos, contudo, que somente adentraremos nos resultados quando esses forem interessantes para o campo ou para o diálogo com essa dissertação. A fim de organizarmos a apresentação dessas produções, dividimo-las em três eixos temáticos: revisões de literatura, trabalhos de outras áreas do saber (educação, medicina e sociologia) e trabalhos na área da psicologia.

Nós encontramos duas revisões bibliográficas: uma (TENÓRIO et al, 2017) referente a um trabalho nos Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, outra advinda de uma revisão operada em uma dissertação (BERNARDES, 2015). Vejamos cada uma delas, respectivamente.

Tenório e colaboradores (2017) fez revisão de literatura foi realizada com intuito de compreender os fatores que determinam e contribuem para a ocorrência da automutilação em jovens. Para isso utilizou os descritores: “automutilação”, “cutting”, “lesões auto infligidas”, “corpo e subjetividade”, “corporeidade”, “distúrbios de imagem corporal” em três bases de dados: ScientificElectronic Library Online, Biblioteca Virtual e American PsychologicalAssociation. Ao avaliar as produções de 2009 a 2014, encontrou 23 artigos, somente utilizando 16. Através deles concluiu que a autolesão decorre de vários fatores. Dentre os possíveis elencados, destacou-se a falta de controle das emoções e a ausência de suporte familiar. Para os autores a autolesão aparecia em cena quando os adolescentes não

faziam uso da linguagem para expressão de suas angústias e de sua subjetividade, o que culmina em utilizar o corpo como um instrumento para depósito.

Bernardes (2015), por sua vez, explorou bases PubMed Central, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde e Biblioteca Regional de Medicina com os descritores "adolescente/adolescent" e "automutilação/self mutilation" de língua inglesa e portuguesa. Explorou os artigos de 2007 a 2013 e encontraram 18 artigos sobre o tema. Desses artigos depreendeu que existem poucos trabalhos sobre autolesão¹⁸ na adolescência na literatura brasileira em comparação à estrangeira.

No campo da educação, por sua vez temos a dissertação de Gonçalves (2016). Ele buscou analisar o que os adolescentes – de duas escolas (uma municipal e uma estadual) de Minas Gerais – dizem sobre as práticas de autolesão. Almejava-se encontrar como os adolescentes se posicionavam sobre esse tema e os motivos de tal prática, para isso lançou-se mão da etnografia, aplicação de questionário e grupos de discussões. O autor concluiu que

(...) os dizeres dos (as) alunos (as) permitiram que tomássemos a automutilação [autolesão] como uma prática cujo sentido aciona noções como doenças, depressão, dor, sofrimento, prática de grupo, constituição da identidade e dos sujeitos adolescentes. A prática da automutilação é justificada de formas diversas – depressão, problemas afetivo-amorosos, familiares entre outros. A maior incidência da prática é entre meninas e é marcada pelos padrões hegemônicos de gênero e construída socioculturalmente. As estratégias sugeridas para um trabalho com o tema corpo que favoreça a discussão da automutilação no espaço escolar, envolve a realização de conversas, projetos e palestras dentro e fora da escola (p.9).

Ainda se utilizando do cenário escolar, há o estudo de Silva e Siqueira (2017), que se dedicou a caracterizar o perfil predominante dos casos de autolesão, identificados nas escolas estaduais do município de Rolim de Moura (RO). Foram encontradas 52 ocorrências nos últimos 3 anos. Percebeu-se um aumento dos casos nos últimos anos. Ademais, comumente eram adolescentes entre 12 a 15 anos, majoritariamente do sexo feminino. Foram encontrados casos de autolesão tanto individuais quanto em grupo. O estudo ainda destaca que era possível observar mudanças no comportamento dos adolescentes, sendo essas dissonâncias comportamentais compreendidas como um sinal para se suspeitar sobre indício de autolesão. Acerca disso destacam que os adolescentes faziam uso de roupas com manga longa, uso de pulseiras, faixas, braceletes, dentre outros objetos para esconder cortes. Ademais, notavam-se comportamentos de isolamento.

Em outras áreas de saber, temos o trabalho de Cavalcante e Cavalcante (s/d) que parte da perspectiva sociológica e consideram a autolesão como uma dentre outras manifestações

¹⁸ Dizemos autolesão porque, ainda que tenha procurado por “automutilação”, a definição utilizada na dissertação alude ao que compreendemos por autolesão.

do comportamento autodestrutivo. O estudo traz como conclusão de que a autolesão parece relacionar-se, de alguma maneira, com problemas de privação emocional.

Já na medicina, encontramos um trabalho apresentado no *19th World Congress on Medical Law* em Maceió por Silva (2012). Nele ela demonstrou a insuficiência de acesso ao tratamento médico para os adolescentes que sofrem com práticas de autolesão, criticando a omissão do Estado de investir em políticas públicas para garantir os direitos fundamentais dos seus cidadãos.

Dentro das pesquisas em psicológica – retirando desse eixo as pesquisas clínicas – temos 6 estudos (SIMIONI, 2017; CEDARO; DO NASCIMENTO, 2013; JATOBÁ, 2010; DRIEU et. al, 2011; BERNARDES, 2015; BARBOSA, 2017).

Simioni (2017), em sua dissertação, investigou a prevalência e as associações de autolesão deliberada em jovens (6 a 14 anos) com fatores de risco demográficos (idade, gênero, status socioeconômico e etnicidade), clínico (diagnóstico psiquiátrico das crianças) e familiar (diagnóstico psiquiátrico materno). Concluiu que os diagnósticos de Depressão Maior, TDAH e TOD estão consistentemente associados com comportamentos autolesivos. Ter uma mãe com um transtorno de ansiedade também. Portanto ressalta a importância de se perguntar a respeito de comportamentos suicidas em jovens com comportamentos disruptivos, independentemente da comorbidade com depressão, bem como realça a necessidade de estratégias preventivas com um envolvimento familiar.

Bernardes (2015) – utilizando da perspectiva lógica histórica e lançando mão dos conceitos de vida cotidiana e dialética da ontologia do ser de Agnes Heller (ver BORGES, 2015) – procurou compreender os sentidos da automutilação para adolescentes que a praticam e são acompanhados no âmbito da rede de atenção psicossocial do município de Blumenau, Santa Catarina. Como resultado ela elencou que

(...) podemos entender a automutilação [autolesão] como um comportamento de perda de contato com o mundo, principalmente quando a adolescente se depara com um ambiente ameaçador, não acolhedor e agressivo. O comportamento de retroflexão surge, então, quando não se percebe novas formas de interação com o mundo. Existe uma busca das adolescentes por um lugar de visibilidade, um lugar de escuta e acolhimento. Os espaços e grupos que as adolescentes circulam, como família e escola, ou seja, onde ocorre a vida cotidiana, tem mostrado fragilidades na relação com as adolescentes. A (in)visibilidade, identificada a partir das entrevistas, acontece e é perpetuada por esses grupos e espaços. As políticas públicas, também contribuem para o lugar de (in)visibilidade quando ainda existem fragilidades no acesso aos serviços de saúde na atenção básica, como preconiza a política da rede de atenção psicossocial. Por outro lado, percebemos que a atenção psicossocial estratégica – CAPSi, tem possibilitado cuidados aos adolescentes de forma contínua e constante. Contudo, torna-se relevante o aprimoramento da rede de atenção psicossocial e novos estudos sobre adolescência (p.13).

Ao passo que o estudo de Bernardes (2015) se aproximava da visão da Gestalt, há 4 outros estudos (CEDARO; NASCIMENTO, 2013; JATOBÁ, 2010; DRIEU et al., 2011; BARBOSA, 2017) que articulam o exame da autolesão pela perspectiva psicanalítica. Cedaro e do Nascimento (2013) fizeram um estudo com relatos de mulheres jovens (15 a 21 anos) atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) acerca de suas autolesões, analisando-os a partir de concepções psicanalíticas com ênfase nas proposições de Freud e Lacan.

Drieu e colaboradores (2011) também partem da ótica psicanálise para tentar responder a pergunta: “qual é a função da dor autoprovocada – e das marcas corporais autoinfligidas – na dinâmica psíquica das pacientes com histórico de automutilações?” (p.203). Concluem que as autolesões parecem ter perdido seu alcance simbólico, assim o adolescente projeta suas tensões em seu corpo em uma tentativa de dominá-las melhor. O corpo, por sua vez, se torna um objeto de perseguição – tanto pela puberdade, quanto pelas “dívidas pagas” com o corpo (DRIEU et al., 2011).

Há ainda mais duas dissertações. Uma que utiliza os conceitos de ato, corpo, pulsão e gozo para entender a autolesão dos adolescentes (JATOBÁ, 2010). E a outra, operada por Barbosa (2017) que investigou o fenômeno da autolesão a partir dos significados a ela atribuídos. Barbosa (2017) realizou entrevistas semiestruturadas que foram transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo com o intuito de verificar as categorias e temas presentes nas falas dos participantes. As categorias foram analisadas a partir da ótica psicanalítica freudiana. Acerca dos resultados, alega que

foram identificadas sete categorias, “o contexto da prática de autolesão”, “sensações e sentimentos”, “motivos”, “finalidade”, “aspectos associados”, “os significados e sentidos da dor” e “experiências descritas”. (...) As experiências relatadas e associadas a autolesão parecem ter em comum o sofrimento psíquico, as dificuldades de lidar com este sofrimento e a necessidade de descarga. A dor física é citada como diferente de outras situações e parece contribuir para o alívio relatado quando realizam a autolesão. As falas remetem a várias questões como perdas, lutos, angústias, masoquismo, suicídio/morte e a vida. Pode-se associar à autolesão aos desafios da adolescência e entrada na vida adulta, como as vivências melancólicas relacionadas a reelaboração da identidade e da identidade sexual. Além disso, a autolesão aparece nas falas como um substituto ao suicídio, já que proporciona alívio temporário da dor psíquica que parece insuportável em alguns momentos. Assim a autolesão parece ser um sintoma que expressa sofrimento psíquico intenso. A partir disso, é importante uma maior discussão sobre o tema, que deve abranger pais, adolescentes, profissionais da educação e da saúde, além da elaboração de medidas de prevenção e tratamento (p.7-8)

A partir dessa revisão, percebemos que existem variados motivos para a autolesão: problemas de privação emocional (CAVALCANTE; CAVALCANTE, s/d), reação a um ambiente ameaçador (BERNARDES, 2015), projeção das tensões (DRIEU et al., 2011),

resposta aos desafios da adolescência e entrada na vida adulta (como as vivências melancólicas relacionadas a reelaboração da identidade e da identidade sexual) (BARBOSA, 2017).

4.4 PESSOAS QUE OPTAM POR SE AUTOLESIONAR

Ao contrário das abordagens desses estudos, essa dissertação procura se aproximar da unicidade das experiências desses sujeitos que optaram por se autolesionar e, em algum momento de sua trajetória, decidiram por, então, parar. Os entrevistados eram adolescentes sim, mas procuramos não trazer pressupostos pré-determinados – significações culturais comuns acerca dos adolescentes – e nem os resumir por suas faixas etárias.

Ademais, compreendemos que a autolesão entra aí como uma opção e não como uma patologia atrelada a esses participantes. Acreditamos, ainda, que essas decisões se dão em espaço e tempo específico, bem como numa negociação entre os significados individuais e os coletivos – possibilitada pelos processos imaginativos e de rememoração que articulam um “*looping*” do passado ao futuro. Portanto essa significação parte da articulação de dois infinitos como na unidade quadrática de Valsiner (2014a) –, e culminam em formas de se posicionar no mundo (posições do eu).

Buscamos, então, a partir do encontro com o caso único, compreender as suas particularidades e suas generalizações (BRANCO; VALSINER, 2012). Deixa-se de lado o caráter atomizado e apriorístico dos objetivos, acarretando um caráter pontual e fragmentado que caracteriza a configuração tradicional de pesquisa positiva. Aqui compreendemos que a generalização advém da capacidade ou não de um conhecimento ampliar o potencial explicativo da teoria – ao ponto de possibilitar, bem como facilita, o estudo de um determinado objeto e/ou fenômeno (GONZALEZ REY, 2002). Assim, os conhecimentos sobre os processos subjetivos não podem ser construídos à luz de entidades homogêneas, definidos *a priori*, visando algo universal e direto. Tudo isso

(...) desemboca necessariamente em uma compreensão diferente da generalização, a qual não é definida no nível empírico; portanto, sua definição se apoia nem na quantidade nem no contatável. [...] **A generalização é um processo teórico que permite integrar em um mesmo espaço de significação elementos que antes não tinham relação entre si em termo de conhecimento.** (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 163-164, grifo nosso).

A generalização, portanto, é fruto da construção teórica – e não por critérios estatísticos de correlação, de repetição ou padronização. Nesse sentido, o estudo de um único sujeito é uma fonte válida. Lança-se mão de amostrar propositivas – onde o número de

sujeitos a serem estudados não dependerá de critérios definidos em termos populacionais, mas sim daquilo que o pesquisador necessita em seu estudo.

A generalização é um processo teórico que permite integrar em um mesmo espaço de significação elementos que antes não tinham relação entre si em termo de conhecimento. Seria um erro de caráter empirista compreender a generalização como produto final ou produção universal, pois só é um momento do processo de conhecimento que se expressa na temporalidade e historicidade que marca todo o desenvolvimento daquele (GONZÁLES REY, 2002, p. 164).

Nessa dissertação nos aventuramos a explorar estudos de caso com adolescentes. Não vemos, entretanto, os participantes dessa pesquisa como adolescentes autolesivos, mas como sujeitos, como seres humanos que, igualmente como todos os outros, tomam decisões, sofrem, imaginam, desejam. Assume-se aqui o compromisso ético e epistêmico que Zittoun e Gillespie (2016) destacam. Em suas palavras:

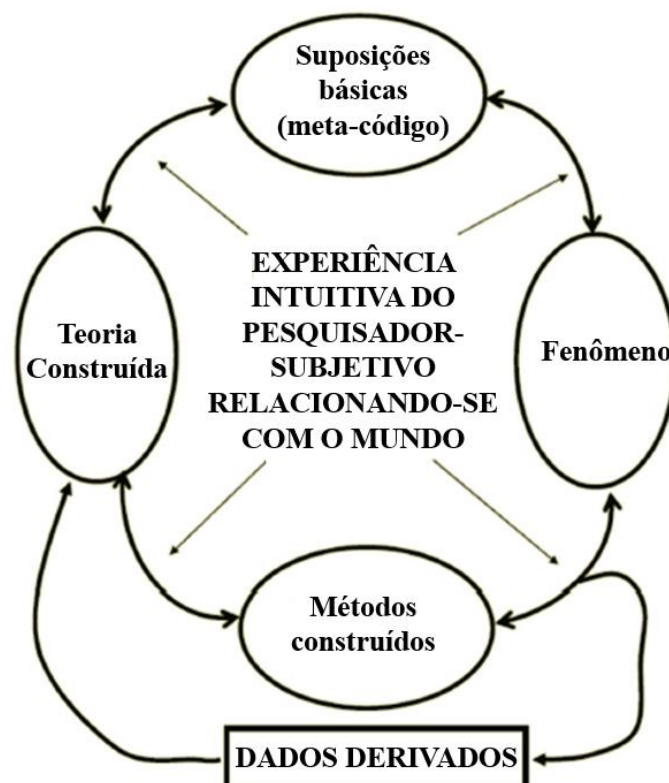
Como psicólogos, temos um compromisso epistêmico e ético de examinar a experiência do mundo das pessoas. Cada pessoa traça uma trajetória única de experiências através do espaço e do tempo; como consequência, cada encontro com o mundo resulta em uma trajetória ainda mais singular de acumulação de experiências (LÉVINAS, 1972; MARKOVÁ, 2006; 2013a; WINNICOTT, 1990). Além disso, consideramos que a pessoa é mais do que um "ser cognitivo". As pessoas têm, antes de tudo, uma experiência corporificada, elas vivem, sentem e percebem o mundo como um corpo. Como seres que experienciam sentimentos, as pessoas lembram, antecipam, sonham, fantaziam, esperam e se arrependem. Portanto, cada pessoa é uma fonte radicalmente específica de experiência no mundo; que percebe, sente, lembra, antecipa e imagina de uma maneira única (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p.4, tradução nossa).

5 OPÇÃO METODOLÓGICA E OBJETIVOS

Faz-se uso, aqui, do termo opção metodológica, em detrimento de metodologia, intencionalmente. Essa escolha se alinha com os axiomas teórico-metodológicos dessa dissertação – a saber, da PCDS –, que compreendem o pesquisador como um sujeito ativo que é único em sua historicidade e que é guiado por uma regulação semiótica, estabelecendo uma relação de separação inclusiva com a cultura na qual está inserido (VALSINER, 2012; 2014a).

Assim sendo, a metodologia aqui a ser apresentada, é uma construção da pesquisadora, que em seu papel ativo, a partir de sua experiência intuitiva educada – ou seja, advinda das bases teóricas escolhidas e das pesquisas na área em foco – orquestrou visões axiomáticas do fenômeno com métodos para estabelecer uma relação fecunda – ou seja, que gerasse a retroalimentação das teorias desse campo. Compôs-se, desse modo, o que Branco e Valsiner (2012) intitulam de ciclo metodológico: uma metodologia implicada e cíclica – como ilustra a figura abaixo (Figura 3) – na qual a criação do método advém de um ciclo relacional entre essa intuição do pesquisador, suas concepções de sujeito e mundo, a teoria, o fenômeno e da relação dialética entre método e dados (inferências a partir do mundo empírico).

Figura 3 - O ciclo metodológico de Branco e Valsiner (2012)



Fonte: adaptada de Valsiner (2019, p.3)

Esses princípios supracitados (BRANCO e VALSINER, 2012; VALSINER, 2012; 2014a) são os que orientaram a construção metodológica aqui apresentada. Assim, fez-se uso da combinação de métodos qualitativos de base idiográfica para a construção dos dados: (1) entrevistas longitudinais semiestruturadas (MOLENAAR e VALSINER 2005, SALVATORE e VALSINER, 2010); (2) apresentação de vídeo (STORYBOOTH, 2018); (3) experimento de apagar frases (adaptado de KRAUSE-KJÆR, 2015).

Essa construção foi orientada tendo como objeto a dinâmica do self dialógico – em dois pontos específicos da trajetória dos participantes – no eixo dos quatro infinitos (passado<>futuro/interno<>externo) (VALSINER, 2014a) para. Isto posto, elencou-se enquanto **objetivo geral** investigar o processo de construção de significados de si (do self dialógico) referentes ao início e ao fim do uso da autolesão em adolescentes, destacando nesse processo, o papel da rememoração e da imaginação atrelados ao self dialógico na construção da trajetória de vida desses sujeitos.

Para esse fim, são elencados os demais **objetivos específicos**: (1) construir, a partir da narrativa de “*quem eu sou*”, as trajetórias de vida (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) – imaginadas e realizadas – dos participantes; (2) identificar as rupturas/transições (ZITTOUN, 2007; 2009), as esferas de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e os reguladores semióticos promotores, inibidores e catalizadores (CABEL, 2010) presentes em cada trajetória de vida; (3) identificar, caracterizar e analisar as posições assumidas pelo self dialógico (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) atreladas ao início e fim da autolesão nas trajetórias; (4) analisar a dinâmica do self dialógico no processo de mudança das posições do eu já destacadas pelo ponto anterior (ponto três).

Nessa instância, a fim de executar os objetivos – geral e específicos – elencados, tem-se subpartes metodológicas que visam explicar o passo a passo de como se deu a construção dos dados. A seguir, abordaremos os seguintes conteúdos: participantes, instrumentos, métodos e procedimentos, e, por fim, análise dos dados.

5.1 OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Como abordamos na revisão teórica, a generalização do conhecimento é concebida aqui como “(...) um processo teórico que permite integrar em um mesmo espaço de significação a elementos que antes não tinham relação entre si em termo de conhecimento”

(GONZÁLEZ REY, 2002, p. 163-164). Desse modo, o que define, nessa perspectiva qualitativa de pesquisa, a possibilidade da generalização é a capacidade (ou não) de ampliar o potencial explicativo da teoria.

Aqui, visando dar conta da complexidade sistêmica do fenômeno, optou-se pelo desafio de “compreender a generalidade até dentro de particulares sempre únicos” (BRANCO; VALSINER, 2012, p. 320), ou seja, pelo uso de estudo de caso (SATO et al, 2007; VALSINER; SATO, 2006; YIN, 2003). Ainda, os participantes foram selecionados recorrendo ao convite historicamente estruturado (HSI) (SATO, 2016), tendo como critério haver o histórico de já ter se autolesionado em algum momento de sua vida e haver parado. Ademais, a opção pelo estudo de caso e amostragem estrutura historicamente responde diretamente ao objetivo de buscar analisar o curso de vida e as trajetórias históricas desenvolvidas pelos adolescentes.

O foco da pesquisa com adolescentes se deu em função de quatro aspectos: o primeiro porque o comportamento autolesivo é comum entre onze a quinze anos de idade (FAVAZZA, 1987), secundariamente porque a prevalência da autolesão nesta faixa etária em outros países é de 7% a 45% (HAWTON et al., 2002 apud SILVA; BOTTI, 2017) – no Brasil ainda não há dados acerca da prevalência da autolesão (BRASIL, 2010). O terceiro ponto se justifica porque a adolescência é um tempo de emergência de novas concepções de si e de negociações destas entre si e com o meio. Tornar-se, portanto, nesse período preponderante focalizar a natureza reconstrutiva tanto das memórias de um passado possivelmente traumático assim como esse passado molda um futuro que existe no imaginário do adolescente. Como bem destaca Oliveira (2016): “as novas posições [do SD] que emergem contribuem tanto para a desestabilização como para a integração dos planos temporais (passado, presente e futuro) e perspectivas do adolescente, levando necessariamente à reconfiguração da arquitetura do SD e a novas autoimagens” (p. 207). Por último e quarto ponto, a adolescência é um tempo de negociação da relação com o próprio corpo (OZELLA et al). Isso é crucial, visto que a corporeidade é um conceito chave para o sujeito autolesivo (RESEMBAUM, 2016) como também o é para a constituição do SD, que pode ser entendido como as “bordas” da corporeidade (MARSICO; KOMATSU; IANNACCONE, 2013).

Assim, foram elencados os seguintes critérios de inclusão: (1) ser adolescente – entre 12 a 18 anos; (2) ter o consentimento expresso do adolescente e do responsável em seus respectivos Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – na versão para menores de

idade e na versão para adultos, respectivamente; (3) o adolescente estar em acompanhamento psicoterápico; (4) o adolescente ter se autolesionado e já ter parado com os atos autolesivos.

Cabe fazermos alguns adendos sobre alguns critérios de inclusão. O quarto critério foi aqui incluído pensando na segurança dos participantes – sendo preferível que esse ato que pode vir a atentar contra a vida (seja pelo erro ou a possibilidade de passar a tentativas de suicídio com a recorrência das autolesões (SIMIONI, 2017)) já tenha cessado, ainda que se reconheça que ele pode voltar a ocorrer no decorrer da pesquisa (já que essa dissertação se propôs a executar um acompanhamento de dois meses durante a etapa de construção de dados com o participante).

O terceiro critério, por sua vez, se deu em função que o contato com os adolescentes foi através de serviços públicos e particulares que ofertavam atendimento psicológico a eles. Os psicólogos desses espaços – após a apresentação do projeto aprovado e com seu CAAE (80598217.8.0000.5208), número do registro na Plataforma Brasil – entraram em contato com os pacientes que se encaixavam dentro do perfil (acatando todos critérios de inclusão), indagando se desejavam participar da pesquisa (apresentando-a a partir do projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa).

Deste processo, obtivemos o interesse de duas adolescentes de fenótipo¹⁹ feminino em participar da pesquisa e que haviam praticado autolesão por um determinado período de suas vidas e que já haviam cessado quando se iniciaram as entrevistas. Além disso, também obtivemos o consentimento dos seus responsáveis.

Acerca disso, deve se fazer uma importante demarcação: como consta na revisão teórica desta dissertação, não há qualquer prevalência de gênero referente a autolesão (NOCK, 2009). Assim sendo, a presença apenas do fenótipo feminino nesta dissertação, deu-se somente em função do acaso frente à disponibilidade dos participantes em aceitarem se submeter ao estudo.

Por fim, cabe esclarecer que todos dois participantes finalizaram todas as etapas analíticas proposta – ainda que fosse de seus direitos optarem pela desistência em qualquer momento no decorrer da pesquisa. Entretanto, a segunda participante não conseguiu executar uma das atividades (a construção de sua própria trajetória) – esse ponto será retomado mais à frente, na Parte V dessa dissertação.

¹⁹ O fenótipo refere-se às características visíveis que podem ser modificadas. A determinação dos caracteres secundária no corpo é um exemplo de fenótipo – nos homens a presença de massa muscular, ombros largos (tórax e espáduas), pelos no corpo e no rosto, mandíbula grande, voz grave, pomo-de-adão; nas mulheres, o crescimento dos seios, presença de pelos pubianos e axilares, alargamento da bacia, etc. (MOODY, 2007).

5.2 INSTRUMENTOS, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Para a pesquisa utilizamos dois roteiros de entrevistas longitudinais semiestruturadas (ver Apêndice B e C), um gravador, uma lista de palavras escritas para o experimento de apagar frases (adaptado de KRAUSE-KJÆR, 2015) e um vídeo (STORYBOOTH, 2018).

Todos esses materiais foram utilizados no decorrer das quatro etapas de construção de dados. Todas as etapas visaram, em conjunto, obter insumos diferentes (pela narrativa ou escrita) para que possamos analisar a dinâmica do self dialógico atrelando-se ao início e fim da autolesão no eixo dos quatro infinitos (passado<>futuro/interno<>externo) (VALSINER, 2014a), pelos processos imaginativos (TATEO, 2017; VALSINER 2004d, 2004e) e rememorativos (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER; GILLESPIE, 2013; 2014; DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017), na trajetória de vida dos adolescentes (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014).

Cada etapa – das quatro realizadas – foi efetuada quinzenalmente, de modo que ocorreram dois encontros ao mês, totalizando um acompanhamento de dois meses – realizados durante o mês de agosto e setembro de 2018. Antes dos encontros, foi realizado um primeiro contato para explicar a proposta da pesquisa, tirar dúvidas e obter o consentimento dos participantes e dos responsáveis.

Cabe destacar que o espaçamento quinzenal entre as entrevistas foi pensado com o objetivo de conferir tempo o suficiente para que, entre a execução da entrevista seguinte, fosse sempre efetuada uma subetapa analítica. Essa etapa analítica dedicou-se à transcrição das entrevistas, à análise preliminar dos dados, para anotar possíveis dúvidas advindas da análise dos dados transcritos e retirá-las no encontro seguinte, e à construção do esboço da trajetória de vida das adolescentes. Deste modo, a trajetória de vida começou a ser traçada na primeira subetapa de análise (após a primeira entrevista) e teve ajustes consecutivos nas seguintes, até obter seu desenho final no após o último encontro, na última subetapa de análise.

Nessa instância, enquanto as etapas se deram em contato com o participante, as subetapas analíticas eram reservadas ao pesquisador sozinho – que se voltava aos dados obtidos nas etapas e preparava-se para o encontro seguinte.

As quatro etapas da construção de dados se sucederam da seguinte maneira:

Etapa 1: conhecendo o participante

Essa primeira etapa se destinou à realização da primeira entrevista semiestruturada (ver Apêndice B). Sua construção alude a uma anamnese psicológica – relacionado às questões sobre a identificação pessoal, dos responsáveis e que buscam saber do histórico da pessoa –, contudo foi criada visando outros objetivos que não o de uma anamnese – que almeja localizar as queixas e a evolução delas, a sintomatologia, a história clínica e a história social (CARRETONI; PREBIANCHI, 1999). Sua construção objetivou estabelecer o *rapport*²⁰ com o participante, no sentido de estabelecer uma relação de confiança, harmonia e cooperação (ibidem). Além disso, buscou-se com as questões elaboradas, identificar as esferas de experiências do adolescente (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e localizar as possíveis rupturas/transições (ZITTOUN, 2007; 2009) na vida dos participantes.

Após a entrevista, foi conferida a seguinte instrução para o encontro seguinte: *“Gostaria que você escolhesse uma experiência significativa – vivenciada ou imaginada – para sua vida. Para próxima entrevista, peço que você traga uma imagem ou objeto concreto (uma foto, um desenho, um objeto, um recorte de revista, uma ilustração, uma obra de arte entre tantas outras formas) que melhor represente essa situação escolhida por você para conversarmos sobre ela”*. Essa atividade foi executada almejando se aproximar das compreensões do participante sobre si (self) e sobre o outro ou o mundo. E, portanto, do eixo de negociação interno<>externo dos quatro infinitos (VALSINER, 2014a).

Ao fim dessa primeira etapa, aconteceu uma primeira subetapa analítica – com os objetivos que já foram elencados anteriormente (a saber, à transcrição das entrevistas, à análise preliminar dos dados, para anotar possíveis dúvidas advindas da análise dos dados transcritos e retirá-las no encontro seguinte, e à construção do esboço da trajetória de vida dos adolescentes).

Etapa 2: a dinâmica do self dialógico no eixo dos quatro infinitos

A segunda etapa se iniciou com a retomada da experiência significativa e do objeto/imagem trazido(a) pelo participante, explorando o porquê daquela situação ou objeto, os afetos e as pessoas significativas atreladas à experiência.

²⁰*Rapport* é um conceito originário da psicologia que alude à técnica de buscar criar uma ligação de empatia com outra pessoa. Seu uso geralmente está atrelado a processos psicoterápicos ou outras atividades profissionais do psicólogo. O termo vem da palavra francesa *rapporter* que significa sincronização ou, ainda, estabelecer uma relação harmônica. O *rapport* enquanto técnica visa fomentar confiança no processo de comunicação para que a pessoa fique mais aberta e receptiva, fazendo com que ela interaja, troque e receba informações com maior facilidade (CARRETONI; PREBIANCHI, 1999).

Em seguida, foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice C). Essa segunda entrevista foi construída visando contemplar os mesmos objetivos da anterior, acrescentando-se a esses, outros como: inserir questões cujo enfoque se embasava na unidade quadrática de Jaan Valsiner (2014a) em referência ao self dialógico e, portanto, que versa sobre o passado, futuro, cultura pessoal e cultura coletiva. A título de exemplificação, temos perguntas como: *quem você é, quem você era, como você acha que outros lhe veem?*

Cabe destacar que nessa, e em todas as etapas seguintes (a saber, a terceira e quarta), podia haver a retomada de alguns pontos das entrevistas anteriores a fim de esclarecimentos ou construção de diálogos entre eventos anteriormente mencionados com os obtidos secundariamente. Como mencionado, ao fim desta etapa também houve uma subetapa analítica (a segunda).

Etapa 3: experimentos

A terceira etapa, a título de uma construção didática e compreensão do leitor, foi dividida em três partes. Contudo, foram executadas em um mesmo encontro e em todos os momentos houve o registro de áudio.

Etapa 3.1

Houve a realização do experimento de apagar frases (adaptado de KRAUSE-KJÆR, 2015). Com ele buscou-se compreender as diferentes dimensões da individuação das adolescentes, posto ser um meio de acesso aos sentimentos e impressões que eles têm a respeito a si.

O experimento deu-se da seguinte maneira: o(a) participante recebeu uma folha para completar sete lacunas iguais para a frase: “*Eu como/sou _____*”. Após o preenchimento das lacunas, algumas sentenças puderam ser adicionadas pelo pesquisador – usando conteúdo das falas dos participantes das entrevistas já realizadas. Em seguida, solicitou-se que o(a) participante apagasse – riscando por cima frase – uma sentença (ex.: “~~*Eu sou mente livre*~~”) a partir de uma escolha espontânea daquilo que ele(a) julgava ser, de todas sentenças lá contidas, o que menos lhe define.

Após o ato, indagou-se sobre suas impressões e sentimentos acerca do ato de riscar a frase (ex: *como se sentiu ao riscar essa frase? Por que escolheu essa frase? Como é ser tudo isso da lista, menos isso?*) e o que aquilo (riscar aquela frase) significaria para si (ex: “*quem é você, sem ser mente livre?*”).

Em seguida, o experimento continua pedindo que se retire mais uma frase – e fazendo todo o procedimento de arguição acerca daquela escolha – até que se retirem todas as frases ou o participante diga que não consegue mais retirar frases.

Etapa 3.2

Após a execução dessa primeira parte, seguiu-se para a segunda. Nela, mostrou-se um vídeo legendado – de um relato real da experiência de uma adolescente que se autolesionou – e ilustrado em animação com 2 minutos e 57 segundos de duração (STORYBOOTH, 2018) – visando deflagrar diálogo acerca desses cortes, como eles começaram, pararam; quais sentidos eles tem/tiveram para o adolescente, etc. Deste modo, através de uma entrevista semiestruturada (Apêndice D), indagou-se, no geral, sobre o que eles acharam do vídeo, sobre o que aquela experiência daquele adolescente tem a ver (ou não) com a dele, etc.

Etapa 3.3

Na terceira e última parte foi solicitado que os adolescentes construíssem sua trajetória de vida em casa através da seguinte instrução (adaptado de LOPEZ, 2008): *“Eu gostaria que você fizesse uma linha do tempo que contasse a sua história, podendo usar cores, imagens, desenhos para ilustrar essa produção. Seria interessante lembrar dos marcos da sua vida, das pessoas significativas, eventos significativos, escolhas importantes, erros, acertos, rupturas, mudanças, sonhos possíveis e impossíveis. Você pode também colocar o que ainda não aconteceu, ou seja, o que você imagina para o futuro, o que sonha e/ou deseja, marcos no futuro que imagina estar por vir”*. Essa produção visou ser uma “folha espelho”, para a trajetória traçada (e retrçada nos encontros seguintes) pela pesquisadora, possibilitando ver possíveis pontos que a pesquisadora não achou relevante, mas o adolescente destaque – ou vice-versa.

Etapa 4: revisando os dados construídos

A última etapa dedicou-se a realização de uma entrevista aberta sobre a trajetória trazida pelo participante. As questões dessa versaram sobre todos os pontos elencados na trajetória de vida, explorando-os. Ainda, a pesquisadora questionou, de forma aberta, acerca

da produção da trajetória: como foi, onde foi produzido, quais pessoas se envolveram no processo, como o participante se sentiu, etc.

Em seguida, após esse primeiro momento, a pesquisadora mostrou a adolescente à trajetória que produziu através das etapas analíticas até então (a partir dos três encontros anteriores). Discutiu-se, então, sobre os pontos que constavam (ou não) na trajetória que o adolescente produziu sobre si mesmo em relação à realizada pela pesquisadora. Na subetapa, foi elaborado um último traçado da trajetória de vida do adolescente (Figuras 9 e 27 das páginas 112 e 149, respectivamente), agora acrescentando pontos que não tenham sido elencados pela pesquisadora, mas que o sujeito elencara na própria trajetória que fizera.

As etapas e subetapas de análise descritas acima foram resumidas na tabela 1.

Tabela 1 - Resumo das etapas e subetapas de análise

Etapas	Atividades propostas
1^a	Realização da entrevista semiestruturada e instrução para a segunda etapa <i>Subetapa de análise dos dados da etapa 1</i>
2^a	Retomada da experiência significativa e do objeto/imagem trazida pelo participante, e a realização da segunda entrevista semiestruturada (foco na unidade quadrática) <i>Subetapa de análise dos dados da etapa 2</i>
3^a	A) Realização do experimento de apagar frases (adaptado de KRAUSE-KJÆR, 2015); b) apresentação do vídeo (STORYBOOTH, 2018); c) Instrução para o encontro seguinte de que o adolescente construa, em casa, sua trajetória de vida <i>Subetapa de análise dos dados da etapa 3</i>
4^a	Entrevista aberta sobre a trajetória e sua produção. <i>Subetapa de análise dos dados da etapa 4</i>

Fonte: a autora, 2019

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

Finalizadas todas as etapas de construção de dados que resultou no que podemos chamar de “primeira fase” de análises que está acima referida, partimos para a proposta de análise. Uma vez que a presente dissertação almeja analisar o papel da imaginação e rememoração no processo de (re)construção do self dialógico atrelados ao início e fim da autolesão na trajetória de vida de adolescentes, para fazermos uma análise mais clara e

didática, optou-se por dividi-la em três pontos analíticos centrais. A esses intitulamos de *blocos analíticos*.

Destarte, cada um dos dois casos presentes nessa dissertação teve sua análise dividida em três blocos analíticos. Apesar de estarem divididos, esses blocos analíticos são intrinsecamente relacionados. Essa divisão objetivou construir, aos poucos, os alicerces necessários para observar o processo dinâmico do self, dentro de um período desenvolvimental (desde o início ao fim da autolesão), focalizando os processos superiores imaginativos e rememorativos.

O primeiro bloco analítico é intitulado “*Situando as posições do self dialógico*”, nele nós nos dedicamos à produção da trajetória de vida (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) do participante para poder situar as emergências das posições do eu na trajetória de vida. O segundo bloco analítico intitulado de “*A dinâmica das transformações das posições do self dialógico*”, tem duas subpartes. Na primeira delas esmiuçamos o estudo das posições do eu do participante que emergiram a partir da trajetória traçada no primeiro bloco; na segunda observamos a dinâmica da transformação do self (de uma posição do eu a outra) com base no eixo dos quatro infinitos (passado<>futuro/interno<>externo) (VALSINER, 2014a). No terceiro e último bloco de análise – chamado de “*Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico*”, realizou-se uma síntese baseada nas análises anteriores tendo como enfoque o momento inicial e final da prática da autolesão. Ou seja, procurou-se identificar como o início e fim da autolesão relacionam-se com as posições do eu e seu dinamismo e como se situam na trajetória de vida traçada.

Em seguida discorreremos sobre cada bloco de análise, explicando-os mais detalhadamente. Antes disso, cabe evidenciar que o vídeo e o experimento utilizados não tiveram uma análise específica. Os diálogos deflagrados a partir deles foram integrados às narrativas obtidas em cada encontro. Todavia, a trajetória construída pelos próprios adolescentes não só foi utilizada para aperfeiçoar a trajetória que a pesquisadora elaborou, como também constará no primeiro bloco analítico – para que o leitor possa dispor da perspectiva da adolescente sobre sua própria trajetória.

a) O primeiro bloco de análise: a construção da trajetória de vida

Como anteriormente mencionado, houve um acompanhamento de dois meses (agosto e setembro de 2018) com os participantes. Durante esse tempo, os participantes discorreram

uma narrativa sobre “*quem eu sou*”, bem como falaram sobre si a partir de outros meios para além da fala: pelos experimentos (adaptado de KRAUSE-KJÆR, 2015; STORYBOOTH, 2018) e pela construção da própria trajetória.

Desses insumos, retiramos os excertos que versavam acerca das transformações nos sentidos de si (self) atreladas ao início e ao fim da autolesão, posto esse ser o objetivo elencado nessa dissertação. A fim de organizar todos os dados desse período desenvolvimental de forma que pudéssemos compreender quais eventos vieram antes ou depois de outros, optamos pela construção de uma trajetória de vida.

Lançou-se mão da trajetória de vida (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) enquanto um recurso teórico-metodológico pois essa possibilitou a pesquisadora, bem como possivelmente possibilitará para o leitor, situar os eventos em um campo maior (na trajetória), orientando, assim, na leitura das partes analíticas subsequentes (realizadas no segundo e terceiro blocos de análise). Desta forma, consideramos a construção da trajetória como um primeiro passo, sendo os blocos analíticos seguintes as principais contribuições desse estudo.

Ainda, em uma comparação, podemos propor que a construção da trajetória de vida é como um mapa para que possamos nos situar e explorar os sentidos de si dos participantes e a dinâmica da transformação deles. Isso se dá porque, as posições do self dialógico estudadas no segundo bloco analítico, somente puderam ser elencadas a partir dessa “fotografia” geral que foi a construção da trajetória de vida – já que a emergência das posições somente faz sentido para nós ao serem analisadas em negociação com o ambiente, cultura coletiva (VALSINER, 2012; 2014a) e em relação com a alteridade com quem dialoga (endereçado e audiências) (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013).

Ainda sobre a escolha dessa ferramenta metodológica-analítica, ela não só possibilitou sistematizar os dados, como também localizar nela os outros conceitos também trabalhados aqui (rupturas, transições, esferas de experiência, reguladores semióticos promotores e inibidores, bem como reguladores catalíticos). Não obstante, possibilitou ao pesquisador visualizar os sentidos de si (re)construídos na linha temporal (entre o passado, presente e o futuro) e em negociação com a cultura coletiva – posto que toda posição do eu advém de um diálogo com a alteridade.

Portanto, essa escolha metodológica contempla a concepção aqui defendida de que nossa psique está sempre coordenando ativamente quatro infinitos (interno<>externo, passado<>futuro) (VALSINER 2014a) (ex: “eu sou”, “eu serei”). Nas palavras de Valsiner

(2012), “(...) quando um homem constrói significado para se relacionar com o mundo, há um campo de opostos implicado todo o momento. Isto é garantido tanto no tempo como no espaço dos significados – tensão entre a cultura pessoal (sistema de sentidos pessoais) e o mundo social dentro do qual a pessoa está imersa” (p. 137).

Para a construção dessa trajetória, utilizamos como inspiração a abordagem de equifinalidade de trajetórias (*TrajectoryEquifinality Approach* – TEA) (SATO et al, 2014). Assim sendo, para a construção das trajetórias dos participantes, nos inspiramos nos três subcomponentes do TEA: (1) a metodologia do Convite Historicamente Estruturado (*HistoricallyStructuredInvitation* – HSI); (2) o Modelo de Equifinalidade de Trajetórias (*TrajectoryEquifinalitymodel* – TEM); (3) o modelo da gênese de três camadas (*The threelayermodelof Genesis* – TLMG). Iremos destacar como lançamos mão de cada um desses subcomponentes.

(1) O uso da HSI: como o HSI é uma técnica de amostragem que seleciona os participantes através do foco no fenômeno de amostra e na história prévia do curso de vida (VALSINER; SATO, 2006; SATO, 2016), em que lançamos mão dela como forma de selecionar os participantes a partir de um evento: optou-se pelos participantes que tivessem passado por uma ou mais experiências de autolesão e que já houvesse parado.

(2) O uso do TEM: como o TEM é uma ferramenta metodológica que mapeia o curso da história de vida dos participantes, analisando seus pontos de bifurcação, de passagem obrigatória e de equifinalidade (EFP), utilizamo-nos dele para configurar o traçado amplo e mais geral da trajetória dos participantes de modo a contemplar os momentos relevantes para esse estudo (antes e depois tanto do início e quanto do fim da autolesão). Por ser uma ferramenta metodológica desenvolvida para dar sentido a fenômenos socioculturais inerentemente semióticos (CORTÉS, 2006), o TEM nos possibilitou ver o indivíduo como um sistema complexo, alinhando-se com a visão ontológica dessa dissertação (VALSINER, 2002; 2012; 2014a; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002).

O uso do TEM se deu pelos seguintes passos: (1) definimos os dois pontos de equifinalidade nas trajetórias; e (2) mapeamos todos os pontos de bifurcação e de passagem obrigatória relevantes, antes e depois das regiões de equifinalidade. Destacamos que o terceiro passo (comparar as trajetórias e como essas se desenvolvem em direção ao ponto de equifinalidade) indicado por Valsiner e Sato (2006) não foi utilizado nessa adaptação feita ao TEM, posto não se alinhar com os objetivos dessa dissertação. Ademais, também não

destacamos com tanta ênfase os EFP-P, eles apenas aparecem na trajetória opções abandonadas: não-se-autolesionar (sendo o EFP-P 1) e autolesionar-se (sendo o EFP-P 2)(SATO et al., 2014).

Abrimos aqui um parenteses para falarmos acerca desse ponto um: a escolha do ponto de equifinalidade (EFP). Tendo em vista o objetivo dessa dissertação, percebemos que a utilização de um ponto de equifinalidade – como usualmente ocorre no uso do TEM – não seria o suficiente, posto desejo de analisar os sentidos do self dialógico em torno da passagem por dois eventos (tanto do início quanto do fim da autolesão) e não de somente um. Assim sendo, optamos por dois EFP, o que configura mais uma adaptação do TEM. Essa escolha se fundamenta tanto no objetivo central desta dissertação, quanto na compreensão de que esses dois pontos de equifinalidade foram âncoras na construção e análise da trajetória de vida dos participantes.

Destarte, como já mencionado, a análise construída no presente trabalho se alicerça em dois pontos de equifinalidade: o início da autolesão (Ponto de Equifinalidade 1 – EFP 1) e o fim da autolesão (Ponto de Equifinalidade 2 – EFP 2). Ademais, toda a trajetória de vida foi construída em função de compor um panorama geral que nos orientasse em quem é esse participante (já que narra sobre “*quem sou eu*”) e quais eventos relevantes ocorreram antes e depois de ambos os pontos de equifinalidade (EFP 1 e EFP2). Destacar tudo isso, nos auxilia a vislumbrar a (re)construção dos sentidos de si referentes ao início e fim da autolesão.

Outra adaptação do TEM diz respeito às nomenclaturas que ele utiliza. O primeiro adendo é que, além dos tipos de ponto de passagem que elucidamos na revisão teórica, a presente dissertação acrescentou um novo tipo: ponto de passagem imaginados (IPP)²¹. Sua necessidade adveio do fato de que, nessa dissertação, estamos em todo momento buscando destacar os processos imaginativos e rememorativos, e, com essa orientação, percebemos que alguns pontos de passagem eram fortemente orientados pelos processos imaginativos.

Um segundo adendo é que não utilizamos os conceitos de Orientação Social ou Direção Social, posto que tentamos discutir o papel da cultura coletiva em face a cultura pessoal através da unidade quadrática (VALSINER, 2014a). Contudo, acrescentamos um outro conceito que se fez necessária: a trajetória Sombras de De Souza Bastos (2017).

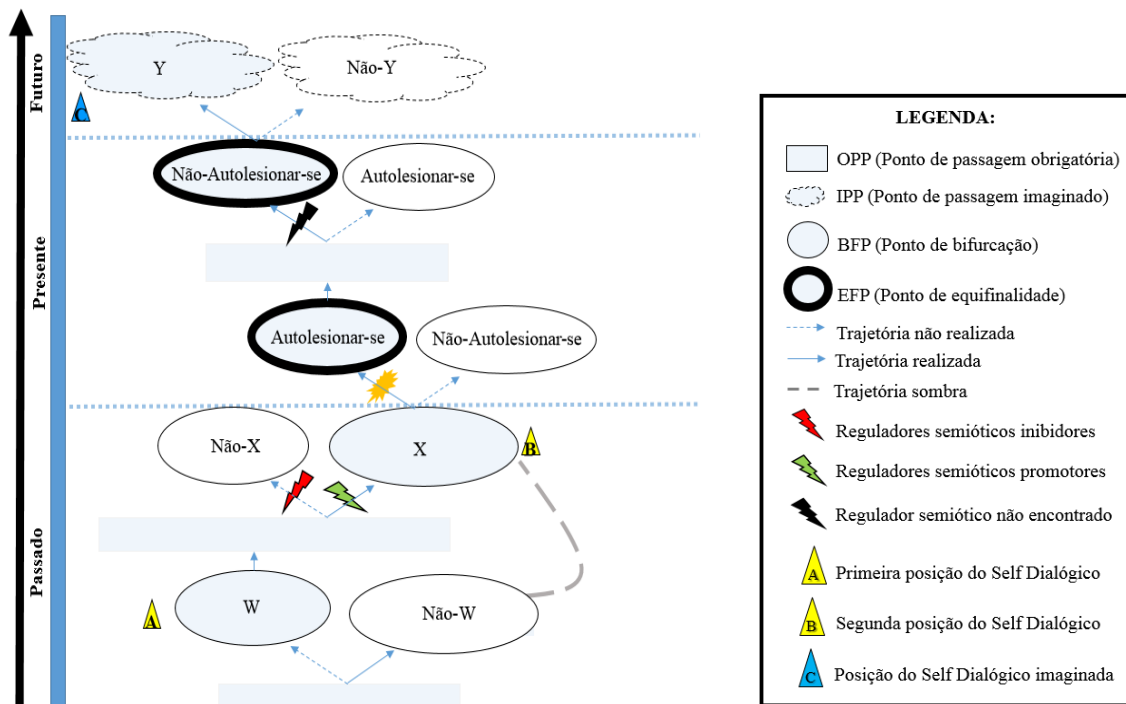
²¹Esse tipo de ponto de passagem é uma criação da autora desta dissertação frente a necessidade de lidar com pontos de passagem que não tratavam de ações externalizadas (como são usualmente os pontos de passagem), mas do sujeito para consigo mesmo. A título de exemplificação podemos elencar uma situação hipotética, Maria, aos 12 anos, decidiu ser uma advogada. Essa opção em sua trajetória advém de uma operação mental. Essa decisão, como IPP, influencia todas as decisões da trajetória em seguida, que, agora, sofrerão influência dessa decisão e desse signo “desejo ser advogada” em sua trajetória. Destarte, os IPP compreendem todas as decisões imaginárias – sejam elas passadas, do presente ou prospectadas – do sujeito em sua trajetória de vida.

Um terceiro e último acréscimo é que, apesar de fazermos uso das nomenclaturas do TEM (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014), esse não é o objetivo central aqui. Lançamos mão dessas diferentes classificações propostas por Valsiner e Sato (2006; SATO; VALSINER, 2010), apenas para situar onde, na trajetória do participante, emergiram as posições do eu a serem estudadas – as quais podem emergir em qualquer tipo de ponto de passagem (a saber: OPP, BFP, EFP, IPP).

Dessa maneira, a construção da trajetória de vida (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) inspirada no TEM (VALSINER; SATO; 2006; SATO; VALSINER, 2010) foi um recurso para que, dela, possamos destacar as posições do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002) relevantes (ou seja, atreladas ao início e fim da autolesão): sejam elas imaginadas ou não e independentemente de quantas fossem encontradas. Para sinalizarmos as posições do eu que se relacionam com o início e fim da autolesão encontradas na trajetória de vida traçada foi conferido o signo . Dentro desse triângulo inserimos uma notação alfabética (A, B, C, etc.) para demarcar a ordem cronológica que elas emergem (sendo A a primeira posição do eu, B a segunda, e daí em diante).

(3) O uso do TLMG: o TLMG configura um complemento ao TEM, uma vez que busca entender como os signos emergem num tempo e espaço particular da trajetória, assim, propõe o mapeamento dos reguladores semióticos promotores e/ou inibidores, do self, bem confere destaque dos diferentes níveis de generalização (SATO et al, 2014). Assim, sugestionado pela importância que o TLMG confere ao papel dos signos na trajetória, buscamos, na nossa trajetória traçada, elucidar todos os reguladores semióticos encontrados no decorrer da trajetória. Buscamos também, embora não tão especificamente, examinar os níveis de generalização.

A seguir temos uma exemplificação de como se dará a ilustração do produto final das trajetórias na Figura 4. Essa trajetória não é exatamente como os traçados do TEM, nem do TLMG, posto que somente os toma como inspiração, adequando o que, dessas metodologias, achamos interessante para os objetivos dessa dissertação.

Figura 4 - Exemplificação da Trajetória Final dos participantes

Fonte: a autora, 2019

Na figura acima, temos uma trajetória fictícia para exemplificar como se deu as construções dos dados das trajetórias. Nessa, em específico, começariamos como um ponto de passagem obrigatória (ex: nascimento), em seguida a trajetória se bifurca. De um lado temos uma trajetória não realizada (a pontilhada), ao passo que a outra foi realizada (traçado firme). Essas trajetórias relacionam-se com o ponto de bifurcação (BFP) W/Não-W. Ao optar pela decisão W, esse participante demarcaria essa passagem como algo que modificou seus sentidos de si, transformando-o, por exemplo, em “*Eu como A*”.

Ao abandonar a trajetória “Não-W”, o participante fictício deixaria uma trajetória fantasma, algo que retorna para o cenário seguinte, com o decorrer do tempo, após haver passado por mais um ponto de passagem obrigatória. Agora, o participante se vê frente a uma nova bifurcação: X/Não-X. Essa difere da primeira, pois temos reguladores semióticos presentes – inibindo uma decisão (Não-X) e promovendo a outra (X). Nessa “batalha” o indivíduo opta por X. Essa decisão parece ter sido importante e ter proporcionado uma reconstrução dos seus sentidos de si, passando a se ver como “*Eu como B*”. Com essa passagem, demarca-se o fim das narrativas que o adolescente trouxe enquanto pertencentes ao seu passado.

Em seguida há o tempo presente. Nele há uma nova bifurcação, sendo presenteum regulador semiótico catalizador para a opção autolesionar-se. Ao optar pela autolesão, o

sujeito atinge o nosso primeiro Ponto de Equifinalidade (EFP 1). Em seguida há um ponto de passagem obrigatória e, então, mais uma bifurcação. Nessa, há a presença de reguladores semióticos não identificados e que parecem influir na opção de não-autolesionar-se. Ao optar por essa decisão, o participante atingiria o segundo Ponto de Equifinalidade (EFP 2). Com essa passagem finda-se o tempo presente.

Em seguida nós temos o tempo futuro, no qual somente há pontos de passagens imaginados (IPP). Cabe destacar que, embora no futuro só haja IPPs, nem todo IPP é do tempo futuro. Isso porque entendemos e propomos que pode haver decisões imaginárias realizadas no passado e/ou no presente. Após essa explicação e retomando nossa trajetória imaginária, o participante prospecta que ele irá optar por Y invés de Não-Y. Prospecta, ainda, que ao optar por Y poderá construir novos sentidos sobre si, assumindo uma posição C (*Eu como C*).

b) O segundo bloco: análise das posições do self dialógico

O segundo bloco subdivide-se em dois.

O sub-bloco 2.1 enfoca analisar as posições do self dialógico relativas aos pontos selecionados na trajetória de vida dos adolescentes retratada no primeiro bloco. Tendo como referencial a microanálise proposta por Salgado, Cunha e Bento (2013) para estudar o self dialógico, procura evidenciar o agente, o endereçado, o objeto, a(s) audiência(s), o domínio relacional e a posição do eu. Ademais, ainda se destacam as esferas de experiências existentes (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e os reguladores semióticos (promotores e inibidores) (CABEL, 2010).

A opção por adicionar as esferas de experiência e os reguladores semióticos – para além dos componentes analíticos propostos por Salgado, Cunha e Bento (2013) –, fundamenta-se na compreensão de que: (1) as esferas de experiência suscitam diferentes posicionamentos do self; (2) os reguladores semióticos podem relacionar-se inibindo ou promovendo posicionamentos do self.

Assim, para todas as posições do eu que encontrarmos atreladas ao início e fim da autolesão, preencheremos os seguintes dados que constam na tela abaixo (Tabela 2).

Tabela 2 - Modelo para análise dos pontos da trajetória das adolescentes

		Posição do eu A	(...)
Agente			
Endereçado			
Objeto			
Audiência (s)			
Domínio relacional			
Esferas de experiência			
Reguladores semióticos	Promotores		
	Inibidores		

Legenda: Na tabela acima temos, no topo das colunas, “Posição do eu A” e “(...)”. A primeira posição (Posição do eu A) é fictícia, ao passo que o símbolo “(...)” demarca que podem haver mais de uma posição do eu, até um número indeterminado. Essa determinação se dará a partir da análise, pelo pesquisador, da trajetória de vida construída de cada participante.

Fonte: a autora, 2019

O **sub-bloco 2.2**, por sua vez, buscou, pela análise do papel da imaginação e rememoração, focalizar o processo dinâmico de mudança de uma posição do eu para outra – que foram já analisadas anteriormente através dos pontos contemplados na Tabela 2. Assim, por exemplo, analisaríamos a passagem da Posição do eu A para Posição do eu B.

Isso nos possibilitou analisar a ação da rememoração-imaginação nas mudanças ou manutenções dos posicionamentos do Self Dialógico. Para isso, atentou-se para o papel dos processos rememorativos na (re)construção de significados de si, bem como utilizou-se do conceito de *gegenstand* (TATEO, 2017; VALSINER, 2014d; 2004e) para se observar a relação entre o agente e o objeto/outros como valorados e, assim, oferecendo resistência e direcionalidade, portanto abarcando o dinamismo das posições do self dialógico e suas transformações. Nesse ponto, os processos rememorativos-imaginativos estão em destaque na manutenção ou modificação do Self Dialógico.

Não obstante, ainda neste sub-bloco (2.2) – uma vez que buscamos observar as modificações de um ponto ao outro, ou seja, conferir ênfase a dinamicidade do self – destacou-se nesse subeixo analítico as rupturas ou transições experienciadas encontradas, bem como as ADMs. Ademais, se evidenciou possíveis reguladores catalíticos envolvidos nesse processo – acrescentando esses aos outros reguladores semióticos (promotores e inibidores) elucidados no sub-bloco 2.1.

c) Terceiro bloco: os sujeitos e a autolesão

Neste bloco final analítico buscou-se retomar tudo que já foi analisado, agora tendo como norte discutir como as posições do self dialógico destacadas. E, sobretudo as suas transformações (de uma posição do eu a outra), acompanhando-as no seu transformar-se no tempo (possibilitadas pelos processos de rememoração e imaginação, principalmente), relacionam-se com os pontos de equifinalidade escolhidos: o início da prática autolesivas (EFP 1) e o fim da prática autolesivas (EFP 2).

Buscamos, para auxiliar o leitor, apresentar todos os blocos analíticos (bem como suas subpartes) e seus objetivos, de modo a ficar claro o passo a passo executado nessa dissertação através da tabela3.

Tabela 3 - Os blocos analíticos da dissertação e seus objetivos

Blocos analíticos		Objetivos
<i>Sobre as posições do self dialógico (1º bloco analítico)</i>		Construção da trajetória de vida do participante para situar a emergência das posições do eu a serem examinadas
<i>A dinâmica das transformações das posições do self dialógico(2º bloco analítico)</i>	Primeira parte	Exame detalhado de cada uma das posições do eu encontradas atreladas aos pontos de equifinalidade (EFP 1: autolesionar-se e EFP 2: parar de se autolesionar) da trajetória construída no bloco anterior. Buscar-se-á examinar o agente, endereçado, objeto, audiência, domínio relacional (SALGADO; CUNHA; BETO, 2013), esfera de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) e reguladores semióticos (CABEL, 2010) de cada posição do eu (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002)
	Segunda parte	Analisar-se-á a dinâmica de mudança (de uma posição para outra) de todas posições elencadas no subloco anterior (2.1) tendo como referência a unidade quadrática de Valsiner (2014a) – e, portanto, os processos imaginativos (TATEO, 2017) e rememorativos (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER; GILLESPIE, 2013; 2014; DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Ainda indicar-se-á possíveis reguladores catalíticos atrelados ao processo (CABEL, 2010), rupturas e/ou transições (ZITTOUN, 2007; 2009) experienciadas.
<i>Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico (3º bloco analítico)</i>		Produção de uma síntese de tudo que foi analisado enfocando o início e fim da autolesão.

Fonte: a autora, 2019

6 DISCUSSÃO DOS ESTUDOS DE CASO

Destaca-se qual a unidade de análise e quais autores foram utilizados para analisar os dados construídos.

6.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A título de organização, cada um dos dois participantes terá seu caso apresentado separadamente, sendo-lhes conferido um nome fictício e apresentadas somente as informações estritamente necessárias para a compreensão da dinâmica das transformações das posições do self dialógico no seu desenrolar até atingir o primeiro EFP1, iniciar a autolesão, e até atingir o segundo EFP2, parar de praticar autolesão.

Assim, o que propomos aqui parece aproximar-se do que Valsiner (2018a) conceitua como “nanopsicologia” (p.2) na qual, no aprofundamento de dado fenômeno psicológico, o pesquisador precisa escolher teoricamente os momentos-chave que o faça compreendê-lo em profundidade, utilizando uma abordagem multidimensional, dinâmica e sistêmica desses momentos. Ainda, nas palavras fidedignas do autor (VALSINER, 2018a), a nanopsicologia é a “psicologia onde a base de dados empírica é purificada para incluir experiências existenciais humanamente importantes (foco em dados selecionados que são dados em sua forma minimalista) que são então submetidos a um rigoroso escrutínio teórico” (p.2).

A opção pela nanopsicologia se deu em função da ênfase que essa dissertação procura conferir aos momentos-chave de transformações dos significados de si, aprofundando, portanto, inúmeros aspectos dessas ocasiões.

Ainda, como previamente mencionado, os resultados e análises, referentes a cada participante, serão apresentados em três blocos analíticos. Acrescemos aqui a informação que, antes do primeiro bloco analítico, há um resumo geral do caso a fim de conferir ao leitor uma visão geral de quem é o participante e sua trajetória de vida.

Explicita-se desde já que, enquanto no primeiro caso (no caso de Alice) encontramos duas posições do eu que foram significativas com o início e fim da autolesão (EPF 1 e EPF2), ao passo que no segundo caso (no caso de Cris), foram encontradas três. Outra diferença – e essa primordial – é que no caso de Cris (o segundo nesta análise), em que uma das posições do eu é imaginária, ou seja, prospectada pela participante.

6.2 DE “MENTE FECHADA” A “ALMA LIVRE”: O CASO DE ALICE

“(…) eu me cortei por raiva. Raiva! Só por raiva... e por querer descontar em mim” (ALICE, 2019, comunicação oral)

Alice tem 16 anos e é estudante de escola pública. Conta que já mudou de escola diversas vezes (mais de cinco) e que, ainda assim, todas as transferências foram árduas, sentindo saudades dos vínculos formados e tristeza antecipada por imaginar os perderia. Tem pais separados e diz ter duas casas: da sua mãe – que vive junto ao padrasto – e de seus avós paternos – onde também reside seu pai. Entre ambas, alega preferir a casa dos avós por se sentir “*mais livre*” (SIC).

Seus pais se separaram antes mesmo de seu nascimento, embora mantivessem por certo tempo um relacionamento sem compromisso. Durante sua infância, com o término definitivo da relação informal dos genitores, a mãe de Alice deixa a residência dos avós paternos da garota. Alice, então, passa a residir com o pai e avós paternos durante a infância. Contudo, aos oito anos de idade sua mãe a levou para morar consigo. Ao comentar sobre essa mudança, relatou com pesar que este momento foi um período estressante: “(…) *Terrível* [risos nervosos]. *Eu chorava todos os dias porque eu não consegui me acostumar a ficar longe da minha avó*” (SIC).

Não obstante, ao responder as questões sobre si, a estudante apontou um segundo momento significativo em sua vida: quando ela começou a se cortar (aos 14 anos). Respondendo a minha indagação sobre se ela recorda quando se cortara pela primeira vez, ela situa:

“Vei, eu acho que... Foi bem na... que eu realmente lembre... foi bem na... época que eu me assumi. Que eu assumi não, que eu tive que falar! [risos nervosos] (...) E aí eu me cortei por raiva. Raiva! [Fala com ênfase] Só por raiva... [Pausa] e por querer descontar em mim. Eu já quis morrer, eu já quis muita coisa. Mas hoje em dia eu penso assim ‘não, quero morrer não, quero ficar aqui, quero viver muito. Tenho objetivos, tenho planos, quero viver tudo’ (...) Nessas horas eu queria morrer porque eu achava que não tinha pra que viver.. pra que tar assim vivendo do jeito que era, sendo julgada por todos os lados [Refere-se a ambos os lados de sua família], eu achava que isso nunca ia acabar. Aí eu queria morrer... Eu preferia do que tar vivendo assim” (SIC).

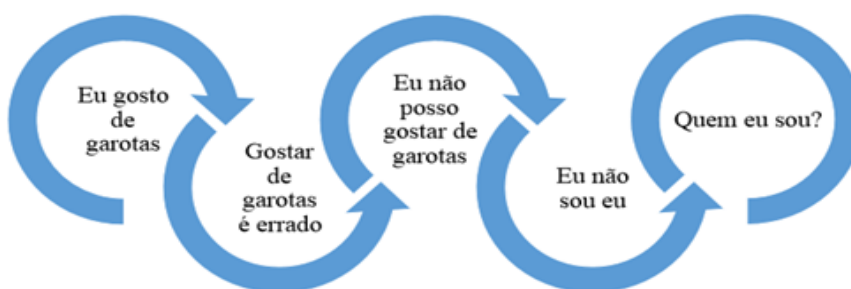
Por esse trecho, percebemos que em sua narrativa, Alice diferencia “*me assumir*” (SIC) de “*tive que falar*” (SIC). Ao ser questionada, explicou que seu desejo era somente expressar publicamente que gostava de garotas após a maioridade brasileira (18 anos). Contudo, quando tinha quatorze anos, em uma conversa com sua madrasta, essa acabou inferindo sua

orientação sexual e contou para todos os outros membros familiares acerca disso, mesmo tendo prometido segredo. Apesar de saber sua preferência por garotas, Alice relata que, naquela época, tinha grande dificuldade de aceitar sua própria sexualidade, negava-a, pois acreditava que era errado. Em suas palavras:

(...) É, eu não aceitava eu gostar de meninas. Tanto é que eu tentei até evitar. Com meus avós eram religiosos eu tentei ver Deus [risos nervosos]. Ver em Deus que isso estava errado e pronto. (...) Eu pensava uma coisa que... Era errada, sabe? Não que era uma nojeira ou algo do tipo. Eu achava errado viver assim... Ser livre... Eu achava errado ser livre. Fui criada muito certinha. (...) Eu... Eu acho que na minha mente, só vinha pensamentos de um dia ser alguém, eu pensava em ser alguém. Eu só não sabia quem. Eu não planejava. E eu planejava a religião que eu queria para minha vida era aquela [evangélica/protestante]. Eu não imaginava mudar a mente totalmente como agora (SIC).

Cogita-se, então, que ao se perceber impossibilitada de gostar de garotas, Alice enfrenta uma forte tensão: “Se eu não posso ser eu mesma, quem eu sou?”. A figura (Figura 5) abaixo resume os diálogos internos inferidos.

Figura 5 - Diálogos internos de Alice inferidos pela pesquisadora



Fonte: a autora, 2019

Nessa época, Alice era alguém que negava gostar de garotas e, por negar algo que ela aponta em sua narrativa como crucial para si, ela, retrospectivamente, se intitula naquela época como “*mente fechada*” (SIC). Contou que, naquela época, passou a não se aceitar, negando tais compreensões e tentando ver Deus. Ela, portanto, utilizou-se da religião para fortalecer os significados construídos e partilhados com a cultura coletiva (aqui, representada, sobretudo, pelos seus familiares). É nesse período que os cortes começam e continuam sendo utilizados por quase dois anos. Alice alegou que naquela época se cortava porque

“(...) na hora da raiva ficava muito cega (...) Foi não saber lidar com meus problemas, não saber enfrentar eles. Porque eu penso diferente... hoje em dia eu não enfrento, mas eu não fujo deles [risos]. Mas antes... Eu não sabia o que fazer. Eu não tinha amigos e pessoas que eu poderia confiar, conversar” (SIC).

Assim, em sua narrativa, a relação com o outro (alteridade) – principalmente a aceitação e afirmação deste sobre ela – parece ser um eixo central para a manutenção e

continuidade desses cortes. Durante esse período em que passou se autolesionando, a mãe de Alice a conduziu a um tratamento psicológico. Acerca disso, não temos muitas informações, visto que Alice não quis abordar esse tópico. O que sabemos, a partir de sua narrativa, é que esse cenário de autolesão contínua somente cessou quando houve uma mudança na sua compreensão sobre si mesma: Alice deixa de ser “*mente fechada*” (SIC) para ser “*alma livre*” (SIC).

Acerca desta mudança a adolescente diz que, para ela, se deu por dois importantes pontos: (1) quando ela se apaixonou por uma garota que frequentava a mesma igreja que ela; (2) quando ela ficou com essa garota. Essa última experiência somente ocorreu após Alice encontrar alguém que apoiava a sua homossexualidade, aceitando-a; bem como quando ela começou a duvidar dos credos de sua religião anterior (Evangélica/Protestante). Temos então, três pontos importantes: o apoio sobre sua homossexualidade, mudança de religião e, por fim, permitir-se amar – e ficar com quem desejar. Analisaremos sequencialmente cada um deles.

Começando pelo apoio sobre sua homossexualidade, Alice relata que no apoio de sua avó ela não só encontrou aceitação, como também um lugar para ela. Ela relembra:

“(...) quando eu me assumi depois de um tempo eu fui pra casa da minha avó. Minha avó me aceita [ênfase], aí ela me aceitou lá por um tempo porque eu não aguentava mais lidar com a minha mãe, colocando toda aquela pressão na minha cabeça. Mãe, pai, todo mundo. E aí eu fui pra lá.. E foi lá que eu parei com isso [de autolesionar-se]” (...) Porque eu parei de ouvir mais [ouvir reclamações familiares sobre ela]. Eu passei de um lugar que me rejeitavam tanto [casa de sua mãe] para um que não ligavam [casa de sua avó]. Então foi bom. Aí... eu parei de querer [morrer]... sei lá... eu parei de pensar em morrer. Parei de tudo” (SIC).

A aceitação da avó de Alice permite que a garota (re)construa novos sentidos sobre si, sua orientação sexual, religião e o uso da autolesão. Acerca dos novos sentidos construídos, ela diz:

“Eu acho que... Eu não sei... Eu me sinto tão, sei lá, livre. Tão... liberta [risos]. Que antigamente eu tinha a mente fechada. Eu era totalmente contra mim mesma. Hoje em dia eu me aceito bem mais já. Eu aceito quem eu sou... eu... (...)Eu já me vejo assim e quero ficar assim. (...) É... Eu sou uma alma livre [risos]. Eu sou assim, sei lá, liberta. (...) eutomei mais amor a mim mesma. Eu comecei a me enxergar diferente” (SIC).

Os outros dois pontos (a saber, a mudança de religião e o amor) que corroboraram para a mudança serão destacados juntos, dado que podemos ver uma transformação, do significado de amor, atrelada ao contexto religioso. Ela descreve o amor como um sentimento amável e atitude aprovada. Assim, ela indagou: se o amor é sempre bom, por que amar outra garota não seria também uma coisa boa? Na reflexão de Alice:

“(...) Primeiro, eu na igreja conseguia ainda me interessar pela menina, aí eu fiquei pensando... Tipo... O primeiro pensamento que eu tenho há muito tempo é que... Se isso [amar uma garota] é tão errado, por que a gente consegue amar outra pessoa? Não que... que eu ame alguém. [risos]. Mas eu tô falando que é uma coisa bonita... porque dizem que é uma coisa má, uma coisa ruim que conseguiu a gente fazer ser assim e gostar assim... Mas eu fico pensando por quê. Por que uma coisa que só mal, só traz o mal iria fazer a gente amar outra pessoa?” (SIC)

Ao aceitar sua homossexualidade, pois o amor é sempre bom, Alice então passou a querer englobá-la dentro de um credo religioso. Para isso, ela recorreu a outra religião: o espiritismo. No espiritismo (KARDEC, 1864) compreende-se que o homem em seu início tem instintos, com seu avanço, passa a ter sensações ou emoções; quanto mais instruído e purificado formais sentimentos desenvolve, até atingir um estágio ainda mais elevado: o amor. Assim, o homem somente atinge a plenitude quando ama. Amor esse que deve ser sempre sem julgamentos e altruísta. Nas palavras do médium Raul Teixeira (FUNDAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA, s/d): o amor não vê a morfologia, ele ama.

Ao encontrar essa aceitação em uma religião, Alice encontra um lugar socialmente aceito para ela. Contudo, embora Alice goste do espiritismo, ela não se considera uma espírita porque não é uma praticante, ela diz: *“É porque me sinto muito distante para fazer parte de uma religião e depender dela. Eu entendo que os espíritos... eles... [pensativa] eles podem fazer coisas. Eles dependem muito de nós para coisas que eu não posso me comprometer”*. Este credo “sem compromisso” – mesmo com uma religião que ela gosta – está fortemente relacionado ao seu desejo de ser uma “*alma livre*” (SIC).

Essa mudança nos sentidos de si tem reflexo na forma como Alice passa a lidar com as marcas das autolesões anteriormente praticadas. Ela diz que antes não ligava de mostrar as marcas deixadas pelos cortes no pulso com a gilete, mas que, desde essa mudança, passou a escondê-las. Sobre isso ela conta:

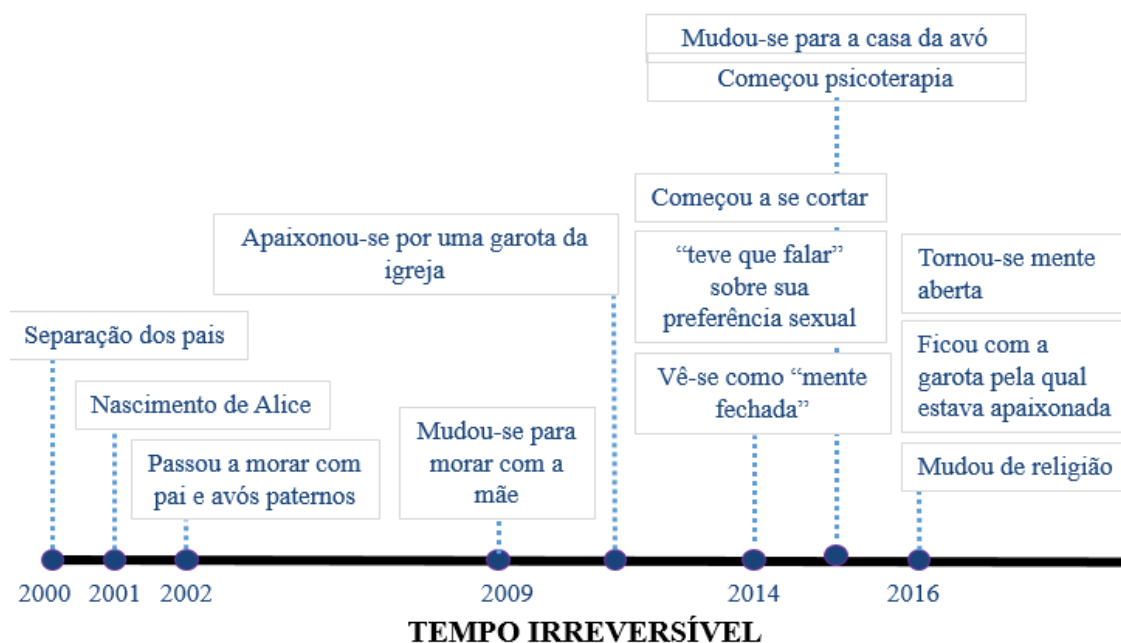
“Eu fico escondendo [as marcas da autolesão]. Quero fazer uma tatuagem por cima [das marcas]. Eu acho que marca um tempo que também era... difícil. Igual a tatuagem, eu não me arrependo de ter feito, por mais que não esteja com a pessoa [a tatuagem era uma tatuagem que referencia um relacionamento], eu não me arrependo de ter feito porque marca alguma coisa na minha vida. Foi um tempo bom. Igual aos cortes. Mas esse foi um tempo ruim” (SIC).

6.2.1 Situando as posições do self dialógico: a trajetória de Alice

A partir da história supracitada, poderíamos elencar alguns pontos fundamentais da vida de Alice. Na figura abaixo (Figura 6), alguns pontos da linha do tempo estão datados, ao

passo que outros apenas possuem uma localização aproximada na linha temporal em referência a anterioridade ou posterioridade de outros acontecimentos.

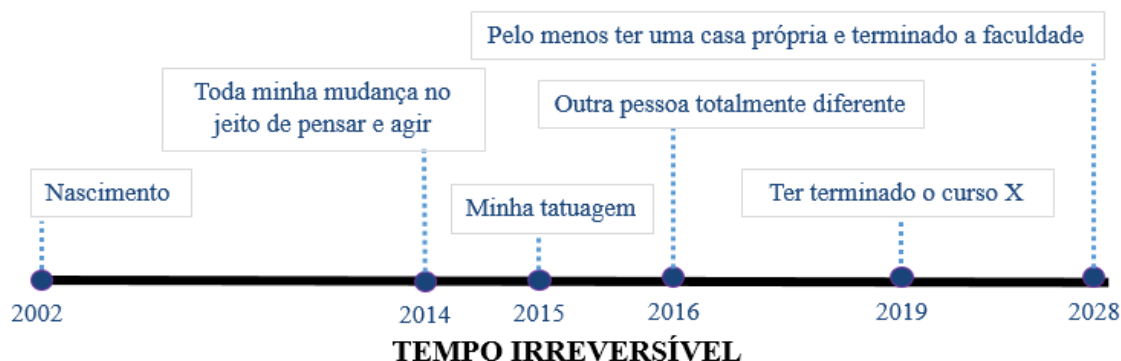
Figura 6 - Linha do tempo da história de Alice



Fonte: a autora, 2019

Alguns desses pontos elencados através da escuta a Alice também foram demarcados pela garota quando ela produziu sua própria trajetória – ilustrada na figura abaixo (Figura 7). Cabe destacar que optamos por uma versão digitalizada da trajetória – e não escrita em folha de papel – para preservar a identidade de Alice, ocultando, assim sua grafia.

Figura 7 - Linha do tempo construída por Alice



Fonte: a autora, 2019

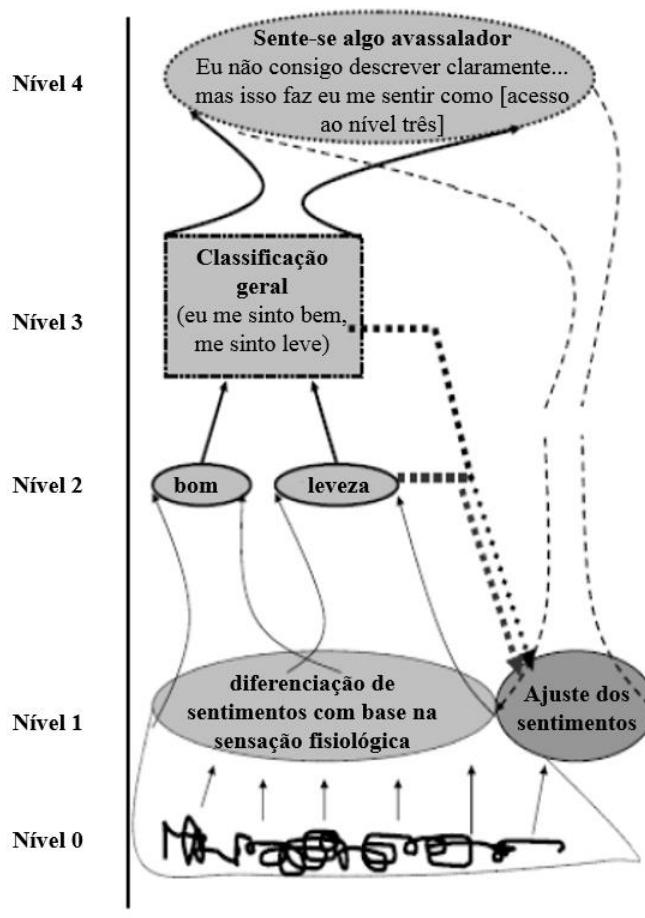
Percebemos que a trajetória construída pela adolescente é mais abreviada que a executada pela pesquisadora. Independentemente, ambas foram utilizadas como base – juntamente às narrativas de Alice – para traçar a Trajetória Final de Alice. Cabe destacar que o termo “final” se refere ao fato que a construção dessa trajetória se deu desde o primeiro encontro até o último, com diversas reconstruções e, inclusive, intervenção da participante (etapa 4 em que o participante vê a trajetória do pesquisador, pode indaga-la, transformá-la, etc.). A figura da Trajetória Final de Alice consta na página 112 (Figura 9).

O primeiro ponto é o seu nascimento e então a separação dos pais. Ambos são pontos de passagem obrigatórios (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014), posto que não dizem de escolhas ativas da garota. Com a separação e a mudança de sua mãe (que sai da casa dos avós paternos de Alice), a garota opta por continuar morando com os avós e pai, sendo esse o primeiro ponto de bifurcação (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) posto que, apesar de Alice ser criança, ela, ainda assim, optou por continuar morando onde vivia, mesmo com a saída de sua mãe.

Em seguida encontramos mais um ponto de passagem obrigatória: mudar-se para a casa da mãe aos oito anos. Elencou-se esse ponto enquanto obrigatório posto que Alice, em sua narrativa, traz que desejava continuar morando com a avó, porém, ainda assim, sua mãe a levou para morar consigo. Dessa forma, foi uma opção externa a garota que determinou a decisão.

Em seguida, em sua trajetória, há um novo ponto de bifurcação: apaixonar-se por uma garota da sua igreja/não-se-apaixonar por uma garota da sua igreja. Frente essas possibilidades, Alice elegeu apaixonar-se. Cabe, todavia, destacar que essa opção pode não ter sido uma escolha efetivamente racional. Há uma combinação de movimentos dos signos em direção à generalização e hipergeneralização. Nesse caso, temos as reações fisiológicas no nível 0 (altos níveis de dopamina e noradrenalina)(GUYTON; HALL, 2006), então no nível 1 há a diferenciação dessa sensação, que é classificada em termos de emoções específicas (bom, leveza, etc.) no nível 2 e, em seguida, ascende para uma categoria generalizada (apaixonamento) no nível 3, para somente assim atingir o último nível, o quatro, onde há o campo semiótico afetivo hipergeneralizado, cuja emoção subjetiva que irá regular .nossos sentimentos e afetos de forma não-verbal (ver figura 8 abaixo). São todos esses campos – não só de forma ascendente, como também descendente – que estão em negociação frente uma tomada de decisão.

Figura 8 - Esquema de como o afeto (apaixonar-se por uma garota) opera na decisão de Alice



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 134)

Deste apaixonamento, Alice optou por somente falar sobre sua atração e preferência sexual por garotas aos 18 anos. Contudo, essa não é uma decisão realizada, mas sim uma tomada de decisão com prospectiva para o futuro, caracterizando o que intitulamos aqui de Ponto de Passagem Imaginado (IPP)²².

Embora esse fosse seu plano, esse ponto de passagem obrigatóriodilapida o segredo de Alice (gostar de garotas), visto que sua orientação sexual foi descoberta e explicitada para toda a família pela sua madrastra. Frente a isso, Alice optou por negar-se enquanto homossexual. Cabe destacar que, nessa passagem, na Figura 9, há reguladores semióticos

²² Os pontos de passagem obrigatória são definidos como eventos ou situações que apresentam escolhas possíveis a seguir na trajetória de vida (SATO; VALSINER, 2010). Nesse sentido, as escolhas são prospectadas, imaginadas. Contudo, no caso do IPP, estamos frente a uma situação em que, após feita a escolha, esse evento se produz apenas intrapsicologicamente, sem ser externalizado. Eu decidir me assumir aos 18 anos traz efeitos para o agora e orienta toda a minha trajetória, porém somente quem sabe disso é o próprio sujeito. Difere, portanto, de optar por se casar e, como consequência, mudar seu status social e ser reconhecido pela alteridade enquanto alguém casado. No IPP, não há o reconhecimento deste outro em cima da decisão realizada (apenas dos outros internalizados no sujeito).

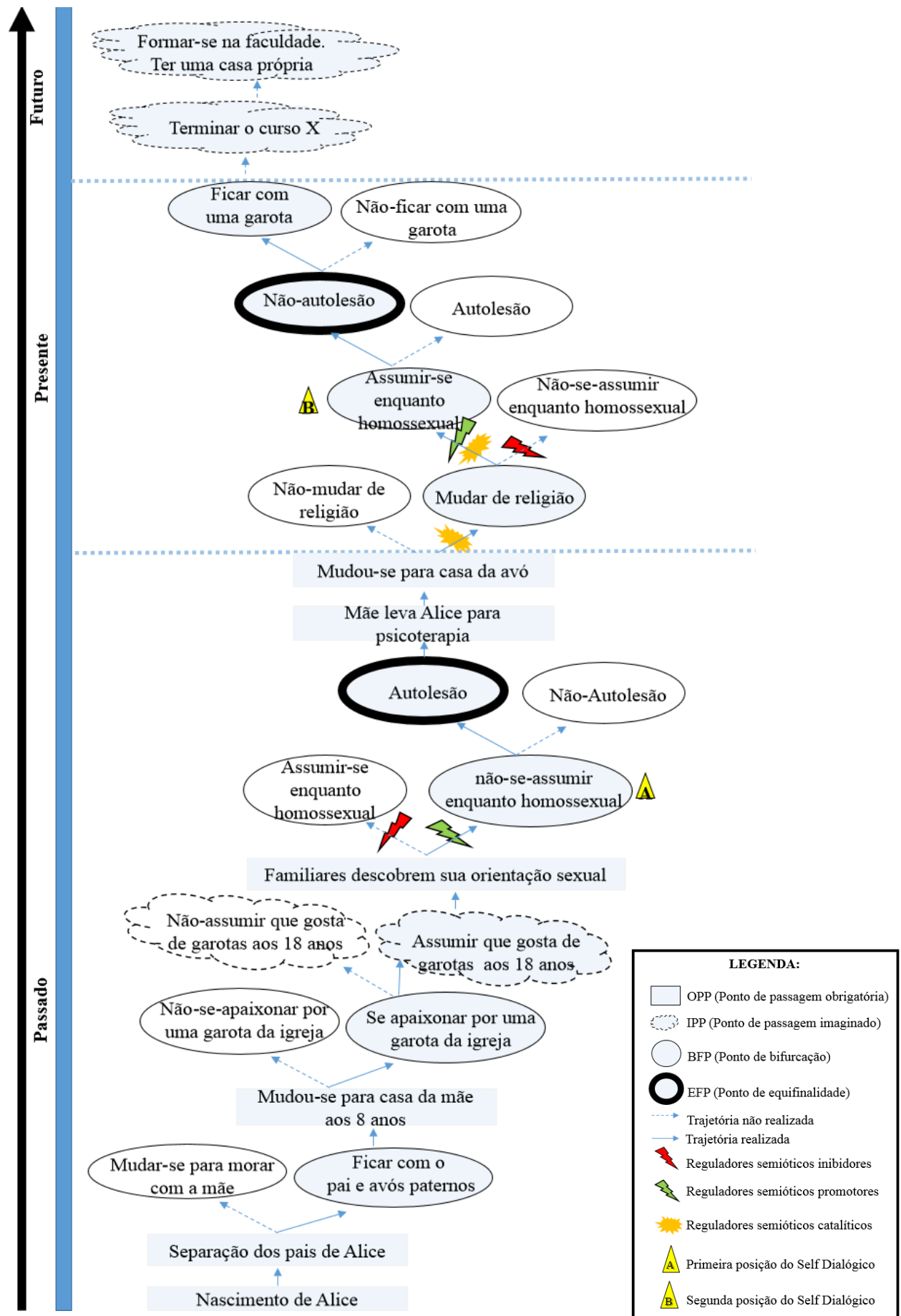
inibidores e promotores (CABEL, 2010). Enquanto de um lado há a inibição em assumir-se enquanto homossexual, do outro há a promoção de não-se-assumir enquanto homossexual. Mais à frente (no tópico “dinâmica das transformações das duas posições de Alice.”) discutiremos o papel destes signos na trajetória de Alice. Por não-se-assumir enquanto homossexual, Alice nega parte de si (parte do self) e assume uma compreensão de si enquanto “mente fechada”, sendo essa a primeira posição do eu aqui estudada (exemplificada pelo signo ). É durante essa posição do eu que a garota optou por autolesionar-se, demarcando o primeiro Ponto de Equifinalidade (EFP 1)(VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014).

Surge, então, na trajetória de Alice, um novo ponto de passagem obrigatório: seus familiares concordaram da garota se mudar para morar com a avó, já que não conseguiam mais fazer com que Alice parasse de se cortar ou até mesmo deles conseguissem compreender o que se passa com ela. A aceitação da avó de sua homossexualidade passa a ter função de signo catalizador (na trajetória exemplificada pelo signo ), possibilitando novas construções de sentidos. A primeira modificação é que Alice optou por uma nova religião (espírita). A passagem por esse ponto de bifurcação é facilitada pelo catalizador (a avó).

Ademais, Alice, em seguida, optou por assumir-se enquanto homossexual para a sua família. Essa opção também é facilitada pelo papel catalizador da avó de Alice, bem como é promovida por parte do self de Alice que, até então, buscava aceitação. Ao passo que a trajetória não optada de “não-se-assumir enquanto homossexual” é inibida não só por partes do self dela, como pelos novos sentidos que constrói com auxílio de novos credos religiosos (religião espírita). É com a aceitação de sua homossexualidade que ela se atribui o status de “alma livre”, assumindo, então, uma nova posição do eu que é demarcada pelo signo ). Com essa nova posição, o próximo passo de Alice foi optar por parar de se cortar – segundo Ponto de Equifinalidade (EFP 2). E, então, permitiu-se ficar com garotas – caracterizando mais um ponto de bifurcação ao não optar pela trajetória alternativa “não-ficar com uma garota”.

Em seguida, a garota ao traçar sua própria trajetória, elenca que, para o futuro, o que prospectou para si, que é conseguir terminar um curso que está fazendo e, com mais alguns anos, terminar a faculdade e ter uma casa própria – caracterizando dois IPPs.

Figura 9 - Trajetória Final de Alice



6.2.2 A dinâmica das transformações das duas posições de Alice

Primeiro sub-bloco: a posição “mente fechada” e a posição “alma livre”

Selecionamos, para analisar aqui, duas posições destacadas pela adolescente que perpassam sobre a questão do início e fim da autolesão. Uma vez que Alice fala endereçando-se a pesquisadora, a primeira é colocada enquanto *agente*, ao passo que a segunda é o *endereçado/destinatário* – tradução do termo *adresse* utilizado por Salgado, Cunha e Bento (2013).

Ainda, a adolescente, ao discorrer acerca dessas posições, nos falou sobre como antes ela não se aceitava por ser homossexual, uma vez que seus familiares não a aprovavam e sua religião pregava que essa conduta era algo inconcebível. Desta forma, depreende-se que seus sentidos de si – tanto “mente fechada” (SIC) quanto “alma livre” (SIC) – dizem de como a garota relacionou-se com o *objeto* amor: a) não o aceitando incondicionalmente no primeiro caso (e, portanto, se vendo como mente fechada); b) reconhecendo sua incondicionalidade de gênero (e, portanto, se vendo como alma livre posto que o amor é para todos). Contudo, no primeiro momento – na posição “mente fechada” – Alice subdivide o amor, isolando e relacionando-se predominantemente com o *objeto* amor homossexual. Somente na segunda posição do eu há uma transformação desse *objeto* amor homossexual em amor – que, agora, engloba todo tipo de amor.

Assim sendo, elencou-se aqui o amor (primeiramente o amor homossexual e, na segunda posição, o amor mais amplo que inclui também aquele homossexual) enquanto o *objeto* em que sua narrativa se centrou, ainda que, muitas vezes, ela também falasse de si. Acredita-se que, ao falar sobre si, Alice narra sobre os efeitos desse objeto (amor) em suas compreensões de si, dentro das relações que nutre com os familiares.

Além disso, em suas narrativas, podemos ver como há a presença de outros sociais nessas compreensões que são construídas, destruídas e reconstruídas. A garota fala sobre como sua mãe, pai, avós estão presentes em sua vida. Seus familiares maternos e paternos estão constantemente em sua fala, como alteridades consideradas em cada percurso de sua trajetória. Dessa forma, elencou-se os familiares enquanto a *audiência* com a qual Alice dialoga.

Ao endereçar-se à pesquisadora, na construção de seus sentidos sobre o amor (amor a si mesma, a outras pessoas e a garotas do mesmo sexo), destacou-se as relações como o *domínio relacional* aos quais os recortes da fala de Alice se referem. Justifica-se essa escolha

posto que é nessa relação de diálogo interno com as audiências de seu self (seus familiares) que Alice parece tentar negociar os sentidos de si.

Após ter analisado esses aspectos gerais – *agente, endereçado, objeto, audiência e domínio relacional* – que são comuns a ambas posições do eu – “mente fechada” (SIC) e “alma livre” (SIC) –, iremos partir para aspectos particulares de cada uma dessas posições a serem analisadas. Iniciaremos com a primeira delas (mente fechada), para então partirmos para a segunda (alma livre). Para ambas iremos destacar quais as esferas de experiências (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) relacionadas às posições, bem como os reguladores semióticos (inibidores e promotores) (CABEL, 2010).

Na posição “eu como mente fechada”, elencou-se enquanto *esferas de experiências* significativas – sinalizadas pela sua narrativa –, Alice perpassar por alguns espaços significativos: o primeiro é a casa da mãe, o segundo é frequentar espaços relativos à sua religião (protestante/evangélica) ou entrar em contato com pessoas dessa mesma religião.

Ainda sobre essa mesma posição do eu, podemos destacar que a religião funciona como signo hipergeneralizado que promove Alice manter-se na posição “mente fechada”, visto que faz a manutenção de sentidos como: gostar de garotas é errado, pois não se podem amar pessoas do mesmo sexo. Outro signo promotor são os familiares que a impulsionam nesse mesmo caminho. Em contrapartida, podemos ver que parte do self de Alice – aquela que almeja continuar movendo-se em direção à sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; Bakhtin 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) – opera como signo inibidor. Isso se justifica dado que a própria garota passou a sentir desconforto com seus próprios sentidos construídos. Inquietação essa que é demarcada na pele através do uso de cortes – esses passam a ser recorrentes durante o tempo que Alice assume a posição “mente fechada”.

No tocante a segunda posição do eu – a saber, “alma livre” –, encontramos uma inversão desse cenário. Agora o self de Alice é um signo promotor da posição alma livre, ao passo que os familiares aparecem como um signo inibidor. Um novo signo que se apresenta agora é a nova religião de Alice: o espiritismo. Essa nova religião é uma construção para buscar aceitação de sua perspectiva de amor (é normal amar pessoas do mesmo sexo, ou ainda, para ela, sua homossexualidade). Assim sendo, a nova religião passa a operar com um signo hipergeneralizado que promove a posição “alma livre”.

Os resultados até então construídos estão sintetizados na tabela abaixo (Tabela 4):

Tabela 4 - Análise das posições “mente fechada” e “alma livre” na trajetória de Alice

		“Mente fechada”	“Alma livre”
Agente		Alice	Alice
Endereçado		Pesquisadora	Pesquisadora
Objeto		Amor homossexual	Amor
Audiência(s)		Famíliares	Famíliares
Domínio relacional		Relações	Relações
Posição do eu		Eu como mente fechada	Eu como alma livre
Esferas de experiência		Casa da mãe Igreja evangélica/protestante	Casa da avó Centro espírita (espiritismo)
Reguladores semióticos	Promotores	Famíliares Antiga religião (Evangélica/Proteste)	Orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo); Nova religião (Espiritismo)
	Inibidores	Orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo)	Famíliares

Fonte: a autora, 2019

Segundo sub-bloco: da posição “mente fechada” até a posição “alma livre”

A tríade sujeito-objeto-endereçado não é somente importante para analisarmos as posições do self dialógico. Podemos, ademais, analisar a relação entre o sujeito e o objeto – tendo como horizonte que as ações dos sujeitos são sempre endereçadas a outro (seja ele internalizado ou não) – à luz da teoria do *Gegenstand* (TATEO, 2017; VALSINER, 2014d, 2014e). Como já explanamos, nele os seres humanos, ao valorar os objetos, os transformam em um *gegenstand*. Desse objeto com a propriedade particular de resistir que é o *gegenstand*, o sujeito é convocado a contraatuar e, disso, optar por direcionalidades – construir uma cadeia de significados a partir de diferentes valores.

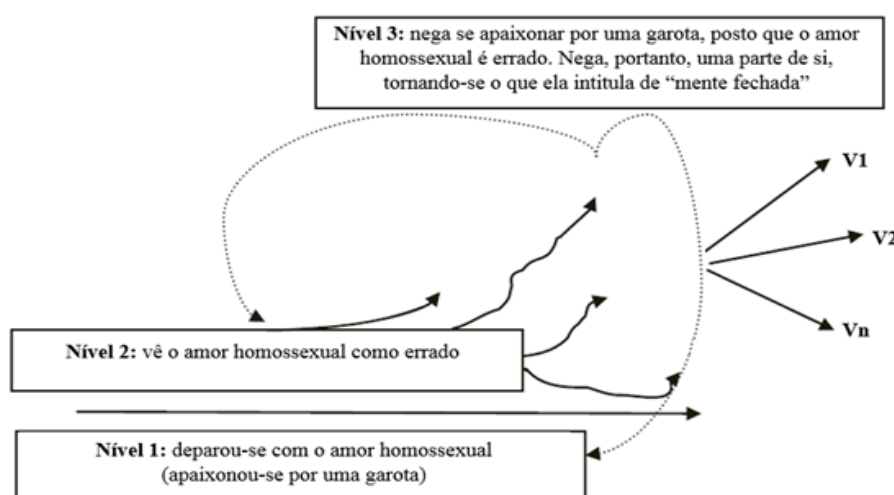
No caso de Alice, o primeiro ponto significativo de sua trajetória elencado pela pesquisadora, foi sua primeira posição (“mente fechada”). Nesse período, Alice depara-se com algo: o amor homossexual (o qual elencamos na tabela acima – Tabela 4). Esse encontro

se dá a partir das condições ambientais e faculdades temporárias do agente (ex: iluminação, neblina ou estado de consciência do sujeito). Dele resultará uma percepção da coisa que pode ser mais ou menos nebulosa. Formando-se, então, uma primeira relação com essa coisa ao reconhecer suas características.

Essa primeira compreensão, no nível 1, que Tateo (2017) propõe ser inicialmente somente perceptual²³, conduz a um segundo nível: ao deparar-se com o objeto amor homossexual, Alice o vê *como* (*see-as*) (TATEO, 2017) errado – portanto, confere-lhe um valor. Deste modo, não se trata mais de uma questão de percepção, mas do agente (nesse caso, Alice) estabelecer uma relação de sentido, direcional e afetiva com o *gegenstand* (amor homossexual).

Deste modo, ao *ver* o amor homossexual *como* errado, ele (o amor homossexual) torna-se um objeto, um *gegenstand*. Mais especificamente, no caso de Alice, ao se deparar com esse *gegenstand* (amor homossexual), há uma resistência. Essa resistência imputada ao objeto por Alice promoveu a manutenção dos sentidos construídos até então pela adolescente: se o amor homossexual é errado, logo, é errado eu me apaixonar por uma garota, porque somos do mesmo sexo e isso caracteriza um amor homossexual. A partir desta interação com esse *gegenstand*, Alice optou por negar sua paixão pela garota e, ao mesmo tempo, nega uma parte de si – tornando-se o que ela intitula de “*mente fechada*” (SIC).

Figura 10 - A construção de significados e os níveis do *ver como* do *gegenstand* (amor homossexual) na posição “mente fechada” de Alice



Fonte: adaptado de Tateo (2017, p.235).

Legenda: as setas em preto saindo dos quadrados procuram articular possíveis ações a partir de cada nível do *ver como*. As duas setas pontilhadas, por sua vez, articulam a influência do terceiro nível do *ver como* nos inferiores. As setas a extrema direita do gráfico (V1, V2 e Vn) demonstram a direcionalidade: os vetores de ação resultantes de todo o processo (passando por todos os níveis) do *ver como*.

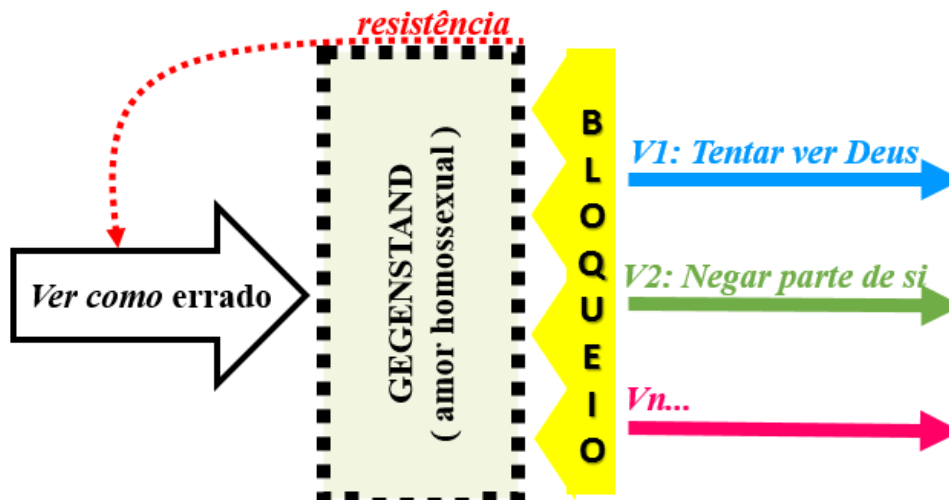
²³Já comentamos que não acreditamos que possa haver uma percepção sem valoração, contudo utilizamos essa nomenclatura afim de seguir o esquema proposto por Tateo (2015).

A figura acima além de ilustrar os níveis do *ver como*, acrescenta como informação os vetores V1, V2 e Vn encontrados nas setas da extrema direita da ilustração. Isso porque *ver como* não só implica na forma como se constrói sentidos sobre o objeto (amor homossexual) e de como os sentidos conferidos a esse objeto influenciam o self (ver-se como mente fechada), como também diz das direcionalidades das ações do agente em face ao *gegenstand* (*acting-as*) (TATEO, 2017).

Como destacado no referencial teórico desta dissertação, as direcionalidades podem ser múltiplas, tendo, cada uma, seu valor e corrente de construção de significados únicas. Por isso na figura acima (Figura 10) o último vetor é “Vn”, para demarcar o número infinito de possibilidades. As direcionalidades, ainda, dependem de qual estratégia semiótica o sujeito lança mão, visto que, desta relação agente-*gegenstand*, diferentes formas de contra-ações – ações potenciais, com orientação ao futuro – podem emergir (*ibidem*).

Aqui, no caso de Alice, por ela valorar o amor homossexual enquanto errado, ela, no nível 3, faz um movimento de negação. Assim, nesse momento, em face ao *gegenstand*, o que ocorre é uma contra-ação de bloqueio. Ao lançar mão dessa estratégia semiótica, somente aparecem direcionalidades que propõem valorações que abarquem a manutenção da resistência imposta pelo *gegenstand*. Ou seja, somente direcionalidades que acordem que o amor homossexual é errado. Assim, saem de cena todas as direcionalidades que poderiam considerar o contorno (*circumvention*) (TATEO, 2017, p. 241) dessa resistência (ex: aceitação ou indiferença ao amor homossexual, etc.), posto que, para isso, Alice teria que ter se utilizado outra estratégia semiótica (ex: contorno). Portanto, nesse momento da trajetória de Alice, adequa-se mais a representação abaixo (Figura 11) para elencar os processos imaginativos em face ao confronto com esse *gegenstand*, nesse contexto tempo-espacial.

Figura 11 - A forma de resistência do *gegenstand* amor homossexual e sua direcionalidade



Legenda: No centro da figura encontramos o *gegenstand* (amor homossexual) que impõe sua resistência ao sujeito a partir do vetor pontilhado em vermelho. A resistência culmina em Alice ver o amor como errado. E, ao valorá-lo assim, lança mão da estratégia semiótica de bloqueio (bloco em amarelo a direita do *gegenstand*). A partir dessa estratégia, temos como direcionalidades os vetores V1 (sua primeira tentativa de ver Deus), V2 (Sua tentativa de negar parte de si / selfslipt (WINNICOTT, 1983; 1990) e Vn (múltiplos outros vetores possíveis). Cada vetor recebeu uma cor única devido seu único valor e construção de significados implicados no processo.

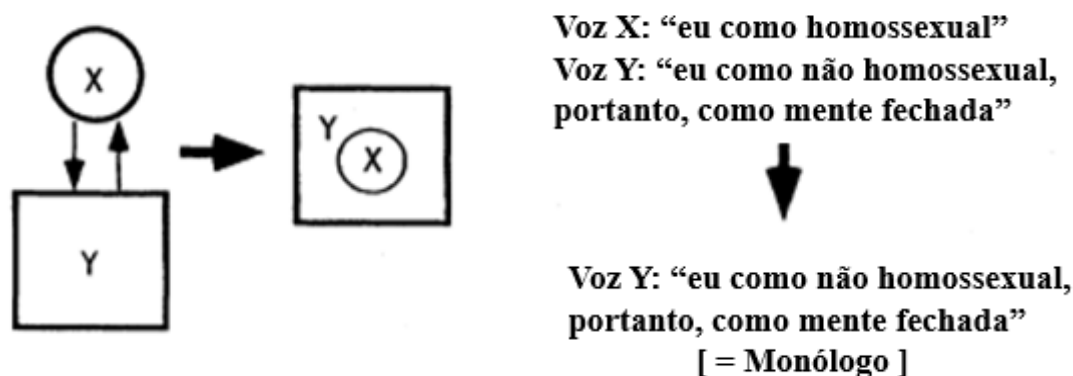
Fonte: adaptado de Tateo (2017, p. 241)

Por ver o amor como errado, Alice opta por não amar pessoas do mesmo sexo. Assim, mantêm-se presa às resistências antecipadas do objeto. Ademais, a contra-ação de bloqueio resulta em direcionalidades que deixam a garota sem perspectivas futuras sobre si: (1) primeiro segue o vetor 1 (um), tentando ver Deus e construir, a partir dos signos culturais ofertados na religiosidade cristã, que o amor homossexual é errado. Porém, esse processo parece não ser o suficiente, conduzindo-a uma próxima estratégia; (2) no vetor 2 (dois) Alice passa a negar parte de si mesma. Esse processo a conduz por um estranhamento de si e que culminou em um questionamento: “quem sou eu, então?”.

Essa pergunta se faz evidente posto que, ao negar gostar de garotas, Alice tentou ocultar que parte dos seus sentidos de si se constroem a partir de uma compreensão do amor sem barreiras. Ao ver parte do amor como errado, circunscreveu o tipo de amor que é possível (heterossexual) e qual não é possível (homossexual). Desta forma, ela procura ocultar, negar ou até mesmo destruir a posição *Eu como homossexual*. As direcionalidades optadas (ver Deus, negar a si mesma) foram possíveis reorganizações do seu repertório do SD para que,

dessa nova hierarquia de suas posições, a posição *Eu como mente fechada* pudesse silenciar a posição *Eu como homossexual* (essa que é imaginada, já que não assume efetivamente).

Figura 12 - Relações dialógicas das posições do self dialógico de alice



Fonte: traduzido de Valsiner (2002, p.258)

A figura acima (Figura 12) ilustra o que Valsiner (2012) destaca como expropriação do outro: quando uma posição domina a outra e faz imperar um monólogo. Ou ainda, essa nova configuração dos sentidos de si de Alice torna-se o que Hermans (2001a; 2001b) intitula de estereotipada, posto que ela ceifa a possibilidade de diálogo das outras posições, afastando-as do eu. Essa configuração mais cristalizada atrapalha – como destacamos na nossa revisão teórica – o que Bahktin (1981 apud EMERSON) lightfoot (2005) e Ferreira e colaboradores (no prelo) intitulam de realização estética; ou seja, dificultaria esse impulso do SD de estar buscando constantemente sua completude. Embora, como já foi disso, essa não seja obtida, mas sim hipotética, esse movimento de buscar a realização estética é imprescindível para a (re)construção dos sentidos de si.

Ainda, a partir de um viés clínico, poderíamos dizer que, ao negar parte de si (segunda direcionalidade tomada por Alice), a garota lança mão de uma defesa: o enrijecimento do falso self (WINNICOTT, 1990; 1983). Donald Woods Winnicott (1896-1971) (ibidem) propõe que quando o ambiente falha com o indivíduo, o falso self advém como uma tentativa de permitir o desenvolvimento. Assim, a emergência (ou intensificação) do falso self vislumbra ocultar o verdadeiro self, protegendo-o. Isso se torna possível quando se esconde ou nega a realidade interna, psíquica, do sujeito. Desta forma, uma das expressões mais comuns do falso self é a racionalização exacerbada (ibidem).

A construção do falso self, contudo, não é de todo má. Winnicott (1990; 1983) postula que há níveis de falso self: começando desde o nível saudável – de renunciar a onipotência em prol do convívio social (ver WINNICOTT, 1983) – desde aquela que oculta todo o self verdadeiro, excluindo a possibilidade de o indivíduo produzir qualquer gesto espontâneo ou criativo.

Deste modo, na perspectiva do pediatra e psicanalista inglês, há um preço subjetivo a se pagar quando se exacerba o falso self. Dentre eles podemos citar: sensações de vida esvaziada de sentido, existência de sentimentos vazios, pensamentos de que a vida não vale a pena, sendo de irreabilidade, dentre outros. Winnicott (1983) explica que isso ocorre pois "(...) somente o self verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real" (WINNICOTT, 1983, p.135). Assim, a exacerbação do falso self conduz a uma estrutura mental rígida, que afasta o sujeito do seu verdadeiro self. Portanto, as conclusões dessa perspectiva clínica se alinham com o que propunha Hermans (2001a; 2001b).

E é a esses sentimentos – a saber, de sentir-se esvaziada de sentidos, de que a vida não vale a pena – que Alice se alega ter experienciado com recorrência durante a preponderância da posição “eu como mente fechada”. Na perspectiva Winnicottiana (1983; 1990) seria porque ela construiu um falso self (*eu como mente fechada*) para ocultar o self (com um repertório de múltiplas vozes que, dentre elas, há a da posição *eu como homossexual*). Já para Hermans (2001a; 2001b) poderíamos pensar a posição *eu como mente fechada* tornou-se estereotipada a ponto de anular a voz das outras (e principalmente a *eu como homossexual*).

As repercussões desse processo de cristalização da hierarquia entre as posições (HERMANS, 2001a; 2001b) ou da exacerbação do falso self (WINNICOTT, 1983; 1990), foi a angústia e tensão vivida pela adolescente. Não adentraremos muito nesse tópico, pois ele será tratado com mais afinco no subtópico seguinte (Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico e autolesão de Alice) – posto que é aí que começa o uso da autolesão de Alice e, a esse fenômeno, faremos uma análise específica e minuciosa. Então, por enquanto, nos deteremos a seguinte pergunta: mas por que houve essa estereotipia? Por que ocultar de si alguns sentidos, repercutindo em mal-estar psíquico (exacerbação do falso self (WINNICOTT, 1983; 1990)), se isso impede o movimento de realização estética do self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo)? Como podemos compreender tudo isso dentro da trajetória de Alice?

Tateo (2017) explica:

Como a construção de significado é hierárquica, o agente pode sempre produzir um signo de nível mais alto que pode promover ou inibir um curso específico de ação (VALSINER, 2014a). Toda a produção de significado, “ver-como” é cultural e orientada por valores. Paradoxalmente, um sistema de valores pode ser tão hipergeneralizado e abrangente para fornecer justificativas e promover / inibir cursos opostos de ação (p. 236, tradução nossa).

Assim, fica claro que, nesse cenário, estamos lidando com signos de níveis hierárquicos superiores (VALSINER, 2010). No caso de Alice, o que orienta e a mantém na posição *mente fechada* é a valoração do amor homossexual enquanto errado. Esse valor advém de um signo partilhado não só com seu meio sociocultural (família), como por sua religião (Evangélica/Protestante). Iremos, então, analisar o papel de ambos (família e religião) posto que dizem da negociação entre a cultura coletiva e cultura pessoal – infinito interno<>externo de Valsiner (2014a).

Começaremos falando sobre o meio sociocultural. Ainda que atualmente os adolescentes e jovens se sintam mais livres para assumir a sua opção sexual (SAVIN-WILLIAMS, 2005 apud MARTINS-SILVA et al, 2012), é também verificado que a vivência da homossexualidade ainda é muito discriminada pela sociedade (MARTINS-SILVA et al, 2012). Assim, ainda que possamos observar algumas conquistas em relação aos direitos civis dos homossexuais (ARAN, CORREA, 2004 apud MARTINS-SILVA et al, 2012), a sua vivência cotidiana permanece como alvo de grande discriminação social – sofrendo dois principais tipos de discurso: um agressivo e um outro que evidencia a necessidade de respeito para com essas pessoas, mas, ao mesmo tempo, tem certo estranhamento com os homossexuais (MARTINS-SILVA et al, 2012).

Cabe destacar que os elementos discriminatórios podem estar ancorados nos aspectos da relação saúde-doença, nos papéis tradicionais de gênero e em concepções religiosas (COSTA, 1995; FOUCAULT, 1988). Acerca do primeiro aspecto – a saber, a relação saúde-doença – podemos destacar como essa dualidade foi construída pelo uso do conceito de normalidade. A mesma bipolaridade foi transposta para o campo da sexualidade, assim, a homossexualidade passa a ser concebida na história da humanidade como uma espécie de “anormalidade” (FOUCAULT, 1988).

Sobre os papéis tradicionais de gênero, espera-se da mulher que ela tenha um alto nível de autocontrole, atitude social, dimensão ética e aparência física, bem como orientação heterossexual (AMORIM, 1997). Esses estereótipos alimentam os valores e crenças da sociedade, ainda que, no nordeste brasileiro, em um estudo sobre a existência de estereótipos

de gênero por Radice (1987) se encontrou que, embora existam, esses começam a ser mais rejeitados nessa região.

No tocante à religião, como bem destaca o antropólogo Geertz (1973 apud BAUCAL; ZITTOUN, 2013), devemos entendê-la como um sistema cultural que inclui objetos, textos de referências, valores e normas, autoridades, práticas e outros específicos. Todos esses elementos irão participar de como o sujeito orchestra suas experiências através das normas, valores e significados internalizados. Desta maneira, os elementos religiosos são recursos simbólicos que medeiam o pensamento e as atividades cotidianas. Logo, apoiam a constante e inerente dialogicidade da mente e da experiência humana, conferindo sentido de continuidade ao self no tempo (ZITTOUN, 2006 apud BAUCAL; ZITTOUN, 2013). Nas palavras de Baucal e Zittoun (2013):

(...) a religião oferece sistemas semióticos e discursos a grupos e sociedades. As pessoas que internalizam, voluntariamente ou não, esses meios semióticos, podem usá-los como recursos que lhes permitem apoiar e enriquecer o diálogo e a compreensão de seus sentimentos, ações e pensamentos. Pode também mediar seu diálogo com pessoas reais e seu senso de pertencimento (p. 11, tradução nossa).

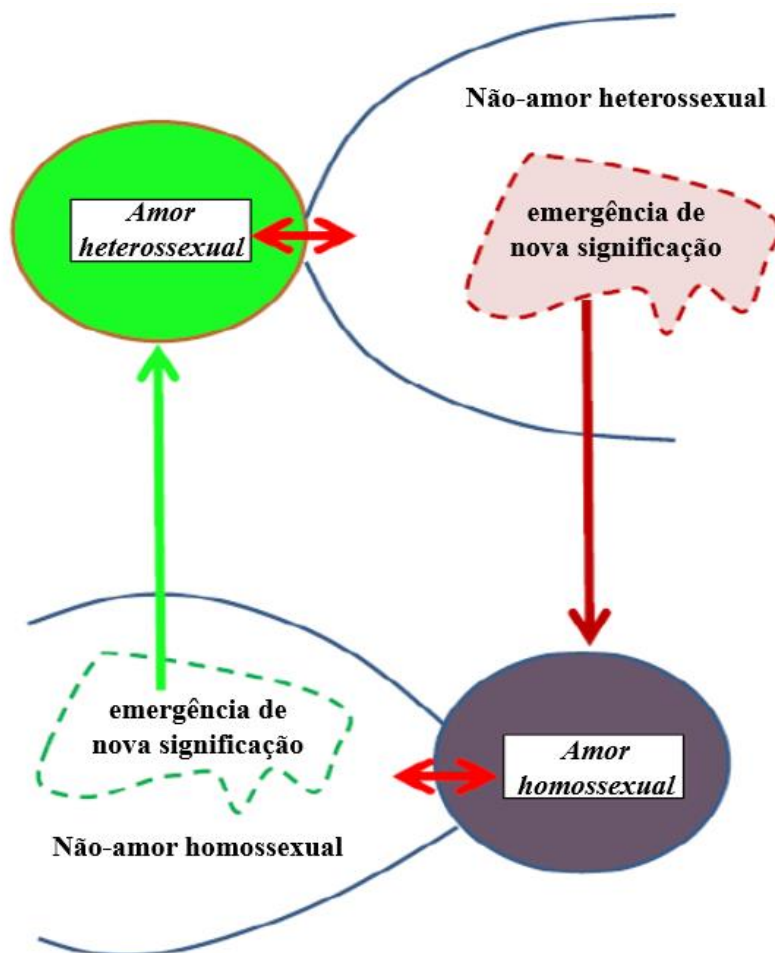
Mais especificamente, na religião de Alice (evangélica), compreende-se a homossexualidade como um pecado – uma vez que se recusa a sexualidade biológica dada por Deus – e a pessoa homossexual é compreendida “como possuída ou influenciada pelo demônio, logo, a salvação estaria na conversão à religião, concebida como libertadora” (MESQUITA; PERUCCHI, 2016, p.108). Caso não se busque libertação em Deus, prevê-se infelicidade e angústias para o indivíduo homossexual, já que a gênese da homossexualidade é atrelada a problemas psíquicos (ibidem).

Essas compreensões – ou melhor, preconceitos – são expressos na religião evangélica de forma mais flagrante do que na católica (PREREIRA et al, 2011). Os primeiros (evangélicos) apresentam atitudes mais polarizadas, expressam maior rejeição a relações de proximidade e sentem mais emoções negativas e menos positivas. Ainda, utilizam o discurso de que não sentem nada de mal em relação ao homossexual, mas não concordam com a prática de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. A tentativa de esconder o preconceito e a hostilidade contra os homossexuais reside na estratégia de dissociar o comportamento homoerótico do autor do comportamento (ibidem).

É interessante refletirmos que, para a Psicologia Cultura Semiótica, toda significação advém de uma dualidade – pois lidamos com objetos (*gegenstand*) e não coisas (com propriedades fixas). Deste modo, todos esses significados partilhados na cultura coletiva (ex: o amor homossexual é errado, fruto de possessão demoníaca, etc.) somente podem ser

pensados em tensão com o seu oposto: no confronto entre o amor homossexual e o amor não homossexual (heterossexual, fraterno e outros mais). Ou seja, a significação ocorre nas barreiras entre “A” e “não-A” (VALSINER, 2010).

Figura 13 - A dinâmica A<>Não-A na significação: movimentação entre amor homossexual e amor heterossexual



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 167)

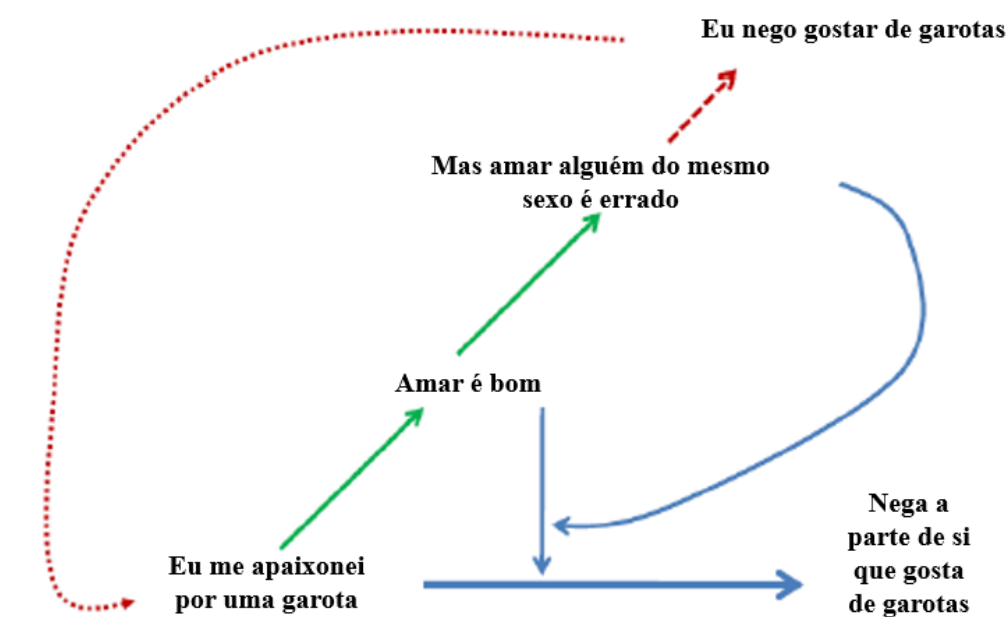
A figura (Figura 13) acima procura destacar o papel do processo de significação na construção dos conceitos em sua dualidade A<>não-A (amor homossexual<>amor heterossexual). Como adverte Valsiner (2014a),

(...) a natureza da qualidade dos objetos é determinada pela tensão entre qualidades opostas que estabelecem fronteiras entre estados relativamente estáveis do objeto. Assim, o grafite é macio, mas o grafeno – sua camada de 1 átomo de largura – é duro. (...) Cada qualidade (A) se estabelece como uma oposição à sua não-presença (não-A), e a tensão entre A e não-A leva a uma nova qualidade (B), cuja oposição ao campo em não-B pode levar a retornar (A) ou ainda outra nova qualidade (C)” (p. 162, tradução nossa).

É por essa negociação da significação entre o sujeito e os outros da cultura – dentro das avenidas de significação que são ofertadas (ADM) pelos últimos (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) – que nesse primeiro momento, para Alice, a proibição e a impraticabilidade do amor homossexual pareceu tão óbvia, clara. Mas, em um segundo momento, essas barreiras até então instituídas serão completamente destruídas – como veremos mais à frente.

Por enquanto, avançaremos para falar das implicações dessas significações na trajetória de Alice. Nesse cenário, tanto os significados da cultura coletiva quanto da religião funcionam como reguladores semióticos inibidores, bloqueando qualquer outra possibilidade de significação acerca do amor homossexual no meio sociocultural da garota. A hierarquia sêmica é destacada na figura abaixo (Figura 14).

Figura 14 - Hierarquia sêmica da emergência do signo generalizado inibidor bloqueando o significado



REGULAÇÃO HIERARQUICA ATRAVÉS DA ESTRUTURA DO GEGENSTAND

Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p.128)

Na figura acima (Figura 14), temos que, quando Alice se vê apaixonada por uma garota, ela, inicialmente, significa isso como algo bom. Contudo o signo “amar garotas é errado” bloqueia os significados dos níveis inferiores, conduzindo a uma nova síntese: eu nego gostar de garotas, portanto, nego parte do meu self – procuro negar e silenciar a posição *eu como homossexual* a partir da exacerbação de poder à posição *eu como mente fechada*. Disso culmina a exacerbação do falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) e a hierarquização estereotipada das posições do SD de Alice (HERMANS, 2001a; 2001b).

Captar o papel deste signo inibidor é fundamental para compreendermos como se deu o percurso da trajetória de vida de Alice. Caso ela não subdividisse o amor – e, portanto, compreendendo o amor homossexual tão digno quando o amor heterossexual –, resultar-se-ia daí um percurso que a garota se aceitaria enquanto homossexual (eu posso gostar de garotas – em verde na Figura 15 abaixo). Contudo, o signo demolidor (amar alguém do mesmo sexo é errado), ao ser ofertado pela sociedade e interlizado por Alice, bloqueia qualquer trajetória que não considere o amor homossexual como errado, conduzindo-a, assim, a não aceitação de parte de si (eu não posso gostar de garotas – em vermelho na Figura 15 abaixo).

Figura 15 - Hierarquia sýnica quando um signo inibidor (IN) emerge e bloqueia o significado (S)



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 127)

Legenda: Na figura acima a sigla “IN” alude ao signo inibidor (*amar alguém do mesmo sexo é errado*), ao passo que, a sigla “S”, refere-se ao signo (*eu gosto de garotas*). Os traços pontilhados seriam as trajetórias orientadas pelos sentidos de cada signo (S ou IN).

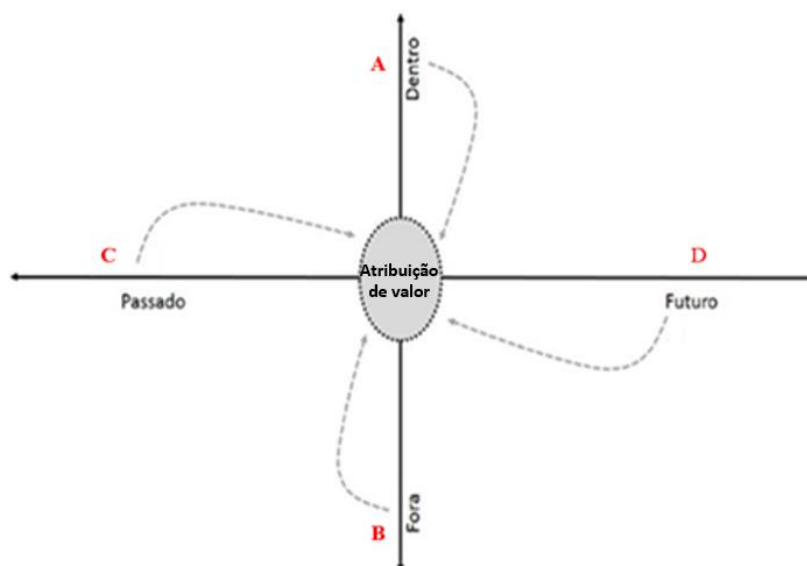
Assim, podemos compreender que Alice constrói suas significações (cultura pessoal) em tensão com a cultura coletiva, em uma reconstrução das significações atribuídas ao *gegenstand* (amor homossexual) em toda sua vida e em face ao que ela prospecta como resistência desse *gegenstand*. Podemos, então, nesse eixo de análise dos quatro infinitos, construir atabela5 que deve ser visto à luz da figura 16.

Tabela 5 - Coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao *gegenstand* amor homossexual

Infinito interior (A)	Infinito exterior (B)	Passado (C)	Futuro (D)
(cultura pessoal) Sentidos: (1) do amor enquanto errado e de ver Deus como solução; (2) dela enquanto mente fechada.	(Cultura coletiva) compreensões de que: (1) a homossexualidade é errada, um pecado, fruto de possessão demoníaca ou instabilidade psicológica; (2) a orientação sexual de uma mulher seja heterossexual; (3) que se siga o padrão de normalidade sexual: a heterossexualidade	Rememoração orquestrando todas as reconstruções de sentidos ocorridas: sobre o amor homossexual (enquanto errado) e de si (enquanto mente fechada).	Prospecção imaginada quando contraatua – frente a resistência do <i>gegenstand</i> – negando parte de si.

Fonte: a autora, 2019

Figura 16 - Coordenação dos quatro infinitos na construção de sentidos sobre o *Gegenstand*



Fonte: a autora, 2019

É na coordenação desses quatro infinitos – cultura coletiva<>cultura pessoal / rememoração<>imaginação – que devemos pensar a valoração que é conferida pelo sujeito ao *gegenstand* (Figura 16). Esse processo se faz imprescindível, pois a grande dificuldade de Alice em aceitar sua própria orientação sexual se dá posto que gostar de garotas era um significado não ofertado pelas avenidas oferecidas pelo seu meio sociocultural (familiares e

sua religião – Evangélica/Protestante). Ao não ser um sentido possível para ela, Alice não pôde ser ela mesma na potencialidade de sua singularidade (gostar de meninas). Não sendo ela mesma, indaga então quem ela é. Busca sentido para si em seu meio, mas somente encontra significados ofertados pelas ADMs apresentadas pelo meio sociocultural (por exemplo, a ideia de “ver Deus”). Por esses significados negarem parte do que ela é (homossexual), Alice continua angustiada, sendo “*mente fechada*” (SIC) e machucando-se através da autolesão.

A mudança destes sentidos construídos, bem como da posição do eu (saindo da posição *mente fechada*), somente ocorre com o aparecimento de um regulador catalítico: a avó de Alice. O papel de condição catalítica da avó tem a função de fazer emergir outra possibilidade de construção de significado de si para a adolescente. Ademais, esse processo também culminou na modificação da relação eu<>outro de Alice, reverberando, também, em mudanças em relação a autolesão – essa última será explorada no tópico a seguir. Mas como tudo isso ocorreu?

Ao não significar o amor homossexual como algo errado, a avó de Alice faz surgir uma avenida até então inexistente – pois era inibida pelos sentidos dos familiares e da religião evangélica/protestante. Acresce-se, portanto, uma avenida a mais ao que, até então, era ofertado para Alice pelo seu meio sociocultural.

Figura 17 - Novas avenidas de significação através do signo catalizador (avó de Alice)

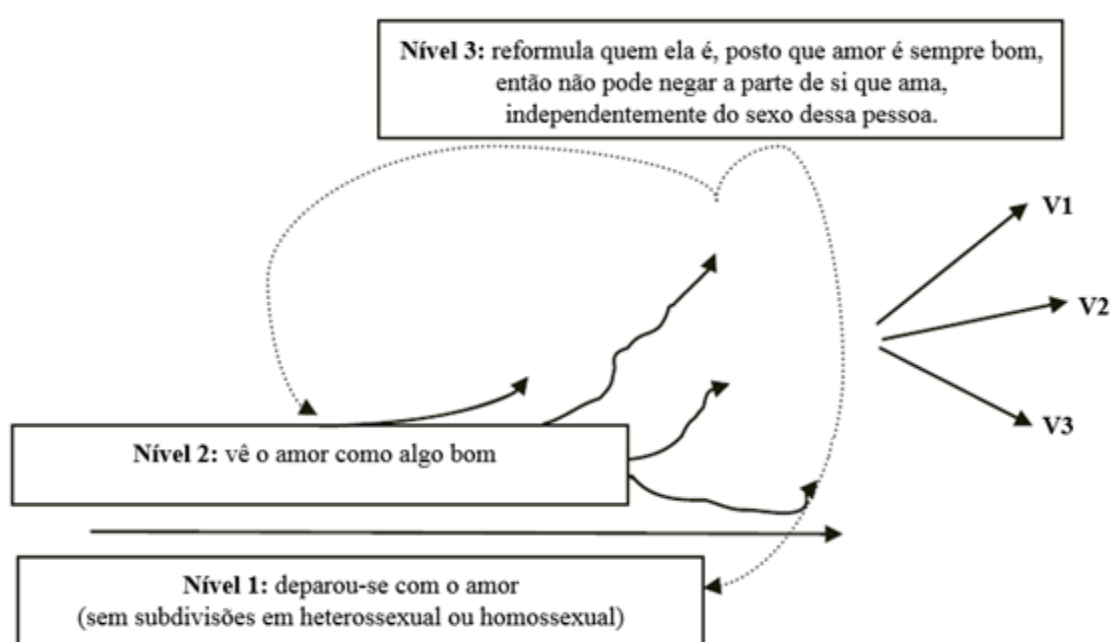


Fonte: a autora, 2019

Na figura acima (Figura 17), mostra-se como uma ADM (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) antes estava indisponível (registrada em cinza), passa a ser ofertada dentro do meio sociocultural a partir do papel da avó enquanto signo catalizador. Da interação com esses novos sentidos ofertados, Alice constrói uma nova síntese: “*Por que uma coisa [o amor homossexual] que só mal, só traz o mal iria fazer a gente amar outra pessoa?*” (SIC).

Desta reflexão Alice depreende que o amor é sempre bom, independentemente se é homossexual ou heterossexual. Assim, a adolescente significando de forma diferente o amor homossexual, transforma-o em um novo *gegenstand*: o amor. Aqui o amor não é mais subdividido, posto que, independentemente do sexo de quem ama e de quem é amado, o amor é sempre algo bom. Ao deparar-se com esse novo *gegenstand* (o amor) gera-se novas contrações e, portanto, novas direcionalidades. Vejamos na figura 18.

Figura 18 - A construção de significados e os níveis do ver como do *gegenstand* (amor) na posição “alma livre” de Alice



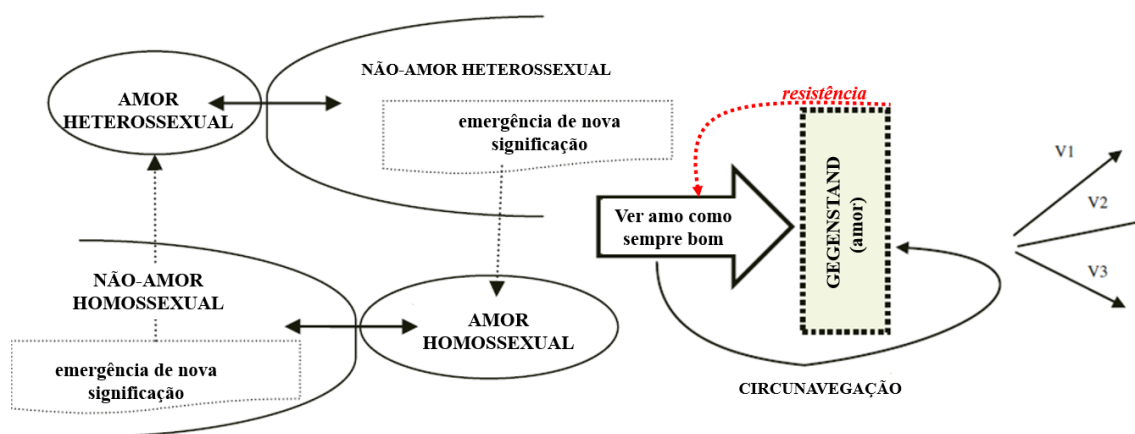
Legenda: as setas em preto saindo dos quadrados procuram articular possíveis ações a partir de cada nível do ver como. As duas setas pontilhadas, por sua vez, articulam a influência do terceiro nível do ver como nos inferiores. As setas a extrema direita do gráfico (V1, V2 e Vn) demonstram a direcionalidade: os vetores de ação resultantes de todo o processo (passando por todos os níveis) do ver como.

Fonte: adaptado de Tateo (2017, p.235)

A Figura 18 nos apresenta que, agora, após perceber o amor (nível 1), Alice o vê como algo sempre bom (nível 2) e, portanto, passa a não se privar mais de apaixonar-se por garotas ou relacionar-se com elas. Assim, para de negar parte de seu self (*eu como homossexual*), assumindo-se como homossexual e possibilitando que essa posição do eu ganhe voz em seu repertório do SD (HERMANS, 2001a; 2001b).

Nesta nova situação, acontece o contorno, posto que, frente ao *gegenstand*, resultam múltiplas direcionalidades – vetores de ações possíveis – que contornam sua resistência (o amor deve é subdividido e diferente dos homossexuais para os heterossexuais), como consta na figura abaixo (Figura 19).

Figura 19 - Emergência de novas significações do *Gegenstand* na tensão A<>Não-A



Fonte: adaptada de Tateo (2017, p. 238)

O esquema acima procura destacar como a emergência dessas novas significações só é possível através das negociações entre a dualidade amor homossexual<>amor heterossexual. Assim, algo que antes é visto como algo dicotômico, passa por uma síntese sublime (VALSINER, 2018b). Mas o que seria o esse sublime?

Lyra e Pinheiro (2018) alegam que

(...) para Valsiner (...), o sublime emerge durante a experiência estética²⁴ no momento em que uma pessoa vive uma tensão afetiva. Tal tensão - provocada pela coexistência simultânea de duas categorias opostas carregadas de valores - pode resultar em uma nova criação em relação ao objeto focado ou pode retornar à vida cotidiana mundana, entendida como uma esfera de normatividade, repetição e ordinariade. Em outras palavras, a possibilidade de criação, saindo da vida mundana, ocorre no momento em que a oposição categórica entre duas situações de valor é ultrapassada através de um movimento que nega essa oposição, criando subsequentemente uma nova solução que nega a oposição anterior (p.17, tradução nossa).

Assim, o sublime se dá a partir de uma tensão afetiva por duas categorias antes opostas, desencadeiam-se (re)construções de significados que negam a oposição anterior e propõem uma nova síntese. Agora definido, vejamos como se dá a emergência dessa síntese sublime para Alice através da figura 20 abaixo.

²⁴ “(...) condição criativa que resulta de um salto afetivo profundo – um excedente de sentimento / excesso – que desencadeia e cria novas construções semióticas ao longo do desenvolvimento humano (LYRA; PINHEIRO, p.18)

Alice, com esses novos sentidos, experienciava algumas rupturas na experiência: (1) ela tem uma nova concepção de si – não só pela emergência de uma nova posição do eu, como também de uma reorganização hierárquica entre as posições do eu; (2) ela passa a ter uma nova concepção do amor; (3) ela muda de esfera de experiência – antes residia com a genitora, passa a viver com os avós paternos e pai; (4) ela muda de religião; (5) ela cessa o uso da autolesão e reconstrói os sentidos das marcas dos cortes anteriormente realizados.

Já explicamos os pontos 1, 2 e 3. Ademais, já destacamos que todos os aspectos referentes à questão da autolesão (como o ponto 5) serão tratados no tópico seguinte, então, resta-nos explorar acerca da última ruptura: a mudança de religião de Alice.

O contexto religioso é “palco” para a transformação do signo-significado do amor pela adolescente. A destruição e (re)construção dos significados sobre o amor é muito importante porque a homossexualidade não era aceita pela sua religião anterior (Evangélico/Protestante). Alice, à vista disso, usa uma estratégia de evasão para encontrar um lugar de aceitação. Com o signo “o amor é sempre bom”, cria um signo que engloba sua homossexualidade enquanto possível de ser aceita por um credo religioso. Ao fazer isso, a garota não só cria caminhos para responder à pergunta de “quem sou eu”, como também cria um lugar socialmente aceito para ela. Ao mesmo tempo, com esse movimento, ela destrói o signo “é errado amar outra pessoa do mesmo sexo” – uma vez que percebe que amar é sempre amável e sempre aprovado na medida em que se aplica a outro ser humano, independentemente do sexo da pessoa. Assim, Alice percebe que existe amor onde antes não era possível e, ao fazê-lo, cria uma síntese que destrói e reconstrói os significados anteriores como consta na figura 20.

Dessa reconstrução dos significados de si, produz-se o que Valsiner (2002) intitula de prolifonização resultado em proliferação das posições do eu. Com a síntese sublime, do diálogo entre as posições (*eu como mente fechada* – eu não posso ser homossexual; *eu como mente aberta* – eu posso ser homossexual), advém muitas outras.

Finalizamos, então, esse subloco de resultados, apresentando na tabela abaixo (tabela 6) como se dá a coordenação dos quatro infinitos na dinâmica de atribuição de valor ao *gegenstand* amor durante a posição *alma livre* de Alice.

Tabela 6 - Retomando a coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao *gegenstand* amor homossexual

Infinito interior (A)	Infinito exterior (B)	Passado (C)	Futuro (D)
(cultura pessoal) amor enquanto sempre bom independentemente de a quem se direcionar.	(Cultura coletiva) compreensões de que: (1) a homossexualidade é errada, um pecado, fruto de possessão demoníaca ou instabilidade psicológica; (2) a orientação sexual de uma mulher seja heterossexual; (3) que se siga o padrão de normalidade sexual: a heterossexualidade; (4) que no espiritismo qualquer amor é aceito	Rememoração orquestrando as reconstruções dos sentido de si (deixa de ser mente fechada e passa a ser alma livre), sobre o amor (que passa a ser sempre bom) e amor homossexual (que deixa de ser uma subdivisão do amor)	Prospecção imaginada quando contraatua – frente a resistência do <i>gegenstand</i> – aceitando-se enquanto homossexual

Fonte: a autora, 2019

6.2.3 Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico e a autolesão de Alice

Neste bloco retomaremos todos os resultados apontados até então para construir sínteses acerca dos nossos pontos de equifinalidade: o início (EFP 1) e fim (EFP 2) do uso da autolesão no caso de Alice.

Para explorarmos acerca do início da autolesão, devemos retomar, então, quando Alice assume a posição *mente fechada*. Nesse momento, como já destacado, ela deixa de se sentir como ela mesma. Essa sensação não só ocorre pela hierárquica estereotipada que seu SD assume (com a posição *mente fechada* silenciado as outras), como pela exacerbação do falso self de (WINNICOTT, 1983; 1990) ou – devido a hierárquica cristalizada – a dificuldade de o self mover-se em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; Bakhtin 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo). Por conta disso tudo, dissemos que Alice já não conhecia mais a si mesma e que, para ela, a vida era desinteressante. Tudo isso parece ser peça chave para refletirmos sobre quem Alice corta: será ela mesma? A parte que ela não gosta nela? Os outros?

Como já evidenciamos na parte teórica desta dissertação, o uso da autolesão pode ser uma tentativa – quando todas outras falham – de tentar se integrar psicologicamente (NOCK, 2010). Ademais, os cortes que Alice passou a infligir em sua pele não são apenas para si – como manobra de escapismo(ver ARCOVERDE; SOARES, 2012) ou para se machucar ou se punir por “gostar de meninas” quando isso era algo errado –, como também para machucar os

outros que restringem suas possibilidades de ser (visto que são os outros sociais que ditam quais avenidas de significados dirigidos, ADM, estão disponíveis em sua trajetória) (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). Para Alice, os outros são a causa de ela pensar que “*não tem um lugar*” (SIC), sentir-se como não-ela. Estaria, então, tentando cortar laços com esse outro?

Para refletirmos acerca desse questionamento, retomemos o fluxo de pensamento de Alice (Figura 5 – ver página 105), agora acrescentando mais informações – a partir de tudo que construímos – para compor a figura 22.

Figura 22 - Diálogo interno de Alice em relação aos outros



Fonte: a autora, 2019

O fluxo acima (Figura 22) vai para frente e para trás, alimentando-se e retroalimentando-se. Nele há uma descrição muito rica da criação de significados a partir desse momento de tensão (*quem eu sou*). Nesse momento de tensão, Alice criou um signo-significado através das autolesões em seu próprio corpo. Essas marcas passam a ser um signo/mensagem da tensão entre dor (psicológica e física) e prazer (inferida pelo deleite de descontar e, portanto, liberar sua raiva), é, então, uma “solução” criada para exibir seus sentimentos internos de dor à sociedade.

Nessa época, Alice deixava marcas da autolesão à mostra para todos. Isso porque as marcas encapsulavam – demarcando em seu próprio corpo – seu prazer e dor, tornando-se um signo presentificados de sua tensão – *eu sou homossexual, mas os outros não aceitam quem eu sou e eu não aceito essa posição que também compõe quem eu sou*. Nesse momento, então, o uso dos cortes aponta para uma síntese sublime (VALSINER, 2018b) alcançada naquele momento, uma forma de mostrar seu sofrimento para os outros. Eles denunciavam que Alice, ao procurar cortar o que não gosta em si mesma (falso self e/ou o SD com hierarquia estereotipada) também buscou um “lugar” para si em seu grupo social. Destarte, essa demanda de singularidade é defendida por um signo em seu próprio corpo, que reivindica a aceitação

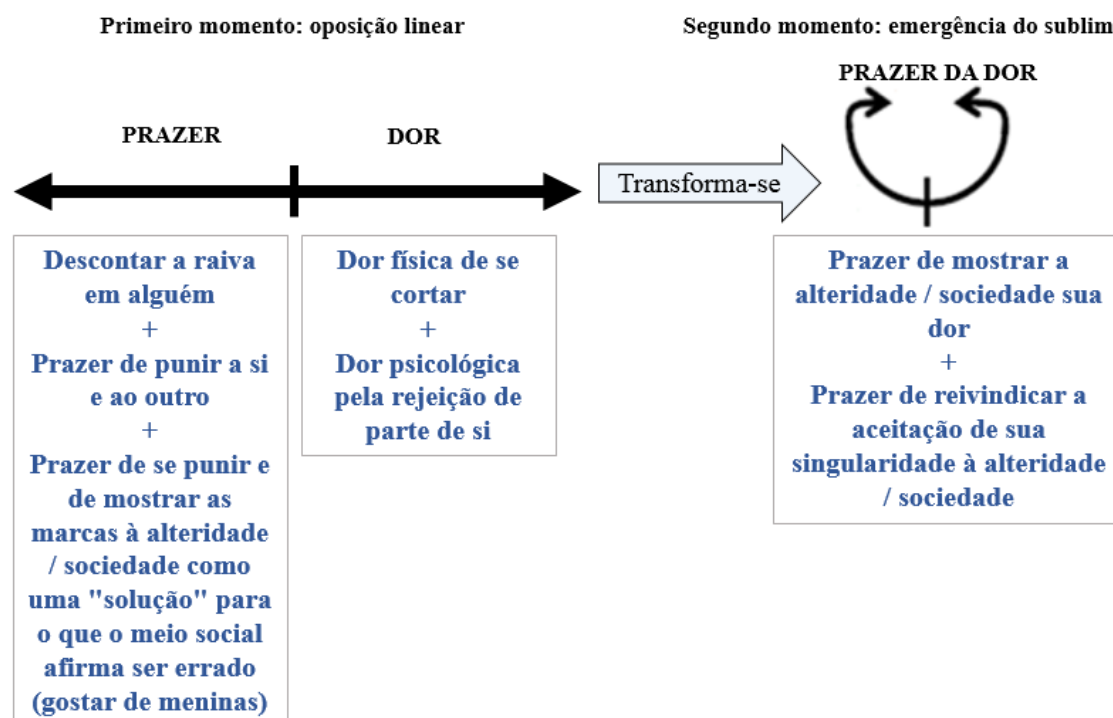
do seu self por completo (incluindo a voz da posição *eu como homossexual*) – ou expressar seu verdadeiro self em termo Winnicottianos (1983; 1990).

Logo, defende-se que esse signo surge para defender a singularidade de Alice – pois ela que mantem seus significados de si (VALSINER, 2012; 2014a) (ou seja, além das diversas outras posições que seu SD possui em seu repertório) (HERMANS, 2001a; 2001b), também homossexual. Esses sentidos de si, ou ainda, as posições do eu, são silenciadas ou ganham voz face à relação da cultura individual com a cultura coletiva (os julgamentos e avaliações dos outros sociais – religião e familiares). Tudo isso configura uma profunda tensão afetiva e uma luta intrassubjetiva e intersubjetiva pela sua aceitação e adaptação aos outros e à sociedade e sua dinâmica. Cortar-se é, assim, necessário, um novo signo criado como um resultado dos sentimentos opostos: quem eu sou (homossexual) versus a não aceitação e rejeição disso pelos outros e por si mesma (o amor homossexual é proibido, errado e, portanto, não possível, legítimo).

Ainda, podemos ver que, a princípio, a dor e o prazer de se ferir estavam separados e tinham significados dicotômicos. Alice sentia não apenas a dor biológica, mas também a dor sentimental de não ser aceita. Contudo, também sentia prazer em descontar a raiva em alguém (ela mesma) e também a satisfação em infligir punição física e expor à sociedade as marcas da “solução” socialmente esperada por fazer algo “errado”.

Essa forma como Alice lida com seus cortes e marcas sofre uma transformação quando ela supera essa dicotomia (dor<>prazer) e encontra um novo significado curvilíneo: o prazer de mostrar aos outros seu sofrimento e a dor de criar um sinal através do qual ela reivindica singularidade e envia uma mensagem de ajuda. Essa mudança se configura em outro momento sublime, o qual será destacado – bem como seus significados – através da Figura 23 abaixo.

Figura 23 - Construção de significados de Alice's do sublime através da síntese dos opostos (dor/prazer)



Fonte: adaptado de Lyra e Aguiar (2018, p. 108)

Assim, durante essa experiência muito dolorosa de não se sentir como ela mesma, Alice enfrentou um momento sublime – demarcado tensão dicotômica entre dor e prazer – cuja síntese pareceu apresentar uma solução para seu problema/questão (Ex: Eu mostro aos outros o meu sofrimento, pois é devido ao meu grupo social – e ao que eu também partilho com meu grupo social – que eu não sou eu). Eu vou me machucar e, ao fazer isso, vou machucar os outros também. Este movimento dialógico e dinâmico aponta para uma relação muito importante entre o sujeito autolesivo e alteridade, bem como o mundo (meio sociocultural).

Essa relação de tensão pode ser vista também quando Alice conta sobre suas preferências sexuais, porém como um segredo partilhado. Mas sua madrasta conta a todos em sua família. Este evento aponta para uma promessa social que foi quebrada e que aumenta a raiva e a sensação de ser tolhida pelo outro. O resultado encontrado pela garota foi de descontar a raiva de si, já que seus valores não permitiam ferir os outros diretamente.

Cabe destacarmos que Alice somente precisou recorrer à emergência desse signo porque gostar de garotas – na época de sua primeira posição (mente fechada) – era uma significação inibida pelos signos hipergeneralizados anteriormente destacados. Ademais,

gostar de garotas não era uma ADM (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) possível em seu meio sociocultural (devido à família e sua religião da época: evangélica/protestante).

Ademais, a garota só passou a se relacionar com o uso dos cortes de forma diferenciada – reconstruindo seus significados – quando sua avó partilhou e viabilizou que Alice lidasse com essa tensão vivenciada, em outras palavras, a avó catalisou o surgimento de novas vias de significado em seu meio sociocultural. Nessa nova posição do eu que passa a assumir, *alma livre*, advém de todo um processo de demolição e reconstrução sónica atrelados à experiência sublime já explicitada anteriormente (Figura 24 e Figura 20). Agora confere destacar que essa experiência sublime transforma a construção de significados em um nível ontogenético, mudando, inclusive, a relação de Alice com o curso da vida (novas posições do eu, novas compreensões sobre o amor, novas formas de relacionar-se com o outro).

Acerca desta conquista desenvolvimental ontogenética, já destacamos no subloco anterior todas as rupturas ocorridas. Resta-nos, agora, explicitar as reconstruções dos sentidos sobre os cortes e sobre o uso da autolesão. Nessa nova posição (*alma livre*) e com os novos sentidos de si advindos, os cortes deixam de ser um signo de tensão subjetiva e uma mensagem (demanda) de aceitação do self por completo (afirmação da posição *eu como homossexual* ou expressão do verdadeiro self), tornando-se, agora, um índice de um tempo ruim.

Ao ver os cortes – ou melhor, as marcas que restaram dos cortes que antes fazia – agora, para ela, como índice de um tempo ruim, Alice passa a cobrir as cicatrizes com tatuagens – já que essas últimas são marcas no corpo socialmente aceitas, que se pode exibir abertamente para os outros, bem como *piercings* (o que ela já possui). A marca dos cortes, todavia, não é algo aceito socialmente. Assim, o desejo de cobrir as cicatrizes surge como uma espécie de novo “acordo” entre ela e os outros sociais: Alice passa a não mais quebrar as regras sociais e também não machuca mais a si mesma.

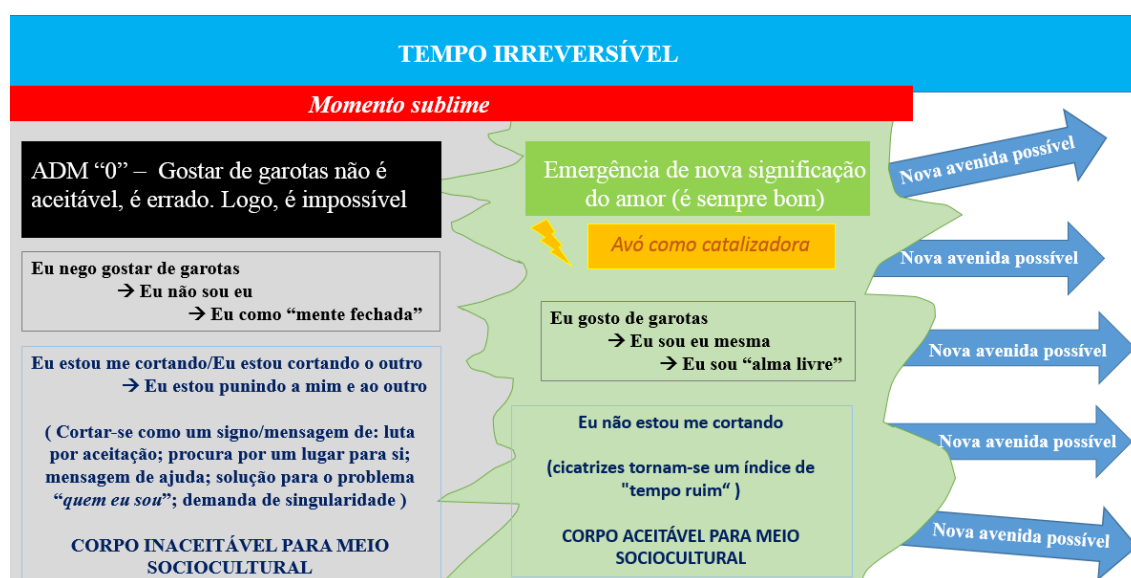
Esse movimento só se torna possível, pois ela não precisa mais usar o corte em seu corpo como uma mensagem para aceitação e pacto para sustentar sua condição conflitiva. Assim, o movimento de ter ou não um signo aceitável ou inaceitável no corpo é uma relação guiada pelas ADMs que a sociedade oferece.

Além disso, podemos depreender que os significados intrasubjetivos de Alice mudam junto com a dinâmica de destruição e construção de signos considerados como possíveis significados na sociedade. Isso acontece por meio da navegação de Alice nas ADMs (LYRA;

VALÉRIO; WAGONER, 2018) ofertadas pelo meio sociocultural. Em sua trajetória parecemos ver que essa movimentação – de negociação da cultura pessoal<>cultura coletiva nas ADMs – tinha como “bússola” sua realização estética do self (LIGHTFOOT, 2005; Bakhtin 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo), ou seja, o seu SD poder mover-se, modificar-se e adaptar-se às situações, promovendo a emergência de sentidos de si para sentir-se bem. Essa movimentação, contudo, parece ter estagnado durante a posição *mente fechada*, culminando no uso da autolesão como uma mensagem de ajuda e demanda de sua singularidade (de poder continuar movendo-se nessa busca incessável de se realizar).

Resumimos as mudanças de significado intrassubjetivas de Alice, bem como a construção/destruição de seus signos, navegando através das ADMs oferecidas pela cultura coletiva disponível em seu meio social na figura abaixo (Figura 24).

Figura 24 - Influência das ADMs na construção de significados de Alice



Legenda: a ilustração acima procura sintetizar o processo de Alice de navegar entre as ADMs. A ADM0, que consta no quadro em preto, alude-se ao tempo em que gostar de garotas é apresentado para Alice enquanto um caminho não disponível. E, por conta disso, há diversos processos subjacentes (mudança da posição de si, utilização da autolesão, dentre outros descrito na área cinza acima). Contudo, com o aparecimento do signo regulador catalizador (avó de Alice), novas avenidas tornam-se disponíveis (o que é representado pelas múltiplas setas na extrema direita) e bem como há diversos outros processos (mudança da posição de si, mudança na utilização da autolesão, dentre outros descritos na área em verde).

Fonte: adaptado de Lyra e Aguiar (2018, p. 112)

6.3 DE CRISTIANA A CRIS, PROSPECTANDO SER CRISTIANO: UMA REALIZAÇÃO IMAGINADA.

Entrevistadora: Então... que futuro tu espera para tu? Quanto tu pensa no futuro, que planos tu tem, o que que tu quer?

Cris: Ah... [pausa breve] mudança e... [pausa longa] só.

Cristiana tem quase 18 anos e estuda em colégio público, fazendo o primeiro ano do ensino médio. Nascida em Recife, relata ter mudado de escola diversas vezes, sem saber precisar exatamente quantas. Diz, contudo, não se afetar tanto com essas transferências escolares. O primeiro evento marcante destacado pela adolescente sobre sua trajetória de vida foi quando ela tinha 12 anos. Nessa época, ela sofreu violência em sua própria casa por parte de um familiar, o que culminou na garota se mudar para morar com a sua irmã mais velha. Passou a viver então com a irmã, companheira e a avó da cunhada. Cristiana destaca que possui diversas irmãs, sendo a penúltima filha por parte de mãe, ao passo que, por parte de pai, tem diversos outros irmãos – do seu pai com sua madrasta.

Ao ser indagada sobre a relação com seus familiares, a estudante diz que, desde a violência sofrida, afastou-se mais dos familiares – bem como das pessoas no geral. No recorte da entrevista:

E²⁵: Como é a sua relação com teus familiares?

C²⁶: Não é muito boa não. Porque eu me afastei quando aconteceram alguns problemas [a violência]. (pausa) (...) E foi aí que eu comecei com os cortes.

E: Você acha que mudou?

C: Só mudou meu jeito de pensar em relação às pessoas, a mim e só.

E: Como é que tu pensa de tu mesma hoje em dia e das pessoas?

C: Quanto mais longe melhor.

E: E antes [da violência] tu não pensava sobre isso? Tu pensava o que sobre as pessoas?

C: Quanto mais próximo melhor.

Um outro fator que Cristiana elencou ter influenciado no distanciamento dela com sua família foi o fato dela, aos 14 anos, ter se assumido para a família e para a comunidade em que vive enquanto homossexual. Relata ter “*se sentido bastante excluída*” (SIC) depois desse evento.

Como o pequeno trecho da entrevista destaca, a adolescente alegou que a forma que vê a si mesma mudou atualmente. Em suas palavras: “*eu me vejo como uma pessoa não realizada [pausa longa] porque... [pausa] não cumpro meus objetivos*” (SIC). Essa sensação de inexecução aparece não só em sua narrativa, como transparece em sua fala posto que, ao responder perguntas sobre si, o tom de Cristiana é bastante baixo, carregado de pesar e

²⁵ E como sigla para entrevistadora

²⁶ C como sigla para Cristiana/Cris/Cristiano.

reticente. Ademais, ela passou sempre um bom tempo de silêncio entre cada sentença e, algumas vezes, recusou-se a responder ou disse estar “*bloqueada*” (SIC) ou “*não pensar em nada*” (SIC).

Isso se torna mais evidente quando, ao falar sobre como se vê hoje em dia, a adolescente não consegue articular nenhuma sentença. Passa um bom tempo cabisbaixa e então conta que não lhe vem nada à mente. E que, ao pensar sobre o futuro, a única coisa que consegue pensar sobre ou ansiar é sua mudança – tornar-se homem e obter o reconhecimento social deste novo “*lugar*” (SIC). Conta: “[Eu vou] *continuar sendo a mesma pessoa. Até...* [pausa longa] *conseguir minha mudança*” (SIC).

Cristiana define a modificação almejada em: “(...) *enquanto me reconhecer enquanto nesse local masculino*” (SIC). Relata somente conseguir pensar nesse reconhecimento, sem se quer ter outras metas (como acabar os estudos ou pensar em um curso superior). Deixa bem claro dizendo: “*nada disso. Eu não penso nisso não*” (SIC). Ao responder sobre o que mudaria em si, Cristiana alega que mudaria tudo. Em contrapartida, não consegue explicar o que é esse “*tudo*” (SIC) para ela, ficando em longos períodos de silêncio e somente dizendo baixo e em tom reticente: “[ter] *meu eu no masculino e...* [pausa e desiste de terminar a frase]” (SIC). Além de não terminar a frase, ela também não consegue descrever como seria esse eu no masculino. A única coisa relatada é sua aspiração em mudar seu nome. Contou achar seu nome feio e que queria mudar para “Cristiano” (nome também fictício), uma vez que esse era o escolhido por seu pai para si caso tivesse nascido homem.

Por ainda não ter conseguido sua mudança, quanto por problemas relacionais e pela violência sofrida, Cristiana relata ter começado a se autolesionar aos 12 anos e continuado até 2018 – tendo parado atualmente por somente quatro meses, mas que ainda sente vontade de cortar-se ao ver as marcas em seu braço esquerdo (o lugar que ela escolheu para se autolesionar). Sobre os motivos do início da autolesão alegou: “(...) *logo no começo e tal foi pra... o povo de casa ver... que eu não tava me sentindo bem ali. E enfim... logo no começo tive acompanhamento essas coisas, mas... e aí... queriam botar pra eu tomar remédio e aí mainha parou de levar*” (SIC). Disse que sua mãe a levou a um psicólogo e, consecutivamente, ao psiquiatra. Mas, relatou que o acompanhamento psiquiátrico cessou quando sua genitora negou que ela tomasse remédios porque achava que as únicas pessoas que tomavam medicação eram loucas, o que, ao ver da genitora, não era o caso de Cristiana.

Cristiana disse que, por algum motivo, ainda não conseguiu falar com sua mãe e familiares acerca da mudança que deseja. Sobre o que esperava dessa modificação, ela propõe:

“[vai ter] *problemas por um lado e eu vou me sentir bem por outro. Porque eu me importo mais comigo e não com que os outros vão pensar no futuro ou pensam dentro de casa*” (SIC). Contudo, mesmo manifestando se importar mais consigo mesma, Cristiana continuou por um bom tempo escondendo dos outros o seu desejo de se tornar um homem transgênero.

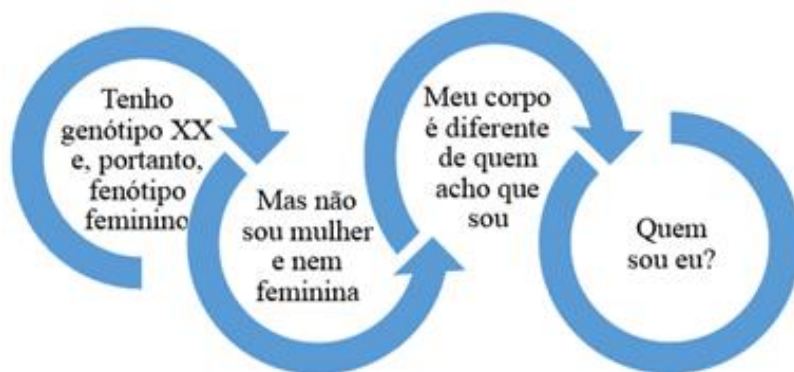
Durante o período em que manteve essa decisão apenas para si – e quem sabe até negando para si mesma essa identificação masculina (silenciando a voz *eu como homem*) – Cristiana conta que vivenciou um estranhamento de si mesma, do seu próprio corpo e de sua vida. Era como se ela não fosse quem desejava ser. Ainda, seu corpo também não era o corpo que desejava ter (de homem). Assim sendo, ela não vivia a vida da forma que desejava (de buscar ser reconhecida no “*local masculino*” (SIC)).

Essas sensações podem advir do fato que, para negar ou esquecer a posição *eu como homem*, essa voz deve estar sendo silenciada por outra posição do eu hierarquicamente superior (HERMANS, 2001a; 2001b). Esse conflito entre posições se faz necessário para uma reorganização do SD, culminando na caracterização da posição do eu que Cristiana intitula de *eu como não realizada*. Ainda, essa posição do eu, à luz da perspectiva de Winnicott (1983; 1990) seria fruto da exacerbação do falso self, afastando-a do seu verdadeiro self (*eu como homem*) e, portanto, da possibilidade produzir expressões criativas. Sem a criatividade, Winnicott (ibidem) defende que a vida fica sem sentido para o sujeito.

Nessa reorganização do SD e no silenciamento da voz *eu como homem*, Cristiana parece não saber exatamente quem é. Encontrava-se em dúvida frente às possibilidades ambíguas do viver (*eu como homem / eu como mulher*). A sua posição *eu como não realizada* está em consonância com *eu como mulher* ou, ainda, *eu como Cristiana*. Porém as angústias de manter esses sentidos de si – produzindo uma hierarquia sónica estereotipada para alimentar esses sentidos (*eu como mulher* e *eu como Cristiana*) e inibir outros (*eu como homem*) – a faz pôr em cheque se realmente queria permanecer fazendo a manutenção dessa posição do eu.

O resultando, então, é Cristiana já não saber claramente quem é ou até mesmo quem deseja ser no futuro, sentindo-se recorrentemente “*bloqueada*” (SIC).

Figura 25 - Diálogos internos de Cristiana inferidos pela pesquisadora



Legenda: Nos mamíferos a determinação sexual biológica é estritamente cromossômica, portanto, não possui nenhuma influência do ambiente. Isso é possível pelo papel dos genótipos. O genótipo é o conjunto formado pelos genes de um indivíduo. Nos mamíferos, temos dois genótipos possíveis: XX (espécime fêmea) e XY (Espécime macho). Os genótipos não podem ser modificados naturalmente, em contrapartida, o fenótipo refere-se às características visíveis que podem ser modificadas (MOODY, 2007).

Fonte: a autora, 2019

No fluxo de pensamento acima, demarca-se a tensão *fenótipo<>ideologia/expressão de gênero*²⁷. Toda a afetividade atrelada a essa tensão faz todas as questões em torno desses sentidos que orientam o SD de Cristiana ser árduas, pois, nesse momento, ela parece ter várias incertezas acerca do seu corpo indesejável (do fenótipo feminino: vagina, seios, ovários, etc.) e de si (eu penso sobre mim mesma enquanto homem ou mulher? Devo expressar-me de maneira feminina, masculina ou andrógena?).

Toda essa reticência é manifesta quando Cristiana destaca: “*eu não sei responder questões sobre mim mesma*” (SIC). Essa falta de expressão de suas angústias em palavras culmina no uso de outras formas: a adolescente conta que nesses anos (de 2017 a 2018) começou a se autolesionar com mais frequência – sem ideação suicida e como uma forma de descontar sua raiva, de “*conseguir me sentir aliviada*” (SIC) –, de forma mais intensa (cortes mais firmes) e também variada – alega uma vez ter cortado o seu rosto por sentir que “*no braço não estava aliviando o suficiente*” (SIC).

Abrimos, então, um pequeno parêntese para fazer um adendo com dados da literatura, a fim de tentar nos aproximar da relação entre suicídio e autolesão, posto que, após as recorrentes autolesões por muitos anos, levou com que, em 2018, Cristiana realizasse uma

²⁷ O termo ideologia de gênero sustenta que a identidade de gênero é um entendimento do indivíduo sobre sua identidade, como se reconhece, independentemente do seu sexo biológico, posto que os seres humanos nascem iguais e as definições de masculino e feminino é um produto histórico-cultural. A expressão de gênero ou performance de gênero, por sua vez, compreende o conjunto de vestimentas, acessórios, modificações corporais (tatuagens, piercings, maquiagens, estilos de cabelo, depilação ou não), comportamentos (modos de agir, modos de falar), etc. através dos quais alguém exterioriza a sua identidade de gênero (BUTTLER, 2011).

tentativa de suicídio por cerca de três vezes. Cabe destacar que a participante, contudo, não conseguiu falar muito sobre isso. Sem conseguir pôr em detalhes, apenas disse que, nesse período, havia desistido de viver e tentou tirar a própria vida.

Whitlock e Rodham (2013) destacam que 66% de todos aqueles que se envolvem com a autolesão relataram nunca ter considerado uma tentativa de suicídio. Assim sendo, os autores concluem que a autolesão “sinaliza um forte desejo de viver” (p. 2). Entretanto, a recorrência de atos autolesivos é apontada na literatura como um preocupante preditor de suicídio (YOSHIMASU; KIYOHARA; MIYASHITA, 2008 apud SIMIONI, 2017). Além disso, também aumentar em 16 (dezesesseis) vezes mais a chance de morrer por suicídio (ibidem).

Parece-nos, então, que algo ocorre nesse período que faz com que Cristiana deixe de tentar lidar com seu sofrimento – inclusive transpondo-o para o corpo (NOCK, 2009; ROSEMBAUM, 2016) – e opte por deixar de viver. É durante esse período, de 2017 a 2018, em que, mesmo tendo reconhecido em si essa identificação com o sexo masculino, optou pelo adiamento do reconhecimento social de si enquanto homem transgênero. Esse adiamento parece estar intrinsecamente relacionado à Cristiana assumir a posição *eu como não realizada* – na qual permaneceu por muito tempo (cerca de três anos).

Atualmente Cristiana reconhece que já não está totalmente nessa posição do eu, pois, apesar de ainda não “*conseguir a sua mudança*” (SIC), houve uma pequena e imprescindível modificação: ela, no início de 2018, passou a se reconhecer enquanto homem transgênero. Essa mudança, mesmo que tenha sido somente para si mesma (*eu como homem para mim*), sem falar para outros, a fez optar por modificar a sua expressão de gênero: que passou a ser masculina.

Assume-se, então, uma nova posição *eu como homem para mim mesmo* ou, ainda, *eu como Cris*. Essa segunda nomeação para a mesma posição do eu advém do fato que, durante esse período, passou a demandar ser intitulada(o) de Cris pelos amigos próximos e familiares: um apelido que lhe confere uma expressão mais neutra – reconhece o/a próprio/a adolescente. Essas mudanças parecem ser significativas, dado que é algum tempo após delas que a autolesão cessa.

Entretanto, essa alteração – da primeira posição do eu identificada (*Eu como não realizada / Eu como Crisitana*) para a segunda posição do eu (*Eu como homem para mim mesmo / Eu como Cris*) – ainda não parece ser o suficiente para si. Não só porque Cris alega

ainda ter vontade de se cortar, como porque, para reconhecer-se “*no local masculino*” (SIC) como tanto deseja, é necessário o reconhecimento social.

Desta forma, o que parece importar para Cris é ver-se no futuro, a partir da prospecção, na posição *eu reconhecido socialmente do gênero masculino* ou ainda *eu como Cristiano*. O desejo por essa realização futura é um signo que parece a orientar e fazer suportar as angústias do caminhar de sua trajetória até esse momento esperado e imaginado.

Assim, no caso de Cris, lidamos com uma tensão contínua em torno dos seus sentidos de si, isso porque a posição do eu que busca assumir (*eu reconhecido socialmente do gênero masculino / eu como Cristiano*), pode não chegar. Talvez por isso, mesmo após ter assumido a segunda posição (*eu como homem para mim / Eu como Cris*), mesmo assim o participante não conseguia falar sobre si com tanta facilidade. Exploraremos, então, a passagem entre a primeira posição (*eu como não realizada / Eu como Cristiana*) e a segunda (*eu como homem para mim / Eu como Cris*), tendo com em mente que é a existência dessa terceira posição – prospectada – que orienta tanto a passagem da primeira para a segunda posição, quando orienta os objetivos futuros de Cris/Cristiano no transcorrer de sua trajetória de vida.

6.3.1 Situando as posições do self dialógico: a trajetória de Cris/Cristiana(o)

A partir da história supracitada, podemos elencar alguns marcos fundamentais da vida de Cris/Cristiana(o), construindo sua trajetória até o momento final dos nossos encontros (Figura 26).

Figura 26 - Linha do tempo da história de Cris/Cristiana(o)



Legenda: alguns pontos da figura acima estão sem data tendo em vista que tanto o participante quanto a pesquisadora não sabiam situar com exatidão quando ocorreram. Eles, então, são organizados a partir da anterioridade ou posterioridade dos outros eventos datados.

Fonte: a autora, 2019

Apesar de ter recebido a instrução para a construção da sua própria trajetória, Cris/Cristiana(o) disse não ter conseguido produzir sua própria trajetória porque nada vinha a sua mente, somente conseguia pensar em sua mudança para “*estar nesse lugar de homem*” (SIC). Assim, apenas revisamos em conjunto a que foi traçada por mim, pesquisadora, a partir dos encontros ocorridos.

A trajetória produzida consta na figura 27 (ver página 149). Ela se inicia com o nascimento de Cristiana. Em seguida, identificamos um marcante OPPs (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014): quando Cristiana sofre violência intrafamiliar quando tinha 12 anos de idade. Consideramo-lo bastante relevante visto que esse traz como consequências outra relação eu<>outro, como o/a participante bem destaca. Em seguida, ocorre um primeiro ponto de bifurcação (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) que é identificado quando a participante optou por se mudar de onde morava com a mãe e outros familiares (os quais ela não quis descrever, apenas mencionou serem vários), passando a residir com uma de suas irmãs (a que era ela alega ser mais próxima).

Esse evento caracterizou uma mudança de esfera de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016) – de uma esfera com diferentes entes familiares para uma mais restrita (e de fortes laços afetivos). Cristiana diz que foi pouco tempo depois (sem conseguir determinar quanto) que começou a se autolesionar, atingindo o que consideramos como primeiro ponto de equifinalidade (EFP 1) (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) da trajetória aqui analisada.

Como Cristiana não escondia os cortes, ao serem vistos pelos familiares, a garota foi conduzida por sua mãe até o psicólogo e então, depois, ao psiquiatra. Esses dois OPPs são seguidos por outro: a desistência do acompanhamento psiquiátrico. Esse último ponto é aqui elencado como OPP dado que Cristiana gostaria de ter continuado o acompanhamento psiquiátrico e tomando a medicação prescrita, porém sua mãe não a permitiu, alegando que ela não era louca e, portanto, não precisava de medicação – posto que, ao ver da genitora, somente loucos tomam medicação. Assim, desautorizou o profissional, alegando que esse não sabia lidar com sua filha. Após essa tentativa de ajuda profissional, nenhuma outra foi realizada (nem por parte da genitora, nem pela adolescente).

Aos 14 anos, ocorre um novo ponto de bifurcação: Cristiana assumiu sua homossexualidade perante a família e todos os outros sociais. Alguns anos depois, sem saber precisar exatamente quando, relatou ter percebido sua identificação com o gênero masculino.

Frente essa nova informação sobre si, Cristiana optou – na presença de reguladores semióticos não identificados²⁸ (ilustrado pelo signo  na trajetória) – adiar a decisão de realmente se reconhecer como um homem transsexual.

Cabe salientar que a emergência desse sentido de si foi não se relacionou somente com os outros sociais, mas também para si mesma (nem negando, nem afirmando, mas adiando). É com essa decisão – de somente lidar posteriormente com as questões suscitadas pela identificação com o sexo masculino – que advêm à primeira posição do eu de Cris *eu como não realizada /Eu como Cristiana* (demarcada pelo signo ). É durante essa posição do eu que as ações de autolesão – que se mantiveram durante todo esse período ocorrendo eventualmente – ficaram mais recorrentes.

Como brevemente comentado, a acentuação das ações autolesivas parecem demarcar uma tentativa de lidar com os sentimentos e pensamentos relativos à posição do eu que Cristiana assumiu (*eu como não realizada /Eu como Cristiana*). Contudo, o caráter repetitivo e frequente da autolesão pareceu apontar para um fato: essa adaptação psicológica estava sendo falha, ou seja, não dando conta de lidar com o sofrimento psíquico da adolescente. Frente a isso, ela parece lançar mão de uma nova decisão e mais radical: matar-se.

Há, então, como passo seguinte da trajetória de Cristiana, a bifurcação tentar suicídio/não-tentar suicídio. Essas opções parecem versar acerca de uma ambivalência entre o viver e o morrer. Parece que a estratégia utilizada para lidar com o sofrimento psicológico (autolesionar-se) (NOCK, 2009) não deu mais conta, então, morrer tornou-se preferível a viver sendo alguém que ela não deseja ser, existir ou coexistir com as angústias psíquicas que dizia sentir.

Assim, entre o ano de 2017 e o ano de 2018, Cristiana tenta cometer suicídio três vezes. Por ser uma decisão tomada três vezes, o signo **x3** em sua trajetória de vida, procura explicitar isso e evitar a repetição de que esse mesmo evento fosse colocado três vezes no nosso desenho da trajetória. Ainda, em todas essas decisões houve a presença de reguladores semióticos inibidores e promotores (CABEL, 2010), contudo, só mais à frente (terceiro sub-bloco analítico) discutiremos o papel destes signos nesse ponto da trajetória de Cris.

Nessas ações de tentar suicídio, alguma mudança se produz (a qual discutiremos mais à frente também no bloco analítico seguinte) e tem como produto fazer Cristiana rever a sua

²⁸ Alegamos que os reguladores semióticos não foram identificados porque não pudemos ver a menção deles durante a externalização de Cristiana. Assim sendo, eles foram inferidos pela pesquisadora. Discutiremos essa hipótese lançada mais à frente (bloco seguinte – a dinâmica das transformações das três posições de Cris/Cristiano(a)).

decisão sobre adiar se reconhecer como não-homem. Assim sendo, ela revisita essa sua decisão anterior, construindo novos significados em cima das trajetórias que foram abandonadas (reconhecer-se como homem / reconhecer-se como não-homem) e revisitando-as em sua trajetória de vida – agora em outro tempo e contexto e, portanto, mesmo seja algo anterior, agora assume uma nova forma, única. Esse cenário configura, então, o que Bastos (2017) intitula de trajetórias sombras (reconhecer-se como homem / reconhecer-se como não-homem) e, aqui, conseguimos evidenciá-las aqui na trajetória de Cristiana.

Quando Cristiana vivencia novamente essa tomada de decisão, agora com novos significados construídos – e que destacaremos no bloco analítico seguinte – opta, dessa vez, por reconhecer-se enquanto homem. Cabe destacar que essa opção ocorre imaginariamente – uma vez que passa a se ver assim somente para si, não para os outros sociais. Assim sendo, o consideramos um ponto de passagem imaginado (IPP). É importante demarcarmos que isso é o um IPP, porque a realização mental dessa decisão não foi só importante para trazer mudanças para os sentidos de si da adolescente, como, ao mesmo tempo também lança para frente o momento em que optará por reconhecer-se como homem para a sociedade. Assim, o processo de reconhecimento social é lançado para o futuro, prospectado na posição do eu que vislumbra futuramente para si (*Eu como Cristiano/ Eu reconhecido socialmente no lado masculino*).

Todavia, ainda que não haja, neste momento, o reconhecimento conferido pelo outro, a transformação dos sentidos de si tornou esse IPP central, visto que é nele que se situa a emergência da segunda posição *eu como homem para mim / Eu como Cris* (demarcada pelo signo ). Nesse processo decisório se fazem presentes reguladores semióticos inibidores e promotores que também serão explicitados mais à frente (no próximo bloco analítico). Por agora, atentar-nos-emos para os pontos de bifurcação seguintes, que parecem terem sido elencados como consequências da decisão de Cris sobre si mesmo.

Uma vez se vendo mais como Cristiana, mas agora como Cris, o participante opta por mudar a sua expressão de gênero – antes feminina ou até um tanto neutra – para masculina. Sabemos que a performance de gênero diz de como um indivíduo expressa sua identidade de gênero publicamente (GLAAD, 2016), e, no caso de Cris, ao optar pela trajetória “expressão de gênero masculina” – frente a bifurcação “modificação corporal/não-modificação corporal” – optou, em seguida, por realizar mudanças corporais (desde na forma como cobrir seu corpo – ou seja, em suas vestimentas – ou até mesmo na apresentação desse – engordando).

Ademais, em seguida – quase concomitantemente – optou por mudar de nome (passar a ser chamado pelo apelido, Cris) frente a bifurcação “mudar o nome/não-mudar o nome”.

Todas as opções supracitadas – desde a opção por mudar sua expressão de gênero, passando pela de modificar seu corpo, até a de mudar o seu nome – tiveram a presença de um regulador semiótico promotor que será explorado mais à frente, mas que, desde já, optamos por nomear de realização estética do self de Cris. Ademais, também discutiremos no bloco analítico seguinte sobre o papel dessas modificações em relação ao novo posicionamento do Self de Cris. Por enquanto, apenas seguiremos por sua trajetória, elencando os passos seguintes.

As modificações elencadas executadas por Cris (da expressão de gênero, corporal e do nome) parecem ter reconstruído alguns significados que tem sobre si mesmo e os outros, posto que, frente à bifurcação “cortar-se/não-se-cortar”, agora o adolescente optou pela segunda possibilidade. Ao cessar o uso da autolesão, Cris, então, passou pelo Segundo Ponto de Equifinalidade do nosso estudo (EFP 2). Cabe salientar que essa passagem foi conduzida pelo mesmo signo promotor (a realização estética do self de Cris).

A repetição desse signo promotor nos antecipa que, desde que houve a mudança de posição do eu do participante (deixando seu posicionamento *Eu como Cristiana/ Eu como não realizada* para assumir outro *Eu como Cris/ Eu como homem para mim mesmo*), Cris tomou enquanto objetivo para si, futuramente “*conseguir sua mudança*” (SIC) ou, ainda, “*estar nesse lugar de homem*” (SIC). Desta maneira, prospecta uma posição do eu futura em que obterá o reconhecimento social e, portanto, será homem não somente para si mesmo, como para todos. A essa posição intitulamos de *Eu como Cristiano/ Eu reconhecido socialmente no lado masculino*.

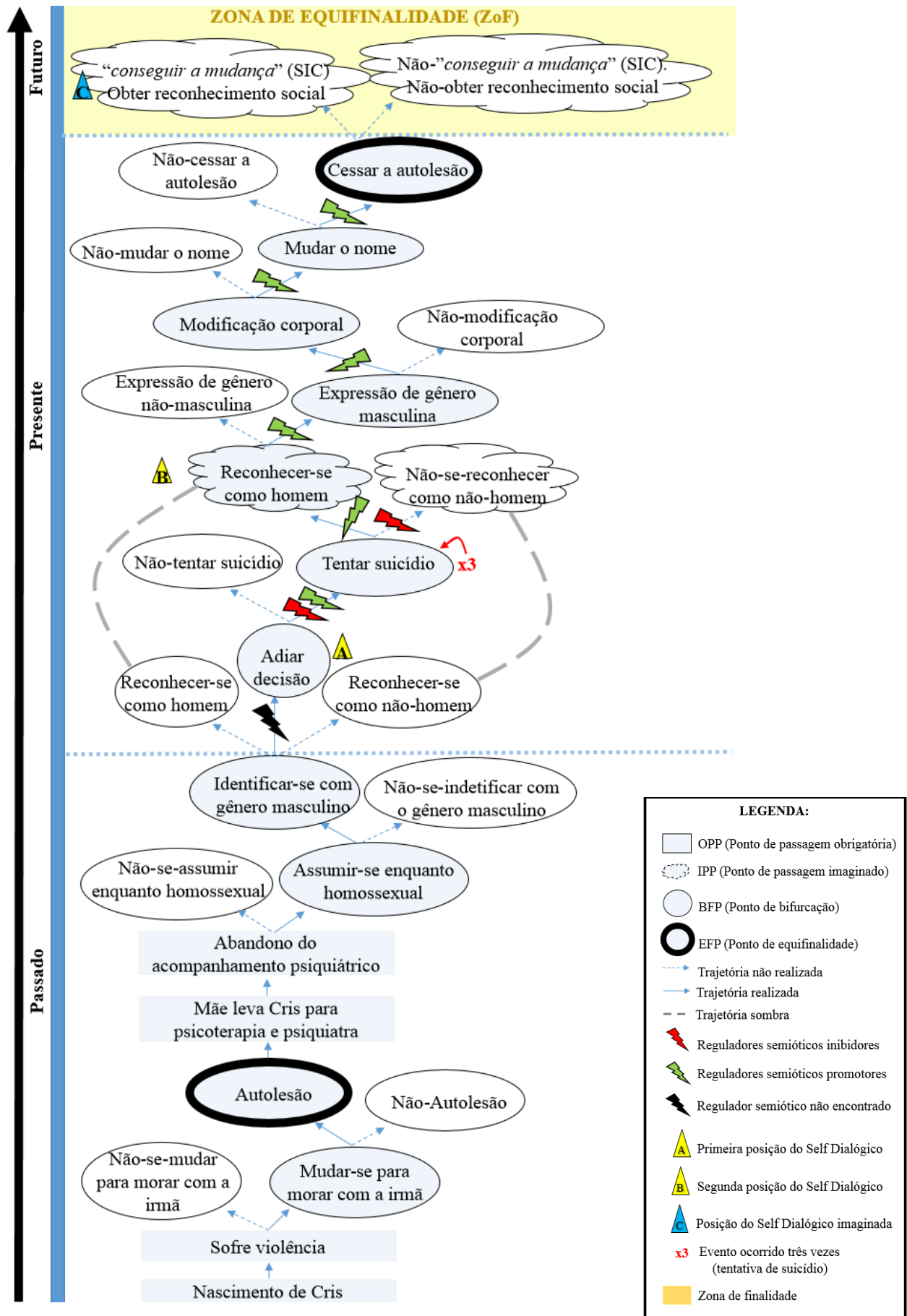
Essa posição do eu imaginada – aqui sinalizada pelo signo  –, e portanto um IPP, aparece na trajetória de Cris/Cristiano(a) no futuro e associada a uma dos possíveis caminhos da bifurcação a ser enfrentada: “obter reconhecimento social/não-obter reconhecimento social”. Ainda que o reconhecimento social seja um fato externo ao participante, aqui não optamos por colocar como OPP posto que acreditamos no papel ativo do sujeito em buscar esse reconhecimento. Isso se fundamenta no fato que Cris optou por posicionar-se, atualmente, como *homem para si*, o que demarca o caráter opcional do sujeito nessa decisão.

Ainda, não existe uma certeza para Cris de que poderá assumir essa terceira posição do eu (*Eu como Cristiano/ Eu reconhecido socialmente do gênero masculino*), posto que exista a possibilidade de que siga outras trajetórias no futuro que resultem em outros

posicionamentos do self. Contudo, essa posição do eu aqui se faz presente, uma vez que prospectar um momento em que assumirá essa posição parece conferir sentido à trajetória de Cris. Nesse sentido, é por isso que, na trajetória de Cris/Cristiana(o), há uma Zona de equifinalidade (ZoF) (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) e na de Alice não. Porque nesse caso em específico, o/a participante tem uma finalidade clara depois dos EFPs: ver-se na posição *Eu como Cristiano/ Eu reconhecido socialmente do gênero masculino*.

Em seguida (no bloco seguinte) adentraremos em como essas três posições elencadas dialogam e como elas se relacionam com a ZoF(VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) e os reguladores semióticos (CABEL, 2010) presentes. Por hora, apresentamos o traçado final da trajetória de Cris/Cristiana(o) na figura 27.

Figura 27 - Trajetória Final de Cris/Cristiana(o)



6.3.2 A dinâmica das transformações das três posições de Cris/Cristiana(o)

Primeiro sub-bloco: a posição um “eu como não realizada / Eu como Cristiana”, a posição dois “eu como homem para mim / Eu como Cris” e a posição três “eu reconhecido socialmente no lado masculino / Eu como Cristiano”

Como previsto, iremos, nesse sub-bloco, examinar cada uma das três posições elencadas à luz dos conceitos propostos por Salgado, Cunha e Bento (2013) – bem como com acréscimos de outros conceitos (ZITTOUN, 2007; 2009; ZITTOUN; GILLESPIE, 2016; CABEL, 2010). Exploraremos cada um dos conceitos – *agente, seguindo para o endereçado, objeto, audiências, domínio relacional, posição do eu, esferas de experiência e reguladores semióticos* – no decorrer do texto, para então retomá-los em uma tabela sintética (Tabela 7)

Começaremos, então, evidenciando aqueles conceitos que são comuns às três posições, para então seguirmos para os que são peculiares a cada uma delas. Porém, antes disso, precisamos explicitar um conceito que é preenchido com diferentes informações em cada posição: o *agente*. Ao passo que na primeira posição o agente é Cristiana, para a segunda o agente passa a ser intitulado de Cris e, por fim, na terceira e última posição, quer ser nomeado como Cristiano. Esse adendo faz-se necessário aqui, pois essa mudança no nome do participante permeará todo o texto, sendo, ademais, um aspecto chave para sabermos a qual posição do eu estamos nos referindo.

Explicitado isso, começaremos, então, pelo endereçado: para todas as posições o *endereçado* é a entrevistadora – posto que seja ela que a fala tanto de Cristiana, quanto de Cris, se endereça.

Ainda, na narrativa e trajetória de Cris/Cristiana(o), percebe-se o corpo (por seu fenótipo feminino e por sua expressão feminina) enquanto o *objeto* que causa tensão a sua primeira posição do eu (*Eu como não realizada*), posto que esse *gegenstand* resiste ao deslocamento de posição em favor de seus desejos (de obter o reconhecimento de ser homem). Esse objeto também se mantém na sua segunda posição *eu como homem para mim / Eu como Cris*, posto que Cris ainda se relaciona com esse corpo – embora agora diferentemente da primeira (diferenças que serão explicadas quando tratarmos, no subloco seguinte, sobre a dinâmica das transformações do self). Contudo, na terceira posição do eu – imaginária – elencou-se a identidade de gênero enquanto o objeto, uma vez que agora Cristiano relaciona-se a algo que é mais amplo que seu corpo, ele busca ser reconhecido pelo outro e, portanto, assumir uma nova identidade de gênero.

Independentemente de qual das três posições falamos e de seus objetos específicos, todos eles repercutem em Cristiana(o)/Cris falar sobre si, já que conta da construção de seus sentidos de si (identidade de gênero). Assim sendo, elencou-se o self como *domínio relacional* para todas três posições.

Ainda, elenca-se que essa relação agente<>endereço<>objeto (ou seja, de Cristiana e Cris falando com a entrevistadora sobre seu corpo, bem como de Cristiano falando sobre sua identidade de gênero) se dá em diálogo com outros sociais que são evocados pela sua fala: tanto seus familiares quando a sociedade no geral. Assim, ambos foram destacados como as *audiências* as quais as três posições se referem.

Acerca das *esferas de experiência*, na posição *Eu como Cristiana* (primeira) e *Eu como Cris* (segunda) foram encontradas as mesmas esferas de experiência: viver com a irmã e o espaço escolar frequentado por Cris. Por sua vez, na terceira posição, *Eu como Cristiano* não foi elencada nenhuma esfera de experiência posto que essa digasobre um momento ainda por acontecer ou não. Ou seja, imaginado.

Por fim, sobre os *reguladores semióticos* inibidores e promotores, nós os encontramos nas três posições do eu. Para a primeira (*Eu como Cristiana*), destacamos como promotores dessa posição do eu tanto a sociedade quanto o falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) ou a hierarquia estereotipada do SD (HERMANS, 2001a; 2001b) de Cristiana. Em contrapartida, elencou-se a orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) enquanto signo inibidor dessa posição.

Já na segunda e terceira posição (*Eu como Cris* e *Eu como Cristiano* respectivamente), destacou-se orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) como signo promotor, ao passo que se destacamos a sociedade e o falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) ou a hierarquia estereotipada do SD (HERMANS, 2001a; 2001b) como signos inibidores.

Cabe salientar que, o motivo de situarmos esses signos e como eles se relacionam com as posições serão discutidos na sessão analítica seguinte. Nesse bloco analítico (em suas duas subpartes) buscamos meramente identificar os conceitos, eles serviram de base para ancorarmos a análise do bloco analítico dois (a dinâmica da transformação das três posições do self dialógico de Cris/Cristiano(a)). Assim, por agora, apresentaremos os resultados até então construídos de forma sintética através da tabela abaixo (Tabela 7).

Tabela 7 - Análise dos pontos “não realizada” e “socialmente reconhecido” na trajetória de Cris

	Eu como Cristiana	Eu como Cris	Eu como Crisitano
Agente	Cristiana	Cris	Cristiano
Endereçado	Pesquisadora	Pesquisadora	Pesquisadora
Objeto	Fenótipo feminino e com expressão feminina	Fenótipo feminino e com expressão feminina	Identidade de gênero
Audiência(s)	Familiares e sociedade	Familiares e sociedade	Familiares e sociedade
Domínio relacional	Self	Self	Self
Posição do eu	Eu como não realizada	Eu como homem para mim	Eu como reconhecido socialmente no lado masculino
Esferas de experiência	Casa da irmã Escola	Casa da irmã Escola	--
Reguladores semióticos	Promotores	Falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) ou hierarquia estereotipada do SD (HERMANS, 2001a; 2001b)	Orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo)
	Inibidores	Orientação do SD em buscar sua constante realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo)	Falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) ou a hierarquia estereotipada do SD (HERMANS, 2001a; 2001b)

Fonte: a autora, 2019

Segundo sub-bloco: de Cristiana a Cris, prospectando ser Crisitano

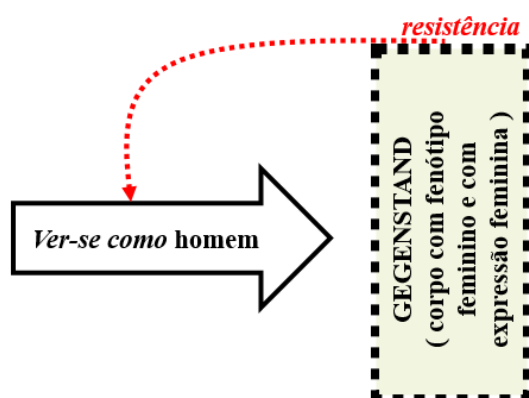
Começaremos falando sobre a primeira posição (*Eu como não realizada /Eu como Cristiana*), então detalharemos a passagem para a segunda posição (*Eu como homem para mim / Eu como Cris*), explicitando as consequências dessa mudança e como ela se deu. Para, por fim, articularmos qual a importância da terceira e última posição (imaginada) (*Eu como*

reconhecido socialmente do gênero masculino / Eu como Cristiano) para a manutenção das duas anteriores.

Iniciaremos, na posição um (*eu como não realizada / Eu como Cristiana*), analisando um dos momentos chave dessa posição do eu: quando Cristiana percebe sua identificação com homens. Nesse momento, ela se vê como homem, porém, seu corpo lhe apresenta outra cena. Assim sendo, podemos pensar que esse corpo se transforma em um *gegenstand* e resiste (TATEO, 2017). Resiste porque Cristiana passa a olhar para seu corpo e – ao *ver-se como* (TATEO, 2017) homem – quer encontrar nele características do fenótipo masculino. Contudo, ela se depara com um corpo que possui características de um fenótipo feminino (útero, seios, dentre outras características secundárias). Essas características encontradas não são consoantes ao *ver-se como* homem, mas sim empecilhos. A adolescente passa a ansiar não ter essas características porque elas resistem aos sentidos que ela prospecta ter de si (*eu como homem*).

Ademais, além das características biológicas, esse corpo também se expressa em sua feminilidade, o que também não corresponde à masculinidade esperada por Cristiana – atrelada ao que as pessoas esperam de um homem (SANTOS; SILVA, 2017). Assim, temos dois âmbitos de resistência desse *gegenstand*: o corpo com características do fenótipo feminino e também com expressão feminina.

Figura 28 - Resistência do *gegenstand*



Fonte: adaptado de Tateo (2017, p. 241)

A imagem (Figura 28) ilustra que, ao *ver-se como* homem, o corpo de Cristiana passa a ser um objeto que oferece outro tipo de resistência e, portanto, um *gegenstand*. Para ela, antes de *ver-se como* homem, esse corpo poderia ser algo positivo ou neutro (já que se via antes como mulher e feminina, portanto, um corpo feminino e de fenótipo feminino era consoante com sua imagem de si), ou até mesmo um objeto que demandava de investimentos

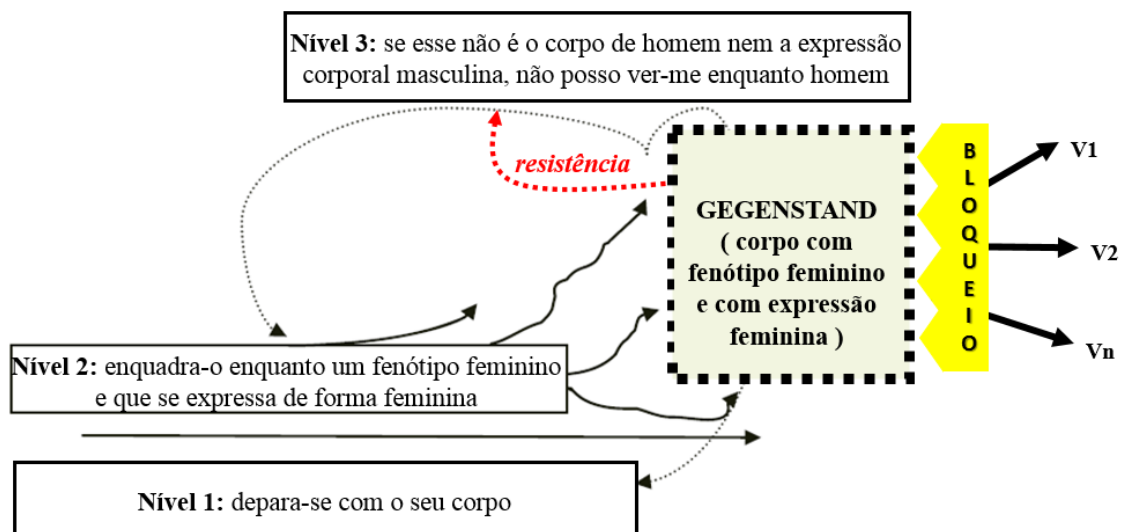
(maquiar-se, pentear-se, utilizar vestimentas seletas, etc.). Entretanto, após ver-se como homem, seu corpo passou a ser um empecilho à manutenção desse seu *ver como*. Independentemente de ela ser homem para si ou homem para os outros, o fato de Cristiana passar a olhar a si mesma e valorar-se enquanto homem, conseqüentemente faz seu corpo, com características do fenótipo feminino e expressão feminina, ser ponto de resistência frente a esse direcionamento.

Cristiana, então, vê-se em um dilema: os seus sentidos de si (*eu como homem*) não estão em consonância com o que seu corpo apresenta (corpo com fenótipo e expressão feminina), nem com quem havia sido – para os outros sociais – nos últimos anos (uma garota, uma mulher, ou seja, uma pessoa do gênero feminino). A adolescente vê-se, então, com a possibilidade de assumir outra identidade de gênero, agora consoante com o os seus sentidos de si – posto que já houvesse percebido que se reconhecia como homem.

Contudo, esse movimento decisório – sobre qual sua identidade de gênero – não chega a ocorrer: o resultado do impasse entre perceber-se de uma forma e seu corpo apresentar outra cena, foi optar pelo adiamento. Mas o que Cristiana adia? Ela adia lidar com seus sentidos de si (quem realmente ela é ou não é), com seu corpo (que pode vir a ser consoante ou destoante de sua identidade de gênero) e evita essa negociação com os outros sobre seus sentidos de si (SD): pois a identidade de gênero além de se relacionar com a maneira que a pessoa se sente e se percebe, também está atrelada a como os outros sociais percebem essa pessoa (RODRIGUES, 1996). Mas, se ela se reconhecia como homem (*eu como homem*), como podemos entender essa decisão de Cristiana?

Para examinarmos essa tomada de decisão de Cristiana, reconstruiremos os níveis do processo de *ver-se como homem* a partir dos níveis do *ver como* elencados por Tateo (2017):

Figura 29 - A construção de significados e os níveis do ver como do *gegenstand* (corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina) na posição eu como não realizada de Cristiana



Fonte: adaptado de Tateo (2017, p.235)

No esquema acima, no primeiro nível ocorre o contato com a coisa – que, no nosso caso aqui, é o corpo de Cristiana. Essa, por ainda não ter sido valorada, ainda não se tornou um objeto, ou seja, um *gegenstand*. A importância, contudo, desse nível – destaca Tateo (2017) – é que são das características percebidas nesse primeiro nível que se baseia a construção de significados e valores do nível dois. Assim, é a partir da percepção dessa coisa-corpo, que Cristiana constrói significados: esse corpo é um corpo com características do fenótipo feminino e, ainda, é um corpo que se expressa de forma feminina. Essa construção tem como base as valorações do que é ser homem e ser mulher (SANTOS; SILVA, 2017; GOMES, 2008; AMORIM, 1997) partilhados entre o indivíduo e a cultura (VALSINER, 2012; 2014a).

Por fim, o que é percebido (nível 1) e então valorado (nível 2), a partir da comparação com o *ver como* – nesse caso, ver-se como homem – culmina em novas significações (no nível 3): esse corpo e expressão corporal são vistos como inadequados para ela, já que não condiz com a visão psicológica que construiu de si (de ser homem e expressar-se de forma masculina).

Desse encontro com o *gegenstand* (meu corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina) e as resistências que esse impõe a Cristiana, surgem possíveis direcionalidades criadas pela adolescente que dependem diretamente de qual contra-ação (TATEO, 2017) ela irá lançar mão. Nessa dissertação, como já dissemos, trabalhamos com dois tipos de contra-ação: o contorno (nesse caso, contornaria as características desse corpo e o que ele representa

até conseguir efetivamente ver-se como homem) e o bloqueio (nesse caso, tentar construir sentidos a partir deste corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina que resiste), etc. Ao passo que há dois tipos de estratégias semióticas, as direcionalidades são inesgotáveis, posto que compreendem todos os vetores de ações do sujeito possíveis (V1, V2 e Vn. Sendo, Vn para destacar que a numeração de direcionalidades é inesgotável) – respostas ao nível 3 do *ver como* (TATEO, 2017) – resultantes da maneira como o ele age (bloqueio ou contranavegação) em face às *resistências* do *gegenstand*.

Nesse evento específico do caso, Cristiana acabou por se utilizar de estratégias semióticas de bloqueio. Ou seja: frente às resistências do *gegenstand*, tentou construir significações sobre ele que o vislumbresse de acordo com as resistências oferecidas: como um corpo de fenótipo feminino e com expressão feminina. Assim sendo, disso resultaram diferentes direcionalidades como: (1) ignorar se perceber e se sentir como homem; (2) tentar se ver como mulher ao pensar que a identidade de gênero é uma escolha; dentre outras. Disto depreendemos que todas as direcionalidades caminharam em direção ao que aponta a estratégia semiótica de bloqueio.

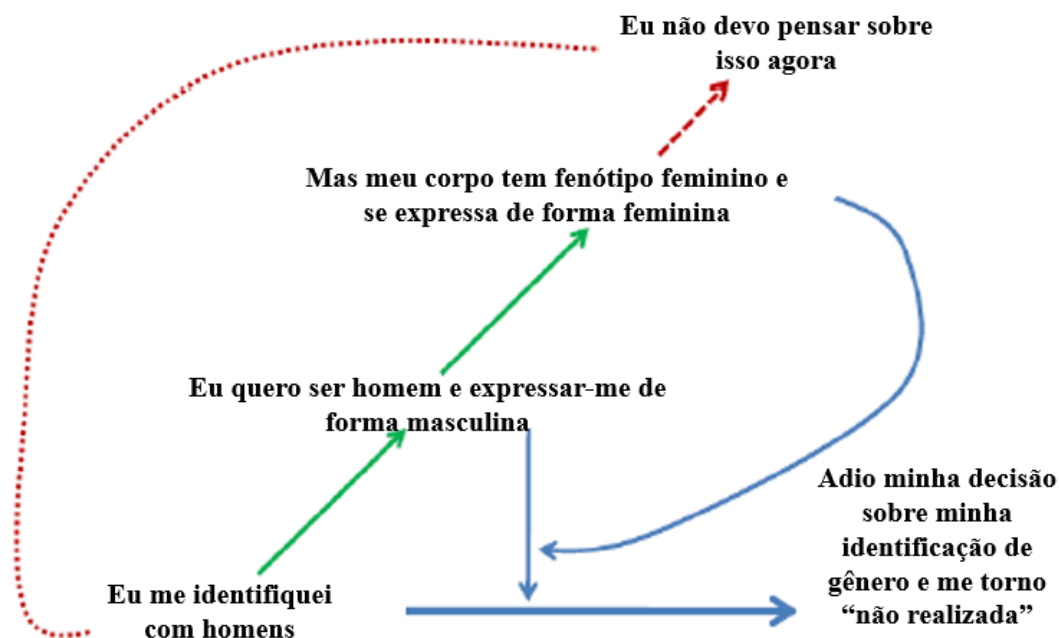
Cristiana, então, seguiu ambas direcionalidades supracitadas. Tanto decidiu adiar a decisão sobre se sentir como ou ser como não-homem, bem como também buscou encontrar-se em “ser mulher”. Cabe destacar que cada direcionalidade dessas produziu diferentes cadeias de construção de significados, cada uma orientada por seus valores particulares. E o que podemos dizer dessas reconstruções dos significados de si? Houve, então, uma reorganização do SD. Para poder optar pelo adiamento, tanto para *ver-se como* mulher, ambas significações resultaram em uma reorganização do repertório do SD de modo a silenciar a voz *eu como homem*. Mas como isso é possível?

Assim como já mencionamos – e também como vimos no caso de Alice –, esse processo advém de uma hierarquia estereotipada entre as posições do self dialógico (HERMANS, 2001a; 2001b). Quando uma posição do eu (ex: *eu como não realizada*) assume uma posição hierárquica superior, pode, então, orientar e/ou silenciar as demais (VALSINER, 2012; 2014a), produzindo um monólogo a partir da expropriação das outras posições do eu – como Valsiner (2002) bem destaca. Essa estrutura, todavia, inviabiliza o movimento do SD em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo), como também, para Winnicott (1983; 1990) produz um sujeito com falso self exacerbado, que experiencia a vida a partir de uma criatividade reativa.

Assim, a consequência das direcionalidades (TATEO, 2017) tomadas foi Cristiana se reconhecer como “*não realizada*” (SIC), assim demarcou-se que ela assume a posição *eu como não realizada* ou *eu como Cristiana*. Durante esse posicionamento ela se vê como não realizada porque ao destruir o signo “*eu me identifico enquanto homem*” destrói junto todos os novos sentidos de si que estava construindo até então, optando pela manutenção de outros (antigos, de quando se identificava como não-homem, ou seja, identificava-se como mulher ou que isso não era uma questão para ela).

Procuramos, através da figura abaixo (Figura 30), ilustrar esse processo de como o signo demolidor “*eu não devo pensar sobre isso agora*”, destrói e reconstrói todas as significações, culminando na direcionalidade de adiar sua decisão sobre o assunto e, consecutivamente, sentir-se não realizada porque a posição do eu assumida (*eu como não realizada*) bloqueia o movimento de realização estética do seu self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo). Vejamos na figura (Figura 30).

Figura 30 - Demolição da hierárquica sígnica de Cristiana pelo demolidor “*eu não devo pensar sobre isso agora*”



REGULAÇÃO HIERARQUICA ATRAVÉS DA ESTRUTURA DO GEGENSTAND

Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p.128)

O que devemos destacar dessa reconstrução sígnica – a partir do papel deste signo demolidor “*eu não devo pensar sobre isso agora*” – é o processo subjetivo que se opera. Há,

aqui, como já foi dito, um processo semelhante com o caso Alice. Cristiana também nega parte de si, tendo como consequência, além dessa reconstrução de significados, o fortalecimento do seu falso self (WINNICOTT, 1983; 1990). Mas como isso ocorre?

Na trajetória traçada de Cristiana (ver Figura 27), optamos pelo uso do signo , posto que não soubemos identificar na externalização de Cristiana os reguladores semióticos (sejam eles promotores, inibidores ou catalíticos) (CABEL, 210) presentes. Porém, elencamos enquanto hipótese que – ainda que em sua narrativa a adolescente diga que não liga para o que seus familiares e a sociedade pensa – a sugestão social acerca da transexualidade é um ponto de tensão para as construções de significados ocorridas nesse momento – uma vez que sabemos que a construção de significados se dá sempre na tensão A<>Não-A (VALSINER, 2000; 2012; 2014a). Assim sendo, visitaremos alguns aspectos da representação social da transexualidade, para vermos como os significados da cultura coletiva entram em negociação com a cultura pessoal no caso específico dessa decisão de Cristiana por adiar reconhecer-se como homem ou não-homem.

Rodrigues (1996) relata que a transexualidade, durante muitos anos, foi interpretada como loucura, aberração ou assemelhada erroneamente a homossexualidade. Hoje, ainda que tenha havido avanços na legislação brasileira quanto ao reconhecimento da transexualidade nos aspectos assistenciais, administrativos, judiciais e legislativos (VIEIRA, 2000), essas compreensões ainda estão presentes na representação social da transexualidade, sendo expressas palavras como *homossexual*, *opção edesequilíbrio* ao tentar defini-la (MATÃO et al, 2010).

Como brevemente mencionado, a aproximação entre *homossexualidade* e transexualidade é errônea, posto que a orientação sexual indica por quais gêneros a pessoa se sente fisicamente, românticamente e/ou emocionalmente atraída (podendo ser assexual, bissexual, heterossexual, homossexual ou pansexual), ao passo que identidade sexual indica a percepção individual sobre o gênero que uma pessoa percebe para si mesma (podendo ser transgênero ou cisgênero). Matão e colaboradores (2010) destacam que essa compreensão equivocada decorre dos preconceitos de expressão de gênero – afeminado ou masculinizado – associados popularmente à homossexualidade. Assim, há também uma forte aproximação entre transexualidade e afeminado e/ou masculinizado.

Referente à ideia de *opção*, há uma faceta discriminatória nessa representação social, uma vez que a formação da identidade de gênero vai além da opção – sendo destacadas em estudos (ATHAYDE, 2001) causas biológicas funcionais ou morfológicas. E, por fim, no

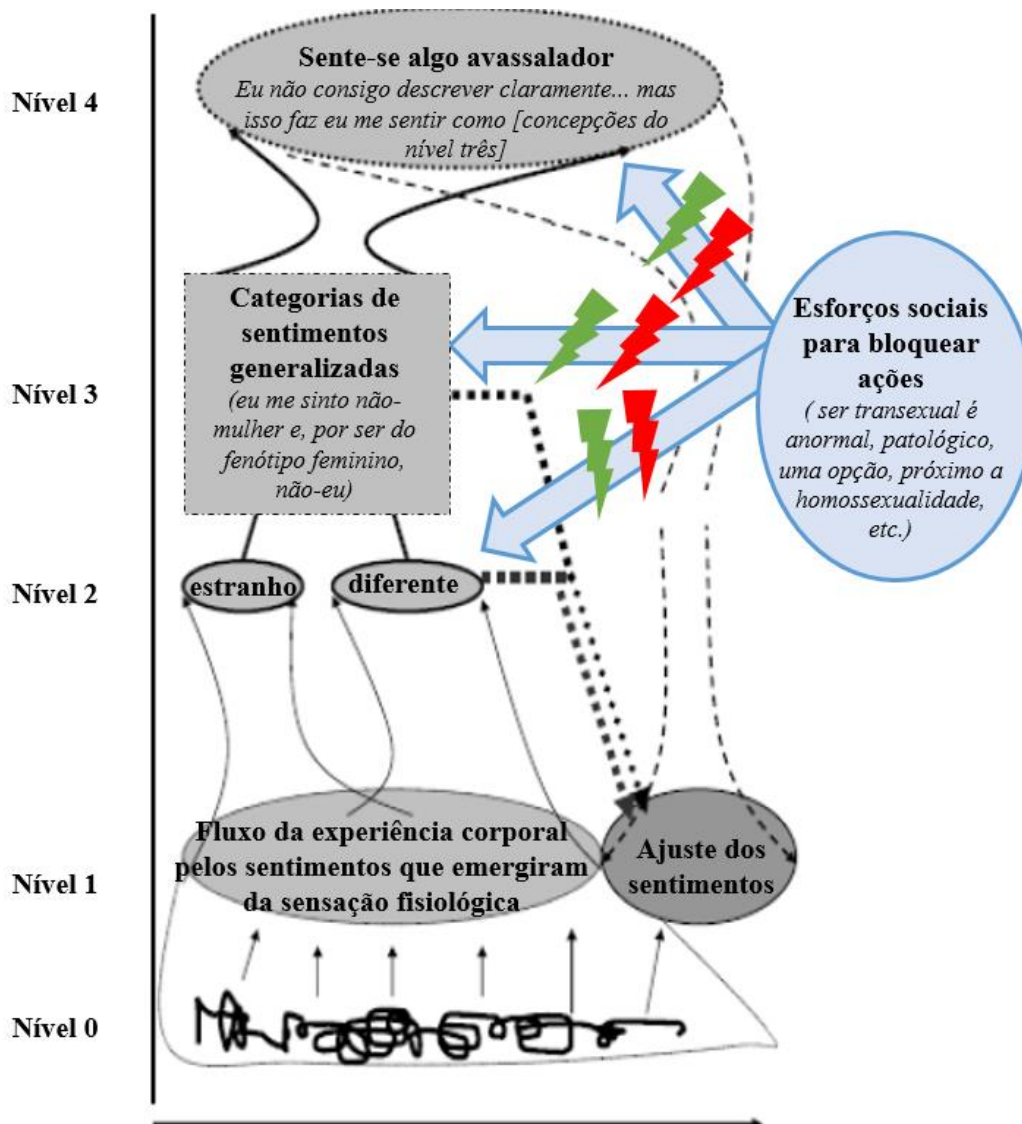
tocante à concepção de *desequilíbrio*, Matão e colaboradores (2010) discutem essa representação a partir da patologização, posto que a transexualidade consta no CID-10 enquanto disforia de gênero (OMS, 1993) e no DSM-IV como identidade de gênero tipo transexual (APA, 2000). Logo, há aproximações com a ideia de transtorno, desordem ou anomalia psíquica. Assim, para a sociedade, pensar e agir como se fosse do sexo oposto é uma conduta, em geral, anormal, sendo, portanto, discriminada.

Dessas três representações visitadas, podemos depreender, então, uma acentuada repressão social em relação à transexualidade, atribuindo-lhe, pelo conhecimento e representação do senso comum a respeito do assunto, expressões pejorativas e significados negativos (MATÃO et al, 2010). Tudo isso é imprescindível para o caso analisado posto que, assim, como Valsiner (2014c) bem destaca, existem sugestões, bloqueios e esforços da sociedade para direcionar as ações dos indivíduos.

Isso é possível a partir da criação de signos no nível dois, três e quatro. Valsiner (2014c) destaca que isso foi elucidado por Foucault (1980 apud Valsiner, 2014c) ao observar o reforço do discurso social – interno e externo – como uma possibilidade de controle. Não entraremos nos detalhes de como se deu esse processo (ver VALSINER, 2014c, p. 136/137). A acentuação conferida a isso é para que possamos refletir sobre como esse processo se dá no caso de Cristiana.

Como vimos anteriormente, há diversos sentidos conferidos a transexualidade (anormalidade, *desequilíbrio*, homossexualidade, opção). Essa exacerbação de produção de signos no nível três pode guiar a mente das pessoas na direção socialmente desejada (ex: invés de ver a transexualidade como algo normal, ver como anormal). Isso ocorre posto que o nível três tenha como característica a construção de conceitos abstratos que geram a regulação de ações (VALSINER, 2014c). Dessa forma, do choque entre a cultura pessoal e cultura coletiva, podem resultar em novas ações, essas que são reguladas pela influência social. Podemos, portanto, pensar esse processo a partir das figuras abaixo.

Figura 31- Como o afeto opera na generalização dos signos



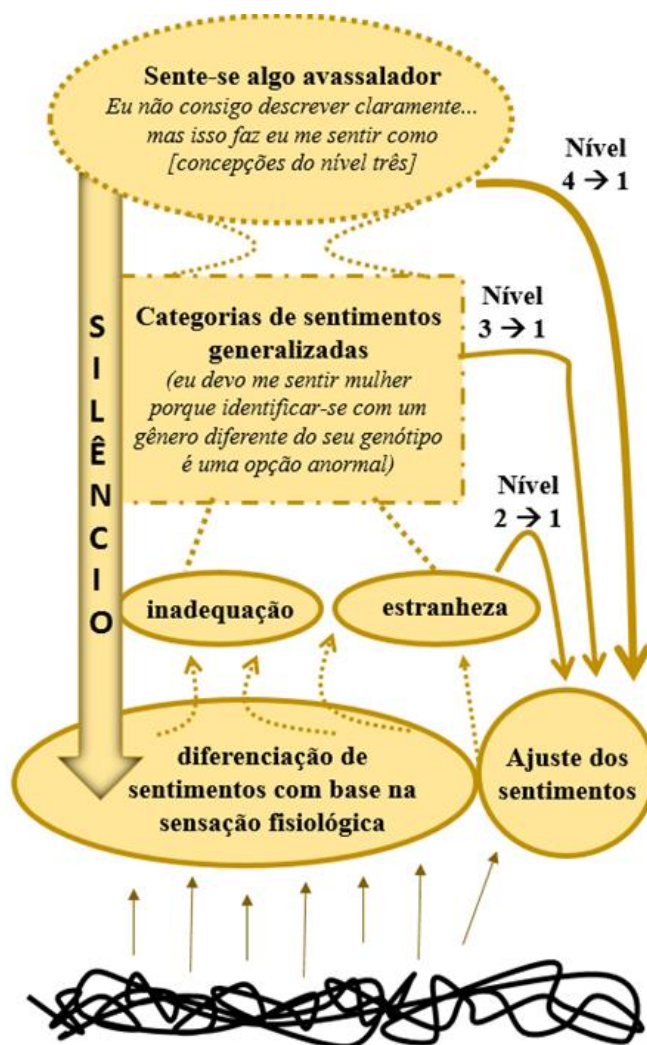
Legenda: os raios vermelhos representam os reguladores semióticos inibidores, ao passo que os verdes aludem aos reguladores semióticos promotores. As setas em azul apontam o direcionamento dos esforços sociais nos diferentes níveis hierárquicos. Enquanto os elementos (quadrado e círculos) em cinza aludem à cultura pessoal, o em azul remete à cultura coletiva.

Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 134)

Nessa figura nós temos os balões (em cinza) referentes à cultura pessoal de Cris e níveis hierárquicos atrelados à experiência de si (*ver-se como homem*). No primeiro nível há o fluxo da experiência corporal pelos sentimentos que emergem da sensação fisiológica. No nível acima (dois), inicia-se o fluxo de extensões associativas de significados em redes em uma articulação sem integração (sentido separados como sentir-se estranha, diferente, etc.). No terceiro nível formam-se categorias de sentimentos generalizados que conduzem a ações reguladoras (ex: eu me sinto não mulher → eu devo modificar esse corpo de fenótipo feminino). Por fim, chega-se no nível da hipergeneralização em que não há o uso de palavras.

De todos esses níveis há uma regulação descendente para ajustar os sentimentos. Nessa figura adaptada de Valsiner (2014a), acrescenta-se como novidade a influência dos esforços sociais (no balão azul) nos níveis hierárquicos 2, 3 e 4. Desse choque entre a cultura coletiva e a cultura pessoal, advém uma nova reconstrução de significados – representada na figura 32.

Figura 32 - Como o afeto opera na generalização dos signos na negociação entre a cultura coletiva e a cultura pessoal



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 134)

Desse processo, podemos entender o silêncio excessivo ou a dificuldade de Cristiana em falar sobre si, bem como sobre falar sobre o que imagina que é “*estar nesse lugar de homem*” (SIC). Isso porque, como Valsiner (2014c) adverte: “o silêncio pode ser o resultado do SWIB [sigla para Signo com Bordas Infinitas] no nível 4 à medida que aumenta para outros níveis de semiose. Um campo de sentimento hipergeneralizado (...) pode tornar muito difícil ou impossível o uso de palavras em situações em que isso possa ser socialmente esperado” (p. 135, tradução nossa).

Devemos, entretanto, ter em mente que há sempre uma negociação entre a cultura coletiva e a cultura pessoal. Assim, além da sugestão social e da valoração conferida à transexualidade, também devemos destacar alguns importantes pontos subjetivos, da cultura pessoal de Cristiana: podemos elencar também, de forma hipotética, a dificuldade de reconhecer seu verdadeiro/falso self, ou seja, o que realmente desejava para si. Sem contar nas emoções e angústias que eram mobilizadas quando ela pensava a respeito.

Assim, vemos que esse processo de negociação – dos sentidos de si e das construções de significados resultantes das direcionalidades que emergem do encontro com o *gegenstand* – ocorre no infinito interior<>externo. Ou seja, da negociação da cultura individual e a cultura coletiva. Ademais, os processos imaginativos também são orquestrados e impulsionados pela a função diretiva da memória autobiográfica (ZITTOUN; DE SAINT- LAURENT, 2018). Assim sendo, a rememoração possui um papel imprescindível nessa negociação dos sentidos de si, podendo somente ser pensada nos dois infinitos: passado<>futuro e interno<>externo (VALSINER, 2014a). A articulação dos quatro infinitos nessa posição do eu de Cristiana é explicitada na tabela abaixo (tabela 8).

Tabela 8 - Coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao *gegenstand* “corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina” durante a posição *eu como não realizada* / *eu como Cristiana*

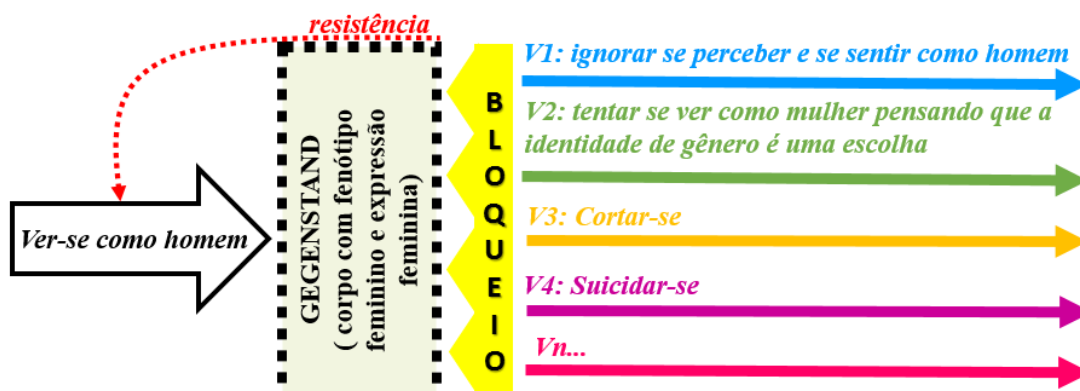
Infinito interior (A)	Infinito exterior (B)	Passado (C)	Futuro (D)
(cultura pessoal) “eu como não realizada”, “eu como Cristiana”, eu adio qualquer reflexão sobre minha identidade de gênero	(Cultura coletiva) compreensões de que: que a transexualidade é semelhante a homossexualidade (pela feminilidade ou masculinidade exacerbada). Que a identidade de gênero é uma opção. E que a transexualidade é uma anormalidade ou patológica. (MATÃO et al, 2010).	Manutenção e construção de sentidos de si (eu reconheço-me enquanto mulher) para adiar <i>ver-se como</i> homem.	Quando contraatua – frente a resistência do <i>gegenstand</i> – bloqueando-se. Prospecta que pode lidar com as resistências do <i>gegenstand</i> : (1) adiando sua decisão; (2) a partir do uso da autolesão; (3) por tentativas de suicídio. Esses processos aqui elencados serão destacados à frente.

Fonte: a autora, 2019

Essa posição (*eu como não realizada*), como já dissemos, é demarcada por um grande sofrimento psíquico – o que alegamos, à luz da perspectiva Winnicottiana (1893; 1990), advir da acentuação do falso self ou, ainda, por o SD ter como característica estar em constante caminhada em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud

EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) e, quando esse fluxo é represado, teria como resultado o sofrimento psíquico. Esse sofrimento psíquico passa a ser também um sofrimento físico por meio dos cortes que Cristiana inflige ao próprio corpo. Mais à frente explicitaremos como vislumbramos a autolesão nessa dinâmica. Por enquanto, retomamos essa informação para evidenciar como, durante o período de aflição, Cristiana vislumbrou diferentes direcionalidades – porém todas elas resultantes da mesma estratégia semiótica (bloqueio). Já havíamos destacado e explicado duas – a saber: (1) ignorar se perceber e se sentir como homem; (2) tentar se ver como mulher pensando que a identidade de gênero é uma escolha – agora acrescentamos mais duas: (3) cortar-se; (4) tentar suicídio. Vejamos em uma ilustração.

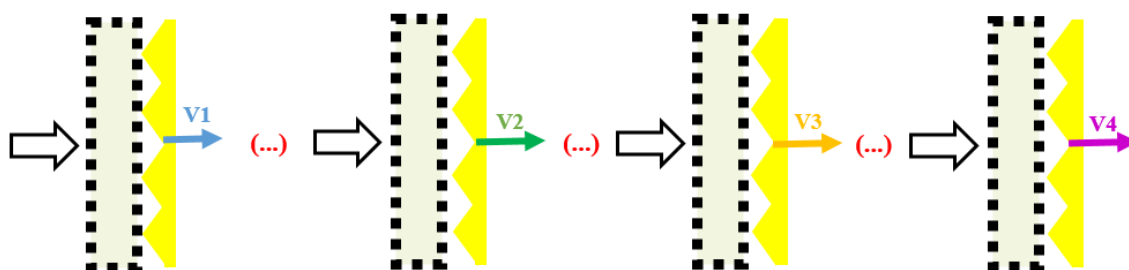
Figura 33 - Diferentes estratégias semióticas de bloqueio construídas por Cristiana na posição um: “*eu como não realizada*”



Fonte: a autora, 2019

A figura acima (Figura 33) procura mostrar todas as estratégias semióticas que Cristiana lançou mão durante a posição *eu como não realizada* / *Eu como Cristiana*. Contudo, ela é estática. Se considerarmos o tempo irreversível – o que é primordial – então construiríamos essa representação de acordo com a Figura 34 (abaixo).

Figura 34 - Esquema das contra-ações em face ao *gegenstand* considerando o tempo irreversível



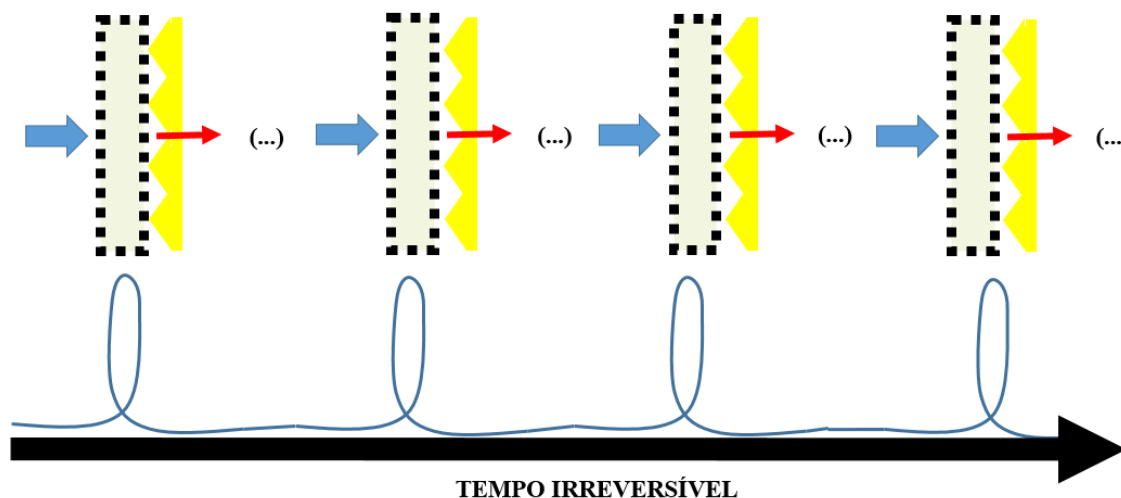
Legenda: na figura acima, as setas a esquerda representam o processo de *ver-se como homem* de Cristiana, ao passo que as setas coloridas à direita marcam as direcionalidades executadas (V1, V2, V3, V4), listadas na figura acima. Ambas setas são separadas por um bloco pontilhado (o *gegenstand* corpo com fenótipo feminino e expressão feminina) e pelo bloco espinhado em amarelo demarca a estratégia semiótica utilizada – bloqueio – da qual resultam os vetores de direcionalidade (as setas coloridas). Os símbolos “(...)”, em vermelho, demarcam a passagem do tempo entre uma contra-ação e outra, até um novo encontro com o *gegenstand*.

Fonte: a autora, 2019

A Figura 34 procura demonstrar como, com o passar do tempo, Cris depara-se inúmeras vezes com esse mesmo *gegenstand* (corpo com *fenótipo feminino e com expressões femininas*), resultando em diferentes contra-ações de bloqueio: primeiramente tentando ignorar se perceber e se sentir como homem (V1), segundamente tentando se ver como mulher pensando que a identidade de gênero é uma opção (V2), terceiramente ao se cortar (V3) e, finalmente, tentando suicídio (V4). Ao fim de todos os quatro encontros com o *gegenstand*, os sentidos de si (*eu como não realizada*) se mantiveram, o que faz com que a angústia com essa posição do eu continue. A ânsia por findar essa angústia e, portanto, permitir o caminhar do self em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) parece ser motor para que novas contra-ações sejam feitas até isso seja obtido. Todavia, todas as direcionalidades advém de uma mesma estratégia semiótica – bloqueio –, o que desagua em uma repetição e não na desconstrução dos sentidos que ocultam a realização estética do self de Cris (*ver-se como homem*).

Destarte, entendemos que nesses inúmeros encontros com o mesmo o *gegenstand* (corpo com *fenótipo feminino e com expressão feminina*), a adolescente parecia buscar por diferentes formas de se relacionar com as resistências que ele provocava em si. Hipotetizamos que, ao mesmo tempo em que ela buscava aplacar seu sofrimento subjetivo, ela também não conseguia executar isso – posto que para arredá-lo ela teria que transformar os seus sentidos de si e esse se encontravam estereotipados, fixos, na posição *eu como Cristiana / eu como não realizada*. Essa não execução, em termos efetivos, se dá porque todas as estratégias semióticas de bloqueio não procuravam contornar as resistências do *gegenstand*, assim sendo, não construía novas significações sobre si. Assim, após uma contra-ação, vinha outra e outra, numa tentativa – sempre falha – de lidar com esses sentimentos e construir novas soluções. Mas que ao serem ineficazes, novas contra-ações continuavam ocorrendo.

Figura 35 - Esquema das contratuções consecutivas e repetitivas no tempo irreversível



Legenda: acima encontramos uma representação dos esquemas anteriores, sendo a seta azul o *ver como*, o retângulo pontilhado o *gegenstand*, o bloco amarelo espinhado representa a estratégia semiótica utilizada (bloqueio) e a seta em vermelho a direcionalidade optada pelo indivíduo em tensão ao *gegenstand*. O símbolo “(...)” alude a passagem do tempo para a ocorrência de um novo evento – outro encontro com o *gegenstand*. Tudo isso corre dentro do tempo irreversível. Abaixo disso, há uma notação em linhas para exemplificar o percurso no tempo irreversível, sendo os *loopings* as repetições do mesmo tipo de estratégia semiótica que, apesar de resultarem em diferentes direcionalidades e serem únicas por ocorrerem em tempos diferentes, acabam proporcionando, neste caso, a manutenção dos sentidos de si (*eu neste corpo com fenótipo feminino e expressão feminina*).

Fonte: a autora, 2019

A figura acima (Figura 36) procura ilustrar essa característica da repetição. Chamamos isso de repetição, pois lançasse mão de um mesmo tipo de contra-ação (bloqueio), ainda que aparentemente ela não esteja sendo efetiva (pelo menos não para findar o sofrimento do sujeito) – posto que Cristiana continua angustiada com os sentidos que construiu sobre si mesma (*eu sou mulher pois tenho corpo com fenótipo feminino e expressão feminina*). É como se a adolescente estivesse presa em prospectar soluções falhas para as resistências antecipadas do *gegenstand*. E, em face seu insucesso, ainda assim, não conseguia pensar em outras estratégias semióticas (como a de contorno, por exemplo). Então, ela repete diversas contra-ações de bloqueio: primeiramente ela tenta ignorar essa questão (*se me reconheço como homem ou não, verei isso no futuro*), depois tenta se ver a imagem desse corpo feminino (*se identidade gênero é uma opção, então posso me ver como mulher*). Assim, ela faz uma negação de seus sentidos de si anteriores (*eu posso ser homem / eu sou homem*) e se mantém em uma posição estereotipada (*eu como não realizada*) (HERMANS, 2001a; 2001b) – que acentua seu falso self (WINNICOTT, 1893;1990) (*eu como mulher*) – e, portanto, que não confere ao SD a flexibilidade necessária para poder mover-se em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no

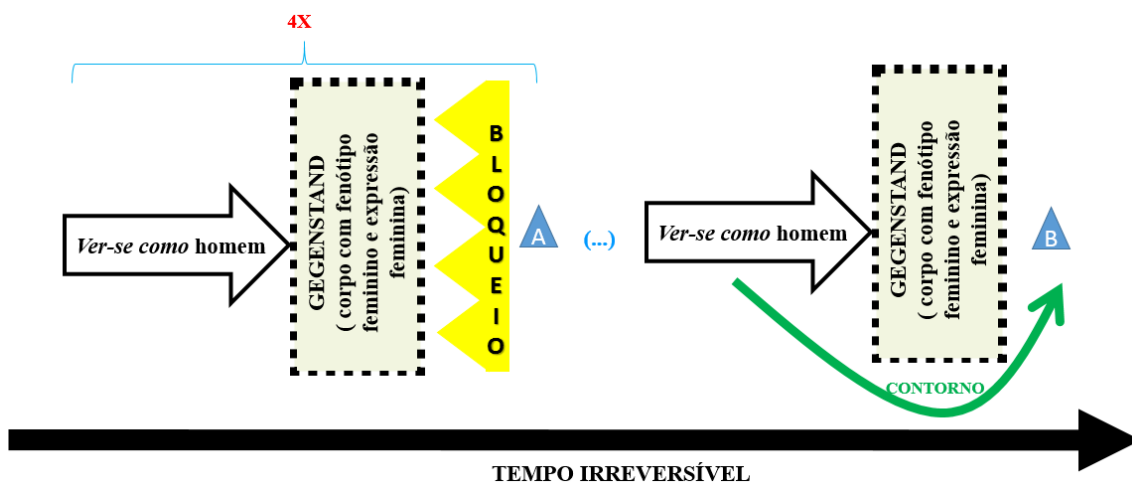
prelo). Essa podagem ou amarraras conferidas ao SD resultam na terceira direcionalidade: a autolesão. Discutiremos mais à frente, porém, desde já, destacamos que ela parece advir como uma forma de Cristiana poder denunciar essa tensão que vive. Ou, melhor, denunciar essa tensão, para que consiga viver – mesmo que isso impunha colocar sua vida em risco através de um ato perigoso como se autolesionar.

Os atos autolesivos ocorrem por diversas vezes e com recorrência. Até que algo parece mudar nesse cenário e então advém a quarta direcionalidade optada por Cristiana: o suicídio. O suicídio parece entrar em cena quando a adolescente desiste desse falso self que criou (*eu como mulher*) e, portanto, desiste da sua própria vida. Ou, ainda, tenta matar essa parte de si (*eu como mulher*), porém através de um gesto extremo, que culmina em extinguir todas as possibilidades dela construir outros sentidos sobre si (diferentes posições). Essa, ainda assim, é uma forma de lidar com a resistência desse *gegenstand* a partir da estratégia de bloqueio, posto que reafirma esse lugar de “*eu sou mulher*” para poder, então, matá-lo.

Essas repetições continuariam não sabemos por quanto tempo e possivelmente findaria em algo trágico – como o êxito nessas tentativas de suicídio. Porém, algo nesse contínuo encontro com esse *gegenstand*, nessas contra-ações repetitivas, algo faz emergir e acentuar as possibilidades de Não-A – ou seja, não-mulher ou ainda, corpo de não-fenótipo feminino e não-feminino. Todas as contra-ações, até então, giravam em torno da manutenção das resistências desse objeto, porém, a partir da emergência de um regulador semiótico promotor (CABEL, 2010), Cristiana passou a tentar construir sentidos opostos: eu posso me ver enquanto homem e, portanto, devo transformar esse *gegenstand* – ou seja, esse corpo – de todas formas que eu puder.

Há, então, uma quebra das repetições até então executadas. Invés de optar por uma contra-ação de bloqueio, agora a estratégia semiótica é outra: o contorno.

Figura 36 - Ilustração das três estratégias semióticas repetitivas de bloqueio e da emergência da contratação de contorno no tempo irreversível



Legenda: na figura acima, a notação em vermelho (4X) busca aludir às quatro vezes que ocorreram contra-ações de bloqueio durante a posição um *eu como não realizada* / *Eu como Cristiana* (representada pelo triângulo com a notação A). Com o passar do tempo – demarcado por “(...)”, também em azul –, emerge um novo tipo de contra-ação diferente: o contorno (em verde). Sua emergência demarca o início da nova posição: *eu como homem para mim mesmo* / *Eu como Cris* (triângulo com a notação B).

Fonte: a autora, 2019

A Figura acima (Figura 36) procura mostrar as quatro ocorrências do uso de estratégias tendo como estratégia semiótica o bloqueio, até que, finalmente, emerge deste novo confronto com o *gegenstand*, o uso de uma nova estratégia semiótica: o contorno. Com o contorno, Cristiana consegue criar novos sentidos de si a partir da destruição e reconstrução dos anteriores. Essa (re)construção, culmina na emergência de sua nova posição do eu. Nela, a participante passou a querer ser chamada de Cris, bem como também se reconheceu enquanto homem, mesmo sem comunicar aos outros sociais. Assim sendo, intitulamos essa segunda posição de *eu como homem para mim mesmo* / *Eu como Cris*. A figura abaixo (Figura 37) procura sintetizar o processo dessa (re)construção dos significados de si na emergência dessa nova posição do eu.

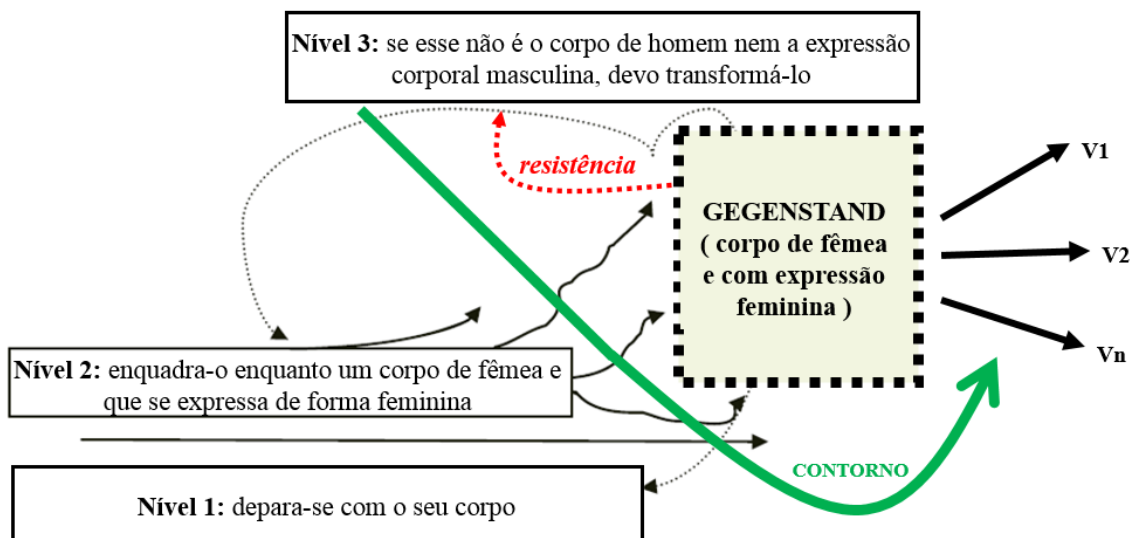
Figura 37 - Ilustração da emergência do signo regulador dominante (destruidor) “*eu posso ser homem*”



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p.129)

Essas novas construções de significados fazem Cris, ao assumir a segunda posição, passar a lidar com o *gegenstand* de forma diferenciada. Retomemos, então, os níveis do *ver como* agora nesse novo processo, nesta nova posição do eu.

Figura 38 - A construção de significados e os níveis do ver como do *gegenstand* (corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina) na posição “eu como homem para mim” de Cris



Fonte: adaptado de Tateo (2017, p.235)

De alguma forma essa passagem ocorre, pois, os possíveis reguladores semióticos inibidores existentes (ser transexual é anormal, dentre outras significações que destacamos acima), devem passar a atuar com menos força que um importante regulador semiótico promotor: a necessidade do SD em se mover constantemente em direção à realização estética. Assim, ocorre a emergência do não-A e, portanto, surgem vetores imaginários (V1, V2 e Vn) a partir da nova estratégia semiótica, que contra-agem de forma diferente: pelo contorno.

Durante essa segunda posição do eu, acerca desses vetores, podemos destacar diferentes direcionalidades encontradas: (1) mudanças corporais; (2) mudanças na expressão de gênero; (3) mudanças em sua nomeação. Iremos explicar cada uma delas. Assim sendo, começaremos pela primeira.

No tocante às mudanças corporais, como Cris é adolescente e, portanto, menor de idade, não poderia – ainda que quisesse – optar por uma cirurgia de redesignação sexual (transgenitalização ou neofaloplastia) sem o consentimento dos pais. E, como apenas assumiu-se enquanto homem para si, mas não para os outros, então não poderia optar por uma estratégia que envolvesse comunicar a outrem. Assim, procura mascarar as características do corpo de fenótipo feminino como pôde: passou a engordar, encobrendo os seios e a silhueta do corpo. Deste modo as características secundárias externas se tornaram mais neutralizadas. Cabe destacar, contudo, essa ação não é no nível 3 – ou seja, mais racionais – mas sim ao nível 4, algo do domínio da hiperconsciência, ou seja, não-verbal (VALSINER, 2012, p. 301).

Sobre o segundo ponto, Cris optou por expressar-se de forma mais masculina. Compreende-se, aqui, a masculinidade enquanto “um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotadas” (GOMES, 2008, p.70). Referente ao “ser homem”, a representação social desse é de uma figura ativa e forte, que deve tomar a iniciativa e ter confiança naquilo que faz (SANTOS; SILVA, 2017). Assim, Cris em uma negociação entre sua visão (de sua cultura pessoal) de homem e a coletiva (cultura coletiva), passa a modelar suas atividades, comportamentos e emoções em função dessas compreensões do que é “ser homem”.

E, por fim, passou a pedir para amigos e pessoas mais próximas que lhe chamasse por um apelido que é mais neutro que o seu nome: Cris. Assim, podemos pensar que a emergência da posição “*eu como homem para mim*” pode também ser intitulada de “*eu como Cris*”. Há, então, uma importante mudança no agente: que deixa de ser Cristiana, passando a ser Cris.

Com essa (re)contronstrução dos sentidos de si, devemos então retomar os quatro infinitos e como essas negociações da cultura pessoal<>coletiva se dá a partir dos processos de rememoração e imaginação.

Tabela 9 - Retomando a coordenação dos 4 infinitos (unidade quadrática) na dinâmica de atribuição de valor ao *gegenstand* “corpo com fenótipo feminino e com expressão feminina” durante a posição “*eu como homem para mim*”

Infinito interior (A)	Infinito exterior (B)	Passado (C)	Futuro (D)
(cultura pessoal): eu como homem, eu como Cris.	(Cultura coletiva) compreensões de que: (1) a transexualidade é semelhante a homossexualidade (pela feminilidade ou masculinidade exacerbada); (2) que a identidade de gênero é uma opção; (3) e que a transexualidade é uma anormalidade ou patológica. (MATÃO et al, 2010).	Reconstruções dos sentidos de si a partir da rememoração e destruição dos sentidos anteriores (eu reconheço-me enquanto mulher) para adequa-se ao seu <i>ver-se como</i> homem.	Quando contraatua – frente a resistência do <i>gegenstand</i> – pelo contorno. Prospecta, então, que pode lidar com as resistências do <i>gegenstand</i> ao fazer mudanças: (1) corporais; (2) na expressão de gênero; e (3) em sua nomeação.

Fonte: a autora, 2019

Por fim, cabe destacar que as mudanças da posição 1 (*eu como Cristiana / Eu como não realizada*) para a posição 2 (*eu como Cris / Eu como homem para mim mesmo*), se dá em

função de uma zona de equifinalidade (VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014) prospectada por Cris.

Como já elencamos, na ZoF Cris prospecta um BFP: “*conseguir a mudança*” (SIC) e obter reconhecimento social versus não-“*conseguir a mudança*” (SIC) e não-obter reconhecimento social. Assim – após os pontos de equifinalidade que destacamos –, Cris aparenta ter um objetivo claro: buscar “*conseguir a mudança*” (SIC) ou, ainda, estar “*nesse lugar de homem*” (SIC). Esse objetivo advém de algo que não conseguiu na passagem da posição 1 para a posição 2. A segunda posição do eu destrói alguns significados construídos pela primeira posição (*eu como mulher / ser transexual é anormal / ser transexual é uma opção*) conferindo outros (*eu como homem para mim mesmo / ser transexual é normal / ser transexual não é uma opção, é o que eu sou*), porém resta um importante aspecto: o reconhecimento e legitimação da sua posição do eu pelo outro social.

Como destacamos em nossa revisão teórica, o princípio relacional do dialogismo (D’ALTE, 2007) destaca que o eu e outro são polos simultaneamente contrastantes e interligados. Assim, a existência pessoalmente ganha sentido em referência ao posicionamento ou reposicionamento em diálogo com o outro. Toda experiência subjetiva está em constante diálogo com os outros – sejam eles presentes ou ausentes.

Assim, ao somente *ser homem para si*, falta a Cris o reconhecimento do outro sobre seu posicionamento. O adolescente, então, prospecta o tempo em que possivelmente será reconhecido socialmente como homem. Sabe, contudo, que existe uma bifurcação e que há possibilidades disso não ocorrer (BFP: versus não-“*conseguir a mudança*” (SIC) e não-obter reconhecimento social). Destarte, é algo que pode vir a ser ou não.

Nesse sentido, a posição *eu como Cris / Eu como homem para mim mesmo*, parece ser uma posição intermediária, um passo em direção à posição do eu prospectada (*eu como Cristiano/Eu reconhecido socialmente no lado masculino*). Mas por que destacamos essa terceira posição do eu? No que exatamente ela é importante?

Compreendemos que é essa terceira posição– apesar de ser somente prospectada – emerge, a partir da mudança da posição um para a dois, como uma bússola, algo que orienta o sujeito em sua trajetória. Sua função é tamanha que Cris alega não conseguir prospectar nenhuma outra coisa para sua própria vida, pois tudo que consegue pensar é em “*conseguir sua mudança*” (SIC) e então assumir essa nova posição do eu.

6.3.3 Aproximando a dinâmica das transformações das posições do self dialógico e a autolesão de Cris/Cristiana(o)

Neste bloco retomaremos todos os resultados apontados, até então, para construir uma síntese focalizando nos dois pontos de equifinalidade – início (EFP 1) e fim (EFP 2) do uso da autolesão no caso de Cris/Cristiana(o).

Ao contrário do que percebemos no caso de Alice, no caso de Cris/Cristiana(o), a autolesão aparece, em sua trajetória, em um período anterior às posições do eu elencadas em nossa análise. Em sua narrativa, Cristiana alega que começou a se cortar após a violência sofrida. A autolesão, então, parece relacionar-se com o afastamento desses outros sociais, visto que a participante disse que passou a preferir ver-se “*quanto mais longe [das pessoas] melhor*” (SIC) ao invés de “*quando mais perto [das pessoas] melhor*” (SIC) – como pensava antes.

Ainda, assim como no caso de Alice, nesse primeiro momento cortes são como um signo/mensagem de mensagem de ajuda, estando, a dor (física e psicológica), em oposição linear ao prazer (de descontar a raiva e de ser “escutada”). Em suas palavras, Cris conta: “(...) *porque logo no começo e tal foi pra... o povo de casa ver... que eu não tava me sentindo bem ali [na casa de sua mãe]*”.

Sendo essa a mensagem que ansiava passar com os cortes, mudar-se de casa parece, então, ter promovido certo efeito positivo, posto que, pela narrativa de Cristiana, percebemos que a ocorrência das autolesões diminuiu após esse evento, tornando-se “*ocasionais*” (SIC). Cristiana ainda alega que esses comportamentos, quando ocorriam, estavam atrelados a eventualidades nos seus relacionamentos afetivos: mais especificamente quando esses se findavam ou havia brigas, ela se cortava “*por raiva*” (SIC).

Assim, a relação do sujeito autolesivo com esse outro social é retomada novamente. Ela não só aparece nas parceiras românticas elencadas pela participante e anteriormente no afastamento de todos (quando ocorre a violência), como também mais à frente na trajetória de Cris/Cristiana(o) quando há um afastamento dos familiares ou sua “*exclusão*” (SIC) por parte deles – como Cristiana alegou – quando ela se assumiu para a sociedade enquanto homossexual.

Parece que, com a distância entre o sujeito e esses outros sociais, a autolesão é uma ponte, uma forma de passar a sua mensagem que não estava, até então, sendo escutada. Essa hipótese dialoga com o que propõe Rosembaum (2016) – ao falar do corpo do sujeito

autolesivo como uma tela interpretativa que serve de veículo de comunicação simbólica (não consensualmente validadas pela comunidade/cultura coletiva).

Entretanto, além dessa relação sujeito<>alteridade, percebemos alguns outros elementos interessantes no decorrer da trajetória da/o participante. Já destacamos que, nesse período, os comportamentos autolesivos não eram frequentes, porém, mais à frente, eles se tornam recorrentes e reincidentes. Isso emerge após a decisão de adiar determinar sua identidade de gênero e, portanto, quando Cristiana assume a primeira posição do eu elencada em nossa análise.

Como construímos no bloco analítico anterior, durante o seu primeiro posicionamento do Self (*Eu como Cristiana / Eu como não realizada*), Cristiana parecia não saber exatamente quem ela era frente à tensão fenótipo(corpo)<>ideologia/expressão de gênero(self). Isso porque, nesse primeiro cenário, ao *ver-se como homem*, seu corpo se transformou em um *gegenstand*, resistindo a esse *ver como*. A resistência desse objeto tenta ser “rebatida” pela estratégia semiótica de bloqueio operacionalizada por Cristiana. Esse tipo de contra-ação (bloqueio), contudo, não possibilitava advirem direcionalidades que façam a manutenção desse *ver-se como homem*, já que, em sua definição, a contra-ação de bloqueio somente apresentam direcionalidades apresentadas em direção à manutenção da resistência do *gegenstand*. Nesse sentido, com a estratégia semiótica de bloqueio somente vislumbra direcionalidades que mantêm o seu corpo de fenótipo feminino. Ela articula, então, tentativas de ver-se nele (sua identidade de gênero enquanto feminina), o que intensifica perder-se em si mesma (ou a construção do falso self para Winnicott (1983;1990)).

É nesse cenário de seguir as direcionalidades produzidas pelas contra-ações de bloqueio que as diversas autolesões ocorrem. Acerca desse período, Cristiana comenta que elas ficaram cada vez mais fortes e recorrentes, até que pararam de lhe causar a sensação de alívio. Assim, ela optou por “*innovar*” (SIC). Da entrevista:

C: (...) tipo... como eu tava achando os cortes do braço muito fraco, eu parti pro rosto. Mas... sem sucesso. (...) Eu não tava conseguindo me sentir aliviada. Porque tipo, sempre do mesmo jeito, no mesmo lugar. Eu quis inovar para ver se... iria me sentia melhor.

E: E por que tu acha que tu escolheu o rosto?

C: [silêncio longo] não sei [falou baixo].

Já havíamos discutido no bloco anterior acerca da angústia que se exacerba ao manter-se nesse posicionamento do SD – *eu como Cristiana / Eu como não realizada*. Isso decorre do fato que essa posição do eu dificulta a realização estética do self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) ou, ainda, em termos

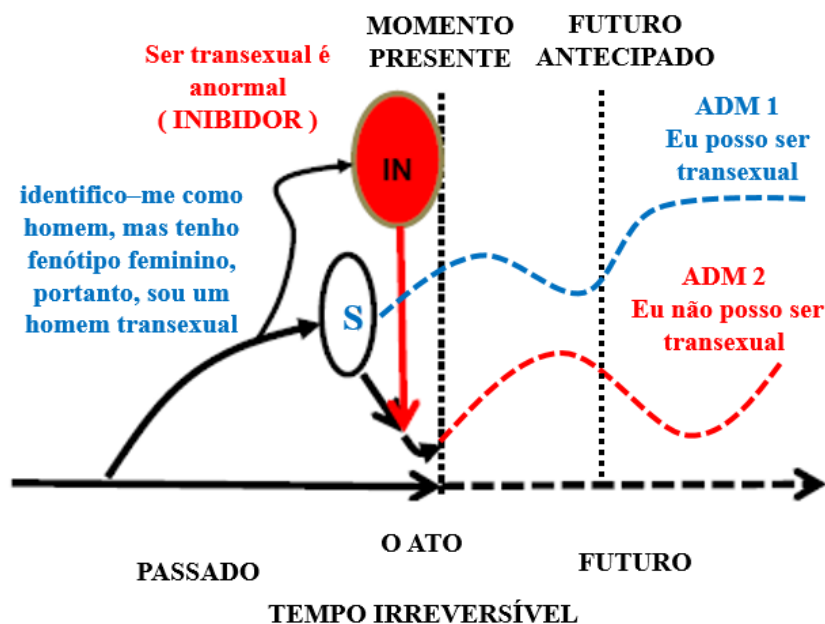
Winnicottianos (1986[1970]), irrompe a continuidade do ser, e, portanto, agindo não mais de forma impulsiva, mas sim reativa, alimentando a exacerbação do falso self. Esse processo é preocupante tendo em vista que é “(...) através do contato criativo com o mundo que as bases para a constituição do verdadeiro *self* são estabelecidas, e a saúde mental torna-se uma importante aquisição favorecida pelo ambiente cuidador [conceito winnicottiano de ambiente abrange desde o espaço físico aos outros sociais]” (CICCONE, 2013, p.101). Assim, no falso self a saúde mental do indivíduo pode estar em jogo, posto que o indivíduo se distancie dos seus sentidos de si e de seu potencial criativo.

Poderíamos fazer empréstimo do conceito de criatividade Winnicotiano²⁹ (1970/1986), para entendermos essa “falta de criatividade” como um viver reativo e não mais impulsivo. Esse viver reativo, bem como o falso self, são responsáveis por um distanciamento do mundo externo e do viver (enquanto experiência de fazer e transformar o mundo e de se relacionar com outros seres). A partir dessa ótica, poríamos depreender que o que faz Cristiana lançar mão da mesma estratégia de contra-ação (bloqueio) várias vezes em sua trajetória de vida é fruto dessa reatividade ou, ainda, falta de criatividade. Assim, ela opta, no transcorrer do tempo irreversível, por diferentes direcionalidades, mas que todas conduziam a construção de cadeias de sentidos que contradiziam a realização estética do seu self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo).

Em outra ótica, essa “falta de criatividade” ainda pode ser compreendida como fruto de reguladores semióticos inibidores advindos da cultura coletiva, que incide na construção de significados de si de Cristiana. Dessa negociação cultura pessoal<>cultura coletiva, Cristiana embebe-se dos significados coletivos e passa a ver a transexualidade como algo anormal, patológico, dentre outras significações negativas. Assim, por todas essas significações, a transexualidade era – no momento de sua decisão sobre sua identificação de gênero e que opta por adiar – uma ADM indisponível (eu posso ser transexual).

²⁹Para Winnicott (1970/1986) a criatividade não advém de nenhum talento especial, mas da existência. Assim, o autor aproxima esse conceito do de viver, construindo que é a partir da criatividade que o sujeito cria o mundo e a si mesmo. Assim, define-a como “(...) a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo” (p. 24). Sentir-se capaz de criar o mundo advém da sensação de viver uma vida significativa e de enfrentar as dificuldades inerente ao viver, assim sendo, relaciona-se diretamente em como o indivíduo estabelecer boas relações com a realidade externa (ambiente). Para que a capacidade criativa emergja são necessárias condições ambientes facilitadoras e suportadoras. Isso porque a criatividade é gerada pelo impulso – que advém do verdadeiro self –, contrapondo-se ao fazer reativo, que inibe o ser – gerando o falso self. Caso as condições ambientais falhem, o sujeito vive de forma reativa e não criativa, posto que as intrusões ambientes interrompem a continuidade do ser.

Figura 39 - Hierarquia s gnica quando o um signo inibidor (IN - Ser transexual   anormal) emerge e bloqueia o signo S (identifico-me como homem) e as ADMs resultantes



Fonte: adaptado de Valsiner (2014a, p. 127)

A figura acima procura ilustrar como o signo inibidor (ser transexual   anormal – dentro outros sentidos da cultura coletiva) inibe a trajetória ADM1 (eu posso ser transexual), posto que inibe o signo S (identifico-me como homem, mas tenho fenótipo feminino, portanto, sou um homem transexual) e faz culminar na ADM2 (eu não posso ser transexual). Nesse cenário, o uso da autolesão – dos cortes mais especificamente – parece ser uma forma de adapta o psicológica (NOCK, 2010) que Cristiana lança mão para lidar com o sofrimento psíquico e angústia de se manter nessa posi o do eu (Eu como Cristiana/Eu como não realizada) e na trajetória ADM2.

Contudo, no decorrer do tempo, essa estratégia parece não dar mais conta da angústia (que também se acentua transcorrer do tempo), posto que Cristiana passa a sentir que “*não aliviava o suficiente*” (SIC). Frente a isso, lança mão de uma nova forma de se autolesionar – mesmo sem saber como optou por isso: cortar-se no rosto. Faremos, então, um adendo para discutir o que esse local poderia significar.

Goffman (1967) alude ao rosto enquanto “imagem de si” (p.5), e Brown e Levinson (1987), por sua vez, o intitula em termos de “auto-imagem pública” (p.61). Ting-Toomey (1994) alega que é um problema acerca da fronteira da identidade. Scollon e Scollon (1995), por sua vez, discutem o lugar do rosto como uma “identidade interpessoal dos indivíduos em comunica o” (p. 34) e como “identidade comunicativa do self” (p. 36). Lim (1994) propõe que a face   um elemento social que será avaliado pelos outros. Assim sendo, por esse

panorama geral, depreendemos que a literatura aponta que as discussões sobre rosto invariavelmente se referem ao conceito de Self e da negociação entre o sujeito e outro.

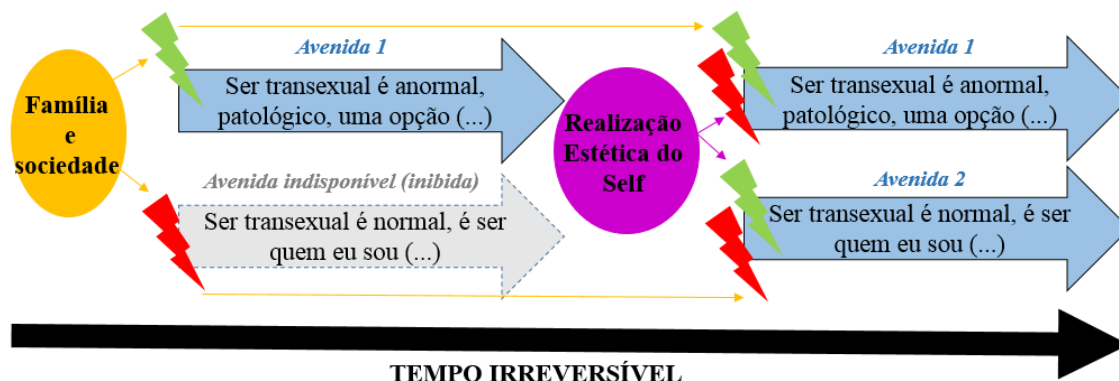
Assim, voltando ao nosso caso, ao cortar a face, Cristiana – em negociação com esses outros enquanto audiências (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013) – tenta cortar quem ela é, eliminar essa posição do eu, essa corrente de construções de sentidos de si em torno de identificar-se como não-homem (advindas da ADM2 no esquema da Figura 39).

Quando todas essas tentativas – inclusive na mudança do tipo de corte – ainda não dão conta de proporcionar uma ressignificação de si, e, portanto, fazer Cristiana assumir uma nova posição do eu, a participante então opta pela desistência: se não posso me transformar, ser o que desejo ser, então opto pela aniquilação total (pela morte) desse corpo (*gegenstand*) que resiste (sendo de fenótipo feminino e expressão feminina) e esses sentidos de si (Eu como Cristiana/Eu como não realizada) que apaziguam o movimento do self em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo).

O suicídio, então, aparece como uma forma de aniquilar esse *gegenstand* que resiste a todas tentativas de encaixá-lo dentro dos sentidos que construiu para si – *ver-se como* homem. A tentativa de suicídio, então, difere da cena do uso da autolesão. Quando nos atos autolesivos seu uso era para manutenção do viver, a tentativa de suicídio entra em cena enquanto desistência.

Contudo, é nas bordas da desistência da vida, que se transcorrem novos significados sobre o eu e sobre o viver de Cristiana. E é em face dessa desistência que há a transformação dos sentidos de si. Como já mencionado no bloco anterior, especulamos que os reguladores semióticos promotores dessa posição (a influência social no nível três) não parecem ser suficiente frente ao regulador semiótico (realização estética do self) que inibe essa mesma posição do eu. Desse novo processo, emergem novos significados de si – passa-se a assumir a posição *Eu como Cris/ Eu como homem para mim* – e novas ADMs (processo ilustrado na figura 40).

Figura 40 - Novas avenidas de significação através do regulador semiótico promotor (realização estética do self)



Legenda: os raios representam os reguladores semióticos. Os vermelhos representam os inibidores, ao passo que os verdes são promotores. As setas em azul representam as possíveis avenidas de significados dirigidos, enquanto a cinza ilustra uma ADM indisponível por não ser ofertada pelo ambiente (pela presença única de inibidores). Porém, com o passar do tempo, não só há as significações culturais como o empoderamento da Realização Estética do Self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) aparecem novas trajetórias.

Fonte: a autora, 2019

Destarte, Cristiana reconstrói-se: agora como Cris. Contudo, devemos ressaltar que os sentidos de si construídos para essa posição do eu ainda carregam a ambivalência da posição do eu anterior – bem como da posição do eu que busca assumir à frente (*Eu como Cristiano/Eu reconhecido socialmente no lado masculino*). Essa ambivalência também é vislumbrada na relação de Cris com as marcas da autolesão durante esse seu novo posicionamento (*Eu como Cris/Eu como homem para mim*). Na entrevista:

E: E tu acha que antes de tu se cortar e depois de tu se cortar, fazer isso modificou alguma coisa em tu?

C: Só deixou cicatrizes.

E: E o que tu acha de ver essas cicatrizes?

C: **Dá vontade de fazer mais.**

E: Elas dão vontade de fazer mais?

C: Uhum. [pausa longa] **Já pensei, em... tatuar por cima...** [pausa longa] Mas... eu vou me cortar mais onde se eu cobrir né? (...) Eu penso e não penso, porque também tem as pernas. **Também é um lugar mais discreto.** Nunca tentei não, mas quem sabe. (grifo nosso)

Assim, ao mesmo tempo em que ela pensa em parar, bem como fazer tatuagens em cima para que as pessoas parem de ver as marcas das autolesões anteriores (já que havia cessado); considera a possibilidade de reincidir nos atos autolesivos e até mesmo planeja onde poderia machucar-se caso já houvesse tatuado o braço esquerdo (onde se autolesionava anteriormente). É interessante que o novo local escolhido é a perna, onde, em suas palavras, é mais “discreto” (SIC).

Disso depreendemos um movimento: ao mesmo tempo em que Cris parece fazer um acordo social (parando o ato proibido de autolesionar-se) e ter encontrado um lugar para si (*Eu como Cris/Eu como homem para mim*), a reincidência é prospectada, dado que ainda não assumiu o seu lugar ideal (a terceira posição do eu: *Eu como Cristiano/Eu reconhecido socialmente no lado masculino*). Essa posição do eu prospectada é um lugar não garantido, de forma que a possibilidade de não percorrer essa trajetória reapresenta todas as estratégias anteriores utilizadas (autolesão e suicídio) para lidar com os sentidos de si que não conferem ao SD, a flexibilização necessária para mover-se em direção a sua realização estética.

Entretanto, como vimos, essa segunda posição do eu possibilitou Cris lançar mão de outro tipo de contra-ação – o contorno – o que o conduziu a novas direcionalidades – mudar de nome, mudança corporal e de expressão de gênero. Tudo isso conferiu a ele um lugar social próximo do prospectado (terceira posição do eu) e, portanto, que amplia a aspiração pelo acordo social, aproximando-se assim, dessa alteridade – e sendo, portanto, a “ponte” da autolesão não mais necessária.

Por fim, um último aspecto a respeito da autolesão interessante é a diferenciação clara da participante entre as tatuagens e os cortes, bem como as áreas do seu corpo para cada elemento específico. Cris/Cristana(o) alega que nunca se cortou em seu braço direito, somente no esquerdo, posto que o primeiro é completamente fechado com tatuagens. Ao responder sobre a diferença entre ambos, conta: “*Eu acho que a tatuagem é bonita e os cortes me aliviam (..) alivia por um lado mas me dá vontade de voltar... Dependendo do problema..*” acerca dos “*problemas*” (SIC) fala que, no geral, ela se corta por raiva. Em suas palavras: “*Raiva, em geral. No geral, entre eu e as pessoas*” (SIC). Depois dessa explicação ela retoma a diferença entre tatuar-se e cortar-se, alegando: “*A única diferença é que nas minhas tatuagens eu nunca vi sangue e eu não me tatuei na hora que eu tivesse com raiva ou passando por algo. Já os cortes...*” (SIC). Assim, enquanto as tatuagens possuem uma significação pessoal, os cortes estão relacionados ao outro social que lhe provoca raiva e lhe faz querer descontar esse sentimento em si.

7 EM BUSCA DE SÍNTESES

Apresentamos, então, as análises dos casos de dois adolescentes. No primeiro deles nós destacamos duas posições do eu, ao passo que no segundo caso, examinamos três posições do eu – sendo uma delas prospectada. Toda essa análise foi operacionalizada dentro de um panorama mais amplo: três blocos analíticos.

Assim, o processo de análise foi bastante extenso para delinear o processo de mudança entre as posições do eu, sendo somente examinados um par, ou três delas. Essa, contudo, era a proposta dessa dissertação. Como já havíamos anunciado, buscamos partir de um evento relevante, de tensão na vida humana – sendo selecionado o início e o fim da autolesão – e, de dados mínimos selecionados criteriosamente, buscar princípios gerais tendo como norte a precisão teórica. Assim sendo, inspiramo-nos na nanopsicologia. Valsiner (2018a) já destaca que, a execução da nanopsicológica se requer uma alta precisão teórica e essa deve ser colocada como bússola para quais dados são relevantes e como encontrá-los.

Por falar em bússola e orientação metodológica, essa dissertação, ainda, teve como base o ciclo metodológico de Branco e Valsiner (2012). Alegamos isso dado que articulamos – através da intuição educada da pesquisadora – uma adaptação ao TEA (SATO et al., 2014) de modo que pudéssemos utilizar o HSI, o TEM e o TLMG. A mistura dos três se deu em função de podermos traçar uma trajetória dos participantes e também vermos os diferentes reguladores semióticos presentes nelas. Ainda acrescentamos às trajetórias de vida um novo tipo de ponto de passagem: o IPP. A necessidade dele adveio do fato de acreditarmos que era primordial – uma vez estudando o papel dos processos imaginativos em diálogo com os rememorativos – destacarmos as passagens intrapsicológicas (ou seja, do sujeito para ele mesmo) na trajetória dos sujeitos. Não obstante, ainda integramos ao TEA a ideia das ADMs (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018), permitindo explicar não só o infinito temporal (passado<>futuro) como o infinito interno<>externo (VALSINER, 2014a) que está em constante negociação no processo de construção de significados (viabilizada pelos processos imaginativos-rememorativos) no percorrer da trajetória de vida.

Toda essa metodologia foi resultante do processo de se debruçar ao estudo teórico para educar a intuição da pesquisadora, possibilitando-a articular os objetivos da pesquisa aos métodos adaptados e construídos, aos axiomas teóricos e ao contato com os dados construídos. Desta forma, utilizando a filosofia do ciclo metodológico tivemos dois fundamentais ganhos: (1) pudemos enfatizar as relações dinâmicas dentro do ciclo fenômenos-axiomas-teorias-métodos-fenômenos – possibilitando evitar o mero acúmulo de dados advindo de uma

construção da teoria sem nos movermos através dos fenômenos ou alheia a intuição do pesquisador, o que resultaria em uma "ciência cega" (VALSINER, 2019, p. 3); (2) pudemos aceitar a subjetividade do cientista – a intuição educada do pesquisador é vista não só como necessária, como fundamental para qualquer criação (desde as artes à ciência) – e obter como fruto dessa combinação teórico-metodológica o exame do SD através de outra ótica.

Isso possibilitou não só examinarmos as posições do SD – em inspiração no modelo metodológico proposto por Salgado, Cunha e Bento (2013) – como vermos sua dinâmica de transformação – assessorada pelos processos rememorativos-imaginativos e na negociação sujeito<>cultura, portanto, na unidade quadrática proposta por Valsiner (2014a). Com essa junção buscamos nos aproximar do desenvolvimento microgenético do SD e ver como este nível se relaciona com níveis mais macros (mesogenéticos e/ou ontogenéticos).

Não obstante, enquanto ganhos secundários, pudemos, ainda, dialogar os processos imaginativos com os rememorativos. Como Zittoun e De Saint-Laurent (2017) salientam, faltam modelos no campo que aproximem ambos os processos cognitivos, e poucos estudos que se propõem a criar modelos – ou utilizar os quatro infinitos proposto por Valsiner (2014a) – para examiná-los agindo conjuntamente. Ademais, as autoras ainda destacam que poucos trabalhos buscam examinar a função diretiva da memória autobiográfica. E quando o fazem, a maioria dos estudos optam por averiguar a memória autobiográfica infantil (ARGEMBEAU, 2012 apud DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017), porém poucos estudos são feitos com adolescentes – sendo o das autoras (DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) um dos únicos nesse campo. Desta forma, essa dissertação construiu com ambos os campos de pesquisa. Mas de que maneira? O que podemos dizer da metodologia e dos achados que imperamos para a análise dessa dissertação?

Nós não utilizamos o mesmo modelo de compreensão da imaginação que Zittoun e Gillespie propõem (ver 2016), assim, procuraremos elencar as possíveis contribuições a esse campo geral – do estudo imaginativo – a partir do conceito utilizado de imaginação junto às noções de direcionalidade e resistência como propõe Tateo (2017). Vejamos: nós partimos da premissa de que o diálogo entre as posições do self dialógico é orquestrado pelos processos imaginativos (HERMANS, 2001a) e, ainda, que, para isso, os processos imaginativos se utilizam da memória autobiográfica (DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017). Completamos, ainda, que não é só o infinito temporal que o SD coordena, como também o infinito interior<>exterior, ou seja, lida com as negociações de significados entre a cultura pessoal e a cultura coletiva (VALSINER, 2014a).

É nesse cenário amplo que procuramos destacar a função dos processos imaginativos. Nos dois casos apresentados percebemos como – a partir da maneira que os adolescentes antecipam as resistências do *gegenstand* – diferentes estratégias semióticas (ou contra-ações) (TATEO, 2017) são utilizadas. Portanto, é por meio do que o sujeito se relaciona com o objeto (*gegenstand*) – não só no ato efetivo, como também no prospectado – que surgem os vetores de ação que irão conduzir os adolescentes a diferentes direcionalidades.

Destacamos, então, que as resistências do *gegenstand* e as estratégias semióticas, direcionalidades e vetores de ações (TATEO, 2017) das pessoas dependem fundamentalmente de como elas veem os objetos. Assim, a emergência dos vetores de ação – e, portanto, as diferentes direcionalidades optadas – é intrinsecamente ligada à como as pessoas leem os signos – a qualidade deles – naquilo que é ofertado pela sociedade (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). Caso não houvesse a linguagem sígnica, isso não seria possível.

Destarte, acrescentar e destacar os vetores de ação e as direcionalidades (TATEO, 2017) nos auxilia a examinar a dinâmica da imaginação de um sujeito ativo, que – ao deparar-se com signos – produz atos de semiose que reconstroem o seu SD, reorganiza a hierarquia de suas posições do eu ou produz novas posições, decorrentes do que prospecta para si (TATEO, 2017) e reconstrói de suas memórias autobiográficas no encontro com esse novo para torná-lo familiar (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER; GILLESPIE, 2013; 2014; DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017).

Ainda, cabe acentuarmos que não poderíamos meramente elencar esses vetores de ação produzidos pela imaginação (TATEO, 2017) sem discutirmos como eles advêm de uma negociação entre os sentidos subjetivos (cultura pessoal) e o meio sociocultural (cultura coletiva) (VALSINER, 2014a). Acerca disso, aqui nós defendemos que o *ver como* é fruto de uma “leitura” – ou melhor, sempre uma releitura (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER, GILLESPIE, 2013; 2014; DE SAINT-LAURENT; ZITTOUN, 2017) – dos signos pelo sujeito cognoscente. Leitura essa que é realizada no percorrer das avenidas de significação (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) apresentadas pelos outros sociais e nas quais o sujeito irá apropriar-se ativamente dessas significações para produzir a sua única (processo de internalização e externalização) (VALSINER, 2012; 2013).

Destarte, o exame dos signos em seus diferentes níveis de generalização se fez imprescindível para compreendermos a organização hierárquica do SD e sua reorganização frente a eventos ruptivos (ZITTOUN, 2007) – ou melhor, nas mudanças de uma posição do eu para outra (VALSINER, 2002; 2012; HERMANS; KEPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS;

KEMPEN, 1998; HERMANS, 2001a; 2001b; 2002). Mas o que podemos dizer do que percebemos em ambas as mudanças de posições do eu nos dois casos?

Percebemos o papel dos signos hipergeneralizados como orientadores de significações. Esses signos, por sua vez, advêm da relação entre o sujeito e o meio, bem como das ADMs (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). E no que eles são importantes? Na nossa revisão teórica falamos como, nas posições do eu, existem hierárquicas verticais e horizontais (VALSINER, 2002). As posições do eu atreladas aos signos hipergeneralizados então em uma hierarquia superior e, portanto, orientam as demais na reorganização do SD e na manutenção dos sentidos das pessoas. Essa troca das hierárquicas horizontais e verticais, em geral, é flexível. Contudo, através dos casos aqui apresentados, percebemos que ela pode vir se tornar mais fixa: quando, para Hermans (2001a; 2001b), as posições do repertório do SD encontram-se em uma hierarquia estereotipada.

Quando isso ocorre, vimos que a cristalização das relações entre as posições (uma se sobrepondo sobre as demais), acaba por dificultar o percurso em direção à realização estética do self (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo) – ou seja, naquela busca eterna de uma completude prometida, porém jamais obtida, mas que possibilita o caminhar da pessoa e a reconstrução dos seus sentidos de si em cada experiencição.

Notamos, ademais, que, frente à dominância de uma das posições do eu sobre outras (silenciando as demais), as únicas estratégias semióticas que os sujeitos conseguiram lançar mão foi a de bloqueio. Entendemos que isso ocorre tendo em vista que, ao confrontar-se com o *gegenstand*, os sentidos de si do sujeito também entram em jogo (ou melhor, em conflito). Esse conflito advém das múltiplas vozes (posições do eu) que existem no sujeito e, portanto, múltiplas formas que poderiam vir a conferir significação ao *gegenstand* – e, em cada uma delas, resultaria em uma nova forma de *ver como*. Exemplifiquemos: ao assumir a posição *eu como mente fechada*, Alice passou a olhar para o *gegenstand*(amor), valorando-o *como errado*; por sua vez, quando assume a posição *eu como mente aberta*, passa a *ver* – o mesmo *gegenstand*(amor) – *como sempre bom*.

Então, a forma como o sujeito busca *ver* o objeto (*gegenstand*) *como* algo, depende de qual posição do eu que ele assume – ou seja, dos sentidos de si que estão orientando aquela construção de significados. Ademais, essa construção entre sujeito<>objeto, não pode ser pensada fora do contexto, ela é endereçada a outrem: a um outro social. Então devemos perspectivar que o trabalho de significar (*ver como*) um *gegenstand* – através de meios

semióticos – elucubrado por um sujeito, responde e relaciona-se sempre ao outro (uma audiência – seja ela virtual ou material). Temos, portanto, a tríade proposta por Markova (2003 apud SALGADO; CUNHA, 2018): sujeito<>objeto<>outro.

Portanto, toda a existência pessoal só ganha sentido por meio do constante posicionamento e reposicionamento do SD em relação a um outro social (seja ele o outro presente – a pesquisadora enquanto endereçado – ou os outros internalizados – as audiências). A posição do eu, então, que o sujeito assume tem uma relação com o outro e com as ADMs ofertadas (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). Nesse sentido, podemos depreender que, por vezes, o sujeito sustentará uma posição do eu, mesmo que ela não seja a melhor para ele, por tentar manter sua adaptação a semiosfera (não destoando do que é socialmente esperado dele). É nesses casos que as posições estereotipadas advêm, fazendo a manutenção de posições do eu “desconfortáveis” intrapsiquicamente, mas que possuem um fim intersubjetivo. Isso ocorre porque existem signos hipergeneralizados – que provêm das ADMs – que orienta a conservação dessas posições do eu.

Retomemos os casos. Alice se manteve na posição *eu como mente fechada* porque o signo “Amar alguém do mesmo sexo é errado” proporcionou a manutenção dessa posição do eu, signo esse que adveio da cultura coletiva e foi internalizado pela garota. Já Cris/Cristiana(o), manteve-se boa parte do tempo na posição *eu como não realizada* por conta do signo inferido “ser transexual é anormal”. Tanto Alice quanto Cristiano(a)/Cris, ao se manterem nessas posições estereotipadas, acabam por silenciar todas outras vozes que poderiam conferir outros sentidos de si para eles. Nesse cenário hipotético, caso essas outras vozes emergissem, o repertório do SD voltaria a sua flexibilidade e o sujeito poderia continuar movendo-se em direção a sua realização estética (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo). Contudo, como elas não emergiram. Elas ficaram silenciadas. Sua movimentação também foi represada.

Assim, depreendemos que os sujeitos dessa pesquisa acabaram por lançar mão de estratégias semióticas de bloqueio, porque ela é aquela que viabilizaria a manutenção da posição do eu que valorava um específico *ver como e* possibilitava a não modificação deste posicionamento (ex: na posição *mente fechada* Alice vê o amor *como errado*, ao lidar com esse *gegenstand* pela contra-ação de bloqueio, criou direcionalidades – tentar ver Deus, negar parte de si, etc. – que continuavam a ver o amor como errado e, portanto, a mantivera na mesma posição do eu). Assim, lançou-se mão de uma estratégia semiótica que não conduziria a (re)construção dos significados de si, mas sim os movia em direção a construir significados

para sustentar a dominação dessa posição do eu sobre as demais e, portanto, sustentar o laço social que o sujeito criou (já que a posição do eu advém da relação com os outros).

Mas por que o sujeito manteria esse laço com o outro, mesmo a custas do seu sofrimento psíquico? Essa é uma pergunta que permanece aberta e que merece ser mais explorada ao ampliar o conceito de SD – abarcando a perspectiva dos outros sociais sobre o sujeito – para examinar como esse outro legitima ou deslegitima o sujeito em suas negociações. Por hora, o que podemos dizer é que a autolesão aparece como uma ferramenta utilizada pelo sujeito para resgatar sua subjetividade. Com o corte a pele se busca cortar as significações advindas desse outro (e procurar novas), visa-se, também, cortar a necessidade de manter-se em uma posição do eu específica por conta desse outro.

Mas porque o sujeito utilizou uma medida tão drástica?

Voltemos alguns passos atrás para discutir o que entendemos da autolesão, para, então, pensarmos por que ela seria utilizada. Nessa dissertação percebemos que o corpo do sujeito autolesivo é utilizado como uma arena para os processos de mediação semiótica. Assim sendo, é um espaço de troca com o outro. É nesse espaço que se expressam os conflitos vividos e angústias sentidas em decorrência da intensificação do o falso self (WINNICOTT, 1893; 1990). A pele, então, serviria como um signo para expressar o sofrimento para si e para o outro social.

Vimos também que além de expressarem o sofrimento subjetivo dos adolescentes na pele, os cortes ainda aparecem como uma demanda de aceitação – apelo ao outro social – de sua unicidade: que todas as vozes – ou seja, as posições do self dialógico – possam se expressar em uma hierarquia flexível. É nesse panorama (de unicidade) que o movimento do SD em direção a sua realização estética seria possível (LIGHTFOOT, 2005; BAKHTIN 1981 apud EMERSON, 1997; FERREIRA et al, no prelo). Não queremos dizer com isso que é algo inato ao SD, mas demarcar a necessidade de um sistema aberto (SATO; HIDAKO; FUKUDA, 2009) de estar sempre em movimento. Nesse caso, partilhamos com Bahktin (apud EMERSON, 1997), Lightfoot (2005) e Ferreira e colaboradores (no prelo) que a compreensão de que o self move-se buscando sempre esse seu complemento. Mas o que importa efetivamente é a possibilidade de mover-se, ser afetado pelas experiências e, disso, reconfigurar-se, reconstruir-se. Assim, o SD é fundamentalmente um processo, e não uma entidade – algo estático.

Mesmo não sendo estático, quando o SD se vê nessa situação inflexível (HERMANS, 2001a; 2001b), percebemos que a condição de sistema aberto fica dificultada. Não que o

sujeito deixe de ser um sistema aberto, mas deixa de ser tão suscetível às transformações, posto que todos os esforços se dessem para a manutenção da mesma posição do eu (todas direcionalidades criadas dos encontros com *gegenstands*, então, são nesse sentido).

Voltando-nos para a exemplificação por meio dos nossos casos, quando os participantes se embebiavam de significados advindos das ADMs (ex: o amor homossexual é errado ou ser transexual é anormal), eles acabam por ratificar a não possibilidade de certas avenidas de significados para si (ex: não posso mesmo ser homossexual ou transexual). Nesse sentido, frente aos objetos que se deparavam (*gegenstands*) (TATEO, 2017), não conseguiam lançar mão de estratégias semióticas que criassem novas avenidas, pois ficavam presos àquilo que lhes eram ofertados – visto que é o que proporcionava a manutenção das posições estereotipadas assumidas (*Eu como mente fechada* para Alice e *Eu como não realizada* para Cristiana).

Ao ficarem “presos” ao que era ofertado para si e que tomavam como o possível para si (devido a posições do eu que assumem), os participantes silenciaram, então, as outras posições do eu que vislumbrariam a construção de outros significados de si. E é essa tensão que os atos autolesivos parecem responder, aparecendo para denunciar esse cenário. Essa proposta parece ser ratificada pelo fato que, quando novas ADMs e novos significados de si foram criados, os atos autolesivos cessaram.

Ao nos voltarmos para a literatura, percebemos alguns autores (PIERCE, 1984; CALDAS et al, 2009; ROSEMBAUM, 2016; FORTES; KOTHER, 2017; ARCOVERDE, AMAZONAS e LIMA, 2016) que já apontaram que as significações de si e do outro estão, em alguma medida, relacionadas à prática (ou não) da autolesão.

Caldas e colaboradores (2009), bem como Arcoverde, Amazonas e Lima (2016) destacam questões acerca da relação indivíduo-coletividade e a função da autolesão de comunicação. Pierce (1984), por sua vez, já propunha que o ato de se ferir assume a função de comunicação de um problema interpessoal. Para ele, até o indivíduo obter uma resposta dos outros (solidária ou desagradável) o ato lesivo continuaria a se repetir de forma cada vez mais ameaçadora. Rosenbaum (2016), por sua vez, fala do corpo do autolesivo como uma tela interpretativa, veículo de comunicação simbólica para si e para um outro. Por fim, Fortes e Kother (2017), através da análise de relatos em blogs, encontraram um estreitamento na dimensão da alteridade.

Adentrando brevemente nos achados de Fortes e Kother (2017), as autoras alegam que a capacidade de sentir e representar a própria dor depende do contato do sujeito consigo

mesmo e da relação com o outro (SCHNEIDER, 2002 apud FORTES; KOTHER, 2017). Em seus termos: “a ausência do outro reforça a impossibilidade de encontrar palavras para a dor, já que a ressonância daquele é condição necessária para que o sofrimento psíquico se constitua como tal (p. 357)”. Portanto, ao não obter palavras, a sensação permanece no âmbito da dor – sem a dimensão do outro – e não do sofrimento – que é compartilhado (BIRMAN 2003 apud FORTES; KOTHER, 2017). Logo, depreende-se que os autolesivos padecem de uma dor que não ressoa em ninguém, que, portanto, se mantém no próprio sujeito, sendo redirecionada para si.

Assim sendo, dentre as cinco diferentes motivações elencadas para a autolesão (ver página 78), a nossa dissertação se aproxima mais do quinto ponto: problemas interpessoais (indivíduo-coletividade) ou estreitamentos na dimensão da alteridade. Mas será que todo problema interpessoal culmina no uso da autolesão?

Não devemos ter esse pensamento. O que sabemos é que o sujeito autolesivo machuca a sua própria pele. Essa pele que compreendemos como o envoltório do SD (JAMES, 1890/2007). E, uma vez compreendendo que o SD é composto pelos outros que são encarnados nele (ibidem), então essa tensão eu<>outro, situada no meio sociocultural, tem como arena a pele do sujeito autolesivo. Porém, ainda há muito que se examinar nessa relação.

O que percebemos nessa dissertação é que com a hierarquização estereotipada das posições do eu (HERMANS, 2001a; 2001b) – ou a exacerbação do falso (WINNICOTT, 1983; 1990) – o mover-se do self em direção a sua realização estética fica manco, árduo. Sem conseguir construir novos sentidos para si, articular diálogos entre as posições do eu (devido a hierarquias fixas e ao silenciamento de outras vozes pela posição do eu dominante), o mal estar psíquico parece advir. Esse acaba, muitas vezes, sendo demarcado no corpo através do ato autolesivo. Isso porque o resultado da cristalização dos sentidos de si se deu na negociação do sujeito com a sociedade, logo, a autolesão para advir como um signo ofertado pelo sujeito a esse outro. Uma mensagem, uma demanda – para si e para o outro – de aceitação do seu SD por completo (e, portanto, multifacetado, com uma hierarquização flexível e com múltiplas vozes em diálogo).

Durante essa tensão o sujeito se vê frente a sentidos dicotômicos – tanto sobre si mesmo, quanto sobre como vê a autolesão. Os participantes somente saíram desse cenário de sofrimento psíquico, demarcado pelo uso da autolesão, através da destruição dos sentidos anteriores (dicotômico) em uma síntese sublime (VALSINER, 2014a) – tanto dos sentidos de si, quanto do sentido conferido à autolesão. Essa síntese sublime, por sua vez, só se torna

possível a partir da emergência de novas ADMs – seja através do auxílio de reguladores semióticos catalíticos (CABEL, 2010) ou não. Dessa síntese sublime a relação sujeito<>objeto(*gegenstand*)<>outros sociais se modificou completamente – deixando marcas no (acho que é em) nível ontológico.

Assim, a partir desse achado, já podemos conferimos respostas a algumas das perguntas elencadas na introdução dessa dissertação (ver página 18). Percebemos que o início e o fim da autolesão se relacionam a acentuação da angústia, sendo o fim dela advindo da exacerbação do falso self (WINNICOTT, 1983; 1990) ou da hierarquia estereotipada do self (HERMANS, 2001a; 2001b). Assim, a autolesão pode ser vista como um signo ou como uma demanda de aceitação da unicidade do sujeito.

Ainda havíamos indagado se o fim e o início da autolesão seriam identificados em mudanças de posições do eu. E, de fato, com o início da autolesão nós encontramos as primeiras posições das participantes e, com o fim, a emergência de uma nova posição do eu. A isso, contudo, não devemos atribuir uma relação causal. Disso entendemos que, da destruição de significados, novos significados foram (re)construídos. Esses novos significados construídos abrangem não só o próprio sujeito (levando a novas posições do eu), como também o seu corpo e a compreensão e relação com o outro.

Assim, a autolesão não está atrelada a nenhuma posição do eu específica, mas o mapeamento dessas posições do eu na trajetória de vida se mostrou uma metodologia eficaz para a compreensão da emergência e fim do uso da autolesão. Notamos, ademais, que existem reguladores semióticos catalizadores, promotores e inibidores (CABEL, 2010) em todo o processo e como essas são imprescindíveis de serem mapeados quando buscamos examinar a dinâmica das mudanças de posições do eu.

Mas nos resta uma pergunta: mas por que os sujeitos lançariam mão de uma ferramenta tão danosa como a autolesão?

Utilizando a proximidade entre o falso self de Winnicott (1983; 1990) e o que propõe Hermans (2001a; 2001b) sobre as posições estereotipadas, podemos pensar que, quando o sujeito se encontra nesse cenário – na perspectiva do psicanalista e pediatra inglês (WINNICOTT, 1983; 1990) – ele está menos criativo, por não conseguir recriar o mundo e a si mesmo e por estar distanciado do verdadeiro self e do seu impulso criativo. O sujeito, então, só consegue se utilizar de o que Winnicott (ibidem) intitula de fazer reativo – para contrapor ao fazer criativo. O fazer reativo inibe o ser, exacerbando o falso self.

À luz dessa perspectiva winnicottiana poderíamos então lançar outra questão: será que Alice e Cris lançam mão do mesmo tipo de estratégia semiótica (bloqueio) (TATEO, 2017) diversas vezes, mesmo quando essas não resolviam seu sofrimento subjetivo, por conta da sua falta de criatividade?

A relação entre a criatividade – em termos Winnicottianos (1983; 1990) – e as repetições das mesmas estratégias semióticas (de bloqueio) quando essas não estão sendo efetivas (pelo menos não para aplacar o sofrimento subjetivo, pois visam manter o laço sujeito<>outro), não é o nosso foco. Apenas elencamos isso enquanto uma questão que culminou do nosso estudo – e que, portanto, podem ser posteriormente exploradas junto à questão do sujeito autolesivo e sua relação com a alteridade. Agora, sabemos que as repetições de uma mesma contra-ação (TATEO, 2017) – embora por direcionalidades diferentes – somente acentuaram o sofrimento subjetivo, culminando em direcionalidades que propunham o uso de autolesões.

Assim, de todo esses achados elencados, percebemos que a presente dissertação pode auxiliar na aproximação do entendimento e intervenção de um problema da saúde pública brasileira (BRASIL, 2010), bem como agregar ao corpo de estudos que buscam reduzir a carência de literatura nacional acerca da autolesão nesse cenário de aumento da incidência de casos de autolesão no país (BRASIL, 2010).

Ademais, ainda pudemos agregar aos dados da literatura reflexões sobre o fenômeno da autolesão por uma ótica idiográfica (SALVATORE; VALSINER, 2010): investigações aprofundadas de casos na sua unicidade, sem decompor os “(...) fenômenos complexos a seus constituintes elementares, acumulando as partes em índices quantitativos e esperar que análises estatísticas forneçam soluções para problemas humanos básicos” (VALSINER, 2019, p.4). A necessidade de contribuições dessa ordem já havia sido notificada por alguns autores (ARCOVERDE; SOARES, 2012) da área.

Para contribuirmos a partir dessa ótica, foi fundamental não só fazermos o exame das posições do eu em referência às categorias propostas por Salgado, Cunha e Bento, (2013) – a saber: agente, endereçado, objeto e audiências – junto a conceitos de Zittoun (2007; 2009) como ruptura, transição e esfera de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). Esses conceitos analisados conferiram a base para vermos essas posições do eu em sua dinâmica, em articulação constante dos dois infinitos (VALSINER, 2014a).

Assim, percebemos que o exame dos processos cognitivos (rememoração e imaginação) atrelados ao SD nos possibilitou vislumbrar a dinâmica de mudança e a

hierarquia s gnica (VALSINER, 2014a) atreladas aos processos de construção, destruição e reconstrução de significados. Dentro dessa dinâmica, ao destacarmos pontos de ruptura (ZITTOUN, 2007), transição (ZITTOUN, 2009), ou demarcamos a mudança entre esferas de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016), tudo isso deixa de ser visto de forma est tica (enquanto diversos pontos) e passam a ser resultantes de vetores de ações – e, portanto, essas descrições ganham seus “porquês e “como”. Isso é possível posto que não são examinamos os processos cognitivos (memoria  o-imaginação) atrelados ao SD, bem como porque as posições do eu em um cenário de acompanhamento desenvolvimental: a trajetória de vida (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018; VALSINER; SATO, 2006; SATO; VALSINER, 2010; SATO et al, 2014).

8 À GUISA DE CONCLUSÃO

Optamos, aqui, lutar contra os demônios – com isso faço alusão à citação freudiana no início do prólogo como uma metáfora para lidar com um assunto árduo como a autolesão. Sabíamos que não seria um trabalho fácil, pois havia antecipado o desafio ético que seria essa pesquisa. Ainda assim, o seu decorrer foi mais árduo do que o prospectado. Ainda que os adolescentes estivessem em acompanhamento terapêutico pessoal e já houvessem cessado o uso da autolesão, quando esses temas emergiam enquanto narravam sobre sua história, era notório a atribulação que era verbalizar sobre.

Estudar a autolesão, contudo, é um tema de grande relevância social e acadêmica. E acredito que, aqui, conseguimos lograr essa atividade sem deixar de lado todo o cuidado ético necessário. Porém, ainda restam muitos desafios. Começamos, todavia, já elencando as adversidades éticas enfrentadas, passaremos, então, a explorar os obstáculos teóricos e metodológicos com que nos deparamos.

Estudamos aqui o SD de adolescentes que praticaram autolesão, para examinar as posições do eu atreladas ao início e fim da autolesão a partir dos processos rememorativos e imaginativos. O primeiro limite desse estudo foi a conceituação do SD. Nossos achados apontaram como a relação entre o sujeito autolesivo e a alteridade parece ser algo chave. Assim sendo, abre espaço para que estudos sejam feitos explorando essa questão ou, mais especificamente, a pergunta levantada no capítulo anterior (a saber: *por que o sujeito manteria esse laço com o outro, mesmo a custas do seu sofrimento psíquico?*).

Essa questão aparece porque, apesar da dissertação utilizar o SD como um conceito amplo (abarcando ele mesmo, os outros sociais, seu corpo e suas posses), nós não conseguimos abarcar tudo isso a partir da metodologia empregada. O que abre para pensarmos em novas metodologias – o que requereria estudos mais longos do que a presente dissertação.

A segunda limitação percebida nessa dissertação é que, ao lidarmos como um corpo que se expressa por cortes, poderíamos ter explorado o fenômeno autolesivo por outras formas que não somenteo verbal. Caberiam, portanto, para construções futuras, se pensar em outras possibilidades metodológicas que contemplassem SD corporificado que não somente pelas palavras. Borges (2011), em sua construção poética, já nos adverte:

Palavras não são soltas, palavras são mais que palavras, desejos, sentidos, tatos, corpos, gozo, palavras penetram, palavras acusam, palavras acalmam, perturbam, encantam, seduzem... esta palavra que desconstrói, avança, passa por cima, rasga, estripa, pelo vento nos leva... pela paixão me conduz... palavras não são apenas

palavras. Pela libertinagem de escrever sigo esse caminho de amor e dor, as palavras me atravessam e me tornam mais forte (p.1).

Assim, embora as palavras sejam algo imprescindível e boa parte dos processos cognitivos possa ser acessado a partir do processo de uma externalização verbal, se lida, aqui, com uma pele que é arena de significados. Destarte, salientamos a necessidade, bem como o desafio, de estudar o “para além das palavras” ao qual o corpo do sujeito autolesivo nos convida.

Por hora, através do verbal, nós conseguimos construir reflexões sobre o que Valsiner (2014d) intitula de “corpo como *gegenstand*” (p. 170), ou seja, examinamos o processo de mudança da psique através de modificações do nosso corpo (VALSINER, 2014d). Mais especificamente observamos aqui como se dão as mudanças no SD tendo como referência os quatro infinitos de Valsiner (2014a).

Essa composição teórico-metodológica nos possibilitou vislumbrar a autolesão a partir de uma ótica despatologizante. Ao não ver a autolesão como um comportamento patológico (APA, 2014), aproximar-nos-íamos, então, da visão de Wiener (2004) que propõe que a inscrição corporal passa a se constituir como um marco autobiográfico do sujeito, já que a percebemos como uma mensagem de aceitação de sua unicidade.

Destarte, o exame operado nessa dissertação é um passo para tentarmos nos aproximar do estudo da relação entre o sujeito e a alteridade. Esse parece ser um aspecto fundamental posto que, na ausência de ressonância no outro, o sujeito vive a sua dor (BIRMAN 2003 apud FORTES; KOTHER, 2017) em uma experiência de desalento (BIRMAN, 2002), já com o outro, a dor transforma-se em sofrimento e pode ser comunicada, permitindo o exercício do desamparo. Birman (2012) explica:

A experiência do **desalento** (...) lança o sujeito no abismo do solipsismo, da solidão e do vazio afetivo, sem qualquer oportunidade de interlocução, sendo-lhe subtraída a possibilidade de fazer apelo ao outro. Enquanto o desamparo permite o exercício do apelo, de demandar algo ao outro e, pela via da demanda, estabelecer trocas afetivas e produzir sentidos para a vida, o desalento é marcado pela aridez da presença do outro como suporte da vida afetiva (BIRMAN, 2012, p. 254).

Assim, se buscamos tentar contribuir para esse problema de saúde pública, o exame da relação eu<>outro parece uma boa forma de compreender o fenômeno autolesivo, bem como propor possíveis intervenções para esse campo.

Figura 41- Bloodviolin (violino de sangue)



Fonte: retirado de VIDANI (s/d)

“Viver não É necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso Tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo” (PESSOA, s/d)

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. B.; OLIVEIRA, C. F. S. ; SOUZA, J. N. . **Suicídio e autolesão: uma revisão de literatura tradicional**. Recife: ESUDA, 2018 (Comunicação oral).
- ALMEIDA, C. M; HORTA, P. Auto-lesão, auto-mutilação e auto-agressão. A mesma definição? **Espaço Aberto News**, v. 16, 2010.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 4th ed. Arlington: American Psychiatric Association, 2000.
- AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas psicol.** v.5, n.3, Ribeirão Preto dez. 1997.
- ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. S. L. C. Funções Neuropsicológicas Associadas a Condutas Autolesivas: Revisão Integrativa de Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 2, p. 293-300, 2012
- ARCOVERDE, R.; AMAZONAS, M. C.; DE LIMA, R. Descriptions and interpretation on self-harming. **Culture & Psychology**, v.22, n. 1, p.110–127, 2016.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-V**. Porto Alegre, Artes Médicas, 5ª edição, 2014.
- ATHAYDE AVL. Transexualismo masculino Arq. Bras. **Endocrinol. Metab.** v. 45, n. 4, p. 407-14, 2001.
- BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's poetics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1963/1984.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, V. S. **A prática da autolesão em jovens: uma dor a ser analisada**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde. 126 f. 2017.
- BARRESI, J. Time and the dialogical self. In: HERMANS, H. J. M.; GIESER, T. (eds) **Handbook of dialogical self theory**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 46-63, 2002.
- BARTLETT, F. C. **Remembering: a study in experimental and social psychology**. New York: Cambridge Univ. Press, 1932.
- BAUCAL, A.; ZITTOUN, T. Religion as Dialogical Resource: A Socio-cultural Approach. **Integr Psych Behav**, 2013.
- BERNARDES, S. M. **Tornar-se (in)visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam**. 123f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

BORGES, C. N. L. O. **À flor da pele: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão**. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, sociais e da vida, Lisboa.

BORGES, L. **Berborragia fotográfica**. 2011. Disponível em: verborragiafotografica.blogspot.com/2011/12/apele-que-habito-poema-inspirado-no.html

BORGES, V. R.; WERLANG, B. S. G. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 345-351, 2006.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. 2010

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

BUTLER, J. Actosperformativos e constituição de género. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (Org.). **Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica**. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

CABELL, K. R. Mediators, Regulators, andCatalyzers: A Context Inclusive ModelofTrajectoryDevelopment. **Psychology & Society**, v. 3, n. 1, p. 26-34, 2010.

CALDAS, M. T. et al. Condutas autolesivas entre detentas da colônia penal feminina do Recife. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 14, n. 3, p. 575-582, jul./set. 2009

CAVALCANTE, J. P. B. C.; CAVALCANTE, P. F. C. Subcultura, Juventude e autolesão: uma contribuição sociológica acerca do comportamento.o autodestrutivo. **GT 26: Sociologia do corpo e as emoções**, s/d.

CEARÁ (estado). **Assembleia Legislativa**. Projeto de Lei 6989/2017. Altera o Marco Civil da Internet, Lei no 12.965, de 23 de abril de 2014, para incluir procedimento de retirada de conteúdos que induzam, instiguem ou auxiliem a suicídio de aplicações de internet.

Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2124329>.

Acesso em 20 dez. 2018

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicol. USP**; v. 24, n. 2, p. 203-223, 2013 (mai-ago).

CICCONE, S. D. **Criatividade na obra de d. W. Winnicott**. 138 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência, 2013.

CORDEIRO, A. M.; VENÂNCIO, A. Automutilação: para lá do sintoma. **PsiquiatriaClínica**, v. 25, n. 3, p. 173-184, 2004.

CORNEJO, C. FromFantasytoImagination. Em: Wagoner, B.; De Luna, I. B.; Awad, S. H. **The Psychology of Imagination: History, Theory and New Research Horizons**. United States: Information Age Publishing, incorporated, 2017, p. 47-66.

COSTA, J.F. **A Face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo, 2. São Paulo: Escuta, 1995.

COVAL, M. A. S. **A representação social da adolescência e do adolescente e expectativas de prática pedagógica de futuros professores**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 153f, 2006.

CROYLE, K. L. Self-Harm Experiences Among Hispanic and Non-Hispanic White Young Adults. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**. v. 29, n.2, p. 242-253, 2007 (mai).

D'ALTE, I. et al. Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal, **interacções**, n. 6, p. 8-31, 2007.

DE SAINT-LAURENT, C.; ZITTOUN, T. Memory in life transitions. In: Wagoner, B. (Ed.). **Handbook of memory and culture**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DE SOUSA BASTOS, A. C. Shadow trajectories: The poetic motion of motherhood meanings through the lens of lived temporality. **Culture&Psychology**, v. 23, n. 3, 408–422, 2017.

DRIEU, D.; PROIA-LELOUEY, N.; ZANELLO, F. Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. **Agora** (Rio J.); v. 14, n. 1, p. 9-20, 2011 (jan.-jun).

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

FAVAZZA, A. **Bodies under siege: Self-mutilation and body modification in culture and psychiatry**. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1987.

FERREIRA, N. M. et al. Exploring imagined (im)possible futures: An investigation with persons assigned for heart transplant. In: VALÉRIO, T.; BASTOS, A. C. S. B. **From Dream to Action: imagination and (im)possible futures**, no prelo.

FORTES, I.; KOTHER, M. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, v.20, n. 38, p.353-367, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, v. 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FUNDAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA. **Estudo sobre temas atuais na visão espírita: amar a vida**. 2019. Disponível em: <https://feportuguesa.pt/?upf=dl&id=7184>. Acesso em 20 dez. 2018.

GARRETO, A. K. R. **O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. Dissertação (mestrado) aculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 223 p. São Paulo, 2015

GILLESPIE, A.; CORNISH, F. Intersubjectivity: towards a dialogical analysis. **Journal for the theory of social behavior**, v. 40, n. 1, p. 19-46, 2010.

GLAAD. **MediaReferenceGuide 2016**. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <http://www.glaad.org/sites/default/files/GLAAD-Media-Reference-Guide-Tenth-Edition.pdf>. Acesso em 20 dez. 2018.

GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008..

GONÇALVES, J. N. “**Vocês acham que me corto por diversão?**” **Adolescentes e a prática da automutilação**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. 134 f. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.2>. Acesso em 20 dez. 2018

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. **Tratado de Fisiologia Médica**. 11^a ed. Rio de Janeiro, Elsevier Ed., 2006

HERMANS, H. J. M. The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. **Culture & Psychology**, 7, 243- 281, 2001a.

HERMANS, H. J. M. The construction of a personal position repertoire: Method and practice. **Culture & Psychology**, 7, 323-365, 2001b.

HERMANS, H. J. M. The Dialogical Self as a Society of Mind. **Theory & Psychology**, 12(2), 147–160, 2002.

HERMANS, H. J. M.; HERMANS-KONOPKA, A. **Dialogical self theory: positioning and counter-positioning in a globalizing society**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. G.; VAN LOON, R. J. P. The dialogical Self. **American Psychological Association Inc**, v. 47, n. 1, p.23-33, 1992 (jan).

HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. G. Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. **American Psychologist**, 53, 1111–1120, 1998.

HERMANS, H. Tem and dialogical self theory: how to understand a marriage problem? *In*: SATO, T.; MORI, N; VALSINER, J. (eds) **Making of the future: the trajectory equifinality approach in Cultural Psychology**. North Carolina: Age Publishing Inc., 2016, 107-109.

HIPOLITO, H. C.; PREBIANCHI, H. B. **Anamnese: Exame Clínico Psicológico - Kit Completo**. Editora Casa do Psicólogo, 1999.

HUBERT J. M; HERMANS; THORSTEN, G. **Handbook of Dialogical Self Theory**. Cambridge University Press: New York, 2012.

IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2003

JAMES, W. **The principles of psychology** Vol. 1. New York: Henry Holt. 1890/2007.

JATOBÁ, M. M. V. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica**. 2010. 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 4ª ed. Especial, FEB, 1864.

KONOPKA, A.; BEERS, W. V. Compositionwork and TEM: studying the self in Irreversible time. In: SATO, T.; MORI, N; VALSINER, J. (eds) **Making of the future: the trajectory equifinality approach in Cultural Psychology**. North Carolina: Age Publishing Inc., p. 111-115, 2016.

KONOPKA, A.; HERMANS, H. Compositionwork: A Method for Self Exploration and Development. In: HERMANS, S. (ed) **Assessing and Stimulating a Dialogical Self in Groups, Teams, Cultures, and Organizations**, Springer International Publishing, 2016

KRAUSE-KJÆR, E. **Passing personal experiencing on to the next generation: The feeling of music**. 72 f. (Dissertação em psicologia) – Aalborg university, Dinamarca. 2015.

LIGHTFOOT, C. Risk-taking, carnival, and the novelistic self: Adolescents' avenues to moral being and integrity. In: L. Nucci (Ed.), **Conflict, Contradiction and Contrarian Elements in Moral Development and Education**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

LURIA, A. R. **A mente e a memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1968/1999.

LYRA, M. C. D. P. ; AGUIAR, M. B. Sublime moments in the light of developmental trajectory: an exploration of the unit of analysis. In: LYRA, M. C. D. P; PINHEIRO, M. A. **Cultural Psychology as a Basic Science: Dialogues with Jaan Valsiner**. Springer: New York, p.101-115, 2018.

LYRA, M. C. D. P.; PINHEIRO, M. A. From Everyday Experiencing to Abstract Knowledge Through Approaching Semiotic Dynamics: An Introduction. In: LYRA, M. C. D. P; PINHEIRO, M. A. **Cultural Psychology as a Basic Science: Dialogues with Jaan Valsiner**. Springer: New York, p.1-11, 2018.

LYRA, M. C.; VALÉRIO, T. A. DE M.; WAGONER, B. Pathways to life course changes: Introducing the concept of Avenues of Directive Meaning. **Culture & Psychology**, p.1-17, 2018.

MARTINS-SILVA, P. O.; SOUZA, E. M.; JUNIOR, A. S.; NASCIMENTO, D. B.; NETO, R. R. Q. B. Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social. **Cad. Pesqui.** v.42, n.146, São Paulo May/Aug. 2012

MATÃO, M. E. L. et al. Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e medicina. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v.34, n.1, p.101-118, 2010 (jan./mar).

MATTOS, E. A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. **Psicologia USP**, v. 27, n. 2, p.178-188, 2016.

MESQUITA, D. T.; PERUCCHI, J. Não apenas em nome de deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, v.28, n.1, p.105-114, 2016.

- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** Hucitec-Abrasco, São Paulo: Rio de Janeiro, 1999.
- MOODY, S. A. **Principles of Developmental Genetics** 1st ed. [S.l.]: Academic Press, 2007.
- NEWCOMBE, N. **Desenvolvimento infantil.** Abordagem de Mussen. Artmed, São Paulo, 1999.
- NOCK, M. K. Why Do People Hurt Themselves? New Insights Into the Nature and Functions of Self-Injury. **Current Directions in Psychological Science.** v.18, n. 2, p. 78-83, Harvard Publishing, 2009.
- OLIVEIRA, M. C. S. L. Desenvolvimento do self e processos de hiperindividualização: interrogações à Psicologia Dialógica. **Psicologia USP**, v. 27, n. 2, p.201-211, 2016.
- Organização Mundial da Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10.** Porto Alegre: Artes Médicas; 1993
- OZELLA, S. *et al.* (Org.) **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica.** São Paulo: Cortez, 2003.
- PALACIO, J.; OLIVA, A. A adolescência e seu significado evolutivo. *In:* COLLI, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (org). **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, v. 3, p. 309-322.
- PEIRCE, C. S. The law of mind. *In:* PEIRCE, C. **Chance, love and logic.** London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, p. 202-237, 1892/1923.
- PEREIRA, C. R; TORRES, A. R. S.; PEREIRA, A.; FALCÃO, L. C. Preconceito Contra Homossexuais e Representações Sociais da Homossexualidade em Seminaristas Católicos e Evangélicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27 n. 1, pp. 73-82, Jan-Mar 2011.
- FERNANDO, P. Navegar é preciso. **Jornal de Poesia.** Disponível em: www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso05.html. Acesso em 11 de maio, 2019.
- PIERCE, D. Suicidal intent and repeated self-harm. **Psychological Medicine**, v. 14, n. 3, p. 655–659, 1984.
- RADICE, J. Papéis sexuais no nordeste do Brasil, sua desejabilidade e possíveis consequências para a auto-realização da mulher. **Revista de Psicologia**, v. 5, n. 1, p.93-103, 1987.
- RODRIGUES JUNIOR, O. M. Transexualidade: quando não se é o que se sente. **Rev. Insight.** p.20-23, 1996.
- ROSENBAUM, P. J. How self-harmers use the body as an interpretive canvass. **Culture & Psychology**, v. 22, n. 1, p. 128-138, 2016.
- SALGADO, J. FERREIRA, T. FRACCASCIA, F. THE DIALOGICAL SELF AS A TRIADIC SYSTEM: I, YOU AND WE. **Ricerche di Psicologia, Italy**, 2006. Special issue

SALGADO, J.; CUNHA, C. The human experience: a dialogical account of self and feelings. In: ROSA, A.; VALSINER, J. (eds) *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. Cambridge University Press, p. 503-517, 2018.

SANTOS, B. M. S.; SILVA, A. M. V. Representação Social do Gênero Masculino e suas Implicações na Sexualidade de Pacientes com Paraplegia. **Gênero na Amazônia, Belém**, n. 7-12, jul./dez., 2017.

SANTOS, M. A.; GOMES, W. B. SELF DIALÓGICO: TEORIA E PESQUISA. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 15, n. 2, p. 353-361, 2010 (abr./jun).

SATO, T. From TEM to TEA: the making of a new approach. In: SATO, T. ; MORI, N.; VALSINER, J. **Making of the future: the trajectory equifinality approach in cultural psychology**. North Carolina: Age Publishing Inc., p.vii-xii, 2016.

SATO, T. et al. Sampling Reconsidered: Idiographic Science and the Analyses of Personal Life Trajectory. In: Valsiner, J. Rosa, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge University Press, 2007.

SATO et al. From describing to reconstructing life trajectories. In: WAGONER, B.; CHAUDHARY, N. **Cultural Psychology and its future: complementary in a new key**. North Caroline: Age Publishing Inc, p. 93-105, 2014.

SATO, T.; VALSINER, J. Time in life and life in time. **Ritsumeikan Journal of Human Science**. v. 20, p. 79-92, 2010.

SATO. T.; HIDAKA, T.; FUKUDA, M. J. Depicting the Dynamics of Living the Life: The Trajectory Equifinality Model. In: VALSINER et al. (eds.) **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**, Springer-Verlag New York, 2009.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

SEPPER, D. L. **Understanding imagination: the reason of images: studies in history and philosophy of Science**. Dordrecht: SpringeScience&BusinessMedia, 2013.

SIGMNUND, F. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: **Obras completas, ESB**, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1972/1905.

SILVA, M. F. A.; SIQUEIRA, A. C. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura - RO. **Revista FAROL – Rolim de Moura – RO**, v. 3, n. 3, p. 17-20, mar./2017

SILVA, P. M. **Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental**. 19th World Congresson Medical Law, Maceió, 2012.

SIMIONI, A. R. **Autolesão deliberada em crianças e adolescentes: prevalência, correlatos clínicos e psicopatologia materna**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psiquiatria e Ciências do Comportamento. 65f. 2017

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. 5ª edição. São Paulo: Cengage Learning Edições Ltda, 2010

STHENEUR, C. Tentative de suicide :comment repérer un adolescent en danger? **Journal de pédiatrie et de puériculture**, v. 19, p. 218-222, 2006.

STORYBOOTH. **I Cut Myself And I Wish I Never Started**. 10 abr de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FN_HmxKJcVc&t=16s. Acesso em dezembro de 2018.

TATEO, L. Just an Illusion? Imagination as Higher Mental Function. **Journal of Psychology & Psychotherapy**, v. 05, n. 06, p. 1-6, 2015.

TATEO, L. Seeing Imagination as Resistance and Resistance as Imagination. *In*: N. Chaudhary et al. (eds.) **Resistance in Everyday Life**. Springer Nature Singapore Pte Ltd, 2017.

TENÓRIO, M. M. D. C. *et al.* Corpo, injúria e símbolo: a automutilação em jovens. **Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia**, Fortaleza(CE) DeVry Damásio - Ibmecc, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mpct2017/47232-CORPO-INJURIA-E-SIMBOLO--A-AUTOMUTILACAO-EM-JOVENS>. Acesso em 17 jan. 2019

TOMMASI, M. C. F. Desenvolvimento emocional e cognitivo do adolescente. *In*: ASSUMPÇÃO, F. B.; KUCZYNSKI, E. (eds.). **Adolescência normal e patológica**. Lemos Editorial, São Paulo, p. 33-48, 1999.

VALÉRIO, T. A. M. **Planejando uma aula de música: processos imaginativos em ação**. Tese Doutoral apresentada à Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutora em Psicologia Cognitiva. 210f. 2019

VALSINER, J. **The Guided Mind: A Sociogenetic Approach to Personality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

VALSINER, J. **Culture and Human Development**. London, UK: Sage. 2000

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundo da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. **An invitation to Cultural Psychology**. London: Sage Publications, 2014a.

VALSINER, J. Creating ourselves: signs, myths, and resistances. *In*: VALSINER, J. **An invitation to Cultural Psychology**. London: Sage Publications, 2014b.

VALSINER, J. Signs hierarchies: their construction, use and demolition. *In*: VALSINER, J. **An invitation to Cultural Psychology**. London: Sage Publications, 2014c.

VALSINER, J. How culture is made through objects. *In*: VALSINER, J. **An invitation to Cultural Psychology**. London: Sage Publications, 2014d.

VALSINER, J. Functional reality of the quasi-real - Gegenstandstheorie and cultural psychology today. **Culture & Psychology**, v.20, n. 3, p. 285–307, 2014e.

VALSINER, J. Facing the future – Making the past: the permanent uncertainty of living. In: MARSICO, G.; VALSINER, J. **Cultural Dynamics of the psyche**. North Carolina: Age Publishing Inc, 2018a.

VALSINER, J. Human Psyche Between the Mundane and the Aesthetic: The Sublime as the Arena for Semiosis. In: LYRA, M. C. D. P; PINHEIRO, M. A. **Cultural Psychology as a Basic Science: Dialogues with JaanValsiner**. Springer: New York, p. 43-57, 2018b.

VALSINER, J. **Cultural Psychology as a theoretical project**. Estudios de Psicología, 2019.

VALSINER, J.; ROSA, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge University Press, 2007.

VALSINER, J.; SATO, T. Historically Structured Sampling (HSS) – How can psychology’s methodology become tuned in to the reality of the historical nature of cultural psychology. In: STRAUB, J. **Theoretical and Methodological Advances Cultural and Cross-Cultural Psychology**. Bielefeld: transcript, 2006.

VIDANI, P. Bloodviolin. **Tumblr**. Disponível em: <https://justsophie3.tumblr.com/post/69081212461/blood-violin>. Acesso em 11mai. 2019.

VIEIRA, T. R. Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Psicol. Teoria e Prática**. v. 2, n. 2, p. 88-102, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Livro para Professores. São Paulo: Ática, 2009.

VILLANOVA, M. **Comissão aprova projeto para criminalizar o incentivo à automutilação**. Diário de Pernambuco. 29 de março de 2016. disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2016/03/29/interna_brasil,635372/comissao-de-direitos-humanos-aprova-projeto-para-criminalizar-o-incent.shtml. Acesso em 20 dez. 2018

VYGOTSKI, L. S. **L’imagination et son development chez l’enfant**. Paris: La Dispute, p. 155-180, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. Ed. 1988

VYGOTSKY, L. S. **Imagination and creativity of the adolescent**, 1931. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e881/9fb5b3dc0abe30907097c822119b75322637.pdf>. Acesso em 20 dez. 2018.

WAGONER, B. Meaning construction in remembering: A synthesis of Bartlett and Vygotsky. In: STENNER, P et al (Eds.), **Theoretical Psychology: Global Transformations and Challenges** (pp. 105-114). Toronto: Captus Press, 2011.

WAGONER, B. Bartlett’s concept of schema in reconstruction. **Theory & psychology**, v. 23, n. 5, p. 553-575, 2013.

WAGONER, B.; GILLESPIE, A. Sociocultural mediators of remembering: An extension of Bartlett’s method of repeated reproduction. **British Journal of Social Psychology**, v.53, p. 622-639, 2014.

WHITLOCK, J.; RODHAM, K. Understanding Nonsuicidal Self-Injury in Youth. *In: SchoolPsychologyForum*, v. 7, n. 4, p. 1-8, 2013 (dez).

WIENER, S. Le tatouage, de laparure à l'oeuvre de soi. *ChampPsy*, v.36, n. 4, 159-170, 2004.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1990.

WINNICOTT, D. W. Vivendo de modo criativo. *In: WINNICOTT, D. Tudo Começa em Casa*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, p. 23-39, 1999.

ZITTOUN, T. **Transitions: development through symbolic resources**. Greenwich, CT: Information Age Publishing, 2006.

ZITTOUN, T. Dynamics of interiority. Ruptures and transitions in the self development. *In: SIMÃO, L.; VALSINER, J. (Eds) Otherness in question: development of the self*. Greenwich, CT: Information Age Publishing, p. 187-214, 2007.

ZITTOUN, T. Dynamics of Life-Course Transitions: A Methodological Reflection. **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**, chapter 18, 405-429, 2009.

ZITTOUN, T.; et al. **Melodies of living: Developmental science of the human life course**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2013.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. **Imagination in human and cultural development**. London: Routledge, 2016.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Imagining the collective future: a societal perspective. *In: DE SAINT-LAURENT, C.; OBRADOVIC, S.; CARRIERE, K. (Eds) Imagining collective futures: perspectives from Social Cultural and Political Psychology*. ChamSwitzerkhPalgraveMacmillan, p.15-38, 2018

APÊNDICE A – PRÓLOGO

“Quem, como eu, desperta os piores demônios, indômitos no fundo da alma humana, a fim de dar-lhe combate, deve preparar-se para não sair ileso dessa luta” (FREUD, 1972/1905, p. 82).

Autolesão. Ou, ainda, autolesionar-se durante a adolescência – quando a imagem de juventude socialmente construída na mídia e na sociedade em geral é de potência, vida, esperança e otimismo (ASSIS, 2003). Por que revisitar um assunto aparentemente árduo? Ou mais, qual o objetivo em buscar conversar com pessoas sobre experiências, possivelmente, pungentes? Por que falar das “cicatrices” se o sangue já não jorra mais?

As diretrizes nacionais (CEARÁ, 2017) propõem que conteúdos sensíveis – suicidas ou que tratem sobre autolesão – devem ser retirados da internet e devem ser evitados – exceto se através de uma abordagem profissional ou acadêmica. Isto porque, a partir de 2017, fomentar ou propagar discursos informais sobre violências autodirigidas – principalmente o *cutting* (corte a pele) – passa a ser caracterizada como indução, instigação ou até mesmo auxílio à autolesão. Assim sendo, passa a ser matéria de sanções legais e objeto de repúdio social.

Essa mudança na jurisprudência acarretou no decréscimo significativo e veloz de tais conteúdos nas redes sociais. Em 2016, de acordo com o Diário de Pernambuco (VILLANOVA, 2016), encontrávamos dez mil resultados no YouTube, quatro milhões de posts no Instagram, milhares de perfis no Tumblr e 470 milhões de publicações no Google referenciando a temática. Hoje, encontramos resultados significativamente reduzidos, posto que publicações sobre como “se cortar direito” (ou melhor: para não se matar sem querer) ou até mesmo descrições de experiências pessoais de violência autodirigida foram barradas na internet para não induzir outrem.

Assim, quando o silêncio é preconizado pelas políticas públicas de saúde, por que retomar discussões nesta temática?

Os argumentos para responder essa forte e importante questão não devem advir somente das vacâncias observadas no campo de produção científico brasileiro acerca da autolesão (TENÓRIO et al, 2017; BERNARDES, 2015), pois retrucá-la, imprescindivelmente, dizem de mim.

Como bem evidencia Branco e Valsiner (2012), não existem pesquisas neutras, toda ela tem, em seu âmago, a intuição do pesquisador. Assim sendo, são embebidas de sua subjetividade, diz dos seus desejos. Comigo, não seria diferente. E, assim como busquei me

aproximar da relação dos participantes de suas noções de si (significados construídos sobre si mesmos) – considerando a dimensão relacional (eu<>outros sociais) e temporal – na sua trajetória de vida, começo, igualmente, me posicionando na minha. Afinal, tal qual eles, ela me orienta em direção a um futuro incerto a partir das experiências passadas. Assim, pergunto-me: quem sou eu?

Aqui a posição do eu que se destaca é “Mariana como pesquisadora”. Ela tem como desejo escutar os relatos de experiência de vida de adolescentes que praticavam autolesão. Essa ânsia é fruto do seu percurso acadêmico – e destaco esta compreensão axiomática desde então. Cabe a mim, então, neste espaço, falar das memórias autobiográficas que me marcam, que me habitam e que me guiam; dos afluentes que encontrei em meu percurso, cujas águas seguem comigo, transformaram-se em correnteza e me impulsionaram para novos trajetos.

A primeira marca foi minha experiência de estágio curricular em um centro público especializado para o atendimento de crianças e adolescentes que passa(ra)m por alguma situação de violência. Optei – e batalhei – para adentrar e permanecer nesse espaço por livre espontânea vontade. Por um gosto pelo moribundo, macabro? Pelo contrário, nesse espaço, enquanto psicóloga em formação, não atendi se quer uma pessoa vítima de violência. Como? Esse espaço me convidou a destruição de signos edificadas pelos conhecimentos compartilhados do senso comum (da cultura coletiva) que permeiam a temática da violência (alguém necessariamente frágil, que ficará com traumas, dentre outros aspectos negativos).

Dessa reconstrução emergiram novas significações e eu me re-posicionei no mundo. Passei a ver o ser humano como um construtor de significados e que, por mais que os significados da cultura coletiva estejam sendo ofertados e haja uma negociação entre o indivíduo e a cultura, eles não são determinantes para aquilo que o sujeito constrói sobre si. Ou melhor, eles não deveriam ser.

Nesse espaço em que atendi, oferecíamos novas possibilidades de significação que não somente as culturais (ex: de ser alguém traumatizado, alguém marcado). Oferecemos novas Avenidas de Significações Dirigidas³⁰ e, daí, puderam emergir diferentes significações.

Então, agora me pergunto: quais serão as significações que podem emergir se procurarmos ver a autolesão com uma nova ótica? Veremos a autolesão não como uma patologia. Ou ainda, para além do adolescente problemático ou da resposta clichê de cortar-se para sentir a dor sentimental de outra forma. E se nos aproximarmos dos sentidos pessoais advindos nessa negociação com a cultura coletiva?

³⁰ Ver página 69 para definição.

Escolhi, então, retomar o tema da autolesão. Por agora, no campo acadêmico, para que possamos, a partir dos achados desse trabalho, oferecer novas avenidas de significação para os adolescentes que optam pelo ato autolesivo. Opto, então, por retomar as marcas nos braços, falar sobre elas, contar suas histórias, para que, possivelmente, novas marcas não sejam necessárias – pelo menos não com tanta incidência e recorrência.

APÊNDICE B – QUADRO DE SÍNTESE DOS RESULTADOS DA REVISÃO DE LITERATURA AUTORAL SOBRE OS ESTUDOS DE AUTOLESÃO NO BRASIL NOS PERIÓDICO CAPES, BVS MS E GOOGLE ACADÊMICO.

Tabela 10 - Síntese dos resultados da revisão de literatura sobre estudos de autolesão no brasil
(Continua)

Plataforma	Palavra chave	Título	Autoria	Ano	Natureza
Periódicos Capes	autolesão	Condutas autolesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife	Caldas et al.	2009	Artigo
		Funções Neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura	Arcoverde; De Castro Soares	2012	Artigo
	Autoagressão	Self-harm throughout all life cycles: profile of victims using urgent and emergency care services in Brazilian state capitals	Liana	2017	Artigo
	Automutilação	Questões teórico-clínicas do comportamento de automutilação	Yaryura-Tobias; Mancebo; Neziroglu.	1999	Artigo
		Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações	Cedaro; Do Nascimento	2013	Artigo
		Corpo como tela... navalha como pincel. A escuta do corpo na clínica psicanalítica	Vilhena	2016	Artigo
		Hospitalizações relacionadas a lesões autoprovocadas intencionalmente-Brasil, 2002 a 2013.	Monteiro et al.	2015	Artigo
BVS MS	Autolesão	O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão	Otto; Santos	2016	Artigo
		Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência	Drieu; Proia-Lelouey; Zanello.	2011	Artigo
		Nem doente, nem vítima: o atendimento às "lesões autoprovocadas" nas emergências	Machin	2009	Artigo
	Autoagressão	Auto-agressão: estudo descritivo de relações funcionais	Meyer	1987	Tese
	automutilação	O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão	Araújo et al.	2016	Artigo
		Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações	Cedaro.; Nascimento	2013	Artigo
		Cicatrizes Psíquicas	Giaretta	2012	Artigo
		Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação	Dinamarco	2011	Tese
		Queimadura autoinfligida em mulheres: a violência de gênero inscrita no corpo	Dutra	2011	Tese
		Um caso de automutilação neurótica	Texeira; Luis	1997	Artigo
Google acadêmico	automutilação	O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão	Otto	2016	Artigo

Tabela 10. Síntese dos resultados da revisão de literatura sobre estudos de autolesão no Brasil
(Conclusão)

Google acadêmico	automutilação	Autolesão deliberada em crianças e adolescentes - prevalência, correlatos clínicos e psicopatologia materna	Simioni	2017	Dissertação
		A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada	Barbosa	2017	Dissertação
		Contribuições da terapia analítico-comportamental para a melhoria da qualidade de vida de adolescente com histórico de autolesão: um estudo de caso	Da Silva	2017	Artigo
		Fundamentos teóricos do paternalismo jurídico e da liberdade individual para a autolesão e heterolesão consentida	Guaragni	2017	Trabalho de conclusão de curso
		Corpo, injúria e símbolo: a automutilação em jovens	Tenório	2017	Apresentação de trabalho em anais
		Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental	Silva	2012	Apresentação de trabalho em anais
		Análise funcional do comportamento autolesivo	Ceppi	2011	Artigo
		Automutilação, gênero, sexualidade e escola	Nascimento ; Silva	2017	Capítulo de livro
		A automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana	Santos; Henriques	2018	Artigo
		"Vocês acham que me corto por diversão?" Adolescentes e a prática da automutilação	Gonçalves	2016	Dissertação
		O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica	Jatobá	2016	Dissertação
		Tornar-se (in)visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam	Bernardes	2015	Dissertação
		O discurso da falta e do excesso: a automutilação	Assunção	2016	Dissertação
		Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na Internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação	Dinamarco	2011	Dissertação
		Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com Transtorno Obsessivo-Compulsivo.	Giusti	2013	Tese
		Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?	Oliveira	2016	Trabalho de Conclusão de Pós-Graduação
		Automutilação: para lá do sintoma	Cordeiro; Venâncio	2004	Artigo

APÊNDICE C – PRIMEIRA ENTREVISTA

- Nome
- Data de nascimento
- Idade
- Qual a origem da sua família? Fale um pouco sobre ela
- O que você sabe sobre o seu nascimento? (desejado, relação dos pais)
- Descreva a sua infância
- Descreve fatos marcantes da sua infância
- Quando criança, o que você queria ser quando crescesse?
- Houve algum marco na sua infância?
- Nessa época, com quem você morava?
- Atualmente, com quem você mora?
- Descreve um pouco a dinâmica em sua casa
- Você acha que alguma coisa mudou nela (dinâmica familiar) enquanto foi crescendo?
- Como você se vê dentro da sua família?
- Tem algum familiar que você é mais próximo? Por quê?
- Onde você mora?
- Você viveu toda sua vida neste mesmo local?
- Você já quis se mudar?
- Você sente que há alguma relação entre você e seu bairro-cidade? Qual?
- Você mora perto da escola?
- Como foi ir para a escola?
- Atualmente, você está estudando? Qual série?
- Sua escola é pública ou particular?
- Você passou toda sua vida nessa mesma escola?
- Como você vai para a escola?
- Descreve como é estar na escola
- Já mudou de escola? Já desejou mudar de escola?
- Você faz alguma atividade na escola? E fora dela? Qual? Descreva.
- Atualmente, o que você quer ser?
- Como você chegou à conclusão de que quer ser ____ ?
- Você já trabalhou formalmente/informalmente? Queria?
- O que costuma fazer no intervalo da escola?
- Como você diria que é o funcionamento da sua turma?
- Você tem algum grupo na escola ou amigos próximos? Quem.
- Poderia descrever como se formou essas amizades
- Como você se vê no seu grupo de amigos (dentro e fora da escola)?
- Atualmente há alguém que você tenha interesse afetivo (algum crush)?
- Você tem religião?
- O que você acha sobre crenças?
- Você faz uso das redes sociais?

- Como você é nas redes sociais?
- Como as redes sociais se relaciona – ajuda/impede – com sua expressão?
- Você tem algum hobby?
- Quais são seus interesses atuais?
- Qual seu sonho hoje?
- Hoje, há alguma coisa que você gostaria de mudar?
- Como você se sentiu com essa entrevista?

OBS: Ao final da entrevista, após desligar o gravador, será indagado pelo pesquisador: “*agora que o gravador está desligado, você tem algo a acrescentar?*”. Essa informação (caso haja) será registrada a posteriori enquanto anotação.

APÊNDICE D – SEGUNDA ENTREVISTA “QUEM SOU”

Cabe destacar que o roteiro desta entrevista possui questões orientadoras e, assim, adaptáveis ao prosseguimento da entrevista. Há três eixos principais: individuação, adolescência e automutilação/cortes).

- *Individuação e o eixo temporal (presente, futuro e passado)*

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> · O que você acha do seu nome? Quem escolheu ele? Como você prefere ser chamada(o)? · Quem é você dentro da sua família? · Como você acha que a sua família lhe vê? · Como você se vê dentro do seu ciclo de amigos? Como seus amigos lhe veem? · O que você pensa sobre você hoje? Quem é (nome)? · O que você gosta em você? E o que mudaria? Por quê? Quais sentimentos se envolvem nisso? · O que te definiria? · O que te move? · O que te faria ficar inerte, sem chão? (Quando isso se tornou importante para você? como você se imaginaria sem isso?) · Quais caminhos você acha que te levou a ser quem é? · Quais caminhos poderiam ter sido vividos e que não foram? (Eles mudariam algo em você? Qual desfecho você imagina pra esses | <ul style="list-style-type: none"> caminhos? O que você imaginaria que sentiria?) · Há alguma coisa que você não viveu que queria ter vivido? (se sim: se vivesse isso, como teria se sentido?) · Olhando pra trás você vê alguma mudança entre como você é agora e como era antes? · Quem era (nome) no passado? · Você imaginaria algum passado diferente para você? como seria? · Há algo que você experienciou mas não gostaria de ter experienciado? (se sim: como você se sentiu nessa situação? Em algum outro momento você se sentiu ou sente assim?) · Quem é (nome) no futuro? · Que futuro você espera para você? · Que futuro você deseja para você? · Como você foi, e é atualmente, interfere de alguma forma em quem você quer ser? Como? Por quê? |
|---|--|

- *Adolescência*

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> · Para você, o que é a adolescência? · Quem é (nome) adolescente? · Você consegue se ver enquanto um adolescente? Quais as semelhanças e divergências. · O que isso te faz sentir? · Você acha que algum evento poderia ter te tornado um adolescente diferente? | <ul style="list-style-type: none"> (...) Que tipo de adolescente seria? Qual evento? · Você acha que há alguma dificuldade comum da adolescência? Qual? Por quê? · Existem tabus (assuntos que as pessoas não gostam de falar sobre) da adolescência? Qual /Quais? Por quê? · O que falar sobre esses assuntos te faz sentir? |
|--|---|

- Cortes (perguntar caso seja trazido pelo participante)

- O que esses cortes dizem de (nome)?
- Há diferença entre dizer isso com cortes e com palavras?
- Você imagina outras formas de dizer isso?
- Você consegue imaginar o motivo de se cortar?
- O que são esses cortes para você?
- O que você sente quando se corta?
- Você tem alguma marca? (se sim: o que sente quando olha para ela?)
- Você se lembra do primeiro local que se cortou? Já mudou de local? Por que acha que escolheu esse lugar?
- Você acha que isso te mudou em algo? (Se sim: Quem era você antes e depois dos cortes?)
- Como você relaciona os cortes com o “lidar com o futuro”?
- Quando você começou a se cortar?
- Você ouviu falar disso? (Se sim: como? De quem?/ Se não: de onde veio essa ideia?)
- Qual foi a última vez que se cortou?
- Houve alguma vez que foi mais marcante?
- Você já mostrou isso a alguém?

OBS: Ao final da entrevista, após desligar o gravador, será indagado pelo pesquisador: “*agora que o gravador está desligado, você tem algo a acrescentar?*”. Essa informação (caso haja) será registrada a posteriori enquanto anotação.

APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SOBRE O VÍDEO

Perguntas realizadas após a fala aberta do participante sobre o vídeo

- O que você diria a si mesmo(a) quando era mais nova?
- Por que acha que começou a se autolesionar? Acha que isso teve algo a ver com sua imagem de si mesmo(a)?
- Você lembra o que pensou ao se cortar pela primeira vez?
- Você cobria as marcas dos cortes? Por quê? Como isso era para você? (Se sim, como?)
- Você acha que se cortar é viciante?
- Por que parou de se cortar?
- Quando tempo você passou se cortando?
- Você acha que haviam “gatilhos” para se cortar?
- Alguém descobriu que você se cortava? Quem? Como foi quando descobriram? O que acharam? O que você sentiu nessa experiência?
- Você que machucava os outros ao se machucar?
- Você alguma vez pensou – como no vídeo – que se autolesionar era algo vergonhoso ou fruto de fraqueza? Por quê? Você pensou alguma outra coisa semelhante?
- O que você sente ao ver as marcas dos cortes que fez em si?